

Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

REYNALDO JOSÉ LOIO ALVES

**UMA HISTÓRIA SOCIOCULTURAL DA ANOREXIA NA
ADOLESCÊNCIA A PARTIR DE BLOGS PRÓ-ANA DE 2006-2014
O IMC DA QUESTÃO: DOENÇA OU ESTILO DE VIDA?**

RIO DE JANEIRO

2018

REYNALDO JOSÉ LOIO ALVES

**UMA HISTÓRIA SOCIOCULTURAL DA ANOREXIA NA ADOLESCÊNCIA A
PARTIR DE BLOGS PRÓ-ANA DE 2006-2014
O IMC DA QUESTÃO: DOENÇA OU ESTILO DE VIDA?**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História da Medicina e das Doenças.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dilene Raimundo do Nascimento

Rio de Janeiro

2018

REYNALDO JOSÉ LOIO ALVES

**UMA HISTÓRIA SOCIOCULTURAL DA ANOREXIA NA ADOLESCÊNCIA A
PARTIR DE BLOGS PRÓ-ANA DE 2006-2014
O IMC DA QUESTÃO: DOENÇA OU ESTILO DE VIDA?**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História da Medicina e das Doenças.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Dilene Raimundo do Nascimento (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) - Orientadora

Prof.^a Dr.^a Ana Teresa Acatauassú Venâncio (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof. Dr. Dilton Cândido dos Santos Maynard (Departamento de História do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal do Sergipe)

SUPLENTE:

Prof.^a Dr.^a Tania Maria Dias Fernandes (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e Saúde da Casa de Oswaldo Cruz- Fiocruz)

Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rio de Janeiro

2018

A474h Alves, Reynaldo José Loio.

Uma história sociocultural da anorexia na adolescência a partir de blogs Pró-Ana de 2006-2014 o IMC da questão: doença ou estilo de vida? / Reynaldo José Loio Alves. – Rio de Janeiro: s.n., 2018.

168 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde)

- Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2018.

Bibliografia: 160-168f.

1. Transtornos Mentais - história. 2. Anorexia Nervosa - história. 3. Mídias Sociais. 4. Brasil.

CDD 616.89

Dedico ao universo, que apresentou infinitas possibilidades para que eu chegasse em minha melhor versão momentânea. Partilho essa conquista com minha família, com meu amor e com meus amigos.

Gratidão por ser/estar humano.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao universo que uniu duas formas (in)materiais tão parecidas e tão diferentes, minha mãe Maria e meu pai José Alexandre. Carrego no coração a certeza que ao chegar nessa vida, vocês puderam expressar seus melhores sentimentos do que é ser humano. Acredito que não tenha sido fácil criar, educar, cuidar, prover e silenciar as dores, mas sinto que a força motriz foi o amor (in)condicional de vocês por mim. Gratidão eterna!

À minha amada família! Agradeço por toda forma de amor que demonstram, acredito que vocês tenham muito orgulho do que sou. Gratidão às minhas irmãs Silvana, Silmara e Simone, aos meus irmãos Silmar, Sidmar, Júnior e às minhas sobrinhas e sobrinhos lindos.

Agradeço ao meu amado João, que representa o encontro e a partilha do que a vida pôde me trazer de melhor, o amor. Gratidão por estar comigo a cada linha (re)escrita, onde pode ler, criticar, agregar, motivar, olhar, inspirar, sorrir, dormir, chorar, abraçar, sentir e experimentar junto a mim, sempre reclamando atenção. Foi ouvindo Castello que sentimos a força desse amor, “preciso amar de menos, de menos a mim e mais atento... amar jamais será demais e equilibrar”. Assim, pudemos destruir, construir e aprender com a vida. Amo te amar.

À minha orientadora Dr^a Dilene Raimundo do Nascimento por toda forma de apoio, pela paciência e gentileza nesse caminhar. Agradeço por sua colaboração em meus escritos e por desacreditar inicialmente no tema, mas logo confiar nos meus relatos de que seria possível explorar esse universo sob ótica da história das doenças.

Ao meu grupo de “queridos amigos” da faculdade. A vocês que me fazem crescer, amadurar e me tornar uma pessoa melhor. Abraços à Tamires, Janderson e Pablo. Às amigas de vida Angela, Elaine Rejane e Amélia, que iluminaram meu caminhar. Aos colegas do programa que vivenciaram o Mestrado e que me ajudaram nesse momento construtivo da vida acadêmica. À miguxa Juliana, que foi a grande apoiadora, leitora e crítica dos meus textos. Gratidão pela paciência, carinho e motivação, sem você, o resultado não teria esse sabor.

Aos professores do programa por dividirem seus conhecimentos e aos funcionários da Casa de Oswaldo Cruz por toda presteza. Estendo à Fundação Oswaldo Cruz por acreditar nos seus alunos provendo nossos estudos com bolsas e garantindo qualidade nas pesquisas.

À madrugada que foi minha fiel companheira, nela mesclei um rito de músicas, mantras, séries e Reiki, que me trouxe equilíbrio e inspiração. *A todos vocês, meus sinceros votos de gratidão.*

“Esta não é uma fotografia que aprisiona uma paisagem naturalizada,

Este não é um conceito amarrado e fechado em sua própria concepção,

Isto é o que você quiser que seja...

Permitir um olhar livre que vai além do óbvio,

Desconstruir coisas prontas e estáticas,

Livrar-se das camisas de forças, dos padrões que excluem, dos modelos limitadores, do estético imposto, da prisão dos corações e da adequação dos corpos.

Pensar a realidade além do que os olhos veem,

Questionar as conformidades,

Aprender com o silêncio e com as palavras,

Gritar se for preciso, mas também deixar sua mente livre pra voar, flutuar e até sonhar...

Desconfiar do certo e do errado, da verdade e da mentira,

Refletir os discursos, as falas e as intenções, pois tudo tem um significado e uma representação,

Abusar das perguntas e (re)construir respostas,

Libertar-se de uma concepção única,

Construir símbolos por meio de novas possibilidades,

Isto não é o que parece ser,

Este sou eu, aqui e agora falando sobre isto.”

Reynaldo José Loio Alves

RESUMO

O trabalho investigará a representação social da Anorexia na sociedade brasileira, especificamente nos blogs Pró-Ana de 2006 à 2014. A construção histórico-social da Anorexia Nervosa dialoga com a difusão dos ideários de beleza magra e da imagem corporal perfeita, adentrando em práticas e discursos que se inter-relacionam com o discurso das ciências, da mídia e da sociedade. A configuração histórica da doença como um fenômeno social, constitui-se para além do constructo biológico e adentra as distintas dimensões da experiência do indivíduo com o seu corpo e com sua realidade social. Assim, operaremos com o “IMC da questão: doença ou estilo de vida” para entender as possibilidades de representação do fenômeno sociocultural na virtualidade. Isso significa dizer que os discursos, experiências e práticas representam uma perspectiva que engloba o nível online e offline, mas também a esfera individual e coletiva. Utilizaremos às abordagens de história das doenças, da historiografia digital e dos estudos culturais. Recorreremos à teoria da representação social para refletir a Anorexia fora de uma visão convencionalizada pelo campo científico, favorecendo discursos em torno de *práticas* e de *motivações anoréxicas* narradas por adolescentes nos blogs. O “*IMC da questão*” constituirá a representação considerando o “*I da questão*”, que delimitará elementos da cultura juvenil. O “*M da questão*” trará o ideal de magreza, apresentando recursos que reforçam a magreza-perfeição como ideal a ser atingido. O “*C da questão*” demonstrará como a magreza é valorizada e almejada na contemporaneidade, representando a promessa de aceitação social e de felicidade plena. Portanto, a representação da Anorexia como práticas de hedonismo, de saudismo, de estilo de vida e de patologia denuncia um problema social na conjuntura histórica, que envolve dilemas individuais e coletivos numa realidade idealizada para e pelo belo, magro, perfeito, sucesso, poder e consumo.

Palavras-chave: Anorexia, história, representação social, doença.

ABSTRACT

The work will investigate the social representation of Anorexia in Brazilian society, specifically in blogs Pró-Ana from 2006 to 2014. The historical and social construction of Anorexia Nervosa dialogues with the diffusion of the ideas of lean beauty and perfect body image, entering into practices and discourses that are interrelated with the discourse of the sciences, the media and society. The historical configuration of the disease as a social phenomenon is constituted beyond the biological construct and enters the different dimensions of the experience of the individual with his body and his social reality. Thus, we will operate with the "BMI of the question: disease or lifestyle" to understand the possibilities of representation of the sociocultural phenomenon in virtuality. This means that discourses, experiences and practices represent a perspective that encompasses the online and offline level, but also the individual and collective sphere. We will use approaches to disease history, digital historiography, and cultural studies. We will turn to the theory of social representation to reflect Anorexia out of a vision agreed by the scientific field, favoring discourses around anorexic practices and motivations narrated by adolescents in blogs. The "BMI of the question" will constitute the representation considering the "I of the question", which will delimit elements of youth culture. The "M of the question" will bring the ideal of thinness, presenting features that reinforce thinness-perfection as an ideal to be achieved. The "B of the question" will demonstrate how the thinness is valued and sought after in contemporary times, representing the promise of social acceptance and full happiness. Therefore, the representation of Anorexia as practices of hedonism, of healthism, of lifestyle and of pathology denounces a social problem in the historical conjuncture that involves individual and collective dilemmas in a reality idealized for and by the beautiful, thin, perfect, success, power consumption.

Key words: Anorexia, history, social representation, disease.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Quadro 1: Pesquisa no Google para os termos “Anorexia” e “Anorexia Nervosa”, p. 17.
- Quadro 2: Captura de tela da Análise dos Blogs no Alexa Internet Inc., p. 22.
- Quadro 3: Acesso à internet em telefone móvel celular (2005 à 2011). p. 23.
- Quadro 4: Critérios Diagnósticos da Anorexia Nervosa - DSM III, IV, IV-TR e V. p. 51.
- Quadro 5: Doenças e pesos do Corpo na Revista *Votre Beauté* 1938. p. 69.
- Figura 1: Figura dos Blogs Pró-Ana analisados (2006-2014). págs. 102, 103, 104 e 105.
- Figura 2: Captura de tela do Blog *Dra. Anna, e faz quase um ano...* de 13/10/2012. p. 109.
- Figura 3: Blog [*Mileycha: de dentro pra fora*]: *Mente pró-ana*, 16/05/2009. p. 112.
- Figura 4: *Pulseirinhas Ana, blog Iniciando Anna...Mia, Dra. Anna e [Mileycha]*. p. 117.
- Figura 5: *Selinhos Pró-Ana: Dama do NF, Dra. Anna, Squized Ana, [Mileycha de dentro pra fora] e Iniciando...Anna e Mia*. P. 118.
- Figura 6: *Pirâmide Alimentar nos Blog Iniciando Anna e Mia e Ana Mia Sempre*. p. 119.
- Figura 7 e 8: *Tabela de calorias em Squized Ana e Tabela de IMC no Blog Dra. Anna*. p. 119.
- Figura 9: “*Abaixo a discriminação contra Ana e Mia*”, em *Dra. Anna*, set. de 2009. p. 120.
- Figura 10: *Blog Ana Mia Sempre, texto “Porque a morte seria a melhor solução”*. p. 122.
- Figura 11 e 12: “*Começa o desafio*”, jul. de 2011, Blog *Iniciando...Anna e Mia*. p. 126 e 127.
- Figura 13: *Capas: Corpo a Corpo, Dieta Já e Boa Forma em Iniciando...Anna e Mia*. p. 127.
- Figura 14: Blog *Iniciando...Anna e Mia*. Postagem “*Realize*” de Janeiro de 2009. P. 136.
- Figura 15, 16, 17 e 18: *Imagens do Blog Dra. Anna, maio de 2010, “thinspo do dia”*. Figura 17 e 18: *Blog Pro Ana Sempre e Dama do NF, fotos de inspiração*. p. 137.
- Figura 19: *Distorção da imagem corporal, Blog Squized Ana de 17/09/2011*. p. 137.
- Figura 20: *Imagens: blogs Dra. Anna, Dama do NF, Pro Ana Sempre, Squized Ana*. p. 151.
- Figura 21: *Relação Ana e blogueira. Blog Dra. Anna, “Novos nomes” de 23/05/09*, p. 153.
- Figura 22: *Mulher se alimentando de fitas métricas, blog Iniciando...Ana e Mia* p. 154.

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Capítulo 1 - Uma história sociocultural da Anorexia no século XXI: situando objeto, fontes e abordagens	
1.1- “ <i>Por uma História sociocultural da Anorexia</i> ”: diálogo entre objeto, fontes e abordagens historiográficas.....	20
1.2- Anorexia Nervosa: visões introdutórias no campo médico-científico do século XIX ao Século XXI.....	45
1.3- Definindo o público: os transtornos alimentares em mulheres jovens e adolescentes.....	53
Capítulo 2 - Blogs Pró-Ana: Debates sobre indivíduo, corpo, beleza, internet e mídia	
2.1- “ <i>Debates contemporâneos</i> ”: indivíduo moderno e Identidade Cultural.....	58
2.2- “ <i>Historicizando o Corpo e a Beleza</i> ”: Padrões de apresentação social, a imagem corporal perfeita e o padrão de beleza magra nas mídias e na sociedade.....	61
2.3- <i>Discursos da Revista Capricho</i> : As influências da mídia impressa nos ideais de beleza.....	79
2.4- A Internet: um ambiente do ciberespaço e da cibercultura.....	85
2.5- “ <i>Blogs Pró-Ana de 2006-14</i> ” O movimento Pró-Ana como dispositivo de representação, sentido e linguagem.....	91
Capítulo 3 - “Representação social da Anorexia” e o IMC da questão: doença ou estilo de vida?	
3.1- A representação social da Anorexia.....	96
3.2- “ <i>O I da questão</i> ” Identidade, Imagem Corporal e Internet: experiências, práticas e discursos sobre a “Anorexia” nos Blogs.....	113
3.3- “ <i>O M da questão</i> ” Magreza como ideal: O papel das Mídias, da Moda e da Medicina na construção dos padrões de beleza e de estilos de vida.....	129
3.4- “ <i>O C da questão</i> ” Comportamento, Corpo e Consumo: contexto histórico-político do corpo anoréxico na contemporaneidade.....	140

3.5-O IMC da questão: doença ou estilo de vida?	148
Considerações finais.....	156
Referências Bibliográficas.....	160

INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a Anorexia Nervosa como um evento social de importância significativa no contexto histórico-social, tendo em vista que essa doença se apresenta como um fenômeno crescente no mundo contemporâneo, sobretudo, a partir do final do século XX. Segundo o discurso médico-psiquiátrico, a Anorexia Nervosa tem ocorrido entre populações diversas em termos culturais e sociais, embora haja evidências que sugere variações transculturais em sua ocorrência e apresentação.

O DSM-V (2013) descreve que há maior probabilidade de prevalência em países ricos pós-industrializados, como nos Estados Unidos, em alguns países europeus, na Austrália, na Nova Zelândia e no Japão.¹ Desse modo, é necessário situar a relevância da temática ao conhecimento acadêmico, visto que os debates acerca dos transtornos alimentares e a eclosão de índices elevados de incidência de Anorexia Nervosa em países latinos, como Argentina, Brasil, Colômbia e México, têm sido observados na literatura científica especializada e em diferentes meios de comunicação.

Os transtornos alimentares na adolescência se tornaram um problema fenomenológico da contemporaneidade. Na medida em que a Anorexia Nervosa tem sido considerada uma psicopatologia crescente, de que forma podemos analisar o contexto histórico-cultural que envolve discursos, saberes e práticas acerca da doença e do estilo de vida na sociedade brasileira, sobretudo, a partir da representação social partilhada nos blogs Pró-Ana de 2006 à 2014?

O estudo tem como objetivo principal, compreender a construção histórico-cultural da Anorexia Nervosa nas últimas décadas na sociedade brasileira, analisando discursos, saberes e práticas de doença e de estilo de vida nos blogs² Pró-Ana, baseando-se no arcabouço analítico da teoria da representação social. Nesse sentido, discutiremos aspectos que dialogam as etiologias dos transtornos alimentares, a “difusão/propagação” dos ideários de beleza magra e da imagem corporal perfeita, adentrando em práticas e discursos nos blogs e a sua inter-

¹Informações retiradas do DSM-V: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da American Psychiatric Association. 2013, p. 342.

²O *Weblog*, ou sua abreviatura de *blog*, é uma página da *web*, com entradas datadas em que os conteúdos armazenados aparecem numa ordem cronológica inversa, mantendo, em sua dinâmica, as últimas atualizações no topo da página. Assim, sendo uma espécie de ‘log’, ou seja, registro, atualização e manutenção são acessíveis e necessitam de poucos conhecimentos específicos, o que contribui para a disseminação de ideias e de trocas de experiências.

relação com o discurso das ciências, da mídia e da sociedade acerca do tema.

A análise historiográfica dialoga com hipóteses levantadas por estudos de outras áreas do conhecimento, que trouxeram a problemática da Anorexia como doença e/ou estilo de vida em Blogs. Desse modo, dialogamos com alguns argumentos debatidos pelas autoras Bittencourt e Almeida (2013), que evidenciaram em seu estudo, as diferentes concepções sobre esses transtornos, problematizando a partir das teorias antropológicas a influência da cultura na saúde e na doença, tal como o discurso hegemônico sobre anorexia e bulimia e a compreensão que as jovens têm sobre esses transtornos.

Partindo do princípio analítico que doença e estilo de vida são elementos constituídos a partir de confluências culturais multifatoriais, essa dissertação aprofundará o debate visando compreender esses eixos sob a ótica da teoria da representação social, trazendo os discursos, saberes e práticas produzidos nos Blogs Pró-Ana, sobretudo, na abordagem de História das doenças.

Em relação à perspectiva de se abordar o IMC da questão, explicamos inicialmente, que o termo IMC significa “Índice de Massa Corporal”³ e será utilizado para expressar a ideia de que os elementos corporais são centrais na constituição da problemática, de modo que os argumentos desenvolvidos trarão possíveis influências constitutivas das metáforas IMCs no trato histórico da Anorexia.

A preocupação com a imagem corporal perfeita representada pela magreza e, atualmente, pela “melhor forma” ou “boa forma” vem ocasionando uma busca incontrolável, principalmente, pelas mulheres, para se alcançar o corpo perfeito, ou seja, uma busca pelo modelo ideal físico-estético. Dessa forma, esse tipo de ideal vem incidindo de forma crescente no desenvolvimento de quadros patológicos e em prejuízos biopsicossociais aos indivíduos. Os dados apresentados por Dunker e Philippi (2003) afirmam que a incidência de transtornos alimentares praticamente dobrou nos últimos vinte anos, de 1987 à 2007. Desta forma, nos casos de Anorexia Nervosa em adolescentes de 10 a 19 anos, o número de novos casos anualmente, teve um aumento constante entre 1955 e 1984, sendo que a prevalência do transtorno tem variado de 2% a 5% em mulheres adolescentes e adultas.⁴

As autoras Dunker e Philippi (2003) sugerem que o aumento da incidência coincide

³ IMC – O Índice de Massa Corporal (IMC) é um dos indicadores usados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para verificação do estado nutricional, calculado a partir da fórmula: peso atual (kg) / estatura (m)².

⁴DUNKER, K. L. L. e PHILIPPI, S. T. Hábitos e comportamentos alimentares de adolescentes com sintomas de anorexia nervosa. *Revista de Nutrição*, jan./mar. 2003, vol.16, no.1, p.51-60.

com a ênfase na magreza feminina como “expressão de atração sexual”, visto que os transtornos alimentares ocorrem com mais frequência no sexo feminino, representando cerca de 95% dos casos. Esse fator tem ligação direta com as propagandas massificadas pelas mídias, que acabam promovendo e difundido os ideais de beleza magra, principalmente, no campo da moda e das revistas voltadas ao público feminino e adolescente.

Os argumentos apresentados por Hay (2002) vem demonstrar por meio de dados epidemiológicos⁵, que a incidência média anual da Anorexia Nervosa na população em geral é de 18,5 casos por 100.000 habitantes entre as mulheres e 2,25 casos por 100.000 habitantes entre os homens. Além disso, os prognósticos referentes à Anorexia são considerados desfavoráveis à reabilitação dos pacientes; outro fator alarmante é que a morbimortalidade associadas aos transtornos alimentares são expressivas. Segundo Mânica (2007) a Anorexia Nervosa (AN) apresenta a maior taxa de mortalidade dentre todos os distúrbios psiquiátricos, cerca de 0,56% ao ano, sendo este valor cerca de 12 vezes maior que a mortalidade das mulheres jovens na população em geral e, no caso desse transtorno, as principais causas de morte são: complicações cardiovasculares, insuficiência renal e suicídio.⁶

Conforme discute Gonzaga e Weinberg (2005) a Anorexia Nervosa parece ter invadido as camadas economicamente mais desfavorecidas da população.⁷ Os dados no Brasil mostram que cresceu o número de pacientes com transtornos alimentares entre a população de baixa renda, inclusive entre meninas de famílias extremamente pobres, que se inspiram nos ideais de beleza das classes ricas. Esse fator expresso pela realidade brasileira demonstra que o perfil populacional da Anorexia Nervosa tem mudado nas últimas décadas, contrariando posições clássicas que a patologia teria uma relação direta com riqueza e abundância. Assim, os argumentos de Morande (1995) demonstram que estas enfermidades seguem um canal epidemiológico tal qual a moda; iniciando-se nos países ricos, “centros da moda”, e se estendendo entre as classes sociais mais altas, para logo, em cerca dez anos, alcançar e afetar a população como um todo.⁸

⁵HAY, P.J. Epidemiologia dos transtornos alimentares: estado atual e desenvolvimentos futuros. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 24 (Supl. III), 13-17, 2002. p. 14.

⁶MÂNICA. *Quando se perfaz um dispositivo confessional, a palavra escrita se desvela e o corpo revela-se: análise de discursos sobre a corporeidade de anoréxicas que fundam weblogs vinculados ao movimento Pró-anorexia (Pró-Ana)*. Dissertação em Psicologia - UFSC. Florianópolis. 2007. 181f., p. 14.

⁷GONZAGA, Ana Paula e WEINBERG, Cybelle. Transtornos Alimentares: uma questão cultural? *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*. 2005, VIII, 1, V-VI.

⁸MORANDE, G. *Un Peligro llamado Anorexia: la tentacion de adelgazar*. Madrid: Temas de Hoy.1995, p. 39.

É importante sinalizar que a intensificação nos processos de globalização ocorridos a partir dos anos de 1990 repercutiu novos arranjos conjunturais na escala mundial e na sociedade brasileira, seja no campo econômico, social, cultural e político. No campo do ciberespaço e do desenvolvimento tecnológico, dois marcos foram fundamentais ao estatuto dos blogs como fonte histórica em potencial. O primeiro diz respeito à popularização da ferramenta “weblog” ocorrida em 1999, onde se permitiu a criação e alimentação do blog de forma acessível, e o segundo ocorreu em função dos avanços temporais e espaciais no uso dessas ferramentas, que culminou no advento da Web 2.0 em 2006.⁹

Segundo Oliveira e Mucelin (2017), a empresa Blogger foi pioneira ao automatizar o processo de construção e publicação de blogs, possibilitando ao usuário, a utilização de uma interface simples e o desenvolvimento criativo e gratuito de seu blog. Desse modo, os avanços ocorridos no sistema de blogs culminaram na popularização dessa ferramenta no curto espaço de tempo, ampliando não apenas o uso dessas narrativas e a incorporação de manifestações de experiências pessoais dos usuários da rede mundial de internet, mas corroborando diversos fatores que trouxeram o advento da web 2.0.

Na realidade brasileira, especialmente, com a chegada do presidente Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), ao poder em 2003, tivemos um período de intenso progresso socioeconômico, que redefiniu as políticas de acesso e de inclusão de diferentes classes sociais, incluindo mudanças macro e micro conjunturais, que vão desde os processos de globalização ao aumento de renda e de emprego, a ampliação da capacidade de consumo, a melhoria do acesso à saúde e dos determinantes sociais de modo geral. Assim, as profundas transformações sociais ocorridas na década de 2000 tiveram influência no aumento de acesso às tecnologias informacionais, não somente pelo aumento no número de usuários dos computadores, mas também pelo aumento de usuários conectados na rede mundial da internet.

Outro importante fator reside no interesse que a temática dos transtornos alimentares repercutiu no contexto brasileiro dos anos 2000, havendo um *boom*, tanto na produção e circulação científica acerca da doença, quanto em debates e discussões na mídia e na sociedade. Nesse sentido, tivemos inúmeros registros de casos de mortes de adolescentes no país em decorrência da Anorexia, como por exemplo, o caso emblemático da modelo Ana

⁹ OLIVEIRA, Márcia Ramos de. MUCELIN, Patrícia Carla. “Os blogs sob olhar do historiador.” In. RODRIGUES, Rogério Rosa (Org). *Possibilidades de pesquisa em história*. São Paulo: contexto. 2017.

Carolina Reston Macan, que morreu em 2006 aos 21 anos, pesando cerca de 40 quilos. A morte de modelos em decorrência da Anorexia obteve atenção da sociedade, sendo amplamente divulgado em jornais, reportagens virtuais, noticiários na TV e pelo movimento Pró-Ana.

Buscando elucidar a junção dos elementos explicitados no período de análise do estudo, apresentamos alguns dados de busca sobre o assunto na internet, tendo como referência de pesquisa no *Google*. Assim, visualizamos no *Google Trends*, um número acentuado de pesquisas na web no período mencionado de 2005 à 2006, tendo picos de 11.763 pesquisas para o termo “anorexia” e 14.141 para “anorexia nervosa”. Os dados comparativos de 2000 à 2014, presentes na escala de pesquisa demonstram um crescimento expressivo de buscas pelo assunto nos anos mencionados (2005 e 2006), indicando um maior interesse social pela temática, sobretudo, quando a mídia abordou a morte de modelos no Brasil e em países latino-americanos.¹⁰

Quadro 1: Pesquisa no Google para os termos “Anorexia” e “Anorexia Nervosa”



Diante do exposto, este estudo possui relevância acadêmica e social, pois busca investigar a construção histórico-cultural da Anorexia Nervosa na sociedade brasileira, analisando discursos, saberes e práticas nos blogs Pró-Ana, tendo como base a teoria da representação social. Desse modo, adentramos as possíveis representações na dimensão social, evidenciando o debate desta como doença e como estilo de vida. Especificamente,

¹⁰Quadro 1: Dados apresentados pela ferramenta *Google Trends*, pesquisa realizada em 09/12/2016, com os termos “anorexia” e “anorexia nervosa”, período da tabela de 2004 à atualidade.

focaremos nas relações estabelecidas a partir de discursos, saberes e práticas de partidárias da “Anorexia” como estilo de vida, cujas narrativas são partilhadas por meio de textos e hipertextos nos blogs Pró-Ana no Brasil, no início do século XXI, começando pelo marco histórico de ascensão da Web 2.0, iniciado em 2006 e, finalizando com o recorte temporal de postagens em 2014.

A escolha da temática e a ampliação do escopo de fontes esbarraram nas inquietações do pesquisador em entender os processos relacionados à doença, especificamente, pela investigação dos discursos e saberes circulantes que englobam a Anorexia para além da visão científica. Dessa forma, defendemos a escolha do tema, pois enxergamos o arcabouço da representação social da Anorexia como uma importante ferramenta de análise para as ciências humanas, tanto pela interação com a questão da saúde e da doença, quanto pela forte influência dos fenômenos socioculturais que a ocasionam.

O enfoque na história sociocultural da doença é fator chave na vertente analítica escolhida para abordagem do problema. Assim, os argumentos para o embasamento da abordagem histórica das doenças se dão no foco voltado à experiência do sujeito, num processo que investigará a construção da identidade e a representação social do fenômeno, ou seja, o que inclui o debate da “doença” e o diálogo que passa a dimensão social das experiências em seu conjunto amplo, sendo evidenciada tanto a nível individual, quanto coletivo.

Aprofundando o entendimento da Anorexia Nervosa como um fenômeno social, é necessário que os estudos suscitem debates que ultrapassem as controvérsias acerca das causas e dos efeitos da doença, sejam as patogênicas: biológicas, neurológicas e psicológicas, sejam as socioculturais. Dessa forma, a investidura na configuração histórica da doença, constitui-se num importante objeto, principalmente, se pensarmos a motivação anoréxica na história, tal como os discursos científicos e midiáticos sobre saúde, doença, corpo feminino, além da representação social a partir de experiências e de autobiografias nos blogs na atualidade.

Portanto, o estudo aprofundará diálogos teórico-metodológicos no campo historiográfico, tendo como aportes metodológicos e conceituais, a História das doenças, a História Cultural e a História/Historiografia Digital. Vale ressaltar que, essa última abordagem vem sendo debatida no que tange as novas fontes digitais no Tempo Presente. Por conseguinte, essas discussões nos permite pensar as continuidades, descontinuidades e

deslocamentos do indivíduo na dinâmica cultural contemporânea, em que se relacionam narrativas intersubjetivas, doença, corpo e identidades culturais. Além disso, a investigação retomará noções e conceitos debatidos por autores da Nova História Cultural (NHC).¹¹

¹¹Termo citado no livro de Peter Burke, *O que é história cultural?* (2008). A ideia de Nova História Cultural compreende um tipo de abordagem teórico-metodológica baseada nos “ciclos de vida” e “gerações” deste campo. Assim, Burke constituiu um trabalho que remonta os capítulos desde A grande Tradição, Os problemas da História Cultural, a Antropologia Histórica, Um novo paradigma (quadros teóricos Bakhtin, Elias, Foucault e Bourdieu), Da representação à construção, Além da Virada Cultural e História Cultural no século XXI.

Capítulo 1- Uma história sociocultural da Anorexia no século XXI: situando objeto, fontes e abordagens

1.1- “Por uma História sociocultural da Anorexia”: diálogo entre objeto, fontes e abordagens historiográficas

Este primeiro capítulo discutirá os marcos teórico-metodológicos do estudo, articulando as abordagens do campo historiográfico com o objeto em questão. Trata-se de constituir argumentos acerca do elo pretendido entre História das doenças, História digital e História sociocultural. Desse modo, a exploração das fontes e do instrumental metodológico é fundamental para a construção de *uma história sociocultural da Anorexia*.

O quadro teórico-metodológico e o aporte conceitual serão desenvolvidos nos tópicos seguintes, demonstrando o suporte analítico para investigação das fontes e desenvolvimento da pesquisa. Primeiramente, busca-se compreender o processo de saúde-doença no contexto histórico-social analisado. Posteriormente, aprofundamos a temática da Anorexia Nervosa com base na abordagem da História das doenças e no enfoque sociocultural, que dá título ao subtópico: “*Por uma história sociocultural da Anorexia*”. Essa abordagem nos evidencia o “lugar” e a “experiência” desta psicopatologia, do ponto de vista das “narrativas de si”, na contemporaneidade, sobretudo, sinalizando o quanto a doença pode nos mostrar do indivíduo e da sociedade numa dinâmica cultural.

O conceito de Anorexia Nervosa carrega diferentes visões sócio científicas na perspectiva histórica dos últimos séculos. Nas abordagens científicas, que incluem os “saberes Psi” (psicologia, psiquiatria e psicanálise), percebemos que diversos elementos estiveram presentes na definição de marcos etiológicos, das causas e dos tratamentos desta doença. Assim, podemos exemplificar, a mutabilidade histórica da ideia de Anorexia, discutida por Weinberg e Cordás (2006), que analisou o conceito de anorexia sagrada, em referência às santas jejuadoras da Idade Média à atual configuração (psico)patológica da Anorexia Nervosa.

É importante considerar a Anorexia Nervosa como um complexo fenômeno social, onde a definição etimológica e etiológica vem se transformando no campo médico-científico, desde o século XIX até a contemporaneidade. Nesta investigação, trataremos o arcabouço da representação social nos Blogs Pró-Ana, onde as práticas anoréxicas se consolidaram por experiências, representadas como um estilo de vida positivo. Assim, a narrativa histórica em

questão terá como fonte primária os escritos digitais postados nos blogs Pró-Ana de mulheres adolescentes e jovens, com faixas de idades variadas.

Com base nos argumentos da historiadora Anita Lucchesi (2014), buscamos reafirmar por meio da fonte analisada, outros olhares metodológicos em história, visto que um número considerável de historiadores tem debatido a importância das fontes digitais, abordando tanto os aspectos teórico-metodológicos que as suscitam, quanto a consolidação de novos marcos na escrita da história do Tempo Presente e da Historiografia Digital. Portanto, as práticas discursivas das autoras nos blogs Pró-ana, cujas ferramentas textuais, visuais e comunicacionais se dão por meio de textos e hipertextos presentes nas mídias digitais e na internet tornaram-se um importante desafio para o “pensar e fazer histórico” contemporâneo.

O blog pode ser considerado um importante espaço de memória e de representação na contemporaneidade, além de ser uma possível ferramenta de análise para o historiador e da complexidade histórica do século XX e XXI. Sob a ótica historiográfica, essas postagens e publicações constituem um conjunto de fontes documentais, que reúnem novos acervos de textos escritos e falados, referências musicais, imagens fixas e em movimento, que são organizados com maior ou menor intencionalidade e recorte de autores.¹²

Apesar das dúvidas que são levantadas sobre a possibilidade de utilização dos blogs como fonte historiográfica de pesquisa, percebemos que a relação entre história e internet tem sido objeto de diferentes matizes e correntes¹³, reafirmando que as estratégias comunicacionais e discursivas na virtualidade se apresentam como uma possibilidade material para abordarmos a experiência privada e a incorporação das *práticas anoréxicas* na rede virtual e não-virtual. Ao refletir sobre a veracidade das narrativas Pró-Ana, devemos problematizar que as informações no campo virtual trazem ambiguidades que também estão presentes em diferentes tipos de fontes históricas. Do ponto de vista do ofício do historiador, um dos principais problemas no trato das fontes digitais, reside na capacidade de registro e salvamento desses conteúdos, frente à necessidade pungente de sua divulgação para possíveis verificações e averiguações documentais futuras.

O estudo terá uma abordagem qualitativa e, no que refere à fonte principal de pesquisa, foram realizados levantamentos de blogs na internet no período de Março a

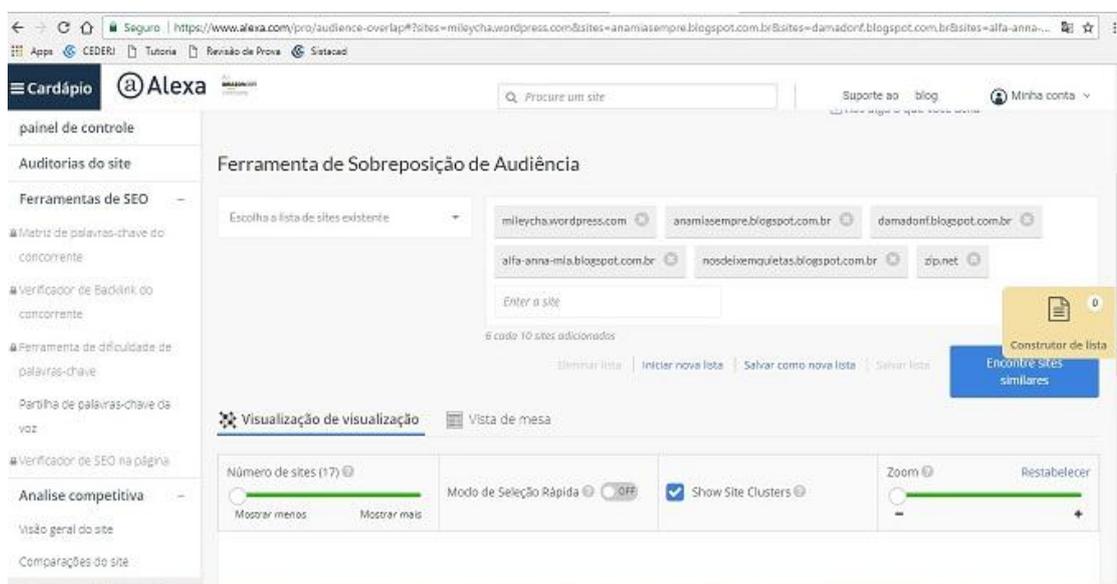
¹² OLIVEIRA, Márcia Ramos de. MUCELIN, Patrícia Carla. “Os blogs sob o olhar do historiador.” *In*. RODRIGUES, Rogério Rosa (Org). *Possibilidades de pesquisa em história*. São Paulo: contexto. 2017, p. 223.

¹³ Historiadores que vem se debruçado sobre perspectivas analíticas que relacionam temáticas de história e internet, tal como Dilton Maynard, Anita Lucchesi, Bruno Leal, Márcia Oliveira, Patrícia Mucelin, entre outros.

Dezembro de 2016, durante meu primeiro ano de mestrado no programa. Essa fase de seleção correspondeu ao desenvolvimento da pesquisa junto à orientação e aos debates na disciplina eletiva Seminário especial, onde se discutiu fontes potenciais. Assim, utilizando a ferramenta de pesquisa do *Google* com as palavras-chave (Blog, Pro-ana e anorexia), encontramos um total de 13 blogs, listados pela ferramenta. Dentre esses, optou-se pela escolha inicial de 02 blogs que foram alimentados com postagens por mais de um ano, dentro do recorte temporal do trabalho. Nos demais blogs só havia postagens em um ano específico, apresentando um curto tempo de sobrevivência, sendo descartados para a análise.

A coleta de informações publicadas nesses sites e através dos *links* de outros blogs surgiu como uma possibilidade de aprofundamento sobre o “movimento Pró-ana”. De todos que acessamos, buscaremos entender a amplitude da anorexia em 07 blogs, sendo 04 do servidor/plataforma “*blogspot*”, 02 do “*zip net*” e 01 do “*wordpress*”. É importante relatar que o número considerável de blogs Pró-ana ampliaram as possibilidades de seleção de sites. Sendo assim, além da ferramenta *google* já mencionada, buscamos embasar a escolha dos blogs em específico, realizando a submissão dos sites no software *Alexa*.¹⁴ Abaixo colocamos a tela de submissão dos blogs.

Quadro 2: Análise do Software Alexa



¹⁴Quadro 2: Análise do Software Alexa. *Alexa Internet Inc.* é uma companhia de Internet que fornece dados de tráfego na internet e análise de dados. É uma subsidiária pertencente à Amazon. Seu principal serviço é medir quantos usuários de Internet visitam um determinado site/sítio da Internet. É possível saber quantos acessos um site tem e, partindo desses dados, sua colocação em um (ranking) global e regional. Os dados são coletados a partir de extensões para navegadores de internet, como seu toolbar, e scripts fornecidos pela própria empresa. Ver em <https://www.alexa.com/>.

A submissão dos endereços e links dos blogs no site *Alexa Internet Inc.* da Amazon, não resultou em parâmetros e informações concretas, que pudessem reafirmar a seleção desses sete blogs Pró-ana. Contudo, outros parâmetros serviram de norte para tal seleção, ancoradas em informações que são apresentadas no corpo dos blogs, como número de acesso, quantidade de postagens, número de seguidores, periodicidade de postagens, capacidade de interação entre autores e leitores.

A pesquisa terá como base, a análise das postagens de 07 blogs, onde vamos traçar as ideias em torno do desenvolvimento do trabalho e do entrecruzamento das fontes principais. São eles, o blog *Pro Ana Sempre* possui 28 postagens entre 2006 e 2008, encontra-se disponível no link <http://ana17mia.zip.net/>, o blog *Dra. Anna* possui cerca de 115 postagens de 2007 à 2014, disponível no link <http://dra.anna.zip.net/>, o blog *Iniciando...Anna e Mia*, se encontra com postagem ativa em 2017, totalizando cerca de 700 postagens de 2009 à 2014, encontra-se disponível no link <http://alfa-anna-mia.blogspot.com.br/>, o blog *[Mileycha: De dentro pra fora!]* possui 41 postagens de 2009 à 2011, encontra-se disponível no link <https://mileycha.wordpress.com/>, o blog *Ana Mia Sempre* possui um total de 151 postagens entre 2008 e 2012, este está disponível no link <http://anamiasempre.blogspot.com.br/>; o blog *Squized Ana* possui cerca de 110 postagens entre 2009 e 2012, disponível em <http://nosdeixemquietas.blogspot.com.br/>, e o blog *Dama do NF* possui cerca de 148 postagens de 2008 à 2013 e encontra-se disponível em <http://damadonf.blogspot.com.br/>.

A difusão de textos e hipertextos nos *weblogs* nos permitiu caracterizar minimamente as “blogueiras” como adolescentes ou jovens do sexo feminino, que possuíam meios de acesso à internet naquele período. Dessa forma, é importante contextualizar o acesso ao microcomputador e à internet conforme foi demonstrado pelos dados do IBGE.¹⁵

Quadro 3: Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal (2005 à 2011)

Acesso por Faixas de idade	2005	2008	2011
10 a 14 anos	24,3%	50,9%	63,6%

¹⁵Quadro 3: Dados do IBGE - PNAD 2011 e 2013. Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal. <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000012962305122013234016242127.pdf> e <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93373.pdf>.

15 a 17 anos	33,7%	62,7%	74,1%
18 e 19 anos	32,7%	59,6%	71,8%
20 a 24 anos	30,9%	52,2%	66,4%

Dados do IBGE em percentual % conforme faixa de idade listada.

Vimos na tabela que havia um número considerável e crescente de jovens que possuíam acesso à internet no período que se estende entre 2005 e 2011. A esse fator, podemos comparar ao período de eclosão dos blogs Pró-Ana, passando de um número reduzido em meados da década de 2000, para centenas nos anos seguintes. Aprofundando esses dados, refletimos que o número significativo de acesso na faixa de idade das blogueiras Pró-Ana (adolescentes e jovens de 13 anos à 26 anos), corresponde parcialmente, ao recorte das postagens de 2006 à 2014, período que esse grupo obteve um acesso superior à 50 por cento para a referida faixa etária.

Outro dado apresentado no quadro, conforme os critérios do IBGE demonstra que o percentual de pessoas nas faixas de idade da adolescência e da juventude, que possuíam acesso ao computador e à internet, era bem maior do que a população em geral (com 10 anos ou mais). Portanto, cabe citar outros dados do instituto, reafirmando que o acesso da população em geral correspondia: a 20,9% em 2005, 34,7% em 2008, 41,6% em 2009, 46,5% em 2011 e 49,4% em 2013. No que tange o número de domicílios com acesso ao microcomputador e à internet, vemos aumentos respectivos nos anos 2000, tendo como base 2005, o acesso passou de 7,2 milhões neste ano para 9,2 milhões em 2006, posteriormente, saltando de 11,3 milhões em 2007 para 13,9 milhões em 2008 e 22,7 milhões em 2011.

1.1.1- Abordagens historiográficas

A concepção de História esteve carregada de associações muito ambivalentes no início do século XXI. Os debates e discussões produzidos no campo historiográfico tem trazido uma gama de questões e desafios às diferentes matizes intelectuais da área. Nos últimos anos do século XX, especificamente no final dos anos oitenta e no decorrer dos anos noventa, falava-se no fim da História, argumento defendido pelo cientista político Francis Fukuyama no ensaio *The End of History*. O autor reafirma esse suposto “coroamento”, citando os fatos ocorridos nesse período, como a queda do Muro de Berlim, os acontecimentos políticos relacionados à crise do bloco soviético, a decadência do marxismo

como filosofia social alternativa, o triunfo dos valores políticos e econômicos do Ocidente, alcançado gradativamente pelas instituições democráticas e pelo livre mercado, baseados no modelo estadunidense;¹⁶ além de outros fatores relacionados à ascensão do pós-modernismo, como a “crise de identidade” e o descentramento do sujeito; as supostas forças “unificadoras” da globalização¹⁷ e a debilitação ou morte dos sujeitos coletivos.

O historiador Diego Armus (2013) argumenta que, em paralelo a esse processo, avançou-se uma agenda intelectual focada em questões que exploram temas históricos por natureza, como a construção de identidades individuais e coletivas; a função e o uso cultural, social e político das narrativas do passado; além das estruturas mentais complexas, onde se baseiam as memórias individuais e coletivas. Assim, o autor defende como resultado desse processo, que em breve, a história e a memória histórica se tornarão previamente desconhecidas nos meios de comunicação, nos debates públicos e na organização de agendas políticas. Desse modo, se por um lado o “fim” da história foi “declarado”, por outro, voltou-se com força renovada uma perspectiva histórica do presente.

Os desafios presentes na historiografia do século XXI nos remetem a um conjunto de questões de ordem teórico-metodológicas que incidem em debates produzidos pelas ciências humanas desde meados do século XX, como por exemplo, as profundas mudanças ocorridas na escrita e no pensamento histórico nos anos setenta e oitenta. Desse modo, surgiram questões teóricas, políticas e culturais, cujos eixos se resumem no problema do giro linguístico, no surgimento das pesquisas sobre gênero, na guinada da história universal em meio à permanência dos nacionalismos, na articulação pós-moderna entre história e ciências sociais e no impacto da globalização na estrutura das ciências sociais como forma de conhecimento.¹⁸

Na década de 1990, algumas ideias “germinadas” por esses processos encontraram ampla aceitação entre os historiadores, dentre as quais, permanece a recusa à crença na superioridade cultural do Ocidente como ápice do desenvolvimento histórico, que fora difundido desde o Iluminismo até o segundo terço do século XX. Trata-se de uma

¹⁶IGGERS, Georg. Desafios do século XXI à Historiografia. *História da Historiografia*. Ouro Preto. n.4. Março 2010, p.105-124. p. 106.

¹⁷Conforme argumenta Anthony McGrew (1992), o termo globalização refere-se àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando em suma, o mundo, em realidade e em experiência mais interconectado. Citando por HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina. 2015. 12ª edição. 1ª reimpressão. p. 39.

¹⁸ IGGERS, Georg. Desafios do século XXI à Historiografia. *História da Historiografia*. Op. cit. 2010, p.105-124.

superioridade que consistiu em um progresso técnico e cultural e também em liberdade civil e representação popular, que serviu como fundamento da civilização ocidental e foi capaz de propiciar exemplo para o resto do mundo. O modelo citado desconsiderava a longa história de violência e exploração exercida em nome dos valores ocidentais sobre os povos não ocidentais. A base para uma narrativa grande e abrangente culminou no mundo moderno e ocidental, como resultado de um grande processo histórico estabelecido, tal concepção de história encontrou expressão em diferentes teorias das ciências sociais de cunhagem neoliberal e também marxista.¹⁹

Vale refletir que essa concepção de história foi posta em questão, tanto fora do mundo ocidental, como no próprio Ocidente, dando lugar a outras posições que vislumbraram o pluralismo cultural. Desse modo, Georg Iggers (2010) aponta para importantes desenvolvimentos na Historiografia, resultantes do confronto com essas condições modificadas. Com o fim da Guerra Fria, cinco tendências ou referências foram estabelecidas: o duradouro giro linguístico e cultural, que criou a chamada nova história cultural; a expansão cada vez maior da história feminista e de temas relacionados ao gênero; a guinada rumo à história universal e a permanência de nacionalismos; uma nova articulação entre pesquisa histórica e ciência social feita à luz da crítica pós-moderna e as ciências sociais e a história da globalização.²⁰

Os arranjos conjunturais dessa nova realidade global pós-1989, incitou a necessidade de uma nova forma de escrita da história para compreensão das nossas condições de vida atuais. Assim, a pesquisa histórica deveria encarar não somente as forças “homogeneizadoras da globalização”, mas também as formas econômicas e culturais de resistência a este processo. De modo que Iggers (2010) defendeu a ideia de que a globalização, nas áreas da economia e tecnologia, teria sido acompanhada por tendência à grande diversidade cultural.

Vale refletir como os processos de globalização influenciaram a pesquisa histórica, sobretudo, a partir da década de 1990. Portanto, a ampliação da mesma promoveu certa internacionalização do campo de pesquisa, o que incluiu países não ocidentais, como Japão, China, Coreia do Sul e Índia, tal como países da América Latina e da África Subsaariana. Além disso, a ampliação da economia global trouxe consigo mudanças nos comportamentos de consumo no esteio das tradições, hábitos e concepções de vida regionais, trazendo um

¹⁹IGGERS, Georg. Desafios do século XXI à Historiografia. *História da Historiografia*. Op. cit. 2010, p. 107.

²⁰*Ibidem*, p.108.

importante ponto de partida aos historiadores que trabalham com as mudanças determinadas pela globalização.²¹

Assim sendo, introduzimos uma concepção de História frente às teorias clássicas da modernização, tendo em vista a possibilidade de uma contextualização da escrita e pesquisa históricas, tal como os desafios presentes no campo no início do século XXI. Assim, é fundamental refletir o pano de fundo e as tendências historiográficas para análise do objeto. A fim de aprofundar as abordagens e o percurso teórico-metodológico que serão desenvolvidas no estudo, vale citar os argumentos de Georg Iggers em torno da investigação histórica da globalização.

Georg Iggers (2010) chama atenção para a necessidade de refletir os desdobramentos da globalização, principalmente, acerca do papel das tradições, especificidades locais e das influências sobre as mudanças no mundo moderno. Assim, se discute a apropriação de métodos das ciências sociais - que antes ofereciam resistência de “natureza” aos hábitos e condições modernas, mas que foram relegados pelo giro linguístico nos anos 1970 e 1980. Em relação ao giro linguístico e cultural, o autor afirma que essa tendência refinou a consciência para uma complexidade de existência moderna e de seus inúmeros contextos históricos.

No decorrer do capítulo, traçaremos os possíveis percursos teórico-metodológicos para a construção de uma história sociocultural da Anorexia no século XXI. Nesse sentido, corroboramos com os argumentos de Diego Armus no texto *Discursos, políticas y experiencias en la historia de las enfermedades*, quando ele diz que uma escrita da história bem narrada, busca analisar o passado contextualizando eventos e circunstâncias, confrontando entre si, um modo de reconstruir e explicar processos. Contudo, escrever história com estas premissas não é algo fácil, porque em última instância, o que está efetuando a reconstrução do passado é uma aspiração ambiciosa marcada pela contextualização, pelo diálogo interdisciplinar e por um deliberado empenho dirigido a aprender a totalidade da experiência humana. No campo da história da saúde e da doença, a totalidade é um tema escorregadio e provavelmente impossível de se aprender. Dessa forma, ele busca empregar uma narrativa com três níveis de análises: o dos *discursos*, o das *políticas* e das

²¹IGGERS, Georg. Desafios do século XXI à Historiografia. *História da Historiografia*. Op. cit. 2010, p.121.

*experiências.*²²

1.1.2- História das Doenças

No campo específico da produção histórica, as narrativas da história social da doença trazem a subjetividade das experiências dos enfermos e de como a memória individual da doença adquire sentido histórico ao ser trabalhada em conjunto com outros recursos de reconstrução do passado.²³ Em suma, trata-se do enfoque na história sociocultural como fator chave na vertente analítica escolhida para abordagem do problema, onde articulamos elementos da história, das ciências sociais e de estudos culturais.

A perspectiva teórico-metodológica, desenvolvida na pesquisa, requer uma conceituação inicial. Com a finalidade de aprofundar a discussão sobre os aspectos metodológicos, é importante sinalizar que as questões-chave desta análise estão localizadas no estudo histórico da doença, nas relações constituídas a partir de uma enfermidade específica, no entendimento dos comportamentos humanos, das estruturas de poder e das ações dos diferentes grupos sociais. Segundo Silveira e Nascimento (2014):

A doença como objeto, possibilita o conhecimento sobre as estruturas e mudanças sociais, dinâmica demográfica e de deslocamento populacional, reações societárias, constituição do Estado e de identidades nacionais, emergência e distribuição de doenças, processos de construção de identidades individuais, constituição de campos de saber e disciplinas.²⁴

Na esteira dos debates e da constituição da História Nova, a doença foi incluída como objeto da história, sendo “apresentada” na coletânea de Jacques Le Goff e Pierre Nora. Contudo, McNeill (1976) criticava a falta de percepção, até então revelada pelos historiadores, quanto à importância da doença, acusando-os de não valorizarem o seu papel na história. Para ele, essa dificuldade de lidar com a doença, deu-se ao fato dela ser concebida como contingência, como um desvio de curso normal dos acontecimentos, sem ter um papel decisivo sobre a dinâmica dos próprios acontecimentos. Visto isto, esses fatos foram se revelando como precursores para a consolidação de um campo de história das doenças na

²²ARMUS, Diego. “Discursos, políticas y experiencias en la historia de las enfermedades.” In. BIENART, Carolina. *Historia de la salud y la enfermedad bajo la lupa de las ciencias sociales*. Buenos Aires: Biblos. 2014. p. 37.

²³NASCIMENTO, Dilene Raimundo; FRANCO, S. P.; SILVEIRA, A. J. T (Orgs). *Uma história brasileira das doenças*. Vol. 5, 1. ed. Belo Horizonte: Fino Trato, 2015. p.13.

²⁴SILVEIRA, Anny Jackeline Torres da, NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. “A doença revelando a história. Uma historiografia das doenças.” In NASCIMENTO, D. R., CARVALHO, Diana Maul. *Uma história brasileira das doenças*. Vol.1, 2014, p. 14.

atualidade, constituindo-se por ‘histórias’ que adotam perspectivas diversas e que apresentam importantes contribuições ao trabalho de reflexão sobre o papel das doenças na história.²⁵

Aprofundando o debate, percebemos que as relações entre história, saúde e doença nas últimas três décadas tiveram um lugar importante na historiografia contemporânea. A descoberta da doença como objeto de reflexão por parte das ciências sociais e humanas revelou-se como um dos novos temas analisados e consolidou-se como parte dos recortes em estudos históricos.²⁶ Portanto, os estudos e pesquisas históricas acerca das doenças constituem novos caminhos por meio dos quais é possível construir perspectivas de análises das sociedades em tempos e espaços diversos.

O aprofundamento de uma visão histórica da relação entre saúde e doença envolve saberes, discursos e práticas que circulam sobre os conceitos. Sendo assim, a discussão visa ampliar a representação dos conceitos, articulando uma série de fatores, inclusive a relação do indivíduo com a sociedade. Nas sociedades contemporâneas, saúde e doença compreendem objetos importantes sob a ótica da conjuntura histórica e do seu relacionamento com o contexto cultural, social, político e econômico. Desse modo, é importante sinalizar que seus sentidos e experiências são históricos e perpassam inúmeras questões da vida humana, tal como o exemplo dos processos de controle da vida e da morte. Assim, esses sentidos são configurações que não estão isentas de crenças, hierarquias, juízos de valor, conhecimentos e atitudes compartilhadas em grupo.

O conceito de saúde é atravessado por uma conjuntura que perpassa a construção individual e coletiva, ou seja, a saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social, dos valores individuais, das concepções científicas, religiosas e filosóficas. O mesmo pode ser dito das doenças.²⁷ Portanto, saúde e doença podem ser entendidas como questões simultaneamente filosóficas, científicas, tecnológicas, políticas e práticas.²⁸

A saúde é um fenômeno social inseparável das condições concretas de existência, que se apresenta pela relação da ordem biológica, social e cultural. Assim, somos levados a admitir que o lugar que a saúde ocupa na história de cada um, é diferente porque as

²⁵McNEIL, W. H. *Plagues and Peoples*. Nova York: Doubleday, 1976.

²⁶ARMUS, Diego. Memoria individual e história socio-cultural de la enfermedad? *Revista Electrónica de Psicología*. Iztacala (México), v. 16, n. 4, 2013.

²⁷SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. *Physis: Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 17(1):29-41, 2007.

²⁸FILHO, Naomar de Almeida. *O que é saúde?* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2013. 1ª reimpressão. p. 15.

experiências são singulares. Por outro lado, também é pertinente citar a possível definição de saúde na lógica do conhecimento biomédico, em que engloba o exercício de funções fisiológicas e/ou orgânicas.²⁹

É importante sinalizar que os conceitos de saúde e doença englobam diferentes dimensões analíticas conforme discutidas por representantes de diferentes escolas de pensamento. O historiador Diego Armus (2014), por exemplo, chama atenção para a discussão filosófica e histórica sobre o estatuto da doença, situando-a como um par na dupla relação saúde/doença, que se inscreve nos debates sobre o que é normal em determinada sociedade. Assim, saúde como norma social e cultural produz objetivações da doença e constrói relações específicas dos indivíduos e dos grupos com ambas. O normal e o patológico são relativos a uma cultura e à inscrição dos indivíduos num grupo social concreto.³⁰

No que tange à conceituação de doença, vimos que ela engloba aspectos multifacetados em torno da sua construção. Segundo Revel e Peter (1976), “a doença é quase sempre um elemento de desorganização e de reorganização social. O acontecimento mórbido pode ser o lugar privilegiado de onde melhor se observa a significação real dos mecanismos administrativos ou das práticas religiosas, as relações entre poderes, ou a imagem que uma sociedade tem de si mesma”.³¹

No artigo “*The Tyranny of diagnosis*”³² Charles Rosenberg argumenta que a doença ou entidades de doenças específicas (com as causas, sintomas e tratamentos) constituem desde o século XIX um dos principais elementos de estruturação das sociedades modernas, isso pôde ser visto pelo lugar de privilégio que a doença ocupa em instituições, no aparato administrativo e burocrático dos governos e, sobretudo, no modo como os sujeitos constroem suas identidades. O historiador ainda chama atenção em outros estudos, que a doença se constituiu enquanto diagnóstico do social, ou seja, a doença acaba desempenhando um papel de “promoção” de debates sobre a sociedade e políticas sociais, ou até a um enquadramento do social a partir da utilização da doença. Nesse sentido, a doença tornou-se a ocasião e a agenda para a preocupação de um discurso de inter-relação, da política do Estado, da ciência

²⁹CZERESNIA, Dina. ELVIRA, Maria Godinho de Seixas Maciel. OVIEDO, Rafael Antonio Malagon. *Os sentidos da saúde e da doença*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013. p. 13.

³⁰ARMUS, Diego. Discursos, políticas y experiencias en la historia de las enfermedades. *Op.cit.* 2014. p. 63.

³¹REVEL, Jacques & PETER, Jean-Pierre. “O corpo: o homem doente e sua história,” *In*: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. (orgs.) *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p.144.

³²ROSENBERG, Charles. The tyranny of diagnosis: specific entities and individual experience. *The Milbank Quarterly*, Massachusetts.v.80, n.2. 2002. p.237-260.

médica e da responsabilidade individual. Segundo Rosenberg (1977), precisamos saber mais sobre a experiência individual da doença, da influência da cultura sobre as definições de doença e da doença na criação da cultura.³³

Os argumentos de Dilene Raimundo do Nascimento (2005) sinalizam a ideia colocada por Herzlich, de que os sintomas e as disfunções só adquirem sentido e se organizam como ‘doença’ na medida em que introduzem uma modificação na vida do doente e na sua identidade social. Herzlich propõe análises em que a dimensão social da doença é inerente à construção do que chamamos de doença. Assim, considerar saúde e doença apenas como realidades orgânicas independentes do tempo, do espaço e das características dos indivíduos e dos grupos atingidos por uma doença, é restringi-las à leitura exclusiva do saber médico e não as perceber como realidades que têm dimensões sociais. Para Herzlich, seja qual for a importância da medicina moderna, a doença é um fenômeno que a ultrapassa e a representação não é apenas um esforço de formulação mais ou menos coerente de um saber, mas também de interpretação e questão de sentido.³⁴

A perspectiva de Diego Armus (2004) enfatiza que há distintos níveis de contextualização histórica de uma enfermidade, sendo eles o dos discursos, das políticas e o da experiência. Desta forma, essas dimensões abrem espaço para analisar o contexto de uma doença. Além disso, é pertinente considerar a abordagem de Hochman e Armus³⁵, extraída da literatura que discute o tema, haja vista que nos chama a atenção para as dimensões socioculturais das enfermidades, demonstrando que saúde e doença não são apenas ausência ou presença de patógenos. Ao contrário, há uma série de negociações, entre múltiplos atores, para a consolidação daquilo que entendemos como saúde, o que também se aplica às doenças. Nesse contexto, essas negociações possuem desdobramentos específicos, sejam em políticas públicas e/ou privadas em saúde, reformas, revoltas, entre outros.

Retomando Herzlich (2004), vimos que as ideias de saúde e doença pertencem tanto ao domínio público, quanto ao privado. Contudo, há uma crescente importância da saúde na contemporaneidade, e uma ênfase que está transferindo a “responsabilidade” pela saúde do domínio público para o privado. A autora demonstra que muitos estudos têm abordado este

³³ROSENBERG, Charles E. e GOLDEN, Janet (ed). *Framing disease. Studies in cultural history*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1977.

³⁴NASCIMENTO, Dilene R. *As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada*. *Op. cit.* 2005. p. 41.

³⁵HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (orgs.). *Cuidar, controlar, curar - ensaios históricos sobre a saúde e doença na América Latina e Caribe*. Coleção História e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, p. 11-28.

aspecto privado, examinando as narrativas em “primeira pessoa” de doentes ou de pessoas próximas a eles. Porém, como é frequente, a pesquisa está seguindo uma tendência da sociedade. Experiências individuais relativas à saúde e à doença não têm sido relatadas apenas em publicações científicas. Os pacientes estão se manifestando e usando suas experiências como argumentos a serem considerados na elaboração de políticas de saúde e em relatos de suas experiências nas mídias digitais. Herzlich ainda demonstra a necessidade de análise de como nossas disciplinas acadêmicas vieram a se interessar pela experiência privada e pessoal da saúde e da doença, bem como a lidar com sua presença, ou ausência, no espaço público.

Ainda sobre a ideia de doença, Herzlich (2005) argumentou que por ser um evento que ameaça ou modifica, às vezes irremediavelmente, nossa vida individual, nossa inserção social e, portanto, o equilíbrio coletivo, a doença engendra sempre uma necessidade de discurso, a necessidade de uma interpretação complexa e contínua da sociedade inteira. Essa forte exigência de discurso interpretativo parece ser uma das condições de cristalização de uma representação estruturada.

Corroborando com os argumentos de Diego Armus (2013), a memória individual e coletiva e a experiência social da doença demonstram que os campos de análise transpassam a compreensão dos saberes biomédicos tradicionais e adentram uma abordagem da história sociocultural, cujas experiências da doença e do adoecimento são (re)construídas por essas narrativas. Nesse sentido, entendemos que as memórias constroem histórias individuais, que estão inseridas num quadro de subjetividades das vivências. No entanto, essas construções são provas de experiências sociais, onde as memórias individuais ampliam o horizonte para explorar um lugar na história individual e, quando possível, num determinado grupo, como um fenômeno social e cultural. Não há dúvida que a doença é uma realidade no caminho do indivíduo, e que o doente, em determinadas circunstâncias, pode ser representado como um grupo social.

Podemos inferir que a memória e suas narrativas permitem ao doente comunicar sua experiência com a doença, e é nesse processo que o doente se afirma enquanto sujeito. Suas verdades, subjetivas, o desvelam como sujeito conhecível, que testemunha a partir do presente. Trata-se de tipos de relatos e testemunhos que necessitam de certa simplificação, onde se tem um testemunho pessoal, uma espécie de “história em quadrinhos”, de alguém que registrou o que aconteceu, porque é ele próprio, o doente, que viveu a doença. Sua voz pode

ser recebida mais ou menos criticamente pelo médico e também pode ser ignorada.³⁶

Dialogando com a ideia de experiência, Herzlich (2004) demonstrou que a análise dos sentidos atribuídos à experiência da doença pelas pessoas, possui relação com o quanto o corpo é importante para uma percepção da identidade. Os pesquisadores das ciências sociais listaram as mudanças na autoestima ocasionadas pelas doenças crônicas: sentimento de vergonha relativo ao estado de deterioração do corpo, o “estigma” sentido ao se encontrar com os outros e a sensação do paciente de uma “perda do eu (*self*)”.³⁷ Para Michael Bury (1982 *apud* Herzlich, 2004), uma doença duradoura leva a “uma fundamental reconsideração da biografia da pessoa e de seu conceito de si”. Devido a seu conceito de “ruptura biográfica”, a ênfase se deslocou na direção da dimensão temporal da experiência da doença e do trabalho “reflexivo” realizado pelos pacientes que buscam, nem sempre com sucesso, recuperar o controle de suas vidas.

No que tange a discussão da historicidade das doenças, é importante demarcar aspectos presentes nos debates da área. Entende-se que o objeto em análise permite explorar os aspectos socioculturais, considerando a articulação de conceitos e fatores que caracterizam a doença enquanto um fenômeno social.³⁸ Corroborando com essa perspectiva, atualmente, os estudos da área no Brasil vêm se ocupando de eventos patológicos específicos, não só em busca de sua definição científica, como também do que chamamos de sua fenomenologia, isto é, o modo de sua incidência em determinados momentos e local.³⁹

As análises nesse campo têm demonstrado diferentes dimensões da estrutura social e das experiências de si. Assim, é fundamental refletir a doença como um fenômeno que vai além do constructo biológico e, que adentra as distintas dimensões da experiência do indivíduo com o seu corpo e com sua realidade social. Desse modo, os argumentos de Silveira e Nascimento (2014) convergem na ideia que os estudos de história das doenças, incluindo os eventos epidêmicos, possibilitam ampliar nossas percepções sobre a interação entre as dimensões biológicas, econômicas, sociais, políticas e culturais. No tange esse estudo da representação social da Anorexia, devemos considerar a narrativa das adolescentes e os saberes científicos para revelar a complexa função cultural das representações sobre a doença

³⁶ARMUS, Diego. Memoria individual e história sociocultural de la enfermedad? *Op. cit.* 2013. p. 1456.

³⁷HERZLICH, Claudine. Saúde e doença no início do século XXI: entre a experiência privada e a esfera pública. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 2004. 14(2): 383-394. p. 387.

³⁸NASCIMENTO, Dilene R. *As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2005, p. 24.

³⁹NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. A representação social das doenças como peste. *Boletim Eletrônico da Sociedade Brasileira de História da Ciência*. Boletim 2, n.2. Março de 2014.

em nossas sociedades, interpretando e contrapondo as alegorias existentes em ambos os discursos.⁴⁰

No clássico *A doença como metáfora* (1984), Susan Sontag traz a temática da doença, demonstrando suas possíveis dimensões simbólicas de análise. Os argumentos apresentados pela autora abarcam que “a doença é o lado sombrio da vida, uma espécie de cidadania mais onerosa, onde todas as pessoas vivas têm dupla cidadania, uma no reino da saúde e outra no reino da doença.”⁴¹ Susan descreveu que sua pretensão em explorar o campo simbólico da tuberculose e do câncer, expandiu-se para além da territorialização ou da questão física em si. Nas palavras de Sontag (1984), não se pretendeu dar foco a esse aspecto, mas sim ao uso da doença, que circunscreveu “as fantasias punitivas ou sentimentais forjadas em torno da situação”, ou seja, da elucidação simbólica ou metafórica “no território do adoecimento, do adoecido e da doença”.

Segundo Dilene Raimundo do Nascimento (2005) “a doença faz parte da dinâmica vital e se inscreve em todos os setores da relação do homem com a natureza e dos homens entre si e essa diversidade de inscrições é apropriada pela historiografia com diferentes abordagens”. Desse modo, resultam em vários recortes em história das doenças, que representam, às vezes de modo reducionista, análises biológicas e análises sociais. Outras por sua vez, sem negar o substrato fisiopatológico da doença, empreendem um processo de construção social que a constitui como fenômeno social. É sob essa égide que se dá uma reflexão inicial e oportuna sobre a história das doenças.⁴²

O aprofundamento de uma visão histórico-social da doença envolve saberes, discursos e práticas, que consideram os fatores socioculturais e a relação do indivíduo com a sociedade. Os argumentos que buscam embasar a escolha da abordagem de história sociocultural se dão pelo foco voltado à experiência do doente e do adoecimento. Desse modo, no que tange às experiências individuais de saúde e de doença, incluímos o debate do domínio público e privado na trama social, sobretudo, com base em Herzlich (2004). Parece-nos fortuito refletir como a narrativa dessas experiências pessoais se consolidou como importante fonte de análise, tanto no que diz respeito aos argumentos para elaboração de políticas de saúde estatal,

⁴⁰SILVEIRA, Anny Jackeline Torres da, NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. “A doença revelando a história. Uma historiografia das doenças” *In* NASCIMENTO, D. R., CARVALHO, Diana Maul. *Uma história brasileira das doenças*. Vol. 1, 2014, p. 28.

⁴¹SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Tradução de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. (Coleção Tendências; v. n. 6).

⁴²NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. *As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada*. *Op. cit.* 2005, p. 34.

quanto nas “outras” formas de representar saúde e doença, que não estejam ancoradas apenas no modelo científico da biomedicina.

Ao refletir as experiências de saúde e de doença, é importante delimitar que essas envolvem debates que incluem a relação individual e social, público e privado. Para Herzlich (2004), o crescente processo de medicalização e o controle social da medicina sobre os corpos suscitou uma visão crítica por parte dos cientistas sociais nos anos de 1970. Naquela conjuntura, discutiu-se que a imposição de metas normativas e de vigilância médica sobre os indivíduos transformou não apenas as experiências com a doença, mas a atenção com os corpos e as percepções de identidade.⁴³

Nesta perspectiva, o estudo em questão, explora o arcabouço de história das doenças, tornando audíveis as experiências pessoais da doença, onde os sentidos atribuídos por essas experiências demarcam a representação social do fenômeno. Sendo o corpo um importante elemento de percepção da identidade, de socialização das experiências do indivíduo com seu grupo social e de contextos biográficos específicos por determinada doença.

As experiências da Anorexia representam um dos campos em que os indivíduos criam um mundo próprio de narrativas e relatos sobre a “doença”, utilizando diferentes dispositivos, como por exemplo, comunidades de *blogs* e *sites* da internet. Nesses espaços, jovens expressam seus sentimentos, desejos, ideias, vontades e reforçam atitudes, ao divulgarem dicas, estratégias e lições de como sustentar comportamentos específicos a uma motivação anoréxica em defesa desta como um estilo de vida, ou até mesmo de uma experiência patológica. Dessa forma, apareceram os movimentos pró-anorexia (pró-ana) e pró-bulimia (pró-mia), bem como outras páginas nas redes sociais, com este mesmo fim.⁴⁴

A partir das postagens no ambiente da *web* foi possível uma aproximação do modo como esses jovens vivenciam a Ana (Anorexia) e os elementos discursivos dessas mensagens, a fim de entender fatores de produção, apropriação e representação de “identidades culturais” em defesa das práticas supracitadas. Portanto, a análise dos dados se deu a partir da leitura das mensagens postadas nos blogs, nas quais foram destacados os aspectos que se repetiam, a fim de criar eixos de análise que permitiram discutir as práticas e experiências partilhadas por essas jovens. Assim, privilegiar os blogs como campo de investigação, significa atentar-se

⁴³HERZLICH, Claudine. Saúde e doença no início do século XXI: entre a experiência privada e a esfera pública. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 14(2): 383-394, p. 385.

⁴⁴BITTENCOURT, Liliane de Jesus e ALMEIDA, Rafaela Andrade. *Op. cit.* 2013.

para a dimensão real e imaginária que tal campo implica, na medida em que pode nos orientar em direção a uma compreensão da imagem que essas meninas guardam de si, dos outros e da doença.⁴⁵

É fundamental considerar as limitações e potencialidades das narrativas em primeira pessoa. Trata-se de relatos de si, que articulam campos de interações subjetivas e formas de representação complexas, constituindo um rico arcabouço de experiências privadas de saúde e de doença. Dessa forma, nos cabe visualizar essas limitações como potenciais caminhos de análise, pois o desafio reside também em poder contextualizar essas narrativas de blogs, tecendo não apenas possíveis “mentiras”, mas o que se diz como “verdade”.

No trato das fontes, observamos uma série de fatores que indicam idade, gênero, cidade e aspectos do cotidiano dessas blogueiras. Reafirmando essa questão, recorreremos a Michel de Certeau (2013), que traz a questão do “não-dito” como possibilidade de questionamentos sobre as fontes e o objeto.⁴⁶ Dessa forma, isso problematiza o silêncio das fontes e o próprio “anonimato” das autoras, ou seja, este silêncio é tão importante quanto o encontro de vestígios que podem criar versões do dito. Conforme percebemos, a identidade real das autoras desses blogs tende a ser escondida, visto que essas criam perfis fictícios, pois o grupo tende a ser frequentemente criticado pela sociedade, o que reforça a prática entre as autoras e dificulta uma análise minuciosa desses perfis na rede.

Há uma multiplicidade de práticas e experimentações entre as blogueiras e, conseqüentemente, em suas relações com a Anorexia. A autoafirmação do estilo vivido é observada pela busca incessante da perfeição corporal, na qual o culto à Anorexia se faz presente por meio de discursos e práticas narradas no campo virtual. A utilização dessas fontes visa aproximar as narrativas sobre essas múltiplas práticas e a construção de “identidades culturais” pelo movimento Pró-Ana, tendo a submissão às restrições alimentares e às dietas radicais como um comportamento central que reforça suas identidades de Ana. Nos limites da temática e do trabalho, procuramos adentrar o quanto possível na relação dessas identidades no mundo real e virtual.

O foco em analisar as práticas incorporadas e narradas nesses blogs, principalmente, as de restrição alimentar, conforme já demonstrado por trabalhos como de Bittencourt e

⁴⁵ RIBEIRO, Camila Neiva de Gouvêia. *Ana(orexia): uma imagem obscena*. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica de Pernambuco. Mestrado em Psicologia Clínica. 2008. 289 f.

⁴⁶ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2013. 385p. 3 ed.

Almeida (2013), nos possibilitou correlacionar fatores que evidenciam uma linha tênue entre a experiência patológica e a do estilo de vida. De antemão não é intenção deste trabalho, determinar e categorizar os relatos, lhes colocando “camisas de forças” a fim de apontar uma “visão correta e positiva” na representação patológica e do estilo de vida. Portanto, no desenvolvimento dessa análise historiográfica, me proponho a observar a amplitude dos campos discursivos e representacionais a fim de aprofundar o objeto.

No limite das questões pensadas sobre a importância dos blogs no contexto de narrativas e de relatos das práticas Pró-ana, torna-se fundamental, aprofundar questões ligadas ao acesso à internet, a identificação do perfil de autoria, público-alvo de leitores, assuntos e temas abordados nas postagens; além das conexões e interações entre as jovens autoras e leitoras/pares com o conjunto amplo da sociedade, englobando profissionais de saúde, mídia e pessoas que se opõem ao ideal de estilo de vida das Pró-ana. É importante relatar que, as jovens autoras e frequentadoras de tais blogs consideram-se defensoras “Anas”, mas suas narrativas muitas vezes as afastam dos critérios exigidos por manuais diagnósticos para serem classificadas como portadoras de Anorexia Nervosa.⁴⁷

1.1.3- Nova História Cultural (NHC)

Os debates que permearam a abordagem da Nova História Cultural (NHC)⁴⁸ entre os anos de 1960 e 1990, podem ser situados por Peter Burke. Para o autor, eles se constituem como “ciclos de vida” ou “gerações” do campo de história cultural. Um exemplo que caracteriza esse “ciclo” se dá pela virada em direção à antropologia, onde se constituiu o campo da “antropologia histórica”. Essa “virada” representou um importante marco para os historiadores culturais, principalmente, pela influência de ideias do antropólogo Clifford Geertz, cuja “teoria interpretativa da cultura”, semeada no ensaio “*Descrição densa*”, enfatiza a definição de que a cultura é um padrão historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, num sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu

⁴⁷SOUSA, Bruno Naegeli. *Estudo psicológico das narrativas de weblogs pró-anorexia (pró-ana)*. Op. cit. 2014.

⁴⁸Termo citado no livro de Peter Burke, *O que é história cultural?* (2008). A ideia de Nova História Cultural compreende um tipo de abordagem teórico-metodológica baseada nos “ciclos de vida” e “gerações” deste campo. Assim, Burke, constituiu um trabalho que remonta os capítulos desde A grande Tradição, Os problemas da História Cultural, a Antropologia Histórica, Um novo paradigma (quadros teóricos Bakhtin, Elias, Foucault e Bourdieu), Da representação à construção, Além da Virada Cultural e História Cultural no século XXI.

conhecimento e suas atitudes acerca da vida.⁴⁹

Segundo Peter Burke (2008), “a questão da interpretação dos significados na obra de Geertz, contribuiu para uma recepção calorosa por parte dos historiadores culturais”. Assim, uma nova compreensão da ligação entre história e ciências sociais se constituiu pelas recém criadas ciências da cultura, a qual compreendia os termos de Geertz (1973), em “*redes de significado*” e que as viam, portanto, “não como uma ciência experimental em busca de leis invariáveis, mas antes como uma ciência interpretativa em busca de significado”⁵⁰. Outro ponto que devemos citar se dá pela ideia de “analogia do drama”, que segundo Burke, liga a antiga preocupação com a alta cultura ao novo interesse pelo cotidiano, sendo utilizada em várias interpretações historiográficas por meio da noção de dramas sociais.⁵¹

Não obstante, Burke (2008) citou que o pós-colonialismo e o feminismo trouxeram importantes contribuições para a “antropologia histórica” e para um novo estilo de história cultural das mulheres. Os historiadores se debruçaram cada vez sobre a categoria analítica de gênero. Segundo a historiadora Carla Pinsky (2009), a História das Mulheres adquiriu expressão a partir da década de 1970, inspirada por questionamentos feministas e por mudanças que ocorriam na historiografia, dentre as quais, destacou-se a ênfase na família, na sexualidade, nas representações, no cotidiano e nos grupos “excluídos”. Seu sucesso atrelou-se aos avanços da *Nova História, História Social, História Cultural e Estudos de população*. Pinsky (2009) afirma que:

A produção historiográfica reunida sob o título de Histórias das Mulheres foi e é bastante diversificada em termos de assuntos, métodos e qualidade intelectual. Entretanto, esses trabalhos tem em comum, a atenção às mulheres do passado e o reconhecimento de que a condição feminina é constituída social e historicamente.⁵²

O campo de discussão de gênero e suas contribuições aos estudos historiográficos foram fundamentais para refletir a relação desta categoria de análise com os aspectos socioculturais constitutivos da identidade corporal, especialmente, nos estudos culturais. Nesse sentido, vale citar os argumentos de Judith Butler (1990), onde a autora descreve que:

O gênero deixou de ser uma identidade estável, ou lugar de agenciamento do qual as ações precedem. O gênero é uma identidade tenuemente constituída por meio da repetição estilizada de atos, gestos, performances variadas que

⁴⁹BURKE, Peter. *O que é história cultural? Op. cit.* 2008. p. 52.

⁵⁰IGGERS, Georg. Desafios do século XXI à historiografia. *Op.cit.* 2010. p. 117.

⁵¹BURKE, Peter. *O que é história cultural? Op. cit.* 2008. p. 67.

⁵²PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. *Rev. Estudos Feministas*. Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009.

constroem a ilusão de um *self* com uma sexualidade definida.⁵³

O trabalho de Caroline Bynum, *Holy Feast and Holy Fast* (1987), é citado como um exemplo de estudo da chamada Nova História Cultural. O estudo tratou do simbolismo dos alimentos no final da Idade Média, especialmente, o ingresso no simbolismo religioso. É importante citar que a autora absorveu elementos das obras de antropólogos como Mary Douglas, Jack Goody e Victor Turner. Para Bynum, o alimento era um símbolo mais importante para as mulheres que para os homens, era uma preocupação obsessiva e dominante nas vidas e escritos das mulheres religiosas. Citando um exemplo, ela descreveu que as mulheres pensavam em Deus como alimento e eram particularmente devotas à Eucaristia. O estudo de Bynum, inspirado por debates atuais sobre Anorexia, procura não projetar as atitudes contemporâneas sobre o passado, argumentando que o jejum feminino medieval não era patológico, mas cheio de significados: não expressava apenas autocontrole, mas também uma maneira de criticar e controlar os que detinham autoridade.⁵⁴

Na mesma esteira de pensamento, os argumentos da historiadora Brumberg (1989), afirma que a atual configuração da Anorexia Nervosa não pode ser comparada à anorexia santa, ainda que no momento da cronificação da doença pela medicina, os quadros sejam semelhantes. O fato de a recusa em alimentar-se nos dois casos ser motivada por diferentes razões ou propósitos, não permite que se estabeleça uma analogia entre elas. Para a autora, a redução inicial de ingestão de comida está condicionada a normas culturais relacionadas ao controle do peso corporal ou ao comer. Brumberg defende que fatores biológicos e psicológicos determinam quais indivíduos, daqueles que começam uma dieta, se tornarão anoréxicos.⁵⁵

Um dos domínios da Nova História Cultural pouco explorado, quase inconcebível até a geração dos anos de 1970 e, que hoje é muito próspero, é a história do corpo. Essa se desenvolveu no início da década de 1980 em diante, atraindo uma corrente cada vez maior de estudos, concentrando-se tanto no campo masculino e feminino, no corpo como experiência e como símbolo, em corpos desmembrados, anoréxicos, atléticos, dissecados e nos corpos dos santos e pecadores. Segundo Burke, a Revista *Body and Society*, fundada em 1995, configurou-se como um importante fórum para historiadores e sociólogos tratarem destes

⁵³BUTLER, Judith. "Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory". In: *Performing Feminisms: feminist critical theory and theatre*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1990.

⁵⁴BURKE, Peter. *O que é história cultural? Op. cit.* 2008. p. 54.

⁵⁵BRUMBERG, Joan Jacobs. *Fasting Girls: the History of Anorexia Nervosa*. New York: Penguin Books.1989.

temas.⁵⁶

1.1.4- História/Historiografia Digital

Ampliando o arcabouço metodológico para além das abordagens de História das doenças e da Nova História Cultural, exploraremos os aspectos presentes em obras que abordam a temática da História/Historiografia Digital. Assim, é importante refletir sobre as fontes digitais e o trato dos materiais relacionados ao quadro teórico e bibliográfico. Desse modo, a articulação do material extraído das narrativas nos blogs Pró-ana trará novos diálogos e repercussões entre os diversos campos de conhecimento sobre a Anorexia.

Isto posto, vamos aprofundar os debates explicitados no estudo de Anita Lucchesi (2014), onde a autora realizou uma história comparada entre as “tendências historiográficas” no campo da História/Historiografia Digital. Trata-se de duas obras, a primeira do volume coletivo *La Storiografia Digitale* (Itália), organizado por Dario Ragazzini em 2004 e a segunda, da obra a quatro mãos *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web* (Estados Unidos), de Roy Rosenzweig e Daniel Cohen, de 2005. Lucchesi afirma que a emergência do tema vem se desenvolvendo de maneiras diferentes, segundo as distintas realidades culturais, interesses e tensões das tendências estudadas. Por sua vez, podem nos ajudar a atribuir sentido a essa coleção de novidades apresentadas na oficina da história em nossos dias.⁵⁷

Anita Lucchesi (2014) chama atenção para necessidade de se compreender, como a chegada do digital, das dinâmicas do ciberespaço, dos desafios da escrita hipertextual, das linguagens (códigos e estilo) e do exercício do compartilhamento da autoridade em rede, surgidos em virtude desse advento, têm proposto novas formas de se conceber a operação histórica no Tempo Presente.⁵⁸ Os novos desafios acerca da operação historiográfica⁵⁹,

⁵⁶BURKE, Peter. *O que é história cultural? Op. cit.* 2008. p. 95.

⁵⁷LUCCHESI, Anita. *Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011)*. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Programa de Pós-graduação em História Comparada, UFRJ.2014. p. 20

⁵⁸*Ibidem*, p. 20.

⁵⁹Acerca de *Operação Historiográfica*, tomemos como referência as fases destacadas por Paul Ricoeur, apoiado na compreensão operacional da história de Michel de Certeau: 1a. Fase documental – aquela que “vai da declaração das testemunhas oculares à constituição dos arquivos” e diz respeito ao estabelecimento da “prova documental”; 2ª Fase explicativa/compreensiva – aquela etapa em que o historiador responde aos “porquês” motivadores de sua pesquisa; e 3a. Fase representativa – que diz respeito à colocação em forma literária, isto é, a escrita propriamente dita, que levará o conhecimento produzido ao público leitor. Cabe ressaltar que tal divisão

sobretudo, pelo surgimento das fontes digitais no século XX, visa enriquecer as discussões no campo da escrita e da pesquisa histórica. A dita “operação” ou etapas do ofício de historiador, conforme mostra Michel de Certeau (2013), constituiu-se numa perspectiva de três fases: documental, explicativa/compreensiva e representativa. Corroborando ainda com o autor, é importante refletir, quem escolhemos para nos orientar nesta apreciação das operações históricas, “o historiador trabalha sobre um material para transformá-lo em história” e “efetua então uma manipulação que, como as outras, obedecem a regras”.⁶⁰

A análise de Lucchesi (2014) nos mostra que as “tendências historiográficas” discutidas em sua dissertação constituem um caminho para essa questão. Ela realizou uma análise bibliográfica da *Digital History*, assim chamada por historiadores que têm trabalhado sobre o tema nos Estados Unidos, e da *Storiografia Digitale*, como vem sendo chamado na Itália. Dessa forma, ao analisar o estudo de Lucchesi, tiramos lições que estão relacionadas à nossa operação histórica e o que tange possíveis problemáticas, desafios e potencialidades apresentadas pelo foco nas novas fontes digitais.

Para Lucchesi (2014) é fundamental pensar, inicialmente, o desenvolvimento de novos procedimentos metodológicos que demandem a verificação e referência posteriores, esse procedimento é inerente à fase documental; segundo, interrogar o que vem a ser, afinal, fazer história através da Internet (como ferramenta), a partir da Internet (como fonte) e com a Internet (como uma matéria que engendra a possibilidade de um novo método); terceiro, refletir que a nova modalidade historiográfica concebida pelos estudiosos envolvidos no debate acerca da “História/Historiografia Digital”, possui três características claras: é inscrita no ciberespaço, escrita digitalmente (hipertextualmente) e é divulgada na rede.⁶¹

Segundo Michel Certeau (2013), mesmo com a entrada dos computadores nas oficinas da história, embora a máquina possa ter alterado algo nos momentos epistemológicos chave da operação historiográfica – “conceitualização, documentação, tratamento ou interpretação”, ela continua dependendo do homem para operá-la, ainda que sob um novo conjunto de regras.⁶² No início do século XXI, a evolução das tecnologias de informação e comunicação (TICs) instaurou uma nova inquietude nos historiadores de profissão. Esses utilizavam os

“não se trata de momentos cronologicamente distintos, mas de momentos metodológicos imbricados uns nos outros”. (RICOUER, 2007:146-147 *apud* LUCCHESI, 2014, p.66).

⁶⁰CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2013. 385p. 3 ed.

⁶¹LUCCHESI, Anita. *Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011)*. Op. cit. 2014. p. 163.

⁶²CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Op. cit. 2013.

meios digitais em seu trabalho cotidiano e começaram a “desnaturalizar” os novos instrumentos e a repensar suas potencialidades e limitações.

Pensando nisso, tomamos os argumentos de Lucchesi (2014) para citar algumas especificidades do trabalho com um tipo de documento digital: exemplo dos *websites*. Diferentemente dos documentos, livros e artigos impressos (e mesmo daqueles materiais em formatos eletrônicos descarregáveis – disponíveis para download), as “páginas” da Internet (não numeradas, sem tamanho padrão, sem cor padrão etc.) constituem uma nova categoria de fontes que não podem simplesmente ser colocadas numa gaveta, numa pasta ou numa estante. A análise dessa fonte eletrônica e hipertextual, bem como a sua referenciação e a garantia de sua posterior verificabilidade, demandam novos procedimentos metodológicos e mesmo cognitivos, pensando-se na leitura/navegação não linear.⁶³ Lucchesi (2014) afirma que:

Ao trabalharmos com websites, devemos nos preocupar em fazer com que a percepção dos elementos de uma página também seja assegurada nas cópias que se arquivam do mesmo e, para tanto, é necessário preservar sua estrutura hipertextual e de navegação, mesmo para consulta offline. Isto significa que é preciso arquivar e acessar os sites tais quais eles são quando estão em seu ambiente original, online. A simples impressão em digital de *websites* (gerando arquivos PDF, por exemplo) não dá conta disso, uma vez que se perdem os elementos dinâmicos da página (imagens, animações em *flash* e especialmente a possibilidade de distinguir o que é texto estático de hipertextos), configurando uma descaracterização do *website* original.⁶⁴

Além disso, a utilização de ferramentas digitais pode auxiliar no fichamento desses novos documentos, dado que estes, muitas vezes, apresentam inúmeras páginas, tornando-se difícil fazer anotações sobre o *website*, e guardar a localização/referência correta da página e altura (na barra de rolamento) do texto ou imagem a que nos referimos. A opção com potencial citada por Lucchesi, por exemplo, seria o *software* Zotero, com o qual conseguimos gerenciar nossas referências, arquivar e salvar as fontes e anotar o texto que reflete essa influência.⁶⁵

A fim de fortalecer os argumentos pela escolha da fonte digital, podemos refletir sobre o que Roger Chartier diz em *Os desafios da escrita* (2002), quando aborda o advento da “revolução digital” ocorrida no final do século XX, em que a tela do computador se tornou um suporte textual e inaugurou a era da escrita e da leitura textual online. Para Chartier, a revolução digital gerou mudanças mais radicais do que a revolução da imprensa. Segundo ele,

⁶³CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Op. cit. 2013, p. 62.

⁶⁴LUCCHESI, Anita. *Digital History e Storiografia Digitale*. Op. cit. 2014. p. 163.

⁶⁵CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Op. cit. 2013, p. 62.

a tela do computador permitiu que qualquer texto fosse lido ou escrito em um mesmo e único suporte textual, ocasionando o desaparecimento dos critérios imediatos visíveis e de materiais de classificação e hierarquização dos discursos, facultando o surgimento de hipertextos, ou seja, de um texto não linear, não sequencial e repleto de *links* que remetem a outros textos e, por fim, cita a possibilidade de diálogos entre leitores e escritores. Esse referencial de Chartier é de suma importância, visto que os Blogs se enquadram nessas descrições de textos digitais.

Nesta mesma obra, o autor ainda aponta que o mundo da comunicação eletrônica é um mundo da superabundância textual, cuja oferta ultrapassa a capacidade de apropriação dos leitores. Assim, Chartier (2002) descreveu que houve diversas mutações e rupturas introduzidas pela revolução do texto digital frente às “tradicional formas de escrita”, como por exemplo, as da cultura impressa. A primeira ruptura se dá no campo dos discursos, pois, o computador, um único aparelho, faz surgir ao leitor diversos tipos de textos tradicionalmente distribuídos entre objetos diferentes, sendo todos lidos no mesmo suporte (tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente decidido pelos leitores). Esse processo gerou uma forma de leitura descontínua, que se “potencializou” na busca por palavras-chave, rubricas temáticas e fragmento textual. Portanto, no campo dos discursos, o mundo eletrônico vem promovendo uma tríplice ruptura, propondo uma nova técnica de difusão da escrita, incitando uma nova relação com o texto e impondo-lhes uma nova forma de inscrição.⁶⁶

Os argumentos para escolha das fontes digitais dialogam com os objetos dos autores citados no tópico. Sendo assim, é importante refletir como as mudanças ocorridas com o advento do mundo digital e da comunicação via internet, estão alterando a relação entre leitor e texto impresso, que além de promover questionamentos e novas dinâmicas sobre o conceito de livro e sobre as formas de leitura e de escrita, deslocam esses campos de um modelo impresso a uma lógica digital. Assim, dialogando com os argumentos de Cavalcanti (2017), vemos que:

Ao fazer história a partir da internet como fonte é preciso esclarecer que a internet é apenas um espaço de abrigo, de preservação, a fonte mesmo é aquilo que está dentro da internet, e mais especificamente com relação ao proposto por este trabalho, a fonte está dentro do acervo disponibilizado nos websites dos centros de documentação, configurando-se em fonte digital.⁶⁷

⁶⁶ CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP. 2002. p. 20 e 23.

⁶⁷ CAVALCANTI, Márcia Teixeira. Os Websites dos centros de documentação e pesquisa histórica: uso de fontes digitais. *Revista Observatório*, Palmas, v. 3, n. 5, p. 169-190, agosto. 2017. p. 178. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p169>

A conjuntura de transformação nos possibilita pensar os parâmetros que estruturam o pensamento histórico na “Era Digital” e as problemáticas que se colocam a partir disso para o historiador do século XXI. Isso inclui (re)pensar as relações entre História e Internet. Em suma, Lucchesi apresenta três pontos importantes sobre a temática da ‘História/Historiografia Digital’ que nos vale de ferramenta analítica no trabalho:

O primeiro é pensar como esses materiais (fontes) estão diversamente acessíveis e como são diferentemente compreendidos enquanto documentos digitais, distintos de sua forma analógica. Ou seja, têm se questionado sobre as implicações conceituais dessas mudanças, que introduzem consigo uma ruptura temporal e espacial bastante singular, potencializada pela intensificação do virtual na contemporaneidade. O segundo relativo à operação historiográfica, recai sobre os elementos incontornáveis deste processo: a memória (e a prova), a interpretação (e a explicação) e a construção da narrativa histórica (e aí seus suportes, suas mídias etc.), demonstram que por mais novas que sejam as tecnologias, elas não criam novos tipos de historiadores, apenas vão requerer deles novas habilidades. O terceiro entrecruza as informações da *Digital History* e da *Storiografia Digitale*, assimilando que uma nova modalidade historiográfica concebida pelos estudiosos envolvidos no debate, possui três características claras: é inscrita no ciberespaço, escrita digitalmente (hipertextualmente) e é divulgada na rede.⁶⁸

Além dos debates que inserem as potencialidades e limitações da modalidade historiográfica no ciberespaço, é importante refletir o papel do historiador no trato dos documentos digitais, onde os procedimentos de guarda precisam estar em consonância com sua preservação para futuras verificabilidades.⁶⁹ No caso desse estudo, trata-se de documentos digitais exclusivos da internet. Assim, recorreremos aos argumentos de Márcia Cavalcanti (2017):

A “fragilidade” da existência de um documento no ciberespaço, onde muitos sites que abrigavam a fonte digital podem ser retirados do ar sem aviso prévio e seu conteúdo se perder, faz do historiador o responsável não só pela análise como também pela preservação da informação.⁷⁰

⁶⁸LUCCHESI, Anita. *Digital History e Storiografia Digitale*. *Op. cit.* 2014. pgs. 19, 98 e 163.

⁶⁹Tive como base teórico-conceitual a corrente História Digital, contudo esse pesquisador adotou alguns procedimentos operacionais adicionais com as fontes digitais dos weblogs, que foram: Organização das informações sobre as postagens (planilha), salvamento das postagens e imagens, gerando arquivos referenciados no software Zotero, salvamento de imagens e postagens no Google Drive (nuvem) e salvamento do site/link da página com o programa HTTrack Website Copier.

⁷⁰CAVALCANTI, Márcia Teixeira. Os Websites dos centros de documentação e pesquisa histórica: uso de fontes. *Op. cit.* 2017, p. 180.

1.2- Anorexia Nervosa: visões introdutórias no campo médico-científico do século XIX ao Século XXI

Na medida em que discutimos a temática, torna-se importante trazer alguns pontos dos discursos e saberes científicos sobre a doença, reafirmando de antemão, que as formas de produção de saberes implicam em novos modos de intervenção junto aos sujeitos e à doença por intermédio do corpo, conforme nos mostra Michel Foucault (1998)⁷¹. Dessa forma, o corpo se tornou o campo de manifestação e de semiologia da morbidez, transformando-se num objeto passível de inúmeras leituras em busca da enfermidade, ou seja, podemos pensar que essa busca (res)significou o próprio corpo e a própria doença.

Revisitando a obra *Gênese e desenvolvimento de um fato científico* (2010), de Ludwig Fleck, temos a percepção que a suposição de determinada doença não pode ser interpretada fora de uma experiência histórica, de forma que as práticas discursivas são produtos de uma dimensão social, que engloba uma lógica de razão historicamente constituída, por meio do conhecimento médico-científico (coletivos de pensamentos), da mídia, da sociedade, dos doentes e adoecidos. Refletindo Fleck, podemos perceber que há mecanismos pelos quais isso se opera, que são específicos do mundo da ciência, inclusive em sua relação com os círculos exotéricos.

Como foi tratado por Ludwig Fleck (2010), as investigações médico-científicas se resultam de processos que articulam elementos histórico-culturais partilhados de forma coletiva. O autor ressalta que o conhecimento científico se constitui como uma atividade social, num processo “sistêmico” produzido pela interação entre homens (dentro de um coletivo) e natureza.⁷² Este conhecimento estabelece o que será um fato, de modo que esse se dá por um complexo processo envolto na dimensão social, onde interagem teorias, práticas e as diferentes possibilidades de abordá-las, dentro de diferentes coletivos de pensamento. Desse modo, Fleck utilizou o exemplo de uma determinada doença, nesse caso a sífilis, para elaborar a compreensão da produção do conhecimento indissociável da cultura.⁷³

⁷¹ FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1998. s/ed.

⁷² Conceito de Fleck, entende-se como coletivo de pensamento, a comunidade de pessoas que trocam pensamentos ou se encontram numa situação de influência recíproca de pensamentos, tendo em cada uma dessas pessoas, um portador do desenvolvimento histórico de uma área de pensamento, de um determinado estado do saber e da cultura, ou seja, de um estilo específico de pensamento. Ver: FLECK, Ludwik. *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum Editora. 2010.

⁷³ A abordagem de Fleck nos permitiu uma possível releitura sobre a produção de conhecimentos e saberes médico-científicos acerca dos transtornos alimentares, que se dá por diferentes coletivos e estilos de pensamento e, principalmente, no que tange a anorexia enquanto doença social e historicamente localizada, a qual se constitui

A produção e circulação de saberes científicos possuem relevância como um dos campos de atividade social. Assim, nos possibilita refletir inúmeras leituras e entendimentos de questões que envolvem a vida humana e de algum modo, visam compreender, intervir ou solucionar determinado problema, a exemplo de uma patologia. É importante salientar, que há inúmeros “campos” que designam concepções e saberes em torno da psicopatologia Anorexia Nervosa e que apresentam diferentes visões sobre sua conceituação. Desse modo, é fundamental sinalizar que se trata de campos que incluem saberes diversos e que produzem conhecimento sob a ótica de diferentes abordagens, práticas e interpretações, consolidando-se como discursos, no sentido singular.

Adentrando no campo etimológico, a palavra Anorexia provém do grego "an-", ausência de, e "orexis", apetite. Igualmente conhecida como enjojo do estômago ou aversão à comida. As primeiras referências a essa condição surgem com o termo *fastidium* em fontes latinas da época de Cícero (106-43 a.C.) e em vários textos do século XVII. A ciência se debruçou sobre a etimologia desse objeto, com diferentes nomenclaturas, desde o século XVII. Os estudos de Richard Morton em *A Treatise of Comsumptions* (1689), foi um dos primeiros registros do quadro clínico, nomeado de “*consumpção nervosa*”, que era produzido por uma perversão mental.

Os elementos observados por Morton repercutiram em estudos posteriores e contribuíram para a etiologia da doença no século XIX, foram eles: a perda de peso, amenorreia, constipação e hiperatividade. No século XVIII e início do XIX, surgiram outros estudos que investigaram o quadro clínico da doença. Robert Whytt, em 1764, observou o quadro de uma paciente de quatorze anos, que apresentava aspectos similares às observações feitas por Morton e definiu esse quadro com o nome de “*atrofia nervosa*”, já Charles Nedeau, em 1769, foi um dos primeiros estudiosos a associar a *anorexia nervosa* com a histeria.⁷⁴

A denominação mais específica de “*Anorexia Nervosa*” surgiu com William W. Gull e Ernest-Charles Lasègue no século XIX, referindo-se à “forma peculiar de doença que afeta principalmente mulheres jovens e caracteriza-se por emagrecimento extremo[...]” cuja “falta de apetite é [...]decorrente de um estado mental mórbido e não a qualquer disfunção gástrica[...]”. Atualmente, o termo “Anorexia” não é utilizado em seu sentido etimológico

com a “etiologia” diferenciada, conforme descrita por áreas da psiquiatria, psicologia, psicanálise, nutrição, antropologia, entre outros.

⁷⁴HERNANDEZ, Ana María Fernández. Historia de la anorexia nerviosa. (*Molegla*) *Revista de Ciências da Univ. Pablo de Olavide*. v. 20, 2015, p. 2.

para a "Anorexia Nervosa", visto que tais pacientes não apresentam real perda de apetite até estágios mais avançados da doença, mas sim uma recusa alimentar deliberada, com intuito de emagrecer ou por medo de engordar.⁷⁵

Na literatura médica especializada, os relatos mais importantes da Anorexia remontam ao século XIX, especificamente em 1859, Paul Briquet descreveu a teoria da Anorexia Nervosa como um subtipo da histeria. Já em 1860, Louis Marcé apontou que seu aparecimento estava relacionado a problemas digestivos. Segundo Hernández (2015), apesar das definições iniciais serem incompletas e falsamente atribuídas à histeria, uma doença tradicionalmente feminina, Briquet já havia observado que alguns de seus pacientes se sentiam enojados com os alimentos e que outros tomaram como pretexto as razões físicas para a sua recusa em comer, não no sentido estético, mas sob a forma de várias doenças.⁷⁶

Dentre os estudos que trouxeram relatos médicos sobre a doença, destacaram-se o de William Gull de 1868, na Inglaterra, que apresentou o quadro clínico de três pacientes entre 14 e 18 anos, e atribuiu ao fenômeno relatado o nome de "*aepsia histérica*". Em 1874, passou a empregar o termo Anorexia Nervosa. O segundo relato, de Ernest-Charles Lasègue, foi publicado em 1873, na França, o pesquisador publica um texto sobre "*anorexia nervosa*" no Archives Générales de Médecine. Neste, Lasègue descreve o quadro clínico da doença que permanece válido ainda na atualidade. O médico destacava informações sobre o manejo do tratamento, principalmente sobre a relação do doente com o terapeuta e com a família. Desse modo, foi a partir desses relatos, que a Anorexia Nervosa passou a se compor como um objeto de estudo mais amplo no âmbito médico. Outro importante relato se deu pelo psiquiatra Jean-Martin Charcot, que alterou o conceito em 1890, tendo a histeria como um sintoma da doença e não a sua causa.

Segundo Hernández (2015), no início do século XX, a Anorexia Nervosa passou a ser classificada como uma doença mental, especificamente, como uma desordem. Dessa forma, indivíduos com Anorexia Nervosa foram expostos aos tratamentos psiquiátricos da época, com lobotomia, remoção da tiroide, terapia eletroconvulsiva etc. Apesar das descrições recorrentes de meados do século XIX e início do XX, a proliferação de relatórios médicos

⁷⁵CORDÁS, Táki Athanássios e CLAUDINO, Angélica de Medeiros. Transtornos Alimentares: Fundamentos Históricos. *Rev. Bras. Psiquiatria*. 2002, vol.24, suppl.3, pp. 03-06.

⁷⁶HERNANDEZ. A. M. F. Historia de la anorexia nerviosa. *Op. cit.* 2015, p. 15.

acerca da doença só ocorreu a partir de 1930, sobretudo, com a incursão da Psicanálise na busca pelo entendimento da “desordem”.⁷⁷

No final da década de 1930, as teorias psicanalíticas desempenharam um papel fundamental na explicação e no tratamento da Anorexia. Para Sigmund Freud, “a desordem se expressava como uma aversão à sexualidade”; era, portanto, uma "melancolia onde a sexualidade não está desenvolvida". Segundo Simonovic *et al* (2015), no artigo publicado em 1940, John Waller, M. Ralph Kaufmann e Felix Deutsch chamam atenção ao fato de que as crenças mágicas de engravidar através da alimentação eram uma fantasia comum em crianças e podiam continuar conscientemente ou inconscientemente ao longo da vida.

As teorias da década de 1960 discutiram a etiologia da Anorexia, tendo como base, a questão da família e a explanação sociocultural. Elas agregaram novos aspectos, principalmente por meio das observações da psicanalista Hilde Bruch. Assim, Bruch demonstrou que os pacientes anoréxicos sentiam a necessidade de cumprir os desejos de outras pessoas e dificilmente poderiam confiar "em recursos internos, ideias ou decisões autônomas". Na infância, esses pacientes tendiam a ter mães super envolvidas e recorreram à dieta durante a adolescência, como forma de alcançar autonomia quando enfrentavam a perspectiva de separação física e emocional de sua família.

Nesse viés, a vinculação de aspectos familiares e das demandas socioculturais representou o aumento de incidência da Anorexia Nervosa, especialmente, pela crescente pressão sobre as mulheres para serem magras. Nas décadas de 1960 e 1970, houve um aumento nos artigos de dieta em revistas femininas e a diminuição do peso médio de *Miss Americas* e de modelos. Desse modo, os transtornos alimentares se tornaram um assunto recorrente nos estudos feministas que examinavam fundamentalmente a relação entre imagem corporal e papéis de gênero.⁷⁸

Com a emergência do paradigma médico e da racionalidade científica, o discurso médico-psiquiátrico sobre a Anorexia Nervosa tornou-se “hegemônico” a partir do século XX. Especificamente na década de 1970, surgiram os primeiros “critérios diagnósticos” da doença. O psiquiatra inglês Russel, contribuiu com observações para que houvesse um consenso sobre o que caracterizava a psicopatologia central da Anorexia Nervosa, definida

⁷⁷*Ibidem*, p. 16.

⁷⁸SIMONOVIC, Von Vasilija, GROSS, Dominik and ERNST, Jean-Philippe. The Historical Discourse on the Etiology of Anorexia Nervosa Results of a Literature. *Sudhoffs Archiv*, Bd. 99, H. 1. 2015. pp. 31-43, p. 36-37.

por ele como: preocupação excessiva com a forma e o peso corporais, ou ainda, a recusa alimentar acompanhada da intenção de emagrecer. No período posterior à descrição desses critérios diagnósticos, alguns psiquiatras e autores psicanalistas defenderam que a expressão psicopatológica da Anorexia Nervosa estaria sujeita a variar conforme a época e a cultura e que o desejo de emagrecer seria um aspecto contemporâneo da motivação anoréxica. É importante salientar que a preocupação com o peso e a forma física permanece como aspecto central no diagnóstico psiquiátrico clínico da Anorexia Nervosa até os dias atuais.⁷⁹

Nos últimos anos do século XX, principalmente a partir da década de 1980 com o marco do DSM-III, evidenciaram-se diferentes saberes da Psiquiatria e de correntes teóricas da Psicologia, dentre as diferentes concepções e práticas científicas compuseram seus “domínios” e análises acerca dos transtornos alimentares, apresentando visões diferenciadas e até divergentes no que tange essas patologias.⁸⁰ Além disso, algumas correntes buscaram problematizar questões mais abrangentes, como por exemplo, a da etiologia relacionada às “demandas da cultura” e aos ideais de beleza, saúde e cuidados de si, bem como a constituição da (inter)subjetividade e modos de subjetivação de pessoas diagnosticadas por essas patologias.⁸¹ Citamos como exemplo, práticas discursivas no campo produção de conhecimento, onde defendeu-se que a Anorexia estaria “estritamente” ligada à divisão entre os gêneros e à pressão social exercida sobre a corporeidade feminina ao longo da modernidade, a qual deveria cultivar a vaidade em busca de um corpo ideal.

Retomamos os argumentos apresentados no livro *Do Altar às passarelas: da anorexia sagrada à anorexia nervosa* (2006), de autoria da psicanalista Cybelle Weinberg e do médico psiquiatra Táki Athanássios Cordás. Nele, os autores afirmam que na literatura especializada, o que se refere o quadro clínico da Anorexia Nervosa, o confronto entre o biológico (patogenético) e o cultural (patoplástico) parece inevitável. Sendo assim, o estudo da Anorexia, sob uma perspectiva histórica, contribui para a investigação sobre o que deriva

79 GOULART, Marcela Torres Aldigueri. *Anorexia nervosa: uma leitura psicanalítica*. Capítulo: A conceituação da anorexia nervosa e sua história. Dissertação (mestrado) – PUC-RJ. 2003. 80fl.

80 O DSM-III foi publicado em maio de 1980, pela Associação Americana de Psiquiatria (APA). Sua sigla significa Manual Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais (DSM). Assim, trazemos alguns considerações importantes acerca da terceira edição, que incide na diferença para as edições anteriores. O primeiro aspecto é que o DSM-III passa a ser sistematizado em distintas condições clínicas, isto quer dizer que os grupos clínicos são organizados em eixos (avaliação axial) e os diagnósticos passam a ser feitos por uma avaliação semiológica e nosológica mais completa (avaliação multiaxial ou horizontal). Ver *In*: ALVARENGA, Marco Antônio Silva, MENDOZA, Carmen E. Flores, GONTIJO, Daniel Foschetti. Evolução do DSM quanto ao critério categorial de diagnóstico para o distúrbio da personalidade antissocial. *Jornal Bras. Psiquiatr.* 2009;58(4):258-266.

81 MARINI, Marisol. *Diário de peso - Saberes e Experiências sobre os Transtornos Alimentares*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP Dep. de Antropologia. São Paulo, 2013. 255f

diretamente do processo orgânico e o que se configura como influência cultural na gênese e manutenção do quadro. Além disso, a abordagem dos autores rompeu as posições clássicas, segundo as quais, a Anorexia Nervosa seria “um mal da modernidade” ou decorrente de um único fator. Portanto, a discussão deste estudo demonstrou que a doença encontra na cultura, diferentes formas de expressão e, que os ideais variam conforme a época.⁸²

Na conjuntura atual, os transtornos alimentares são qualificados na visão biomédica como distúrbios psiquiátricos caracterizados por alterações do padrão alimentar e por distorções relacionadas com os alimentos e com o peso corporal, tendo como consequências efeitos adversos sobre o estado nutricional. São doenças que acometem adolescentes e jovens adultos, de ambos os sexos, levando a prejuízos biopsicossociais e ao aumento da morbimortalidade. A coexistência de tantas teorias sobre as doenças deu origem há diversos sistemas de classificação, dentre os quais se destacam o DSM-V⁸³ “Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais” (2013) e o CID-10 “Classificação Internacional de Doenças” (2008), que classifica a Anorexia Nervosa quando ocorre uma perda de peso acentuada à custa de restrições alimentares muito rigorosas, associada a uma distorção grave da imagem corporal. Além da perda de peso, são verificadas alterações fisiológicas em consequência de esse regime alimentar.⁸⁴

Conforme descrito no DSM-V (2013), a CID-10-MC (2008) classifica a Anorexia Nervosa em dois subtipos, a do tipo restritiva e a do tipo compulsão alimentar purgativa. A primeira ocorre quando o indivíduo, nos últimos três meses, não se envolveu em episódios recorrentes de compulsão alimentar ou comportamento purgativo (vômitos auto induzidos ou uso indevido de laxantes, diuréticos ou enemas). Este subtipo descreve uma intencionalidade do sujeito, tendo apresentações nas quais a perda de peso foi alcançada essencialmente por meio de dieta, jejum e/ou exercício excessivo. A segunda ocorre quando o indivíduo se envolveu em episódios recorrentes de compulsão alimentar purgativa nos últimos três meses (vômitos auto induzidos ou uso indevido de laxantes, diuréticos ou enemas).⁸⁵

⁸²WEINBERG, Cybelle. CÓRDAS, Táki Athanássios. *Do Altar às passarelas: da anorexia sagrada à anorexia nervosa*. *Op. cit.* 2006. p. 9.

⁸³ DSM-V - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, publicado pela American Psychiatric Association (2013). Ver em: <http://c026204.cdn.sapo.io/1/c026204/cld-file/1426522730/6d77c9965e17b15/b37dfc58aad8cd477904b9bb2ba8a75b/obaudoeeducador/2015/DSM%20V.pdf>

⁸⁴BITTENCOURT, Liliane de Jesus e ALMEIDA, Rafaela Andrade. Transtornos alimentares: patologia ou estilo de vida? *Psicologia & Sociedade*. 25(1): 220-229, 2013.

⁸⁵ Informações retiradas do DSM-V: *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 2013, p. 339.

Alguns estudiosos do campo científico buscaram relacionar as mudanças ocorridas nos critérios diagnósticos acerca da Anorexia Nervosa. Especificamente, apontando os elementos descritos nas diferentes versões do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Com base na tabela elaborada por Alckmin *et al* (2016), podemos ver que atualmente a Anorexia Nervosa é considerada um transtorno alimentar, cujos critérios diagnósticos têm sido amplamente estudados, sendo conduzidos à uma rápida evolução nas pesquisas e discussões. Vale destacar que a pesquisa em questão engloba as mudanças ocorridas nas duas últimas edições do DSM.⁸⁶

Quadro 4: Critérios Diagnósticos da Anorexia Nervosa no DSM III, IV, IV-TR e V

<p>DSM-III (1987 Revisão)</p>	<p>a) Recusa em manter o peso acima do mínimo normal adequado à idade e à altura, por exemplo, perda de peso levando à manutenção do peso corporal 15% abaixo do esperado; ou malogro em ter o ganho de peso esperado durante o período de crescimento, levando a um peso corporal 15% abaixo do esperado.</p> <p>b) Medo Intenso de ganho de peso ou de se tornar gordo mesmo com peso inferior.</p> <p>c) Perturbação no modo de vivenciar o peso corporal, tamanho ou forma, por exemplo, a pessoa reclama que se “sente gorda” mesmo quando emagrecida; acredita que uma área do corpo está “muito gorda” mesmo quando obviamente tem peso inferior ao esperado.</p> <p>d) Nas mulheres, a ausência de pelo menos três ciclos menstruais consecutivos, quando é esperado ocorrer o contrário (amenorreia primária ou secundária).</p>
<p>DSM IV (1994) e DSM-IV TR (2002)</p>	<p>a) Recusa a manter o peso corporal em um nível igual ou acima do mínimo normal adequado à idade e à altura (por exemplo, perda de peso levando a manutenção do peso corporal abaixo de 85% do esperado; ou fracasso em ter o ganho de peso esperado durante o período de crescimento, levando a um peso corporal menor que 85% do esperado).</p> <p>b) Medo intenso de ganhar peso ou de se tornar gordo, mesmo estando com peso abaixo do normal.</p> <p>c) Perturbação no modo de vivenciar o peso ou a forma do corpo, influência indevida do peso ou da forma do corpo sobre a auto avaliação, ou negação do baixo peso corporal atual.</p> <p>d) Nas mulheres pós-menarca, amenorreia, isto é, ausência de pelo menos três ciclos menstruais consecutivos.</p> <p>Especificar tipo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tipo restritivo: durante o episódio normal de AN, o indivíduo não se envolveu regularmente em um comportamento de comer compulsivamente ou de purgação. • Tipo Compulsão Periódica/Purgativo: durante o episódio atual de

⁸⁶ALCKMIN-CARVALHO, F., SANTOS, D. R., RAFIHI-FERREIRA, R. E., & SOARES, M. R. Z. Análise da evolução dos critérios diagnósticos da anorexia nervosa. *Avaliação Psicológica*. 2016, 15(2), pp. 265-274.

	AN, o indivíduo envolveu-se regularmente em um comportamento de comer compulsivamente ou de purgação.
DSM V (2013)	<p>a) Restrição da ingestão calórica em relação às necessidades, levando a um peso corporal significativamente baixo no contexto de idade, gênero, trajetória do desenvolvimento e saúde física. Peso significativamente baixo é definido como um peso inferior ao peso mínimo normal ou, no caso de crianças e adolescentes, menor do que o minimamente esperado.</p> <p>b) Medo intenso de ganhar peso ou de engordar, ou comportamento persistente que interfere no ganho de peso, mesmo estando com peso significativamente baixo.</p> <p>c) Perturbação no modo como o próprio peso ou a forma corporal são vivenciados, influência indevida do peso ou da forma corporal na auto avaliação ou ausência persistente de reconhecimento da gravidade do baixo peso corporal atual.</p> <p>- Tipo restritivo: Durante os últimos três meses, o indivíduo não se envolveu em episódios recorrentes de compulsão alimentar ou comportamento purgativo (i.e., vômitos autoinduzidos ou uso indevido de laxantes, diuréticos ou enemas). Esse subtipo descreve apresentações nas quais a perda de peso seja conseguida essencialmente por meio de dieta, jejum e/ou exercício excessivo.</p> <p>- Tipo compulsão alimentar purgativa: Nos últimos três meses, o indivíduo se envolveu em episódios recorrentes de compulsão alimentar purgativa (i.e., vômitos autoinduzidos ou uso indevido de laxantes, diuréticos ou enemas).</p> <p>Especificar se:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Em remissão parcial: Depois de terem sido preenchidos previamente todos os critérios para anorexia nervosa, o Critério A (baixo peso corporal) não foi mais satisfeito por um período sustentado, porém ou o Critério B (medo intenso de ganhar peso ou de engordar ou comportamento que interfere no ganho de peso), ou o Critério C (perturbações na auto percepção do peso e da forma) ainda está presente. • Em remissão completa: Depois de terem sido satisfeitos previamente todos os critérios para anorexia nervosa, nenhum dos critérios foi mais satisfeito por um período sustentado. <p>Especificar a gravidade atual:</p> <p>O nível mínimo de gravidade baseia-se, em adultos, no índice de massa corporal (IMC) atual ou, para crianças e adolescentes, no percentil do IMC. Os intervalos abaixo são derivados das categorias da Organização Mundial da Saúde para baixo peso em adultos; para crianças e adolescentes, os percentis do IMC correspondentes devem ser usados. O nível de gravidade pode ser aumentado de maneira a refletir sintomas clínicos, o grau de incapacidade funcional e a necessidade de supervisão.</p> <p>Leve: $IMC \geq 17 \text{ kg/m}^2$ / Moderada: $IMC 16-16,99 \text{ kg/m}^2$ Grave: $IMC 15-15,99 \text{ kg/m}^2$ / Extrema: $IMC < 15 \text{ kg/m}^2$.</p>

Nesse sentido, é importante destacar que desde o DSM III até a publicação do DSM-V, verificou-se mudanças nos critérios diagnósticos da Anorexia, como a retirada do critério de amenorreia, além da flexibilização do IMC mínimo, a inclusão de estágios de remissão do transtorno alimentar e a classificação de seu nível de gravidade. Do DSM-IV até DSM-V foram incluídos os critérios específicos de remissão do transtorno e o nível de gravidade.

1.3- Definindo o público: os transtornos alimentares em mulheres jovens e adolescentes

A Anorexia pode ser tratada como uma doença cultural e historicamente inserida na sociedade industrial avançada, com características de distribuição social peculiares. Evidenciada tanto a nível individual, quanto de membros de grupos sociais em particular, as práticas e experiências narradas nos blogs Pró-Ana podem ser pensadas na perspectiva de Herzlich (2005) acerca da representação de saúde e doença. Assim, sua atual configuração e amplitude não só define, mas denuncia o papel da cultura na constituição dos transtornos alimentares.

Sob essa ótica, a Anorexia como objeto nos remete a um conjunto de práticas, discursos e saberes que trazem à tona as vozes, memórias e experiências de “doentes ou adoecidos”. Esses aspectos nos revelam uma das facetas dos indivíduos “anoréxicos”, que inseridos na lógica de indivíduos pós-modernos, constroem suas identidades culturais também por meio de experiências em espaços virtuais e não virtuais. Como mostrou Claudine Herzlich (2005):

As representações da saúde e da doença aparecem relacionadas nas nossas visões do biológico e do social. Pode-se ficar surpreso com a mudança ocorrida nas duas últimas décadas em relação ao impacto de nossas representações do biológico: podemos ver, a importância da doença, da saúde, do corpo, dos fenômenos biológicos como objetos metafóricos, como suportes do sentido de nossa relação com o social.⁸⁷

Temos uma sociedade que, por um lado, possui um discurso de que “a saúde” ocupa lugar central, ainda que muito ambíguo, como analisou R. Crawford (1980), na ideia denominada por ele de “saudização” de nossa sociedade no nível de seus valores fundamentais. Do outro, o modelo em curso na representação da saúde e da doença refere-se ao indivíduo sadio em oposição ao indivíduo doente, que se estendeu, até incluir hoje a própria medicina. Esta última, e não mais a doença apenas, tornou-se metáfora do social e

⁸⁷HERZLICH, Claudine. A Problemática da Representação Social e sua Utilidade no campo da doença. *Op.cit.* 2005.p.66.

lugar de expressão privilegiada de nossa relação com o modelo.⁸⁸

As sociedades contemporâneas apresentam uma forte tendência em cultuar a magreza como padrão de beleza e esse processo vem se acentuando nos últimos anos do século XX e início do século XXI. Assim, esses ideários influenciam e potencializam preocupações crescentes nos adolescentes e jovens, principalmente em mulheres. As mudanças corporais inerentes ao período de desenvolvimento como deposição de gordura nos quadris, aumento de peso, abdômen e formas corporais de um modo geral, estão presentes no quadro de preocupações das mesmas. Nesta fase, observa-se um esforço exagerado na busca do peso ideal, na crença de que serão mais admirados e valorizados, levando-os a utilizarem diversos métodos para emagrecer em busca do corpo idealizado.⁸⁹

Conforme observamos na literatura especializada e nos meios de comunicação, o que inclui o advento da internet, a eclosão dos transtornos alimentares tem sido um assunto amplamente discutido na sociedade, principalmente, pelo aumento de sua incidência nas últimas décadas.⁹⁰ Para além dos discursos científicos e midiáticos, podemos refletir a relação desses com as mudanças na organização social, nas relações interpessoais e dos indivíduos com o corpo, além de influências externas, tanto pela propagação da magreza pelas mídias e moda, quanto às novas configurações de saúde constituídas pelas ciências e pela sociedade.

A eclosão de casos de transtornos alimentares e o desenvolvimento de quadros patológicos acentuados de Anorexia Nervosa nos traz uma necessidade de reflexão sobre as possíveis representações do fenômeno, desenvolvido potencialmente na adolescência e na juventude. Desse modo, é importante inserir uma contextualização histórica acerca do papel das culturas juvenis, especificamente, para refletir a perspectiva como representação patológica ou como estilo de vida da Anorexia se constituiu na virtualidade.

Em análise, muitos termos e conceitos são utilizados para caracterizar o período de vida que compreende a fase que focamos neste estudo. Juventude, adolescência, mocidade, flor da idade e puberdade são alguns que compreendem esse desenvolvimento. Contudo, é importante citar que no Brasil, há um uso concomitante de dois termos: adolescência e juventude. Suas semelhanças e diferenças nem sempre são esclarecidas e suas concepções se

⁸⁸HERZLICH, Claudine. A Problemática da Representação Social e sua Utilidade no campo da doença. *Op.cit.* 2005. p.67.

⁸⁹BITTENCOURT, Liliane de Jesus e ALMEIDA, Rafaela Andrade. Transtornos alimentares: patologia ou estilo de vida? *Op. cit.* 2013.

⁹⁰GONZAGA, Ana Paula e WEINBERG, Cybelle. Transtornos Alimentares: uma questão cultural? *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental.* 2005, VIII, 1, V-VI.

superpõem, ora constituem campos distintos, mas complementares, ora traduzem uma disputa de abordagens.⁹¹

Conforme os argumentos de Silva e Lopes (2009), o termo adolescência parece estar mais vinculado às teorias psicológicas, considerando o indivíduo, como ser psíquico, pautado pela realidade que constrói e por sua experiência subjetiva. Ao passo que o termo juventude parece ser privilegiado no campo das teorias sociológicas e históricas, no qual a leitura do coletivo prevalece. Sendo assim, a juventude só poderia ser entendida na sua articulação com os processos sociais mais gerais e na sua inserção no conjunto das relações sociais produzidas ao longo da história.⁹² Nessa perspectiva, entendemos que abarcar as duas noções enriquecerá os debates sobre o público analisado. De modo que, as categorias de adolescência e juventude são entendidas como construção social, histórica, econômica, cultural e relacional, determinadas em um processo permanente de mudanças e ressignificação nas sociedades contemporâneas.⁹³

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência constitui um processo fundamentalmente biológico, durante o qual se acelera o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrangendo as idades de 10 a 19 anos, divididas nas etapas de pré-adolescência (dos 10 aos 14 anos) e de adolescência propriamente dita (de 15 aos 19 anos). Já o conceito de juventude resume uma categoria sociológica, que indica o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar, quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos.⁹⁴

A partir da leitura de Pais (2005), percebemos algumas questões centrais no debate acerca de culturas juvenis. Essas dizem respeito a dilemas que envolvem a afirmação de identidades individuais no plano da sexualidade, da expressão corporal, dos sentimentos, da realização pessoal, entre outros. Assim, surgem movimentos sociais contemporâneos, incluindo os juvenis, que se manifestam como forma de expressão cultural, tendo a manifestação da rebeldia perante as formas institucionais de repressão da individualidade.

No campo das culturas juvenis, José Machado Pais (2005) argumenta em *Jovens e Cidadania*, que as ritualidades juvenis aparecem como uma espécie de celebração da

⁹¹ SILVA, Carla Regina. LOPES, Roseli Esquerdo. Adolescência e Juventude: entre conceitos e políticas públicas. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*. São Carlos, Jul-Dez 2009, v.17, n.2, p. 87-106. p.88

⁹² SILVA, Carla Regina. LOPES, Roseli Esquerdo. Adolescência e Juventude: entre conceitos e políticas públicas. *Op. cit.* 2009, p.88.

⁹³ *Ibidem*, p.92.

⁹⁴ Organização Mundial de Saúde/OPS (1985). SILVA e LOPES, *Op. cit.* 2009, p.88.

diferença e da autonomia. Essas culturas são formas pela reivindicação de uma existência nem sempre objeto de reconhecimento social.⁹⁵ Nesse sentido, Pais (2005) aprofunda a discussão sobre as condutas de risco, a qual alguns jovens se envolvem. No caso da Anorexia, podemos pensar que em parte, há uma consciência do risco quando analisamos sob a ótica da motivação e das práticas anoréxicas. O autor cita no texto que:

As condutas possibilitam pôr em ação dotes de ousadia e de habilidade, logrando uma efetividade da qual carecem em situações rotineiras. A excitação do risco alimenta-se de uma “coragem de existir”, coragem que se demonstra na exposição ao risco e na submissão à qualidade de prova. O que conta, para alguns jovens, parece ser a possibilidade que têm de, numa fase de vida em que a maioria dos discursos dominantes lhes outorgam um vazio de poder, se entregarem a atividades cuja visibilidade é incrementada pelos riscos (reais ou pressentidos) que lhes aparecem associados.⁹⁶

Segundo Pais (2005), devemos considerar os sentimentos de pertencimento e as subjetividades que se investem nas relações de sociabilidades e o universo de sentimentos e fantasias dado na natureza de investimentos emocionais dos jovens. Assim, as identidades (individuais e grupais) não são determinadas por interesses racionais, sendo construídas de forma complexa por questões psicológicas, sociais, culturais, entre outras.

Na adolescência, o crescimento e o desenvolvimento físico são muito intensos. O organismo que está crescendo passa por muitas modificações rápidas e até bruscas, que não serão necessariamente permanentes, como por exemplo, o aumento de gordura nas meninas. As alterações emocionais também são muito significativas – a “rebeldia”, a busca de independência e de autonomia são algumas características marcantes. Além disso, a manutenção do peso em um adulto é algo normal e esperado, porém na puberdade a média de peso de uma menina pode variar de 34 Kg aos 11 anos para 48 Kg aos 13 anos. Ou seja, um aumento de peso de 41% em 2 anos, o que requer, inclusive, um aumento diário na ingestão calórica durante esse período.⁹⁷

A busca pelo ideal de beleza magra e da imagem corporal perfeita representam importantes aspectos da *motivação anoréxica*, sendo difundidas não apenas nos blogs nessas primeiras décadas do século XXI, mas também em revistas femininas no decorrer do século XX. A forte pressão social sob o universo feminino na busca por esses ideais envolvem uma gama de questões centrais para entendimento do fenômeno da Anorexia. Dentre as quais

⁹⁵PAIS, José Machado. Jovens e Cidadania. *Sociologia, problemas e práticas*. Lisboa. n.49, 2005, p. 53-70.

⁹⁶*Ibidem*, p. 55 e p. 63.

⁹⁷ FIGUEIREDO, Manuela. Alimentação na adolescência. *Revista de Transtornos Alimentares dos Cadernos da Ceppan*. Edição nº 3: 2008. p. 7.

dialogamos no estudo, o corpo, a beleza, o dualismo exterior/interior, a libertação física e sexual, questões de gênero, entre outros.

A discussão do papel das mídias na propagação desses ideais e sua alusão nas revistas femininas representam uma das possibilidades de aprofundamento das questões que rodeiam o objeto. Assim, analisaremos fontes secundárias, especificamente, as que analisam a revista *Capricho*, no período que compreende a década de 2000. A escolha em analisar trabalhos científicos sobre a revista se deu pela destinação da revista estar direcionada ao público feminino de adolescentes, representando uma forma de expressão das culturas juvenis daquele período. Assim, Gelatti e Amaral (2009) argumentam que a revista transmite em seu discurso, a sensação de que todas as adolescentes compartilham angústias e preocupações e por isso só elas são capazes de compreender e de se ajudarem mutuamente.⁹⁸ As autoras chamam a atenção para a auto intitulação e propaganda da revista *Capricho* voltadas aos anunciantes. Vale citar que a mesma se vende como:

A “líder absoluta na comunicação com as garotas brasileiras”: a *Capricho* é a maior marca *teen* do país! É uma das únicas marcas *teen*, do mundo, a possuir revista, site, eventos e produtos variados com liderança absoluta em cada uma dessas plataformas. Foram vendidas 200 mil revistas por mês (com crescimento de 41% na circulação em 2008), 20 mil meninas em seus eventos de moda e música, quase 8 milhões de produtos licenciados vendidos no ano (*underware*, maquiagem, perfume, agenda, etc.) e a maior audiência e *time spent* entre sites para jovens meninas. No mesmo site para os anunciantes da Editora Abril está disponível o perfil do público, constituído por 88% de mulheres e 61% de jovens entre 10 e 19 anos. Para fins publicitários, considera-se que o total de leitores era de 2.006.000 naquela época.⁹⁹

Os aspectos desenvolvidos deram margem para aprofundarmos os eixos norteadores do capítulo seguinte. Assim, discutimos a definição de adolescência e de juventude, expondo o público mais atingido pelo quadro patológico, principalmente, de mulheres. Isto posto, abordaremos a seguir, debates sobre indivíduo, identidade, internet e o papel central do corpo e da beleza na representação do fenômeno. Além de aprofundar os discursos midiáticos da revista *Capricho*, para entender a influência das revistas femininas na definição dos padrões de beleza contemporâneos. Em relação aos blogs, analisaremos seu papel como um dispositivo de representação, sentido e linguagem da Anorexia para adolescentes Pró-Ana.

⁹⁸GELATTI, Juliana Reichembach. AMARAL, Márcia Franz. Estilo de vida e identidade juvenil: a revista *Capricho* sob uma perspectiva atual. Intercom – *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Blumenau*. 28 a 30 maio de 2009. p. 4.

⁹⁹*Ibidem*, p. 10-11.

CAPÍTULO 2- Blogs Pró-Ana e “Questões de debate”: indivíduo, corpo, beleza, internet e mídia

Neste capítulo, vamos debater conceitos que envolvem algumas categorias analíticas fundamentais ao desenvolvimento do estudo, tal como as ideias de indivíduo, internet, corpo e, sobretudo, a discussão do blogs Pró-ana como um dispositivo onde se “inscreve” as *práticas anoréxicas* como um estilo de vida. Não obstante, o debate será confrontado pelos padrões de apresentação social, nomeados pelos ideais de beleza magra e de imagem corporal perfeita. Além do mais, aprofundaremos a discussão sobre o conceito de beleza na história e o papel das mídias como principal meio de produção, circulação e transmissão de mensagens corporais construindo um senso estético e propagando desses ideais. Portanto, nos vale adentrar em conteúdos, reportagens e matérias que difundem assuntos correspondentes à estética e às jovens, tal como as que discutem a Anorexia na adolescência.¹⁰⁰

2.1- “Debates contemporâneos”: indivíduo moderno e Identidade Cultural

É importante afirmar que a ideia de sujeito se refere à uma categoria analítica constituída a partir do conceito de indivíduo. A noção de sujeito defendida no texto se relaciona com a temática de saúde e doença. Desse modo, os sujeitos são constituídos em um contexto e, ao serem classificados ou interpelados, assumem certas identidades, a partir das quais se dá um processo de subjetivação, no qual eles têm que lidar com as identidades que lhes são atribuídas, “ressignificando” e/ou operando com essas classificações.¹⁰¹

Em paralelo à questão do sujeito, a temática da identidade tem um papel central no entendimento das categorizações culturais na contemporaneidade. A identidade tem sido um objeto amplamente discutido na teoria social, mas que se apresenta como um fenômeno social demasiadamente complexo e carregado de ambiguidades em sua conceituação.

A chamada “crise de identidade”, apontada por Stuart Hall, é vista como parte de um processo de mudança, que está deslocando as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas, abalando, sobretudo, os quadros de referência que davam aos indivíduos uma

¹⁰⁰SILVA, Brianna Costa de Macedo. OLIVEIRA, Russel Petresson Bezerra. A influência da Revista Capricho na construção de um senso estético entre as jovens. *Anais da IX Semana de Educação Física*. Universidade Federal do Sergipe. 10 a 13 de abril de 2012. p.2.

¹⁰¹MARINI, Marisol. *Diário de peso - saberes e experiências sobre os Transtornos Alimentares*. Op. cit. 2013. p.15.

ancoragem estável no mundo social.¹⁰²

O debate em torno da questão da identidade nos remete a certa dependência ao conceito de sujeito. Desse modo, partimos dos preceitos de Stuart Hall, que as identidades modernas estão sendo descentradas, ou seja, deslocadas e fragmentadas. As mudanças nas estruturas das sociedades no final do século XX têm alterado as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Assim, não é só o quadro social que está em transformação, mas também nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós mesmos como sujeitos integrados. Esse duplo movimento de deslocamentos, da perda de um sentido de si estável (descentramento do sujeito) e do seu lugar no mundo social e cultural se caracteriza como a “crise de identidade”.¹⁰³

As identidades culturais, no sentido plural, produzem o que chamamos de sujeitos pós-modernos. Esses são compostos não de uma única identidade, mas de várias, algumas contraditórias ou não resolvidas. Segundo Hall, o processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Portanto, a identidade se constitui como uma celebração móvel, definida historicamente, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.¹⁰⁴

Com base no processo de descentramento da identidade e do sujeito apontado por Stuart Hall, é importante demonstrar os aspectos centrais do deslocamento do sujeito do Iluminismo para o sujeito pós-moderno, ocorrido, principalmente, na segunda metade do século XX. Assim, o primeiro deslocamento se refere às tradições do pensamento marxista, que tiveram forte reinterpretação nas décadas de 1960, trazendo, sobretudo, a afirmação que “os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas”. Já o segundo importante descentramento no pensamento Ocidental, vem da “descoberta” do inconsciente por Sigmund Freud, cuja teoria defende que nossas identidades, sexualidade e estrutura dos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente.

O terceiro descentramento advém do trabalho do linguista estrutural Ferdinand Saussure, seu argumento gira em torno de que, nós não somos os autores das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua, nos submetendo aos “utilizadores”

¹⁰²HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina. 2013. 12ªed. p. 9.

¹⁰³*Ibidem*, p.10.

¹⁰⁴*Ibidem*, p.12.

das regras da língua e dos sistemas de significados de nossa cultura. Portanto, o autor defende a língua como um sistema social e não individual. O quarto descentramento provém do trabalho do filósofo e historiador Michel Foucault, cujos estudos construíram uma genealogia do sujeito moderno, destacando um novo poder, o qual o autor chama de “poder disciplinar”, desenvolvido ao longo do século XIX e que teve seu ápice no início do século XX. Foucault mostrou que a preocupação dessa nova “modalidade” de poder estava voltada à regulação em primeiro lugar, ou seja, a vigilância é o governo das populações inteiras, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo.

Vale ressaltar, outro ponto que Hall chama atenção na obra de Foucault, quanto ao ponto de vista da história do sujeito moderno, é que embora o poder disciplinar seja produto de instituições coletivas e de grande escala da modernidade tardia, suas técnicas envolvem uma aplicação do poder e do saber que “individualizam” ainda mais o sujeito, envolvendo mais intensamente seu corpo.¹⁰⁵ O quinto e último descentramento se dá pelo impacto do feminismo, tanto como uma crítica teórica, quanto como um movimento social. O feminismo é parte daquele grupo de movimentos sociais que emergiram na década de 1960, representando um dos grandes marcos da modernidade tardia.

O entrecruzamento desses descentramentos, discutidos por Hall, mapeiam, em alguma medida, as mudanças conceituais defendidas por vários teóricos para o deslocamento do sujeito moderno, resultando em identidades abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas, do sujeito pós-moderno.¹⁰⁶

Neste tópico, dialogamos com os objetos de Stuart Hall em *A Identidade Cultural na pós-modernidade* (2015), buscando definir um aporte conceitual às práticas e experiências relatadas nos Blogs Pró-ana, como um dos demarcadores das identidades culturais do sujeito pós-moderno, que apesar da transitoriedade, expressam importantes elementos de continuidades e descontinuidades em relações “dualistas” entre individual/coletivo, real/virtual, doença/estilo de vida. Assim, considerando esses fatores, a construção das identidades culturais descentradas e fragmentadas também pela/na virtualidade constituem uma possível campo de representação social da Anorexia na contemporaneidade.

¹⁰⁵HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Op. cit. 2013, p. 26.

¹⁰⁶*Ibidem*, p. 28.

2.2- Historicizando o Corpo e a Beleza: identidade social, imagem corporal e padrão de beleza magra nas mídias e na sociedade

2.2.1- Corpo e Corporeidade

O corpo é um importante objeto histórico que circunstancia o desenvolvimento humano em suas distintas formas de “construção”. Assim, diferentes concepções atravessaram a ideia que se tem do corpo: natural, biológica, cultural, simbólica, entre outras. Nesse sentido, corroboramos com os argumentos de Goellner (2003), onde ela afirma que “pensar o corpo como histórico é pensar sua tessitura a partir da cultura e da linguagem, de modo que rompe-se com a forma naturalista pela qual o corpo foi pensado, explicado, classificado e tratado”.¹⁰⁷

Nas sociedades ocidentais, a visão moderna que se tem do corpo é de alguma forma representada pelo conhecimento biomédico e pela anatomofisiologia, que repousa em uma concepção particular de indivíduo. Segundo argumenta David Le Breton em *A Sociologia do Corpo* (2007), foram necessários o dismantelamento dos valores medievais e as primeiras dissecações anatômicas para distinguir o homem do corpo.

Além disso, o encontro com a filosofia mecanicista, que tinha Descartes como seu mais sutil porta-voz, estabeleceu o corpo como outra forma mecânica. A nova sensibilidade individualista nascente foi necessária para que o corpo fosse visto como algo separado do mundo que o acolhe e, que dá significação e também do homem ao qual dá forma. Ou seja, essa concepção implica na separação do homem do cosmo (não é mais o macrocosmo que explica a carne, mas uma anatomia e uma fisiologia que só existe no corpo); da separação do homem dos outros (ascensão de uma sociedade do tipo individualista) e finalmente, da separação do homem de si mesmo (o corpo é encarado como diferente do homem).

Historicamente, a ideia que se tem do corpo designa diferentes formas de interpretações das visões científicas e de concepções e imaginários sociais. É importante refletir que o corpo para biomedicina é um objeto que não se capta em totalidade, essa ideia nos permite fazer uma série de objeções dependendo da ótica de análise no tempo e no lugar que ele reside. Desse modo, Goellner (2003) nos serve de aporte para pensar algumas questões acerca do corpo:

¹⁰⁷GOELLNER, Silvana Vilodre. “A produção cultural do corpo.” In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) *Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, Vozes, 2003. p. 28.

O corpo é uma construção, sobre a qual, são conferidas diferentes marcas, em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais e étnicos. Não é, portanto, algo *a priori*, nem mesmo é universal: **o corpo é provisório, mutante e mutável, suscetível a inúmeras intervenções consoante do desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, bem como suas leis, códigos morais, as representações que se cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz (...)**. O corpo é o que dele se diz, uma construção feita também pela linguagem. Ou seja, ele não apenas reflete o que existe. A linguagem cria-o existente e, com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades, instituir, por exemplo, o que é considerado corpo belo, jovem e saudável. Representações que não são universais nem fixas, mas que são temporárias e inconstantes e variam conforme lugar/tempo onde o corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido.¹⁰⁸

A ciência debruçou-se sobre o corpo como um objeto de intervenção e de conhecimento. O corpo passou a ser objeto de trabalho não apenas do saber médico, expandindo-se também para áreas como a Psicanálise, a Psicologia e as Ciências Sociais. O controle e a regulação sobre ele constituiu-se como um dos emblemas da racionalização moderna, especialmente, na medicina. Acerca desta questão, Michel Foucault promoveu importantes reflexões, de modo que para ele, o corpo é uma realidade biopolítica, sendo espaço de doença e objeto de intervenção pelo discurso médico. Dessa forma, com o advento da sociedade capitalista, o corpo e as formas de controle sobre ele foram exercidas e organizadas por meio da associação da disciplina com a medicina. Segundo Foucault (1989):

O capitalismo desenvolveu-se em fins do século XVIII e início do XIX, e socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se operou simplesmente pela ideologia, mas começou no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica.¹⁰⁹

Com base nos discursos de saúde e de bem-estar, a medicina passou a controlar os corpos a partir de um conjunto de saberes e poderes, instaurando questões voltadas à gestualidade, a correção do corpo, a limpeza e a higienização. Segundo Goellner (2003) os argumentos que reafirmam essa questão perpassam pela prática de diferentes métodos disciplinares, como:

A classificação das paixões, a definição do que seriam desvios sexuais, as aparelhagens para corrigir as anatomias defeituosas, os banhos de mar, a

¹⁰⁸GOELLNER, Silvana Vilodre. “A produção cultural do corpo.” In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) *Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, Vozes, 2003. p. 28/29.

¹⁰⁹FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da clínica*. Op. cit. 1989. p. 80.

modelagem do corpo por meio da atividade física, a criação de tabelas que servissem de base para classificar e estabelecer valores da média da população em peso, idade e nas aparências físicas predeterminadas.¹¹⁰

As mudanças históricas ocorridas nos conceitos do corpo e também da beleza possibilitaram a emergência de uma nova dinâmica das práticas cotidianas sobre o corpo, ao longo do século XX. A representação desses conceitos se relaciona com os fatores integrantes dos quadros clínicos dos transtornos alimentares nas últimas décadas. Assim, consideramos o avanço da mídia e dos meios de comunicação na defesa/propagação de práticas discursivas “disciplinadoras” em prol do padrão de beleza magra e da imagem corporal perfeita, como elementos importantes de debate, de modo que esse perpassa a questão do indivíduo e as suas relações com o corpo, cultura e poder na transição do século XIX ao século XX. Conforme Araújo e Meneses (2011):

A intervenção da medicina, da ciência e do capitalismo fez emergir práticas voltadas para garantir aos corpos, força física, vigor, robustez, dinamicidade e energia, a serem conquistadas, também, com a prática dos banhos de mar, dos passeios ao ar livre, da ginástica, entre outros.¹¹¹

A ideia de corpo e corporeidade no processo histórico-social contemporâneo é importante para que possamos desenvolver um plano de análise da representação social da Anorexia. À luz do desenvolvimento desta investigação, é preciso aprofundar questões tanto do corpo anátomo-físico, quanto da corporeidade histórico-política. Assim, ambos são discutidos no campo da individualidade e da coletividade e conotam um entendimento da relação do homem com o mundo, seja por meio das ações que tecem as tramas da vida cotidiana, seja pelas atividades perceptivas desenvolvidas por meio de significações precisas no mundo que o cerca.

É importante refletir que o corpo é um objeto que não se capta em totalidade e que essa expressão nos permite fazer uma série de objeções dependendo da ótica de análise. Portanto, sua construção precede uma análise minuciosa do corpo anátomo-físico e da sua corporeidade histórico-política, a fim de identificarmos como esse vem operando uma forma de relação com o mundo no qual preceitos relativos à beleza, estão associados à preocupação excessiva com a aparência e com a saúde e que predominam na cultura de consumo

¹¹⁰GOELLNER, Silvana Vilodre. “A produção cultural do corpo.” In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) *Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, Vozes, 2003. p. 35.

¹¹¹ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega de. MENESES, Joedna Reis de. Histórias do corpo e do feminino no Brasil do Tempo Presente. *Op. cit.* 2011. p. 3.

contemporânea.¹¹²

O campo da condição corporal é moldado pelo contexto social e cultural que o sujeito se insere, o corpo é um vetor semântico pelo qual a evidência da relação com mundo é construída, ou seja, por meio de atividades perceptivas, expressão de sentimentos, usos físicos, conjunto de gestos e mímicas, produção de aparência, técnicas, exercícios físicos, relação com a dor e com o sofrimento, entre outros.¹¹³ Neste estudo, nos vale explorar os aspectos culturais expressos nos sistemas de significados e de símbolos da sociedade do consumo. Sendo assim, é importante refletir a (re)produção de práticas discursivas “disciplinares” sobre o corpo e sua imagem, que ora constroem os ideários, as práticas de consumo e do culto ao corpo, ora legitimam o poder do corpo sobre a vida, ou sobre a “existência”.

A socialização da experiência corporal é constante na condição social do homem e encontra, em certos períodos da existência, experiências de formação e desenvolvimento corporais significativas, como nas fases da infância e da adolescência. Dessa forma, a totalidade de elementos que compõem o corpo, se dá pelo efeito conjugado da educação recebida e das identificações que levam o sujeito assimilar os comportamentos de seu círculo social. Contudo, a aprendizagem das modalidades corporais e da relação do indivíduo com o mundo, não estão limitadas às essas fases, mas se constituem durante toda vida conforme as modificações sociais e culturais que se impõe ao estilo de vida, aos diferentes papéis que convém assumir no curso da existência.¹¹⁴

Le Breton contextualiza na sua obra, que no final dos anos de 1960, a crise de legitimidade das modalidades corporais da relação dos seres humanos entre si e com o mundo, amplia-se consideravelmente com o feminismo, a “revolução sexual”, o *body-art*, a crítica ao esporte e a emergência de novas terapias, criticando a ambição de associar esse “ser humano” somente ao corpo físico-orgânico.

A aparência corporal responde a uma ação do sujeito relacionada com o modo de se apresentar e de se representar. Engloba a maneira de se vestir, a maneira de se pentear e ajeitar o rosto, de cuidar do corpo, etc., quer dizer, a maneira cotidiana de se apresentar socialmente, conforme as circunstâncias. O primeiro constituinte da aparência tem relação

¹¹²IDA, Sheila Weremchuk. SILVA, Rosane Neves da. Transtornos alimentares: uma perspectiva social. *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza. Vol. 2 – n.2 – p. 417-432, set/2007.

¹¹³LE BRETON. David. *A sociologia do corpo*. Op. cit. 2007.p. 7.

¹¹⁴ *Ibidem*, p.9

com as modalidades simbólicas de organização sob a égide do pertencimento social e cultural do sujeito. Elas são provisórias, amplamente dependentes dos efeitos de moda. Por outro lado, o segundo constituinte diz respeito ao aspecto físico do sujeito sobre o qual dispõe de pequena margem de manobra: altura, peso, qualidades estéticas, etc. São esses os traços dispersos da aparência, que podem facilmente se metamorfosear em vários indícios, dispostos com o propósito de orientar o olhar do outro ou para ser classificado, à revelia, numa categoria moral ou social particular.¹¹⁵

Acerca dos aspectos importantes percebidos sobre o corpo na modernidade, Le Breton utiliza os argumentos que Jean Baudrillard faz do corpo, como “o mais belo objeto do investimento individual e social”. Desde 1970, no campo de manipulação de símbolos que caracteriza o consumo, em *A sociedade de consumo*, o autor deixa claro os limites e as ambiguidades da “libertação do corpo”. A redescoberta do corpo, após uma era milenar de puritanismo, sob o signo da libertação física e sexual, sua inteira presença na publicidade, na moda, na cultura de massa, ou no culto da higiene, da dietética, da terapêutica, no qual ele é envolvido; além da obsessão de juventude, de elegância, de virilidade/feminilidade, dos cuidados, dos regimes, das práticas de sacrifício a ele ligadas e do mito do prazer que o envolve - todos testemunham que o corpo tornou-se objeto de suma reverência.

O dualismo da modernidade não mais opõe a alma ao corpo, mas sutilmente opõe o homem ao corpo como se fosse um desdobramento. Destacado do homem, transformado em objeto a ser moldado, modificado e modulado conforme o gosto do dia. Nessa vertente da modernidade, o corpo é associado a um valor incontestável. Ele é psicologizado e torna-se um lugar alegremente habitável graças a esse suplemento de alma (suplemento de símbolo). A preocupação com a aparência, a ostentação, o desejo de bem-estar que leva o sujeito a correr ou a se desgastar, a velar pela alimentação ou a saúde, em nada modifica, no entanto, a ocultação do corpo que reina na sociabilidade.¹¹⁶

A paixão moderna pelas atividades de risco nasce da profusão dos sentidos que o mundo contemporâneo sufoca. A perda de legitimidade dos referenciais de sentido e de valores desestabiliza o panorama social e cultural. Trata-se a partir daí de experimentar, às custas do corpo, a capacidade íntima de olhar a morte de frente sem fraquejar. Quando a sociedade é incompetente em sua função antropológica de orientação da existência, resta

¹¹⁵LE BRETON, David. *A Sociologia do corpo*. Op.cit. 2007, p.77.

¹¹⁶ *Ibidem*, p.87.

interrogar a morte para saber se viver ainda tem sentido. Somente a morte solicitada “simbolicamente”, como se fosse um oráculo, pode expressar a legitimidade do existir. Portanto, ela é uma instância geradora de sentido e de valor quando a ordem social se esquivava desse papel.¹¹⁷ Nessa conjuntura, nos vale refletir o quanto os discursos sobre a Anorexia, ou das práticas anoréxicas defendidas nos Blogs apresentam aspectos da existência do sujeito moderno e como a “busca” pela morte expressa essas possíveis atividades de risco, em que é considerada um “oráculo”, último de libertação.

Tendo como base a leitura de Daniela Silva (2005) e os argumentos de David Le Breton (2007), podemos identificar aspectos importantes para a discussão bibliográfica acerca do indivíduo, corpo e cultura. Assim pensamos a relação para contextualizarmos as categorias culturais de pensamento como parte integrante de elementos simbólicos constitutivos de uma dinâmica cultural, que englobam tanto a discussão de identidades¹¹⁸, quanto de corpos personificados, que respondem a padrões de apresentação social,¹¹⁹ sejam eles, da magreza e da imagem corporal perfeita.

Citamos outra abordagem analítica que relaciona os transtornos alimentares ao conceito de *embodiment*. Mesmo não operando com esse conceito reafirmamos que é importante abordá-lo para delimitar outras perspectivas de estudo do corpo anoréxico. A discussão de *embodiment*, apresentada por Erika Fischer-Lichte contribuiu para uma reflexão a respeito da relação do corpo com sua representação, interpretação e (não) atuação. A apropriação e utilização do conceito se deu por estudos antropológicos, questões da composição do corpo, crenças e práticas relacionadas ao nascimento, puberdade e morte, doenças e os procedimentos para sua cura, técnicas corporais, entre outros.¹²⁰

2.2.2- História da Beleza

Aprofundando os debates em torno da noção de beleza, buscamos dialogar com os argumentos do historiador Georges Vigarello, principalmente, na quinta parte de seu livro *História da Beleza*, onde ele a discute a beleza democratizada, analisada no recorte temporal

¹¹⁷LE BRETON, David. *A Sociologia do corpo*. Op.cit. 2007, p. 89.

¹¹⁸SILVA, Daniela Ferreira Araújo. A pessoa nos transtornos alimentares: elementos de uma economia simbólica. *XXIX Encontro da ANPOCS*. GT: Corpo, biotecnologia e saúde. Out. 2005.

¹¹⁹Termo retirado do artigo de JODELET, Denise. Imaginaires érotiques de l’hygiène féminine intime. *Approche anthropologique*. *Connexions*, 2007/1, n° 87, pp. 105-127.

¹²⁰FISCHER-LICHTE, Erika. *The Semiotics of Theatre*, tr. Jeremy Gaines and Dores L. Jones (Bloomington: Indiana U P, 1992).

de 1914 à 2000. Inicialmente, o autor sinaliza um processo de intensa psicologização dos comportamentos que associava beleza à estética física e percepção de si. A partir das primeiras décadas do século XX, a noção de beleza física tornou-se indissociável da existência, dos temas de bem-estar e da saúde. Portanto, a beleza e os cuidados decorrentes dela correspondiam à demanda de estar bem dentro da pele, de se sentir em acordo com consigo mesmo e com a vizinhança. Assim, a beleza se limita menos ao arranjo dos traços individuais para participar das maneiras globais, das quais o indivíduo de hoje afirma sua identidade.¹²¹

Um dos aspectos que demonstram a presença e o impacto da norma coletiva frente às formas individualizadoras se constituiu no processo de mutação iniciada nos anos de 1920, que levou à silhueta “flecha de hoje”, uma imagem de flexível, musculosa, misturando “bem-estar e ventre liso”. Vigarello (2006) descreveu que o corpo colocaria sua própria liberdade de forma inovadora, ligando a beleza e o bem-estar como objeto dominante. Assim, portes mais ativos, maquiagens mais coloridas, peles mais visíveis e protegidas equivaleriam a afirmações individuais. Vale dizer que a magreza correspondia às expectativas sociais: as que visavam eficácia e adaptabilidade, destinadas a dar ao corpo feminino um novo dinamismo de “liberdade”.

As palavras “linha”, “reto” e “simples” eram recorrentes nos livros de moda, os ímpetos verticais se conjugam nos delineamentos do corpo. Nos Anos Loucos, as pernas alongadas deslocam a relação dos membros: “coxas longas e nervosas” sistematicamente associadas à “linha magra”. A altura do pé à cintura, que durante muito tempo foi conservada no dobro da do tronco, nas revistas de moda do século XIX, atingiu o triplo desta altura, nas mesmas revistas. Dessa forma, as linhas femininas não eram apenas jogos de imagens ou de palavras, mas adquiriram sentido específico no entreguerras, apresentando na estética feminina, descrições que sugeriram libertação e expressando a ideia de “uma nova mulher”, a qual sugeria perfis mais ativos e a ilusão de ter conquistado direitos, ao menos o de recusar o espartilho.¹²²

O crescimento da classe assalariada feminina naquele período constituiu um duplo aspecto no cotidiano das mulheres, o qual associava a profissão e os cuidados de beleza. As revistas de moda sinalizaram esse lento deslocamento, relacionando a elegância com a vida

¹²¹VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro. 2006. p. 143.

¹²²*Ibidem*, p. 144 e 145.

ativa, a beleza com a fadiga e a “arte” do trabalho com a permanência da elegância. Outro importante fator de deslocamento, que tem valor simbólico, pode ser visto pela marca deixada no corpo em relação às atividades “fora de casa”, os valores atribuídos ao ar, ao mar, ao sol, a luz que invadiu as fotografias da moda e o espaço, animou os perfis. Em parte, isso representaria a ideia de que o corpo surgiria ao ar livre, para fazer triunfar a verdadeira beleza. Portanto, a ideia “do lado de fora” é canônica e serve para dar destaque aos bronzamentos, opondo o exterior ao interior, transgredindo as velhas indicações do feminino e do abrigo e instaurando o “sair” como prioridade.¹²³

A apresentação de corpos ensolarados, ativos e *seminus* tiveram consequências sobre as imagens prescritas, misturando vigor e magreza, ou seja, o que fazia a beleza é um corpo magro e musculoso, que se movimentava com leveza. Essas descrições evocaram contornos afuselados, agente do movimento ignorado por muito tempo no corpo feminino. Conforme descreve Vigarello, nos anos de 1930, as medições e cifras invadiram as revistas e os tratados de beleza, os pesos e tamanhos eram atribuídos ao talhe de cada um, os índices se aguçaram, as relações se comprimiram, mais severos do que antes, o nível do peso não é mais apenas equivalente aos centímetros acima do metro, 60 quilos por 1,60m; é inferior, 55 ou 57 quilos para 1,60m, como sugere *La Coiffure et ses Modes*.

O peso foi escolhido como elemento primordial da beleza feminina, mas também como índice de saúde. O excesso de peso seria perigoso, as curvas da mortalidade e dos quilos se cruzavam para realçar os riscos sanitários implicados pela “gordura”. Vigarello (2006) traz a tabela publicada pela *Votre Beauté* de setembro de 1938, que indica cinco séries de casos de falecimento.

Quadro 5: Doenças e pesos do Corpo na Revista *Votre Beauté* 1938.

Causa de morte	Magras	Normais	Gordas
Apoplexia	112	212	397
Doença do coração	128	199	384
Doença do fígado	12	33	67
Doença dos rins	57	179	374
Diabetes	6	28	136

¹²³VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Op. cit. 2006, p.147.

Total	315	651	1.358
-------	-----	-----	-------

Fonte: (VIGARELLO, 2006, p. 152).

É importante analisar com certa criticidade, que os dados expostos apresentavam algumas fragilidades: por exemplo, não se leva em conta a proporção do número de mulheres/idade e alguns outros pontos importantes, que as “enquadraram” nas “categorias” apresentadas pela revista. Assim, vários aspectos devem ser levados em conta para que possamos entender com mais clareza esses indicadores. Contudo, trouxemos a tabela para sinalizar o quanto os padrões de beleza têm sido construídos e difundidos pelas revistas historicamente, incluindo as da moda.

Em paralelo, no campo dos códigos e dos concursos, o recurso à medida, a insistência sobre diferença mínima foram favorecidos nos concursos de beleza. As rainhas e misses multiplicaram-se no entreguerras, a adoção da palavra *miss* confirmava a progressiva ascendência norte-americana no que se tornou parte da cultura de massa, da difusão em grande escala da imagem, do filme e do som. As modelos ganharam importância, ao serem exibidas, medidas, aparentemente “democratizadas” nas competições regulamentadas. Além de confirmarem também um afinamento progressivo, onde o Índice de Massa Corporal, por exemplo, (a divisão do número que designa o peso por aquele que designa a altura calculada ao quadrado) foi reduzido para Miss América, passando de 21,2 em 1921 para 19,5 em 1940.¹²⁴

Georges Vigarello também demonstrou como o papel do cinema, com sua explosão de imagens e extrema reprodutibilidade, aguçou os critérios de beleza no entreguerras, sempre aumentando sua difusão aos sinais físicos no espaço público, da vigilância redobrada da silhueta, da precisão da maquiagem ou da tez e da celebração dos corpos delicados e bronzeados. Além disso, promoveu como um sistema industrial, uma “usina do sonho” à moda hollywoodiana, impondo temas, universos, heróis e difundindo cultura e referências orientadas. Um exemplo se deu pelas personagens associadas ao vedetismo - expresso por atrizes desfrutadas como modelos e de anúncios inspirados em sua imagem e em seu nome. Assim, o relacionamento de “fascínio” com o modelo, acessível e longínquo, inimitável e “humano”, democratizou a vontade de embelezamento e transformou gradativamente a maneira de sonhar e de ter acesso à beleza.¹²⁵

¹²⁴VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Op. cit. 2006. p. 154.

¹²⁵*Ibidem*, p. 157.

Por meio da individualização e de inúmeros artifícios, às vezes sistemáticos, se radicalizou a questão da beleza nas democracias do entreguerras. A ideia sempre aguçada de que a beleza se constrói pela técnica e pelos materiais se potencializou com a conversão dos instrumentos cotidianos: a maquiagem, por exemplo, tornou-se um objeto fundamental. Para Vigarello (2006), acrescentou-se a isso, a ideia de que a ciência renovou a estética, reforçou a sensação de domínio, multiplicada pelas imagens de laboratórios, de microscópios e de aparelhos cromados. Esses fatores evidenciaram o surgimento de substâncias inovadoras, do aumento da cosmetologia com cremes vitaminados e hormonais, do uso de minúsculas partículas de radioativas, do recurso cirúrgico e do desenvolvimento de pesquisas em torno dos tratamentos de beleza.

A historiadora Mary Del Priore (2000), em sua análise acerca das transformações do corpo feminino no Brasil, apontou as inter-relações entre as mudanças socioculturais e o cuidado da mulher destinado ao seu corpo. O processo, que foi intensificado no século XX, evidenciou a introdução e o estímulo de práticas desportivas para o combate ao “ócio” e aos “hábitos mundanos” da juventude. Além disso, o lançamento de certos produtos de beleza que começavam a ser industrializados e a inovação dos saldos e liquidações permitia às camadas urbanas médias adotar a roupa de gente rica. Desenhando-se parte de um padrão de comportamento e beleza calcado na aparência física.¹²⁶

Já nos anos de 1950 e 1960, percebemos que hedonismo e lazer tornaram-se dois pontos importantes no campo da beleza. O consumo desarrumou o conjunto do universo estético, com a popularização de modelos numerosos, acessíveis e concretizáveis. Somou-se a importância desta divulgação, a beleza de “todos” - dos humildes, das idades, dos gêneros também passou por revisão. Portanto, o corpo tornou-se “o mais belo objeto de consumo”, daí a generalização dessa beleza, impensável até então, ao alcance da retórica lisa e versátil do mercado. Beleza mais livre também, secretamente trabalhada pela dinâmica da igualdade.¹²⁷

Segundo Vigarello (2006), o consumo estimulou as paixões tanto de imitação, quanto de afirmação. As revistas, em primeiro lugar, multiplicadas nos anos de 1960, generalizaram insensatamente a cultura estética e dos cuidados. A “massificação” da imagem e a cultura generalizada nas revistas impuseram outro personagem, cuja primeira qualidade é a das linhas desabrochadas na fotogenia, o manequim. Para o autor, a “beleza mercadoria” ou “beleza

¹²⁶DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Senac, 2000.

¹²⁷VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Op. cit. 2006, p.171.

publicitária”, substituiu a beleza mais atormentada da estrela, assim, o manequim, sistematizou o princípio de um corpo de “papel gelado”. Sendo assim, essa figura que agitou as modas e as práticas do dia teve seu reflexo limitado apenas à beleza, exigindo apenas leveza e juventude, aumentando interminavelmente o público leitor.

A beleza contemporânea, ou beleza “ensaio” como defende Vigarello (2006), representou uma explosão inesperada do embelezamento. Suas variantes e extensão, não se explicam apenas pelas práticas de consumo ou pelo imaginário de igualdade. Há uma mudança profunda que acompanhou esse dado, uma ruptura que diz respeito à identidade, ou seja, o investimento particular na imagem individual e no seu sentido. Assim, mais do que nunca essa identidade se reduz hoje ao próprio indivíduo, sua presença e seu corpo. O indivíduo e apenas ele, é responsável por suas maneiras de ser, ele é sua aparência, cada vez mais identificado com que manifesta fisicamente com o que diz. Dessa forma, a ideia de se “mostrar” é levada mais longe, expressando a ambição crescente de promover o visível, “elevando” a beleza como perfeição do indivíduo.¹²⁸

Numa outra abordagem da História da beleza, trazemos alguns pontos da coletânea organizada por Umberto Eco (2010), onde parte de sua obra traz o debate sobre a recente contemporaneidade. O autor discute os novos suportes da beleza, numa era que comporta a industrialização plena, o autor dá destaque às obras de Lichtenstein e Warhol. Assim, nos pontos que nos interessa, Eco (2010) analisa a “Beleza da Mídia”, onde critica o “enfoque” da beleza padronizada, este que é o ponto essencial da *mass media*, que é constantemente veiculada pela televisão, cinema (exemplo do ícone de Marilyn Monroe) e internet. Eco sinaliza que além dos padrões serem efêmeros, existe o atual sincretismo do Belo.¹²⁹

Além de buscar a compreensão das belezas, apresentadas a partir de um referencial contemporâneo, o autor percorreu a história da arte ocidental, fixando-se no belo tal qual o observamos hoje. De forma mais sutil, Eco admitiu que o homem cria o belo à imagem e semelhança da forma como vê e representa a si próprio. É nesse sentido, que a beleza tornar-se-ia histórica, já que igualmente histórico seria esse entendimento do homem para consigo mesmo. Eco também apresentou as disputas que tiveram seu lugar no século XX, onde as belezas provocantes e questionadoras do futurismo, do surrealismo e do cubismo de Picasso

¹²⁸VIGARELLO, Georges. *História da beleza. Op. cit.* 2006, p. 181.

¹²⁹ECO, Umberto (org.). *História da beleza: um estudo entre a história e a arte.* Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 428.

foram convidadas a dialogar com a diplomacia pacificadora da “beleza do consumo”.¹³⁰

Conforme os argumentos de Georges Vigarello (2006), na contemporaneidade converge o sentimento de poder dominar a aparência e o poder de transformá-la em sinal marcante do eu individualizado. Nisso, presume um novo tipo de conflito, um obstáculo por vezes decisivo entre as duas vertentes tradicionais que discutem beleza, a que foca no individual e a que foca no coletivo. Segundo o autor, para o indivíduo não há mais sentido em se colocar do ponto de vista do conjunto, aquele que em nossa sociedade, instalou-se como novo centro de coerência, acentuando seu sentimento de se sobressair em toda referência social.

Essa “nova” figura tem origem histórica e coletiva com o advento de uma sociedade de serviços, a propagação do consumo, a dependência do indivíduo a “círculos” sempre mais diferentes da vida social, estimulando sua aparente autonomia, sua “deslocalização”, enquanto se aceleravam as mobilidades e os mercados. A isso devemos uma intensa personalização que se impôs como fenômeno de massa e também em princípio imediato de valorização. Desse modo, as definições se transformaram: é na beleza que se mostra a personalidade de alguém, sua gestualidade, sua maneira de ser. Essa extrema personalização não levou apenas à dispersão das marcas estéticas, mas também a uma força nova dada às indicações do corpo, como um “reencontrar algo de original a partir da aparência”.¹³¹

As revistas contemporâneas inverteram o que era a obstinação e teimosia em tempos passados, modificando o curso das fórmulas e *slogans* como “amar seu corpo”, “acalmar as tensões” e “retomar a sensorialidade”, ajustando um triunfo do corpo subjetivado, de um lado a outro, pelo “ser bela não significa mais se parecer com alguma coisa ou com alguém, mas se sentir bem em seu corpo”, “encontrar produtos que convenham e correspondam à sua própria personalidade”. Ou seja, observou-se um predomínio do bem-estar com fator primordial no mercado da beleza e conseqüentemente, como princípio do embelezamento, a exemplo da ideia de “adular seu corpo”.

A visão de magreza contemporânea é dita pelo seu rigor e por sua inesgotável divulgação. Assim, é importante pensar que sua “imaginação e sentido” representam as formas lineares dadas como garantia de eficácia, a certeza de elegância, de flexibilidade. As palavras e associações retornam idênticas historicamente, como explica Vigarello, “fino,

¹³⁰ECO, Umberto (org.). *História da beleza: um estudo entre a história e a arte*. Op. cit. 2010, p. 428.

¹³¹VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Op.cit. 2006. p. 182.

tônico, cheio de energia” ou “passo felino, silhueta torneada” ou ainda “silhueta estendida, aguçada, liberando uma mensagem de energia”. Assim, a antiga beleza-decoração é substituída pela beleza-ação, não apenas a linha, mas a força latente dos traços, esse aguçamento dinâmico confirma a mudança do feminino, valorizando a motivação profissional e a operacionalidade, acentuando sem fim as garantias visuais da autonomia e da fluidez.

A magreza atual não pode ser compreendida sem referência ao universo dos movimentos, dos ritmos, dos sons da cultura contemporânea, um duplo registro que põe em jogo a erotização e a funcionalidade, ou seja, de corpos mais sensíveis e de corpos mais ativos. O fenômeno se difundiu de forma maciça, presentes nas telas, nos cliques do *showbliz*, as cenas quase domésticas da tevê-verdade (tv), invadiu a cultura jovem, instalando a música como um “mundo habitado”. Portanto, músicas e telas acompanharam os modelos coletivos, representando o princípio do bem-estar e da individualização, as duas vertentes de beleza (individual e coletiva) resistem inevitavelmente em suas formas mais atuais. É sobre essa dualidade que reside a originalidade da cultura atual: tudo parece feito para que a escolha individual possa sobressair até o fim; tudo parece feito para a responsabilidade de cada um, até mesmo seu sentimento de fracasso, prevaleça em caso de embelezamento “limitado”.¹³²

Em conclusão, a fascinação da escolha é tão forte que se impõe ainda quando a norma parece mais premente e mais coletiva, dando uma coloração bem precisa à cultura estética atual. Emagrecer, por exemplo, é uma obrigação rigorosa, generalizada, no entanto, não há nada mais individual e personalizado. A norma resiste, reclamando mais trabalho do que repouso, o emagrecimento é a “prova”, como são simplesmente as normas sociais. Isso reforça a legitimidade da linha estética, a maneira como se une, além das dispersões, a unidade paradoxal entre o indivíduo e seu ambiente. Portanto, as normas permanecem coletivas, “coerentes” apesar da profusão de subjetividades, confirmando uma convergência dos imaginários: sobre a eficácia social, sobre a elegância, o desejo, assim, as normas são recusadas ao redor de uma dualidade nova e exclusiva de bem-estar e de mal-estar.¹³³

2.2.3- Identidade social: beleza magra e imagem corporal

As sociedades apresentam uma forte tendência em cultuar os padrões de apresentação social, como por exemplo, a magreza vinculada a um padrão de beleza, integrando ao

¹³²VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Op.cit. 2006, p. 188.

¹³³*Ibidem*, p. 192.

indivíduo, uma imagem de sucesso, poder e aceitação. Assim, a realidade potencializada sobre o gênero feminino, de que há necessidade de se alcançar o ideal de mulher, magra, ativa e feminina, pode estimular adolescentes no desenvolvimento da Anorexia. Esse padrão de beleza é transmitido culturalmente através da moda, dos programas de televisão, de revistas e de propagandas, estabelecendo indiretamente quais as regras e normas deverão ser adotadas pela mulher moderna. Portanto a sociedade, principalmente a mídia e a ciência, ao mesmo tempo, que criticam a gordura e a obesidade, com a justificativa da ideia de saúde, associam-na com condenação da preguiça, da gula e da perda de controle.¹³⁴

Os padrões atuais de apresentação social de beleza, principalmente, o hegemônico de magreza, foram historicamente constituídos. Nas sociedades contemporâneas, a valorização da magreza também se apoia na centralidade do corpo e de sua imagem para a constituição de identidades culturais e de subjetividades, tendo no corpo e na corporeidade lugares de expressão da personalização e da reflexividade do indivíduo. Assim, percebemos que a imagem do corpo passou a ser amplamente utilizada como artifício cultural. Nas palavras de Villaça (2004), “é um corpo, cuja carne é investida de cultura e etiqueta, preparada para habitar a sociedade civilizada.”¹³⁵

Segundo Ribeiro e Tavares (2011), os estudos de Paul Schilder trouxeram importantes contribuições para o desenvolvimento do conceito de imagem corporal. Nos anos de 1930, Schilder abordou a imagem corporal de forma sistêmica, considerando existir, além dos fatores neurológicos e fisiológicos, o papel fundamental dos aspectos psicológicos e socioculturais na construção da imagem corporal. Ele propôs que a imagem corporal é um fenômeno multifacetado, complexo, dinâmico e experienciado por todo e qualquer indivíduo. Para ele, a imagem corporal de um indivíduo é a figuração do seu corpo formada em sua mente, ou seja, é o modo pelo qual o corpo a ele se apresenta.¹³⁶

Conforme descreve Camila Perez (2015), a imagem corporal pode ser entendida como uma concepção subjetiva do nosso corpo para nós mesmos, ou seja, a nossa própria percepção e sensação corpórea. Seu desenvolvimento acontece por meio das relações que o sujeito estabelece consigo mesmo e com os outros. Portanto, esta imagem é reconfigurada,

¹³⁴BITTENCOURT, Liliane de Jesus e ALMEIDA, Rafaela Andrade. Transtornos alimentares: patologia ou estilo de vida? *Op. cit.* 2013.

¹³⁵VILLAÇA, Nizia. O corpo dançado - Billy Eliot. In: *Logos: Comunicação & Universidade* (ISSN 0104-9933). Corpo, arte e comunicação. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social. Ano 11, n. 20, 1º semestre de 2004. p. 20.

¹³⁶RIBEIRO, P.R.L.; TAVARES, M.C.F. As contribuições de Seymour Fisher para os estudos em imagem corporal. *Motricidade*. 2011, vol. 7, n. 4, pp. 83-95. p. 84.

principalmente, durante o período da adolescência, já que é nesse período que as relações tanto consigo quanto com os outros passam por mudanças desencadeadas pela puberdade que incidem no corpo.

Os argumentos de Marisol Marini (2013) demonstram como o corpo magro tem sido valorizado e almejado no ideário contemporâneo. Para a autora, no caso específico da Anorexia, ela parece denunciar com discurso mais radicalizado, a busca desse ideal. Assim, o ideal de ossos à mostra representa a promessa de aceitação social e felicidade plena. Nesse sentido, a moda e a mídia tem papel de destaque, ao incentivarem, cada vez mais, a exibição de corpos magros e esbeltos, ditando-os como verdadeiros padrões de beleza. Tem-se a imagem como personagem principal deste cenário, já que é utilizada como sustentação do interesse do outro e também de si mesmo. Portanto, mais do que nunca, esse ideal está fortemente presente na sociedade, não apenas como um ideal estético, mas motivado por problemas em torno da alimentação, referentes ao “estilo de vida” e a lipofobia contemporânea.

É interessante observar alguns contrapontos em relação ao fenômeno da Anorexia, como no exemplo que Marini (2013) aponta em Susan Bordo (2003). Bordo propõe uma interpretação muito diversa sobre o fenômeno da Anorexia. Assim, no contexto da experiência anoréxica, ela defende que há significados e expressão de ideais, anseios e desejos de mudanças sociais muito mais profundos do que a “mera estética”, provocando questionamentos sobre os ideais socialmente valorizados. Os significados e ideais em jogo estão presentes na ideia de “não lugar”, de “negação do corpo”, expressos no ideal de uma silhueta delgada.¹³⁷

2.3.4- Mídia e Moda

A mídia tem sido vista como sinônimo de “meios de comunicação social”, que diz respeito aos veículos responsáveis pela difusão das informações, como rádio, jornais, revistas, televisão, vídeo, entre outros. Atualmente, a mídia configura-se como uma das instituições responsáveis pela educação no mundo moderno, trazendo tanto benefícios como malefícios, respondendo pela transmissão de valores e padrões de conduta e socialização de muitas

¹³⁷ BORDO, Susan R. “No Império das imagens”: prefácio para o décimo aniversário da edição de “este Peso insuportável”. *Labrys – Estudos Feministas*. Número, agosto/dezembro de 2003 *apud* MARINI, Marisol. *Diário de peso - saberes e experiências sobre os Transtornos Alimentares*. *Op. cit.* 2013, p. 19.

gerações.¹³⁸

Uma das hipóteses para se compreender a relação entre a mídia e a adolescência é sugerida por Moreira (2003). O autor pontua o quanto o sistema midiático-cultural, por intermédio da publicidade e da propaganda, modulou os comportamentos das crianças, até o ponto de serem julgados como naturais para a realidade cotidiana e até em relação à própria subjetividade. Sendo assim, crianças desde muito cedo aprendem a “ler” o mundo, a “identificá-lo” e a “desejá-lo” muito antes de serem alfabetizadas, ou até antes mesmo de aprenderem a falar. Esse efeito é possível de ser observado nas atitudes e escolhas dos jovens de hoje, que como crianças em um passado recente, foram submetidas a este processo doutrinário de educação midiática.¹³⁹

A mídia possui um papel fundamental na medida em que atua como meio de veiculação das expectativas sociais. Conforme argumenta Perez (2015), ela divulga determinado corpo como o certo, causando sentimentos de inferioridade e marginalização aos que não o atingem, ou que ao menos não se esforçam para isso. Por outro lado, atribui à conquista destes corpos uma responsabilidade pessoal, colocando o sujeito que não se adapta aos padrões como alguém que merece ser excluído. Assim, considerando que a velocidade dos meios de comunicação impossibilita a capacidade de assimilação por parte dos receptores, torna-se preocupante a internalização de modelos desacompanhados de reflexão e tomados, portanto, como naturais ao sujeito.¹⁴⁰

Buscando evidenciar uma das possibilidades interpretativas na relação entre indivíduo, psique e imagem corporal, os argumentos de Nasio apresentam o indivíduo e o seu psiquismo como foco de atenção. Para Nasio (1995), se existe um “eu” (indivíduo-psiquismo), este é resultado do efeito que o “outro” (seus pares e grupo social) tem sobre ele, ao preço da imagem, criada de si próprio, ser constituída no “outro” e pelo “outro”, ficando, primordialmente alienada neste.¹⁴¹ Partindo disso, as ações aplicadas pela mídia são eficazes na manipulação do comportamento do adolescente, visto que o desejo do adolescente se expressa na medida em que se identifica com o desejo do “outro” que, no caso, poderiam ser as mensagens, ideias e imagens promovidas pela mídia. Sendo assim, é possível compreender

¹³⁸GOMES, P.B.M.B. Mídia, imaginário de consumo e educação. *Educ. Soc.* 2001; 74:191-207.

¹³⁹MOREIRA, A. S. Cultura midiática e educação infantil. *Educ. Soc.* 2003; 24(85):1203-1235.

¹⁴⁰PEREZ, Camilla Denedo. Adolescência, imagem corporal e sociedade. *Revista de Transtornos Alimentares da Ceppan*. 2015. <http://www.redeceppan.com.br/index.php/adolescencia-imagem-corporal-e-sociedade/>

¹⁴¹NASIO, JD. *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Transmissão da Psicanálise – 41*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1995.

os motivos pelos quais os jovens, mesmo cientes da interferência da mídia em relação ao corpo, pouco alteram suas atitudes em relação ao mesmo, pois, estão voltados ao desejo do outro.

De acordo com os argumentos Saikali (2004), existem evidências que a mídia promoveu distúrbios da imagem corporal e alimentar. Diversos trabalhos e análises têm estabelecido que modelos, atrizes e outros ícones femininos vêm se tornando mais magras ao longo das décadas. Assim relatos clínicos demonstram que sujeitos com transtornos alimentares sentem-se pressionados em demasia pela mídia para serem magros e reportam terem aprendido técnicas não saudáveis de controle de peso (indução de vômitos, exercícios físicos rigorosos, dietas drásticas) através desse veículo.¹⁴²

A literatura científica é vasta no que tange a influência da mídia na promoção e difusão dos ideais culturais contemporâneos de magreza. Contudo, temos que analisar com cautela alguns pontos, visto que a simples “demonização” da mídia e da moda como as únicas vilãs na patogênese dos transtornos alimentares, deixa escapar importantes elementos para o trato histórico do objeto. Dessa forma, Susan Bordo (1993) crítica a ideia que a mídia e a indústria da moda têm sido vistas como as únicas inimigas capazes de instruir garotas passivas numa ideologia opressiva e tirânica, apoiada em recursos de imagens arbitrariamente escolhidas. Assim sendo, refletimos que a magreza teria se tornado o ideal de beleza dominante no século XX, principalmente, a partir dos anos de 1930, ficando em aberto refletir até que ponto a “massificação” do ideal ocorreu por meio da mídia/moda.¹⁴³

Com base nos argumentos apontados no decorrer do capítulo, demonstramos que o ideal de magreza voltado ao feminino foi circunstanciado por diferentes questões, as quais envolvem o corpo, a beleza, o trabalho, as rupturas do exterior/interior, a libertação física e sexual, entre outros. Porém, as revistas, o cinema e a moda tiveram um papel fundamental na disseminação e transformação para a idealização da beleza magra como hegemônica. Não obstante, as imagens veiculadas por esses meios ensinam como ser bonita e como se transformar naquilo que a cultura dominante admira, assim há um duplo movimento na construção dessa cultura, tanto de promoção, quanto de recepção das influências dos diversos campos da dimensão social.

¹⁴² SAIKALI, Carolina Jabur. SOUBHIA, Camila Saliba. SCALFARO, Bianca Messina. CORDÁS, Táki Athanássios. Imagem corporal nos transtornos alimentares. *Rev. Psiq. Clin.* 31 (4); 164-166, 2004. p. 165.

¹⁴³ BORDO, Susan. *Unbearable Weight – Feminism, Western Culture and the body*. University of California Press. Berkeley – Los Angeles – London, 1993.

Apresentando uma análise de textos que discutiram a temática midiática, percebemos que os conteúdos da revista *Capricho*, destinados ao público adolescente, representaram parte dos discursos contemporâneos de valorização da beleza magra e da imagem corporal perfeita. Esses discursos não só apregoaram esses ideais, mas também contribuíram para a patogênese dos transtornos alimentares e conseqüentemente, da Anorexia Nervosa. Desse modo, a análise de Niemeyer e Kruse (2008) descreveu algumas categorias da Revista, no período que engloba os anos de 2000, são tópicos que abordaram a problemática, como: “*Colecionando dietas*”, “*Viciada em malhação*” e “*Roupas para disfarçar o corpo*”, esses constituíram um poderoso artefato cultural, operando no sentido de “produzir” sujeitos anoréxicos.¹⁴⁴

Além dessa difusão pela cultura midiática impressa, vemos que a moda acaba por servir de espelho, tanto para as adolescentes que almejam um corpo ideal, quanto para a discussão do problema da Anorexia na sociedade. Podemos ver na publicação “*Moda e Anorexia Nervosa*” da *Revista de Transtornos Alimentares* da Clínica de Estudos e Pesquisas em Psicanálise da Anorexia e Bulimia (CEPPAN), que faz referência a temporada da moda em 2010 e as discussões que chamaram a atenção da mídia para as criações dos estilistas e o assunto da excessiva magreza das modelos.

O tema foi discutido numa série de publicações e artigos no período descrito, o exemplo da *Folha de São Paulo* em 2010, focou na predominância de modelos muito magras nas passarelas do *São Paulo Fashion Week* de janeiro daquele ano. Assim, o jornal trouxe temas como “*Hipermagreza domina as passarelas no SPFW (São Paulo Fashion Week)*”, “*Modelos recebidas pelo público, que se perguntavam se elas estariam doentes*”, “*Modelos de 18 anos, com IMC - Índice de Massa Corporal, igual ao de criança de 9 anos*”, o que seria descrito pela Organização Mundial Saúde, como magreza severa. Ainda nesta matéria, outro artigo intitulado “*De tão magras, modelos chegam a andar com dificuldade*” chamava a atenção para o escandaloso desfile de Anorexia que havia sido a SPFW e para a irresponsabilidade das pessoas do mundo da moda, que negligenciam o martírio a que se submetem essas meninas.¹⁴⁵

Nesse sentido, o artigo da *Revista de Transtornos Alimentares* de autoria de Alonso e Santis (2010), descreve as controvérsias presentes na mídia acerca da temática (moda e

¹⁴⁴NIEMEYER, Fernanda. KRUSE, Maria Henriqueta Luce. Constituindo sujeitos anoréxicos: discursos da Revista *Capricho*. *Texto, Contexto de Enferm.* Florianópolis, 2008 jul-set. 17(3): 457-65. p. 457.

¹⁴⁵ALONSO, Ana Tereza de Almeida. SANTIS, Marina Barini de. Anorexia e moda. *Revista dos Transtornos Alimentares da Ceppan*. 2010, edição n.6 p.4.

anorexia), observando que mesmo com a “preocupação” de parte da mídia em denunciar o problema, algumas revistas e sites especializados em moda feminina, o minimizaram acerca do SPFW. Como podemos ver em análise das autoras: na *Vogue Brasil* de Fevereiro de 2010, apesar da chamada de capa “*Anorexia na Moda*”, o que se encontrou na revista foi uma pequena matéria estrategicamente posicionada para passar em branco, e em seguida muitas páginas de um editorial de moda com modelos magérrimas, com grandes reportagens sobre emagrecimento e cirurgia plástica.¹⁴⁶

Em reflexão, vemos que o estudo sociocultural da Anorexia engloba as influências da dimensão social e cultural na etiologia e na patogênese dos transtornos alimentares. Devemos considerar os elementos “formadores” dos padrões de apresentação social da beleza como os ideais de magreza e do corpo perfeito, que são hegemonicamente defendidos/difundidos nas sociedades contemporâneas e que têm as revistas femininas e a moda como o reflexo espectral mais “real” dessa cultura estética da magreza. Não obstante, as mudanças na organização social, nas relações interpessoais e dos sujeitos com o corpo, têm sido fatores estudados a fim de aprofundar as controvérsias acerca da patologia cultural.

2.3- Discursos da Revista *Capricho*: As influências da mídia impressa nos ideais de beleza

A cultura midiática vem exercendo uma forte influência na construção das identidades juvenis. Ao observar os conteúdos produzidos e direcionados a esses grupos, percebemos a difusão de temas que reafirmam a ideia de pertencimento ao público-alvo. Segundo os argumentos de Gelatti e Amaral (2009), a identificação do grupo de adolescentes que leem a revista *Capricho* nos anos 2000, pode ser entendida pelo fato de que “ser uma jovem mulher naquele momento, é não estar ligada a algo que as restringe”, ou seja, participar (ou sentir-se membro) desse grupo é legitimar-se como adolescente autêntica, moderna e independente.¹⁴⁷

Nesse viés, visual dos cabelos, maquiagem, roupas e acessórios foram mostrados como protagonistas para a auto expressão e identificação do e entre o grupo. Especificamente acerca da *Capricho*, Gruszynski e Chassot (2006) descreveu que entre as garotas, sabe-se que quem lê *Capricho* é diferente de quem não a lê. O fato de ler a revista transformava as meninas num grupo que tem interesses em comum e que, por isso, comportavam-se de

¹⁴⁶ALONSO, Ana Tereza de Almeida. SANTIS, Marina Barini de. Anorexia e moda. *Op. cit.* 2010, p.4 e 5.

¹⁴⁷GELATTI, Juliana Reichembach. AMARAL, Márcia Franz. Estilo de vida e identidade juvenil: a revista *Capricho* sob uma perspectiva atual. *Op. cit.* 2009, p. 3.

determinada forma.¹⁴⁸ Baseado nos argumentos de Freire Filho (2006), vemos que essa ideia de identificação e pertencimento é amplamente explorada pela cultura midiática.

Os investimentos do aparato da cultura da mídia e do consumo na configuração de interpretações e perfis específicos da adolescência são prósperos e palpáveis. Anúncios, filmes, seriados, sitcoms, programas de auditório na TV, suplementos *teen* nos grandes jornais, revistas especializadas, entre outras produções e artefatos, ambicionam representar as necessidades e os interesses, os valores e as atitudes, os direitos e os deveres dos jovens.¹⁴⁹

Nesse sentido, é importante sinalizar os dados de circulação da revista *Capricho* em meados dos 2000, apresentados por Freire Neto (2006). Eles foram retirados do Instituto de Verificação de Circulação (IVC) de setembro de 2005, onde demonstrou que a revista era a líder no segmento jovem feminino, com tiragem de 185.000 exemplares e circulação líquida de 121.000 exemplares (37.000 assinaturas e 84.000 vendas avulsas). Seu público-alvo era constituído por 15% de homens e 85% de mulheres, na faixa de 10 a 19 anos – 13% pertencentes à classe A, 46% à classe B e 29% à classe C. A maior parte dos leitores se concentrava na região Sudeste (58%) e Sul (23%). Estimava-se que a revista recebia mais de 2.500 mensagens todo mês, por meio de carta, e-mail ou telefone.¹⁵⁰

Recuperando um pouco do processo histórico de constituição da revista *Capricho*, Gruszynski e Chassot (2006) afirmam que no período de seu surgimento, em 1952, a revista era a única publicação feminina, da editora *Abril*, tendo seu conteúdo composto por fotonovelas.¹⁵¹ Para as autoras, as mudanças significativas ocorridas na década de 1980, especificamente, em 1985, fez com que a revista se tornasse uma referência para os adolescentes, dirigindo-se ao que parecia representar um público consumidor promitente.

Segundo Freire Filho (2006), a *Capricho* objetivava congregar as adolescentes em torno da participação em uma comunidade imaginária, propiciando-lhes identificações, apoio psicológico e sentimento de pertencimento. O discurso da revista transmitia a sensação de que todas as adolescentes compartilhavam as mesmas angústias e preocupações e por isso só elas

¹⁴⁸GRUSZYNSKI, Ana Claudia. CHASSOT, Sophia Seibel. O projeto gráfico de revistas: uma análise dos dez anos da revista *Capricho*. *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 10, jul./dez. 2006.

¹⁴⁹FREIRE FILHO, João. Em cartaz, as garotas superpoderosas: a construção discursiva da adolescência feminina na revista *Capricho*. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*. VIII(2): 102-111, mai/agost. 2006. p. 103.

¹⁵⁰*Ibidem*, p. 103.

¹⁵¹GRUSZYNSKI, Ana Claudia. CHASSOT, Sophia Seibel. O projeto gráfico de revistas: uma análise dos dez anos da revista *Capricho*. *Op. cit.* 2006, p.34.

são capazes de compreender e ajudar-se mutuamente.¹⁵² Além disso, a revista se colocava numa campo de possibilidades para ser tornar a amiga da leitora, por meio da qual ela trocaria confidências e conversa sobre assuntos divertidos e polêmicos.

Na perspectiva de contextualizar os discursos e o perfil editorial da revista nas últimas décadas, principalmente, nos anos 2000, diversos autores sinalizaram mudanças operadas nesse período. Segundo Gelatti e Amaral (2009), em 2008, observou-se a ausência da seção ‘certo e errado’, que julgava o modo de vestir de garotas nas ruas. A seção ‘fique bem’ mudou o nome para ‘beleza’, comparando-se a uma caracterização, que relaciona bem menos a beleza à saúde do que a uma maquiagem bem feita.

Podemos relacionar essas mudanças com os argumentos de Freire Filho (2006), que descreve que o objetivo da *Capricho* seria criar uma ‘comunidade virtual’ entre as leitoras. Um universo imaginário onde o público da revista pudesse se identificar mutuamente e conviver, por meio e por causa da revista, superando a individualidade que caracteriza o ato da leitura. Além disso, o discurso da revista intensificava que a jovem deveria lutar para ter o que dizer de forma autêntica. Desse modo, seus ideais (e estilos de vida) deveriam ser originais e não copiados de outras épocas.¹⁵³

A revista voltou-se para a defesa de que as novas tendências da moda e do pensamento seriam elementos originais. Os argumentos de Gelatti e Amaral (2009), demonstraram que a revista difundia a ideia de que ao aderir a esse “estilo de vida” proposto, as leitoras não estariam endossando as ideias veiculadas para a massa, nem adotando a estética padronizadora – ou pelo menos rotuladora – da moda, mas tendo a oportunidade de expressarem a própria autenticidade de valores e de pensamentos através do próprio corpo, usado como outdoor.¹⁵⁴ É interessante refletir uma certa ambiguidade no discurso da revista neste período, visto que ela aclamava por originalidade entre as leitoras, mas ao mesmo tempo incentivava a difusão de padrões de beleza e de comportamentos próprios do contexto histórico de valorização de uma beleza consumo, representada em ações sobre e pelo corpo.

A análise de Freire Neto (2006) trouxe alguns encartes de propagandas da *Capricho*, veiculadas em 2005, especificamente de abril e junho, daquele ano. Neles podemos ver um

¹⁵² FREIRE FILHO, João. Em cartaz, as garotas superpoderosas: a construção discursiva da adolescência feminina na revista *Capricho*. *Op. cit.* 2006.

¹⁵³ *Ibidem*, p. 105.

¹⁵⁴ GELATTI, Juliana Reichembach Gelatti. AMARAL, Márcia Franz. Estilo de vida e identidade juvenil: a revista *Capricho* sob uma perspectiva atual. *Op. cit.* 2009, p. 4.

forte apelo ao elo íntimo pretendido entre a revista e leitora, de modo que a propaganda estava voltada não apenas ao público-alvo, mas as mães das leitoras, difundindo a possibilidade dessas mães em ter um “guia” para o entendimento do universo juvenil feminino. As propagandas de Abril e Junho de 2005 descreviam:

A *Capricho* é assim. Faz você, leitora, mergulhar cada vez mais fundo nos assuntos que só dizem respeito a você – a sua intimidade, as coisas que te envergonham e as que te movem, o estranho e fascinante mundo dos meninos. E abre uma porta para a senhora, mãe dela, entrar, sem invadir, no universo adolescente. A subsequente diz: com uma linguagem atraente e histórias de garotas da idade de sua filha, *CAPRICHÓ* leva à sua casa, a cada quinze dias, informação e diversão feitas na medida para uma adolescente. São quinze jornalistas ouvindo adolescentes para escolher os temas das capas, entrevistando médicos e psicólogos para orientar as leitoras, descobrindo as melhores dicas para uma garota se sentir autoconfiante.¹⁵⁵

A fim de adentrar na relação que se estabeleceu entre a revista e suas leitoras, refletimos os objetivos fundamentais suplantados por essa relação. Dentre estes, é necessário pensar o papel dos “estímulos” às atitudes de autonomia para a constituição de estilos de vida entre as adolescentes. Isso inclui relacionar a apologização virtual de práticas anoréxicas como elemento de construção das ações agenciadas pelas Pró-Anas. Assim, recorreremos aos argumentos de Freire Neto (2006) para elencar o papel discursivo da *Capricho* nesse campo.

Nas páginas da *Capricho*, os espaços indissociáveis do jornalismo e da publicidade propagam que, qualquer projeto de emancipação feminina implica, acima de tudo, a busca por mais “atitude”, termo de uso frequente e conceituação precária que remete, em linhas gerais, a um modo de proceder autônomo, caracterizado notadamente, no âmbito discursivo da publicação, pela interação criativa, expressiva e independente com o mundo das mercadorias, foco central de agenciamento, autoconfiança e resistência.¹⁵⁶

Em análise, a temática que relacionou a revista *Capricho* e os transtornos alimentares, encontrou-se presente no trabalho de Niemayer e Kruse (2008), intitulado *Constituindo sujeitos anoréxicos: discursos da revista Capricho*. Vimos que as autoras descreveram um contexto em que a *Capricho* é entendida como representante de uma cultura que ensinou as adolescentes a serem sujeitos com determinado corpo, que seria o “corpo certo”. Nesse sentido, nos vale dialogar com os argumentos do trabalho, a fim de construir marcos analíticos sobre a relação entre revista e adolescentes, principalmente, para entender o papel dos discursos em defesa de ideias de beleza magra.

¹⁵⁵FREIRE NETO, João. Em cartaz, as garotas superpoderosas: a construção discursiva da adolescência feminina na revista *Capricho*. *Op. cit.* 2006. p. 104.

¹⁵⁶*Ibidem*, p. 108.

Nas palavras de Niemayer e Kruse (2008), “a revista faz parte de uma pedagogia que visa à produção de identidades, à produção de um determinado tipo de corpo feminino. Ela ensina, controla e governa, exercendo, o poder de subjetivação e objetivação dos sujeitos.”¹⁵⁷ Adentrando especificamente nos significados e representações que constituem o “universo Capricho”, vemos que as técnicas de divulgação investidas pela revista, sobretudo, para a transformação do corpo por meio de dietas, exercícios físicos e moda, promoveram inúmeras práticas, sentidos e linguagens na realidade das adolescentes.

A revista possui seções com temas variados, englobando um universo ampliado do público leitor. Como apontou Niemayer e Kruse (2008), o “*check-list* de atitude” para essas leitoras, agregava temas como moda, beleza, corpo, sexo, garotos, astrologia, música e famosos. Dentre as coisas ditas aos adolescentes, a maioria dos discursos da revista estava associada a um ideal de corpo relacionado à magreza, sendo percebido tanto por meio de suas imagens, quanto em suas matérias e informes publicitários.¹⁵⁸

Ao dialogar com a análise da fonte impressa realizado por Niemayer e Kruse (2008), buscamos trazer alguns elementos discutidos pelas autoras em edições dos anos 2000, para sinalizar o papel da revista na promoção dessas ideias e as possíveis contradições dos discursos em relação à Anorexia. Primeiramente, citamos a reportagem descrita como “*Game Over – O jogo diabólico da anorexia*”, nela, a revista se posicionava contrária à Anorexia Nervosa, levantando não apenas a “bandeira” anti-anorexia, mas também dando dicas de como “reconhecer o problema”.¹⁵⁹

Corroborando com as autoras, vemos que esse discurso se tornou contraditório, ambíguo e incoerente, tendo em vista que a *Capricho* mostrou de forma latente, a idealização de um corpo perfeito, que deveria ser seguido, aproximando-se do discurso defendido pelas praticantes anoréxicas dos blogs. Assim, além de fazer prescrições que visavam controlar, manipular e intervir nesse corpo, a revista acionou tais comportamentos em suas leitoras, “incentivando” a experimentação da insatisfação com a imagem corporal.

A fim de demonstrar aspectos que podem reafirmar essa relação, Niemayer e Kruse (2008), selecionou discursos relacionados às dietas alimentares, exercícios físicos e moda. Nessa análise, as autoras constituíram tópicos direcionados a entender os discursos, sendo

¹⁵⁷ NIEMEYER, Fernanda. KRUSE, Maria Henriqueta Luce. Constituindo sujeitos anoréxicos: discursos da Revista Capricho. *Op. cit.* 2008, p. 458-459.

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 461.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 460.

“coleccionando dietas”, “viciada em malhação” e “roupas para disfarçar o corpo”. Niemayer e Kruse (2008) descreveram que:

Na edição especial “Guia de Dietas” de 2006, a *Capricho* justifica a publicação desse guia dizendo, “Por que a *Capricho*, que sempre levantou a bandeira da anti-anorexia, resolveu publicar um livro sobre dietas? Para atender o desejo de milhares de leitoras que querem emagrecer e não sabem onde se informar”.¹⁶⁰

Em relação ao tópico “*Viciada em malhação*”, as autoras trazem o conteúdo de reportagens, matérias e propagandas, estimulando práticas voltadas à ginástica, aos exercícios, ao desenvolvimento muscular e a exaltação do belo corpo. Novamente, percebemos a incoerência discursiva da revista, pois a *Capricho* alertou tais práticas como um sinal de Anorexia Nervosa. Condenando a prática excessiva de exercício físico, mas ao mesmo tempo, prescreveu dietas alimentares, mostrando como “(es)culturar” o corpo através de práticas corporais. Niemayer e Kruse (2008) citou como exemplo, a reportagem “Hora de morfar! [...], onde a revista montou um plano de ginástica que vai acabar com o seu problema.”¹⁶¹

No tópico “*Roupas para disfarçar o corpo*”, podemos perceber a relação feita através do apelo imagético da revista, expondo como deveria ser o corpo perfeito, mas também a influência da moda nesse corpo. Em análise, Niemayer e Kruse (2008), demonstrou que para a revista, a moda era um importante artifício de disfarce do corpo fora do padrão de beleza. A seção “Aposte ou encoste” mostrava fotos de garotas cujo modo de se vestir era comentado pela revista, que o classificava como “certo” ou “errado”. Assim, as autoras afirmaram:

A *Capricho* prescreveu também o tipo de roupa a ser adotada caso as gorduras ainda não tenham sido eliminadas. Ressaltamos que a grande maioria das garotas que acertaram no *look* já possui esse ideal de beleza: são magras, altas, com pernas finas.¹⁶²

Nesses discursos, o tipo de roupa a ser adotada visava disfarçar alguma “imperfeição” corporal. Portanto, as tendências da moda refletiam uma imposição cultural para reafirmar a necessidade constata de re(modelar) o corpo rumo à perfeição. Assim, era a roupa que tinha o poder de transformar um corpo imperfeito num corpo (es)cultural.

Em suma, a análise feita por Niemayer e Kruse (2008), nos permitiu reafirmar que a mídia, sobretudo, no caso da revista *Capricho*, consumida principalmente pelo público feminino entre 10 e 19 anos, estimulou atitudes que ela mesma considerava “sintomas

¹⁶⁰ NIEMEYER, Fernanda. KRUSE, Maria Henriqueta Luce. Constituindo sujeitos anoréxicos: discursos da Revista *Capricho*. *Op. cit.* 2008, p. 461.

¹⁶¹ *Ibidem*, p. 461.

¹⁶² *Ibidem*, p. 462-463.

anoréxicos”. Assim, os discursos da revista fascinavam, interpelavam, convocavam suas leitoras e, por fim, as constituíam como sujeitos que desejavam ter/ser um corpo magro. Aquelas estratégias de poder, exercidas por meio de técnicas midiáticas, acabaram por produzir sujeitos, discursos e estilos de vida. Por isso, avaliamos que a revista *Capricho*, ao se dirigir ao público adolescente, constituiu-se num poderoso artefato cultural que operava no sentido de produzir “sujeitos anoréxicos”.¹⁶³

2.4- A Internet: um ambiente de ciberespaço e de cibercultura

Os eventos históricos que fizeram emergir uma sociedade mundialmente voltada ao consumo e à informação incluem o advento da internet como um importante fator. Discutiremos os novos elementos que elucidaram a ideia de ciberespaço e de cibercultura, tal como suas relações com a Web 2.0¹⁶⁴, internet e mídias digitais.

Interatividade e compartilhamento de informações foram termos utilizados desde o surgimento da Internet. A rede a qual conhecemos hoje, sempre teve a descentralização como um de seus pontos essenciais. Essa foi derivada da ARPAnet do Departamento de Defesa dos Estados Unidos na época da Guerra Fria para garantir o funcionamento dos sistemas de segurança, caso um dos “nós” fosse bombardeado. Desse modo, a ausência de um centro de comando, já por volta de 1960, serviu de base para compreendermos muitos dos atributos da rede mundial de computadores, bem como da própria sociedade contemporânea.¹⁶⁵ Assim, com o advento da chamada Web 2.0, ou seja, a segunda geração da internet, o processo de produção da informação sofreu importantes modificações, passando de uma rígida hierarquização a um receptor que produz informações.¹⁶⁶

Segundo o historiador Maynard (2011), a emergência da internet tem uma dupla herança, que está ligada ao cenário bipolarizado da Guerra Fria (1945-1991) e a consolidação

¹⁶³NIEMEYER, Fernanda. KRUSE, Maria Henriqueta Luce. Constituindo sujeitos anoréxicos: discursos da Revista *Capricho*. *Op. cit.* 2008, p. 464.

¹⁶⁴Web 2.0: Termo utilizado para designar a segunda geração da *World Wide Web*, mais focada na interatividade e no compartilhamento de informação entre usuários. Por conta disso, marcam o surgimento da Web 2.0, os blogs, as *wikis* e as redes sociais, bem como uma mudança significativa dos modelos de websites que se “repaginaram” para dar conta desta nova vocação, passando a apresentar botões de compartilhamento instantâneo, assinatura de conteúdos, espaços para comentários e conteúdos mais dinâmicos. In LUCCHESI, Anita. *Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011)*. *Op. cit.* 2014. p. 173

¹⁶⁵REIS, Vanessa Alkmin. Ana e Mía na “nova” rede: comunidades reúnem anoréxicas e bulímicas na Web 2.0. *Rumores: Revista Online de Comunicação, Linguagens e Mídias*. v.1, n. 2. 2008. p.2.

¹⁶⁶MAYNARD, D. C. S. *Escritos sobre história e internet*. *Op. cit.* 2011, p. 38.

de um ambiente descentralizado, expressos pelos protestos pacifistas e de contracultura. Isto posto, essa criação nos permite interpretar as controvérsias atuais sobre sua capacidade de se caracterizar por um ambiente aberto ou fechado.¹⁶⁷ Somado a esse fator, os argumentos de Gonçalves e Palácios (2007), demonstraram que a internet, a *World Wide Web* (*www*), os jogos online e o ciberespaço de um modo geral, surgiram de forma acentrada, numa lógica pós-moderna, “como os corpos sem uma organização aparente, sem órgãos, não tendo nada muito definido, a ser os seus próprios protocolos de comunicação”.¹⁶⁸

Com base no livro de Maynard, *Escritos sobre história e internet* (2011), percebemos que a internet foi resultado do trabalho de diferentes instituições, tal como universidades, empresas de software, organizações governamentais e corporações militares. A junção desses vários “nós” formaram a rede das redes. Para o autor, em fins do século XX, essa inovação foi viabilizada para fins comerciais nos anos 1990, resultando-se da fusão de três processos:

O primeiro se dá pelas exigências econômicas por flexibilidade administrativa e globalização de capital, de produção e do comércio, o segundo, pelas demandas sociais, em que os valores de liberdade individual e da comunicação tornaram-se supremos e o terceiro, pela revolução microeletrônica, que possibilitou importantes avanços nas telecomunicações e na computação.¹⁶⁹

No alvorecer do século XXI, especificamente, em sua segunda década, a internet viveu um momento que alguns especialistas consideram como a “segunda geração” da rede. Após a expansão inicial acelerada, ocorrida entre 1990 e 2000 e seu posterior enfraquecimento, com grandes perdas econômicas para muitos que decidiram investir no emergente segmento *online*, a *web* vem demonstrando seu caráter de renovação constante. Ela tem demonstrado que suas principais características vieram não somente para facilitar a relação do humano com a máquina, mas para serem marcas registradas do estilo de vida de sociedades contemporâneas neste século XXI.

Segundo Brito (2016), a internet tem sido vista para além de um ambiente comunicacional e de convergência de mídias. Para a autora, a internet transformou-se com o advento da Web 2.0, sendo “uma esfera simbólica alargada, que recobre virtualmente o globo, em que se tecem novas formas de interação, de produção de significado social, de

¹⁶⁷ MAYNARD, D. C. S. *Escritos sobre história e internet*. Op. cit. 2011. (ROSENZWEIG, 2011, p. 180 apud MAYNARD, 2011, p. 20).

¹⁶⁸ GONÇALVES, Elias Machado. PALÁCIOS, Marcos. *O Ensino do jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software*. Salvador: EDUFBA, 2007. 194 p.

¹⁶⁹ MAYNARD, D. C. S. *Escritos sobre história e internet*. Op. cit. 2011, p. 21-22.

conformação de vínculos e jogos identitários.”¹⁷⁰ Assim, Santaella (2010) *apud* Brito (2016), destacou que a chamada Web 2.0 emergiu nos anos de 2000 e que vem se caracterizando fundamentalmente por “processos colaborativos e arquiteturas participativas de produção tais como wikipedias, blogs, *podcasts*, o uso de *tags* (etiquetas) para compartilhamento e intercâmbio de arquivos”.¹⁷¹

Reforçando os argumentos sobre a popularização das tecnologias e mídias digitais, Maynard (2011) citou as ideias de Paula Sibília (2007), ao descrever que esse processo “contribuiu para concretizar esses sonhos de auto estilização imagética, permitindo registrar todo tipo de cenas da vida privada com facilidade, rapidez e baixo custo, além de inaugurar novos gêneros de expressão e canais de divulgação”.¹⁷²

Num debate atual, especificamente, no final da primeira década do século XXI, os processos que inserem o “fenômeno” conhecido como “Era Digital”¹⁷³ e os seus desdobramentos, trouxeram consigo a discussão não apenas dos aspectos técnicos frente ao progresso tecnológico, mas também da dimensão histórico-cultural inerente a esse momento descrito. Assim, Os termos recorrentes que caracterizam ou que são assimilados ao que chamamos de fenômeno-período da Era Digital nos evidencia um campo de discussão sobre ciberespaço, cibercultura e mídias digitais.

Conforme trouxe Anita Lucchesi (2014), arguindo outros teóricos que discutiram a temática, a chamada “Era Digital” ou “Era Google”, refere-se a um desdobramento ou um novo momento do desenvolvimento tecnológico do período pós-industrial, que caracterizou a Sociedade em Rede, Sociedade do Conhecimento ou ainda da Sociedade da Informação e que

¹⁷⁰BRITO, Rosaly de Seixas. Narrativas Virtuais Juvenis: Fronteiras Fluidas. *Contracampo*, Niterói, v. 35, n. 02, pp. 13-32, ago./ nov., 2016. p. 15.

¹⁷¹Postagens de fotos no Flickr, e em redes sociais como Orkut, Facebook, MySpace, Goowy, Hi5, o microblog Twitter, o popularíssimo site de postagens de vídeo You Tube e o Second Life (simulação de uma vida paralela na realidade virtual) são algumas das expressões mais representativas da Web 2.0. Ver em: (SANTAELLA, 2010, p. 267 *apud* BRITO, 2016, p. 16). In SANTAELLA, Lucia. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.

¹⁷²MAYNARD, Dilton C. S. Memórias do Segundo Dilúvio: uma Introdução à História da Internet. *Cadernos do Tempo Presente*. ISSN: 2179-2143 Edição n. 04 – 04 de julho de 2011. (SIBÍLIA, 2007, p. 194 *apud* MAYNARD, 2011, p. 23)

¹⁷³LUCCHESI, Anita. *Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011)*. *Op. cit.* 2014. A autora cita a expressão em referência a outros teóricos que discutiram o tema. Em relação à “Era Digital”, há referências como (COHEN; ROSENZWEIG, 2005; NSF, 2007; ANDERSON, 2011; GOLD, 2012), em referência à “Era Google”, cita (GINZBURG, 2010; MENESES, 2012). p. 25.

permitiu a emergência da chamada “cibercultura”.¹⁷⁴

Ao iniciar uma discussão mais minuciosa da ideia de ciberespaço, é fundamental referenciar a obra clássica de Wiliam Gibson, conhecida como *Neuromancer* (1984). Vários elementos trazidos pelo autor demonstraram que seus argumentos eram visionários à época e que traziam uma série de relatos, antecipando o processo vivenciado pela humanidade recentemente, conhecido como a era da pós-modernidade. É importante refletir um ponto central sobre a obra de Gibson, que repousou na ideia do universo *ciber* como um “espaço de construção de sentidos”.¹⁷⁵ Desse modo, numa passagem de Gibson (2016), o ciberespaço seria:

Uma alucinação consensual, vivenciada diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, por crianças que estão aprendendo conceitos matemáticos (...) uma representação gráfica de dados de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas no ar não espaço da mente, aglomerados e constelações de dados. Como luzes da cidade se afastando.¹⁷⁶

Nas diversas leituras e críticas sobre a obra, os argumentos de Assis (2010), chamaram a atenção para um possível legado da obra gibsoniana. Para o autor, nesta obra coexistiram dois paradigmas relevantes: “um humanista que reforçou a transcendência da alma, a elevação do ser, o desprendimento da mente/alma do corpo humano”. E “o pós-humano, que reforçou a corporificação, a comunhão do corpo, enquanto máquina quer seja protético ou não, com a mente.”¹⁷⁷ Além disso, no posfácio da 5ª edição do livro, Adriana Amaral (2008) afirmou que a obra de Gibson trouxe:

No recém-nascido, obscuro e transdisciplinar campo da cibercultura, a inegável e inseparável relação cultura e tecnologia, e as próprias representações da tecnologia em todos formatos midiáticos da cultura contemporânea, em suas interfaces com as teorias literárias e culturas pós-modernas, são compreendidas com as redes de conexão entre humanos e máquinas.¹⁷⁸

No campo de discussão teórica dos conceitos de ciberespaço e cibercultura, os

¹⁷⁴LUCCHESI, Anita. *Op. cit.* 2014. p. 25. A autora traz o referenciamento conceitual dos diferentes teóricos para discussão de Era Digital. Os conceitos são de Sociedade em Rede (CASTELLS, 2005), Sociedade do Conhecimento ou ainda da Sociedade da Informação (TAKAHASHI, 2000; LEGEY & ALBAGLI, 2000) e “cibercultura” (LÉVY, 2000; LEMOS, 2003).

¹⁷⁵ASSIS, Emanuel Cesar Pires de. Ciberespaço e Pós-modernidade em *Neuromancer* de Wiliam Gibson. *VI Encontro dos estudos multidisciplinares em cultura*. 25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBA – Salvador-Bahia-Brasil. 2010. p. 8.

¹⁷⁶GIBSON, Wiliam. *Neuromancer*. Tradução Fábio Fernandes. 5ª edição. São Paulo: Aleph. 2016. 320p. p.69.

¹⁷⁷ASSIS, Emanuel C. P. Ciberespaço e Pós-modernidade em *Neuromancer* de Wiliam Gibson. *Op. cit.* 2010 p. 8.

¹⁷⁸AMARAL, Adriana. “A potência do imaginário de *Neuromancer* nas origens da cibercultura.” 2008. *In*. GIBSON, Wiliam. *Neuromancer*. Tradução Fábio Fernandes. 5ª edição. São Paulo: Aleph. 2016. p. 314.

argumentos de Pierre Lévy (2000) foram fundamentais para entendermos a inserção da internet como um campo importante do ambiente *ciber*. Para o autor, a cibercultura é entendida como um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Nesse sentido, Lévy (2000) procurou argumentar em torno da (re)elaboração do ciberespaço em seus escritos sobre cibercultura. O autor concebeu o ciberespaço como um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, esse termo especificou não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.¹⁷⁹

Outro elemento importante à construção do que pode ser dito do ciberespaço, incluiu o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de rede hertziana e telefônica clássica), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Conforme nos mostra Anita Lucchesi (2014) *apud* Lévy (2000), é importante ater-se a codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e virtual da informação, que é a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação.¹⁸⁰ A perspectiva de digitalização geral das informações, provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir desse século.

No que se refere às mídias digitais, elas têm sido responsáveis por uma mudança sem precedentes na percepção e na compreensão dos fenômenos comunicacionais atuais. A humanidade encontra-se na transição da cultura alfabética para cultura digital e, com isso, nossas noções de tempo e espaço também estão se formando. (Chartier, 2002; Certeau, 2013; Lucchesi, 2014). Sendo assim, a "Virada Digital" tem causando uma importante reflexão e um senso de responsabilidade em torno da "usabilidade" (*usability*) e "legibilidade" (*readability*)

¹⁷⁹LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 17.

¹⁸⁰LUCCHESI, Anita. *Digital History e Storiografia Digitale*. *Op. cit.* 2014. (LUCCHESI, 2014, p. 23 *apud* LÉVY, 2000).

da *Web*, que têm se tornado objeto de reflexão entre teóricos de diversas áreas, especialmente das humanidades (Ragazzini, 2004; Krug, 2005; Cohen; Rosenzweig, 2005; Jdh, 2012).¹⁸¹

Vale ressaltar, a definição que Erick Felinto (2006) faz sobre a cibercultura na contemporaneidade. Para o autor, a cibercultura faz uma ligação direta do componente tecnológico com os aspectos culturais, consolidando-se da seguinte forma:

A cibercultura parece ser aquela esfera da experiência contemporânea na qual o componente tecnológico passa a ser pensado, reflexivamente, como o fator central determinante das vivências sociais, das sensorialidades e das elaborações estéticas. Em, outras palavras, mais que uma tecnocultura, a cibercultura representa um momento em que a tecnologia se coloca como questão essencial para toda a sociedade em todos os seus aspectos, dentro e fora da academia.¹⁸²

Aprofundando os argumentos de Felinto (2006) acerca do conceito de cibercultura, o autor ainda discorreu sobre a questão de se investigar o imaginário tecnológico, em paralelo, à uma visão culturalista. Assim, ele considerou que a “conceituação” da cibercultura parte do princípio de vários discursos e representações sociais, que se constituem a partir de uma totalidade cultural coerente, porém, contraditória. Felinto (2006) reforçou esses argumentos, chamando atenção para a necessidade de se enxergar “a cibercultura e os fenômenos que lhes são associados, em seus aspectos econômicos, sociais, tecnológicos e comunicacionais, como um sistema dotado de sentido e dirigido para determinadas finalidades.”¹⁸³

Refletindo as noções apresentadas, discutir os weblogs Pró-Ana como fonte de pesquisa é de suma importância, visto que, esta investigação das narrativas de si, nos faz inferir e defender a incorporação dos elementos do ciberespaço, com suas complexidades e possibilidades, como um “campo” e um “lugar” de pesquisa historiográfica. Portanto, a internet se tornou um espaço onde é possível realizar trocas de experiências sem uma aproximação com o “mundo real”. Nesse espaço virtual é possível criar e recriar novas identidades, tornando-as plurais, onde, um número crescente de pessoas, por ter acesso ao mundo virtual, pode usufruir das identidades próprias desse espaço.¹⁸⁴

¹⁸¹LUCCHESI, Anita. *Digital History e Storiografia Digitale*. Op. cit. 2014. p. 17.

¹⁸²FELINTO, Erick. Os computadores também sonham? Para uma Teoria da Cibercultura como Imaginário. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 15, p. 1-15, julho/dezembro 2006. p. 3.

¹⁸³*Ibidem*, p. 12.

¹⁸⁴MIRAPALHETA, Francine Oliveira. Um breve estudo sobre as gírias das anas e das mias como demarcadores de identidade. *Anais do V Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte*. UIVALI – Itajaí– SC 23 a 25 de setembro de 2010. p.2.

2.5- “Blogs Pró-Ana de 2006-14” O movimento Pró-ana como dispositivo de representação, sentido e linguagem

A investigação historiográfica faz uso dos escritos digitais postados nos blogs entre 2006 e 2014. Assim, adentraremos nas práticas discursivas do movimento Pró-ana, refletindo os blogs como um dispositivo que contribuiu na representação social da Anorexia. As ferramentas comunicacionais que reforçam a idealização do estilo de vida são compartilhadas por meio de textos e hipertextos nas mídias digitais e na internet, tornando-se um importante desafio para o “pensar e fazer histórico” no Tempo Presente.

Os *weblogs* surgiram no início dos anos 2000 nos EUA e na Inglaterra. Esses websites tornaram importantes ferramentas no campo da cibercultura. O *Weblog*, ou sua abreviatura de *blog*, é uma página da *web*, com entradas datadas em que os conteúdos armazenados aparecem numa ordem cronológica inversa, mantendo, em sua dinâmica, as últimas atualizações no topo da página. Assim, sendo uma espécie de ‘log’, ou seja, registro, atualização e manutenção são acessíveis e necessitam de poucos conhecimentos específicos, o que contribui para a disseminação de ideias e de trocas de experiências.

A propagação da Internet e da cibercultura massificou as escritas virtuais de si. Assim, milhares de pessoas criaram um mundo próprio utilizando diferentes dispositivos para divulgarem seus relatos de vida, como por exemplo, em comunidades, nos *blogs* e em outros *sites* da internet. Segundo Paula Sibília (2007), um fato marcante ligado ao surgimento da internet diz respeito à explosão das chamadas práticas “confessionais” na rede. Foi por meio de dispositivos como blogs, fotologs, videologs, webcams e redes sociais, que milhões de usuários no planeta exploraram publicamente sua intimidade e vida privada.¹⁸⁵ Aprofundando os argumentos de Sibília (2007) sobre as práticas confessionais de exposição, ela cita:

É como se essa prática tivesse atualizado, com nuances próprias, o gênero autobiográfico, em que há coincidência entre autor, narrador e personagem, é o eu que fala, que se narra e se mostra incansavelmente na web. Por outro lado, não deixa de ser uma ficção, pois, apesar de sua contundente auto evidência, é sempre frágil o estatuto do eu. Trata-se de uma unidade ilusória construída na linguagem, a partir do fluxo caótico de cada experiência individual.¹⁸⁶

O movimento pró-anorexia (pró-ana) e pró-bulimia (pró-mia) encontrou nas próprias

¹⁸⁵ SIBÍLIA, Paula. “O show da vida íntima na internet: blogs, fotologs, videologs, orkut e webcams”. In: CAIAFA, Janice; ELHAJJI, Mohammed (Org.). *Comunicação e sociabilidade: cenários contemporâneos*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 181-199.

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 183.

características dessa “nova geração” da *web*, um espaço para se reafirmarem enquanto um grupo na virtualidade. De modo que ao divulgarem dicas, estratégias e lições de como sustentar comportamentos específicos relacionados às práticas anoréxicas, esses movimentos encontraram um terreno fértil para vir a público, bem como outras páginas nas redes sociais. Nesses espaços virtuais, diferentes grupos de culturas juvenis tiveram a possibilidade de expressão de suas identidades, relatando seus modos de vida, sentimentos, desejos, ideias, vontades e reforçando suas atitudes enquanto indivíduos e/ou coletivos.

Especificamente, o movimento Pró-ana (pró-anorexia) difundido, fundamentalmente, por meio dos blogs, defende a Anorexia numa visão positiva, ou seja, como um estilo de vida, onde a restrição alimentar é assumida em diferentes níveis, com o objetivo de alcançar um padrão corporal de magreza extrema. Nesses diários de rede, as Pró-ana utilizam as páginas pessoais como uma ampla rede de comunicação, que trazem suas narrativas e relatos da Ana como um “ente personificado”, ou seja, uma espécie de amiga, que acompanha as autoras no cotidiano virtual e real.

As práticas narradas nos blogs têm uma clara alusão do culto à Anorexia e ao remodelamento do corpo, principalmente, em função dos padrões de beleza magra e do corpo perfeito. Desse modo, os blogs Pró-Ana podem ser compreendidos como um exemplo paradigmático, de manifestações singulares ao ciberespaço, que une a imagem do que é rígido, analógico e delimitado (blog), com as narrativas mutantes dos diários virtuais (relatos).¹⁸⁷

Em análise, as práticas discursivas de postagens neste ambiente da *web*, aproximou o modo como essas jovens representaram a Anorexia, evidenciando os fatores da produção, apropriação e representação das “identidades culturais” em defesa de suas práticas. Portanto, a análise da representação social nos blogs, se deu através da leitura das postagens, onde foram sendo destacados os aspectos que se repetiam, a fim de criar eixos de análise que permitiram discutir as práticas e as experiências partilhadas pelas jovens. Nesse sentido, privilegiar os blogs como campo de investigação, significou atentar-se para a dimensão real e imaginária que tal campo implica, na medida em que pode nos orientar em direção a uma compreensão da imagem que essas meninas guardavam de si e dos outros.

¹⁸⁷SOUSA, Bruno Naegeli. *Estudo psicológico das narrativas de weblogs pró-anorexia (pró-ana)*. Dissertação (mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Seropédica. 2014 126f.

Há uma multiplicidade de práticas e experimentações das autoras e de suas leitoras em suas relações com a Ana. A autoafirmação do estilo vivido é observada pela busca incessante da perfeição corporal, na qual o culto à Anorexia se fez presente por meio de discursos de apologia à restrição alimentar, evidenciando muitas vezes, uma linha tênue entre a experiência patológica e a do estilo de vida. Corroborando com as ideias de Sousa (2014), o fenômeno Pró-ana produziu um duplo movimento que o livra de categorizações homogêneas e/ou padronizadas.

As adolescentes experimentam de um lado a adesão a certos ideais de beleza, de outro procuram atingi-los por uma via que beira – e talvez mesmo adentre – o campo da patologia. Muitas jovens autoras e frequentadoras de tais blogs consideram-se Anas, mas suas narrativas muitas vezes as afastam dos critérios exigidos por manuais diagnósticos para serem classificadas como portadoras de Anorexia Nervosa.¹⁸⁸

No que tange o perfil de autoras dos blogs Pró-Ana, a maioria não é vinculado a nomes na estrutura textual do dispositivo. Percebeu-se que a identidade real das usuárias dos blogs é escondida. Assim, elas criavam perfis fictícios ou *fakes*, por se tratar de um grupo frequentemente “hostilizado” pela sociedade, reforçando essa prática entre as autoras e dificultando a relação do perfil dessas usuárias na rede. Contudo, numa análise mais minuciosa dos blogs, é recorrente em algumas postagens a identificação de idade, de fatores que indicam o gênero e outros aspectos do cotidiano das jovens, como a cidade que residem, o que estavam estudando, a teia de relacionamentos mais próximos, entre outros.

Neste estudo, sobretudo, no capítulo 3, refletiremos não apenas a representação social da Anorexia e sua complexidade fenomenológica nas sociedades contemporâneas, mas também até que ponto, o blog pode ser pensado como um dispositivo que reforça essa representação. Trata-se, inicialmente, de analisar o significado de representação tanto na perspectiva dos blogs, quanto da Anorexia.

Retomamos a ideia trazida por Stuart Hall (2014) sobre a *prática* da representação para refletir a questão. Segundo o autor, a representação conecta o sentido e a linguagem à cultura, isso significa que utilizamos a linguagem, para inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas. Assim, representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura; nas palavras do autor, representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens

¹⁸⁸SOUSA, Bruno Naegeli. *Estudo psicológico das narrativas de weblogs pró-anorexia (pró-ana)*. Op. cit. 2014.

que significam ou representam objetos.¹⁸⁹

Além disso, é necessário refletir o conceito de discurso, que vem sendo uma categoria debatida por diversos autores desde os estruturalistas aos pós-estruturalistas, principalmente, de meados do século XX até os dias atuais. Na análise dos blogs, utilizamos a comunicação textual como um pilar para entender o papel do discurso na construção da representação do fenômeno. Assim, vimos na literatura científica que as influências do giro linguístico, das abordagens discursivas e semióticas foram fundamentais para refletir o emprego deste conceito. Nos vale citar a noção do historiador Stuart Hall presente no livro *Cultura e Representação* (2014):

Os discursos são maneiras de se referir a um determinado tópico da prática ou sobre ele construir conhecimento: um conjunto (ou constituição) de ideias, imagens e práticas que suscitam variedades no falar, formas de conhecimento e condutas relacionadas a um tema particular, atividade social ou lugar institucional na sociedade.¹⁹⁰

Dialogando com a ideia do que consiste uma análise dos discursos, Niemayer e Kruse (2008), descreveu que sua realização significa dar conta de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” e que são considerados como constitutivas da realidade e produtoras de inúmeros saberes. Os discursos são tomados como prática social e caracterizados como um conjunto de enunciados que se apoiam na formação discursiva, sendo um sistema de dispersão regulado, englobando o que é dito e o que pode ser dito em um contexto.¹⁹¹

Ao retomar a aplicabilidade do discurso, entendemos que o blog é uma importante ferramenta dentro do sistema comunicacional global da cibercultura, sobretudo, a partir de meados da década de 2000. Sua difusão se deu pela funcionalidade do dispositivo, em permitir uma simples manipulação de escrita digital num website. A utilização ampliada dos weblogs consistiu em tornar público, certas questões individuais, principalmente, por meio da divulgação de escritos de si e pela conformação de um diário do cotidiano. Desse modo, as possibilidades de interação entre autor/leitor foi um dos pontos importantes deste dispositivo, constituindo um novo “espaço” de representação e de sentido, onde os usuários da rede puderam interagir, compartilhar e experimentar seu “eu existencial” na realidade e na virtualidade.

¹⁸⁹HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Apicuri. 2014.

¹⁹⁰*Ibidem*, p. 26.

¹⁹¹NIEMEYER, Fernanda. KRUSE, Maria Henriqueta Luce. Constituindo sujeitos anoréxicos: discursos da Revista Capricho. *Op. cit.* 2008, p. 460.

Portanto, é importante refletir que os relatos dos blogs Pró-Ana representam um dos campos de afirmação identitária frente à transitoriedade e transformação da adolescência. As jovens mulheres “legitimaram” essas práticas discursivas em prol da Anorexia como estilo de vida, numa conjuntura de descentramento e deslocamento da identidade configurada pela/na Era da virtualidade, tornando-a provisória e flexível. Assim, é fundamental refletir a amplitude da representação social da Anorexia, a partir da subjetividade humana, das (novas) formas de organização social e das representações simbólicas constituídas pelos sistemas de significados e pelas relações de poder.

Capítulo 3 - “Representação social da Anorexia” e o IMC da questão: doença ou estilo de vida?

Neste capítulo final, abordaremos a Teoria da Representação Social na perspectiva do nosso objeto de estudo. A partir da discussão da Anorexia Nervosa e de sua complexidade fenomenológica nas sociedades contemporâneas, construiremos sua representação social nos blogs Pró-Ana. Assim, utilizamos as metáforas dos IMCs da questão, onde exploraremos o arcabouço do “I da questão”, dialogando identidade, imagem corporal perfeita e internet como um campo de experiências, práticas e discursos sobre Anorexia. Já no “M da questão”, discutiremos a magreza como ideal e quais os papéis das mídias, da moda e da medicina na construção de padrões de beleza e de estilos de vida. Quanto ao “C da questão”, vamos debater comportamento, corpo e consumo no contexto histórico-político do corpo anoréxico na contemporaneidade e, finalizaremos com as considerações finais sobre a Anorexia como doença ou estilo de vida.

3.1- A representação social da Anorexia

A conjuntura social da Anorexia no início do século XXI foi compilada por diversos fatores socioculturais, articulando-se fundamentalmente pela relação do indivíduo com a sociedade. Os argumentos que embasaram a escolha de *uma* abordagem de história sociocultural se deram pelo foco voltado à representação social, seja pela via de categorias como experiência, prática, sentido, linguagem e discurso, seja pelos elementos que relacionam a representação da doença, do doente e do adoecimento.

O campo da história cultural vem se desenvolvendo paulatinamente, principalmente, se considerarmos a gama de historiadores e pesquisadores que vem utilizando o arcabouço teórico da representação social das doenças. Os trabalhos desenvolvidos por Nascimento (2005), Costa Júnior (2006), Vianna (2014) e Garcia (2015) são alguns exemplos fundamentais para refletir a perspectiva da representação sob a ótica histórico-cultural.

No campo da história das doenças, os estudos supracitados constituem um importante marco referencial e analítico. Ao analisar diferentes objetos, fontes e óticas representacionais, esses autores consolidaram uma perspectiva de estudos das doenças que apresenta diferentes aspectos temporais, espaciais e culturais. Sendo assim, os argumentos de Garcia (2015) ajudam legitimar o estatuto de estudos históricos das doenças e de suas representações.

O estudo histórico das doenças possibilita compreender uma sociedade de uma dada época, a partir das redes que elas estabelecem no âmbito das manifestações socioculturais, pois os processos relativos ao adoecer e à cura são socialmente vivenciados e construídos. Uma doença pode ser enquadrada na perspectiva de quem adoecer, também de quem a sofre e de quem a trata, entre outros possíveis olhares. As atitudes para com a doença nos remontam a uma história dos saberes e práticas nas estruturas sociais, bem como à história das representações e das mentalidades.¹⁹²

Vimos que os estudos sobre as doenças analisam não apenas as articulações e mudanças na sociedade, mas também a dimensão social da doença, trilhando um dos caminhos para a compreensão de uma sociedade. Conforme argumenta Costa Júnior (2006) “a doença é uma construção social e um indivíduo doente sempre o é em função da sociedade e segundo moldes fixados pela mesma.”¹⁹³

O marco estabelecido a partir de autores de diferentes áreas de pesquisa, vem constituindo um “novo” olhar para a dimensão social da doença, desdobrando-se em diferentes formas de representação. Nesse sentido, abrimos uma nota para destacar pesquisas produzidas no programa de História das Ciências e da Saúde, que abordaram as relações historicamente estabelecidas entre as doenças e suas formas representacionais.¹⁹⁴

É importante aprofundar o conceito de representação social presente nas obras de Serge Moscovici, Denise Jodelet e Claudine Herzlich. O campo de discussão inicial da representação perpassa pelos estudos do psicólogo Serge Moscovici, que retomou o conceito de representações coletivas de Durkheim e elaborou sua teoria de representação social para compreender de que forma a Psicanálise ao sair dos grupos especializados, adquiriu novas significações para os grupos de leigos, a partir dos meios de comunicação.

¹⁹²GARCIA, Tarcila Santos. *A loucura impressa: uma representação social da loucura na mídia impressa, no contexto da Crise da Dinsam (1978-1982)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015. 122 f. p. 5.

¹⁹³COSTA JÚNIOR, Ives Mauro Silva da. *Conta-me tudo: representações de doença na filmografia de Pedro Almodóvar*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006. 131 f., p. 3.

¹⁹⁴Citamos alguns trabalhos que estabeleceram objetos na linha de pesquisa de história das doenças e que dialogaram o campo das doenças e com suas representações. Foram eles, o de Costa Júnior (2006), que discutiu a construção do doente na filmografia de Pedro Almodóvar, uma vez que percebeu que este as usa como elemento de transformação de indivíduos ou da própria sociedade. Já Tarcila Garcia (2015) analisou a representação social da loucura a partir da imprensa em um cenário de denúncias e contestações sobre o modelo manicomial asilar e o saber e prática empregados de maneira violenta em instituições psiquiátricas no Brasil, tanto na rede pública quanto na privada. Finalmente, o de Eliza Vianna (2014), analisou a história da Aids a partir da experiência dos escritores Caio Fernando Abreu e Hervé Guibert. A autora buscou compreender de que formas os dois escritores trabalharam o arsenal de explicações para a doença em seus processos de elaboração individual da experiência com a enfermidade. Para isso, ela precisou selecionar aspectos importantes da representação social da Aids, que pudessem ser abordados nas obras dos escritores, tal como a predileção por homossexuais masculinos, o definhamento que causava no corpo e a morte.

A partir da leitura de Medeiros (2006), refletimos que a representação social para Moscovici (1978), seria um conhecimento elaborado e compartilhado socialmente, com a finalidade de atingir um objetivo de ordem prática: construir para um conjunto social, uma realidade comum a eles.¹⁹⁵ Dessa maneira, na elaboração dessa teoria, Moscovici (1978) articulou os conceitos de estrutura social e sujeito social – onde ambos sofreram influências mútuas no que tange o processo de “construção da realidade”, de conformação de fatos e de fenômenos sociais.

Recorrendo à teoria da representação social, é importante citar o processo de formação das representações explicitado por Moscovici, que perpassa pela objetivação e ancoragem, estando esses intrinsecamente relacionadas. Segundo Moscovici (2004), a objetivação se dá pelo processo de tornar concreto o que é abstrato, assim, nas palavras do autor, “objetivar é descobrir a qualidade icônica de ideia, ou ser impreciso, é produzir um conceito de imagem”¹⁹⁶. Já ancoragem consiste em incorporar o estranho e o novo ao sistema de pensamento pré-existente.

A perspectiva de Denise Jodelet (2006), semelhante à de Moscovici, define o conceito de representação como uma forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, tendo uma visão prática e correspondendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Entendemos que o desenvolvimento de estudos sobre as representações deve considerar aspectos de ordem social, individual, cognitiva e afetiva, tal como as práticas e as comunicações sociais.

Outra questão importante constitui-se na necessidade de se aprofundar e discutir a ideia acerca das experiências no processo de formação da representação social. Para Denise Jodelet (2006), esta relação, por sua vez, tem sido debatida no âmbito das teorias fenomenológicas de conhecimento, por áreas da fenomenologia social, da Etnometodologia e da Psicologia Social. Segundo Jodelet, “a experiência está associada diretamente com a dimensão do vivido pelo sujeito, que pode ser considerado em níveis mais ou menos abstratos.”¹⁹⁷ É fundamental retomar a ideia do antropólogo francês Marc Augé (1984), onde

¹⁹⁵MEDEIROS, Andrea dos Santos Silva. *Criminosas loucas e perigosas: um estudo de representações sociais sobre as internas nos Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2006.

¹⁹⁶MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. (Trad. Pedro. A. Guareschi). Petrópolis: Vozes. 2004. 2 ed. p. 72.

¹⁹⁷JODELET, Denise. “Place de l’expérience vécue dans le processus de formation des représentations sociales”. In HASS, Valérie. *Les savoirs du quotidien. Transmissions, Appropriations, Représentations*, pp. 235-255. Rennes: Les Presses universitaires de Rennes, 2006, 274 pp. Collection: Didact - Psychologie social. p. 237.

ele afirma que “o grande paradoxo da experiência da doença é que ela é tanto a mais individual quanto a mais social das coisas”.¹⁹⁸

Segundo Jodelet (2006), as dimensões das experiências são fundamentais na relação com a representação social. A autora afirmou que um dos lugares da experiência, permanece no termo da experiência sentida e partilhada com outros, ela geralmente é observada como uma noção vaga e ambígua, que liga dois fenômenos contraditórios e complementares. No primeiro fenômeno, a "experiência" refere-se a uma condição em que as experiências do assunto são sentidas emocionalmente, como nos exemplos de uma experiência estética ou romântica.¹⁹⁹ Desse modo, ela citou que:

O estado sentido pela pessoa corresponde a uma invasão da emoção, mas também a um tempo, onde ela se torna consciente de sua subjetividade e identidade. Este estado pode ser privado, mas também pode corresponder à participação em rituais religiosos ou nos tempos de efervescência social, conforme descrito por Durkheim, sendo uma fusão da consciência individual no todo coletivo.²⁰⁰

Por outro lado, a autora afirmou que a experiência tem uma dimensão cognitiva, que também tem ligação com a representação. E na medida em que se promove a experimentação de mundo e do mundo, ela contribui para a construção da realidade de acordo com categorias ou formas que lhes são dadas socialmente. Conforme descreveu Jodelet (2006):

A experiência e sua correspondência com a situação em que se quer emergir, irá pedir emprestado pré-construções culturais e um fundo comum de conhecimento, que vai dar forma e conteúdo a esta experiência em si, o conhecimento constitutivo do significado que o sujeito dá a eventos, situações, objetos e pessoas que fornecem seu ambiente imediato e seu modo de vida. Nesse sentido, a experiência é social e socialmente construída.²⁰¹

Com base nos argumentos de Jodelet (2006), entendemos que a relação desses conceitos se apresenta como um caminho para refletir as lacunas teóricas que ligam o subjetivo e o coletivo, o individual e o social. Neste sentido, os fenômenos que apontam a relação dos conceitos oferecerem um terreno fértil para se operar. Eles se referem a um modo de consciência como uma totalidade:

Primeiro que inclui, a par dos aspectos do conhecimento, as dimensões emocionais, linguagem e discurso; segundo, apela para a consideração de

¹⁹⁸HERZLICH, Claudine. Saúde e doença no início do século XXI: entre a experiência privada e a esfera pública. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 14(2): 383-394, 2004. (AUGÉ, 1984 apud HERZLICH, 2004, 384).

¹⁹⁹JODELET, Denise. Place de l'expérience vécue dans le processus de formation des représentations sociales. *Op. cit.* 2006. p. 243.

²⁰⁰*Ibidem*, p. 243

²⁰¹*Ibidem*, p. 244.

práticas e ações, bem como a consideração dos contextos e ambiente em que vivem e terceiro, permite observar a suposição de subjetividade na negociação de sua inclusão social necessária.²⁰²

Assim, é importante discutir a relação entre os elementos dessa totalidade em situações concretas da vida. Neste estudo, essa relação se apresenta por meio das experiências narradas nos blogs, tal como as formas que definem a dimensão dos discursos, das práticas, ações e subjetividades no processo de negociação da representação social do fenômeno.

Dialogando outra vertente do conceito de representação social, a socióloga Claudine Herzlich (2005) defendeu sua abordagem, em contraponto a de Moscovici. A autora argumentou que é preciso situar o trabalho do autor em seu contexto. Ela afirmou que de fato, para Moscovici, o estudo de representação social situava-se no campo de uma psicologia social, dominada então pela tradição behaviorista: a de uma ligação direta entre estímulos e resposta comportamental. Face a esse modelo, tratava-se de introduzir: a noção de uma atividade organizadora sobre o duplo plano cognitivo e simbólico; atividade organizadora de um grupo, ou de um indivíduo enquanto membro de um grupo, que orientava a resposta, já que ela estruturava o estímulo e lhe dava um sentido coletivamente partilhado.²⁰³

Aprofundando as ideias de Herzlich (1969, 1984, 2004, 2005), vemos que os argumentos da autora refletem o marco analítico dos fenômenos da saúde e da doença. Assim, ela sugeriu alguns possíveis desdobramentos teóricos tendo como ensejo a utilização do conceito de representação social nesse campo específico. Portanto, no seu trabalho realizado após o de Moscovici, Herzlich (1969) procurou estudar as representações de saúde e doença como realidade *sui generis*, fora dos modelos médicos e psicológicos.

Nesta perspectiva, sua inspiração situava-se na linha de trabalhos antropológicos – convergindo, com a ideia durkheimiana de um “pensamento social” – que mostravam a existência, em cada sociedade, de um discurso sobre a doença que não é independente do conjunto suas construções mentais específicas. Por vezes, ele é uma via de acesso privilegiado ao conjunto de suas concepções, de seus valores e de suas relações de sentido. Tratava-se, portanto, de mostrar que, qualquer que fosse a importância da medicina moderna, a doença é um fenômeno que a ultrapassa (Herzlich, 1984) e que a representação não é apenas esforço de

²⁰²JODELET, Denise. Place de l'expérience vécue dans le processus de formation des représentations sociales. *Op. cit.* 2006, p. 244.

²⁰³HERZLICH, Claudine. A Problemática da Representação Social e sua Utilidade no Campo da Doença. *Physis: Revista de Saúde coletiva*. Rio de Janeiro, 15(Suplemento): 57-70, 2005.

formulação mais ou menos coerente de um saber, mas também interpretação e questão de sentido.²⁰⁴

Tendo como arcabouço a teoria da representação social e a sua relação específica com questão da história das doenças, refletimos o fenômeno da Anorexia nos blogs, por meio de uma perspectiva que considera o papel das experiências como elemento de constituição da representação. Assim, os argumentos de Dilene Raimundo do Nascimento (2014), demonstram que:

A representação é entendida como um conjunto de imagens, sentimentos, configurações plásticas ou literárias, bem como de valorações, por meio do qual, apesar de seus diferentes modos de manifestação, doenças específicas vêm sendo, ao longo do tempo, representadas nas mentalidades coletivas.²⁰⁵

Desse modo, a questão nos remete à reflexão de que a construção social da doença carrega diferentes significações pelo indivíduo e pela coletividade e, que variam conforme o contexto histórico-social, sendo “produto” da articulação de fatores socioculturais ligados ao corpo, indivíduo e cultura. A análise da representação social partiu do pressuposto que as jovens blogueiras subverteram a compreensão do que seria os transtornos alimentares em relação à etiologia científica, sendo em parte, representada por elas como um estilo de vida construído culturalmente sob os pilares da patologia. Assim, a questão que se pretende aprofundar, é como as jovens vivenciaram e representaram suas experiências a partir da ideia de doença e de estilo de vida, consolidando diferentes estratégias discursivas de suas histórias, crenças, cultura, e assim por diante.

Em síntese, nesta investigação apresentaremos diferentes elementos constitutivos da representação social, como a experiência, a prática, a linguagem, entre outros. Assim, vale lembrar que o processo de *formação* da representação de Serge Moscovici e a ideia de *prática* da representação de Stuart Hall se baseiam nos sentidos e na linguagem. Isto posto, os blogs Pró-Ana funcionam como uma ferramenta para produzir e concretizar a imagem que se quer representar do fenômeno. Desse modo, as experiências relatadas sobre a Anorexia se relacionam com o papel que as práticas, os sentidos e a linguagem têm nas diferentes formas representacionais, seja como doença, estilo de vida, distúrbio e/ou transtorno.

Analisaremos as postagens em fontes digitais, retiradas de sete blogs pesquisados,

²⁰⁴HERZLICH, Claudine. A Problemática da Representação Social e sua Utilidade no Campo da Doença. *Physis: Revista de Saúde coletiva*. Rio de Janeiro, 15(Suplemento): 57-70, 2005, p. 60.

²⁰⁵NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. A representação social das doenças como peste. *Op. cit.* 2014. http://www.sbhc.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=776

onde traçaremos campos para entender o papel de práticas, discursos e experiências da Anorexia. Sendo assim, os eixos centrais que escolhemos operar, descrevem as categorias descritas por *textual*, *visual* e *experencial*, indicando um caminho para o entendimento da representação. Vale lembrar que as categorias não visam sistematizar as postagens em torno de eixos fechados, mas de trazer elementos fundamentais em torno do papel do blog com uma ferramenta comunicacional, que interligou o textual, o visual e o experencial ao papel da linguagem, dos sentidos e da representação, construindo nesse e por esse dispositivo.

Dessa forma, vislumbramos questões importantes como a formatação do blog, a estruturação textual, os recursos visuais e imagéticos, os sentidos e as experiências relatadas nas postagens. A estrutura inicial dos sete blogs analisados será apresentada em seguida. Observando-se pontos relevantes quanto à sua organização, cores, imagens e frases que constituíram o campo visual desses blogs. Na sequência de cada blog, citamos algumas descrições relevantes dos perfis e algumas características destes blogs.

Figura 1: Blogs Pró-Ana analisados (2006-2014)



O blog *Ana Mia Sempre* possui um total de 151 postagens entre 2008 e 2012, ele está disponível no link <http://anamiasempre.blogspot.com.br/>. A blogueira começou a postar aos 14 anos no blog, mas relata ter iniciado as práticas da Ana/Mia aos 12 anos. Seu blog tem 217 seguidores, mas na estrutura visual não consta o número de visitantes. Uma frase marcante se encontra postada na estrutura visual do blog, descreve: “*Perfeição não inclui comida*”.

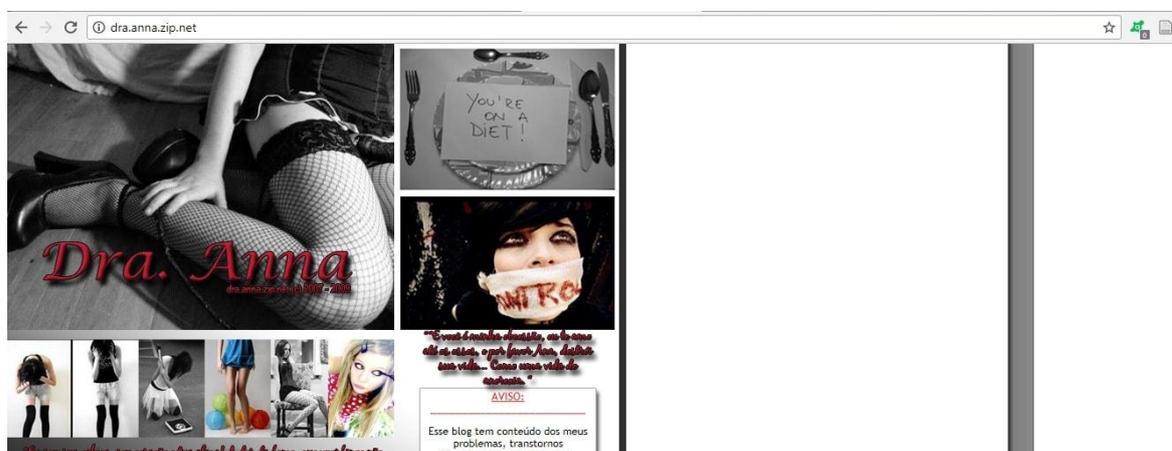


Dama do NF



[PÁGINA INICIAL](#) [DIETAS](#) [TRISSEPOS](#) [TRAJETÓRIA](#) [MINHAS FOTOS](#) [CONTATO](#)

O blog *Dama do NF* possui cerca de 148 postagens, com periodicidade de 2008 à 2013, encontra-se disponível em <http://damadonf.blogspot.com.br/>. Ela relata em várias postagens, ser estudante de enfermagem, residente na cidade do Rio de Janeiro. A blogueira começou a postar aos 17 anos neste blog, mas relata ter tido outro anteriormente. Seu blog tem 104 seguidores, mas na estrutura visual não consta o número de visitantes. Uma frase marcante se encontra na postagem “*Minha história*” de 25 de setembro de 2008, onde relata: “*Vivo em um mundo onde fadas e duendes não existem, mas em seus lugares encontram-se ossos, balanças, dietas e um belo lugar onde se pode vomitar sem represálias é um verdadeiro paraíso.*”



O blog *Dra. Anna* possui cerca de 115 postagens de 2007 à 2014, está disponível no link <http://dra.anna.zip.net/>. A blogueira começou a postar aos 12 anos, em setembro de 2007. Seu blog não tem o número de seguidores, apenas na estrutura visual consta o número de 34.312 visitantes (acesso em 24/01/2018). Duas frases marcantes se encontram postadas na estrutura visual do blog, que descrevem a força da Anorexia: “*Sou sua cabeça, seu coração e tua alma! A dor da fome, que você finge não sentir, sou eu dentro de você!*” Além da frase, “*Talvez você perca alguns quilos, tire um pouco de gordura deste seu estomago gordo! Mas*

não irá demorar muito até eu te dizer que não está bom o suficiente."

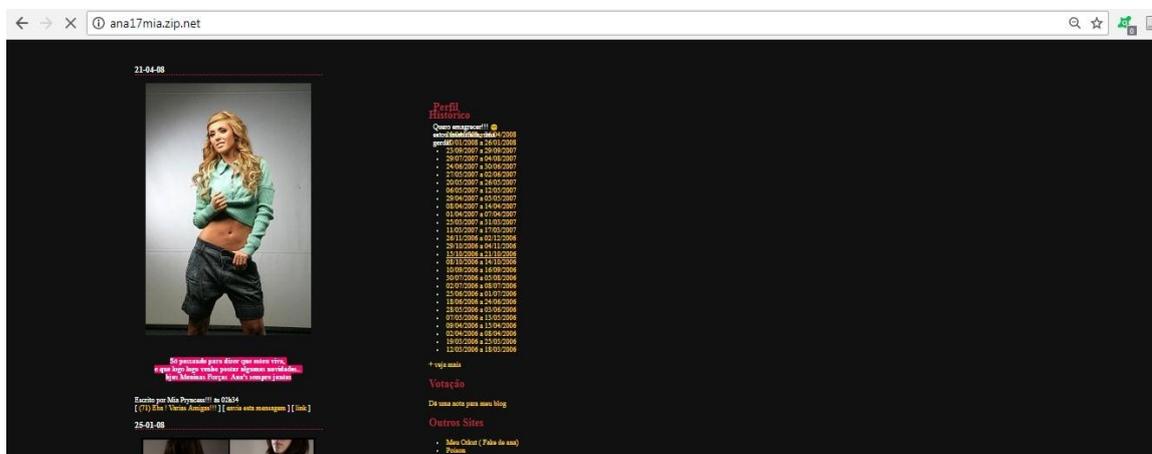


O blog *Iniciando...Anna e Mia* possui postagem ativa em 2017, dentre o recorte desta investigação, há cerca de 700 postagens de 2009 à 2014, o blog está disponível no link <http://alfa-anna-mia.blogspot.com.br/>. No perfil do blog, a autora se descreveu com 29 anos, em algumas postagens, relatou ter se formado em Letras no final de 2009 e que reside em São Paulo. A blogueira começou a postar aos 22 anos, em janeiro de 2009. Seu blog tem 1.329 seguidores, mas não consta o número de visitantes. Uma frase marcante, que se encontra postada na estrutura visual do blog, descreve o seu perfil: *“Sou uma menina sonhadora, jah sofri muito por não ser como gostaria tive Anna e Mia e entendi que elas sozinhas não iriam me ajudar... Vivo uma solidão em meio ao caos e ao mar de pessoas, você talvez possa me entender, se ao menos parar para "ler" meus sentimentos.”*

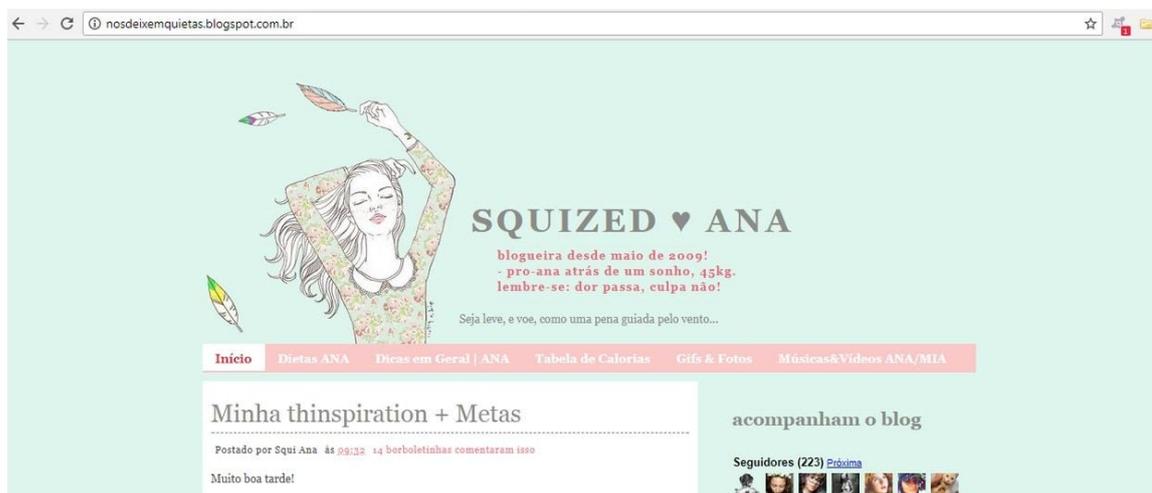


O blog *[Mileycha: De dentro pra fora!]*, possui 41 postagens de 2009 à 2011, encontra-se disponível no link <https://mileycha.wordpress.com/>. A blogueira começou a postar aos 19 anos, em maio de 2009. Ela relatou ser estudante de Publicidade e Propaganda e que reside na cidade do Rio de Janeiro. Seu blog não possuía número de seguidores e de visitantes. Uma frase marcante se encontra na postagem, descrita como *“Não”* de 20 de maio

de 2011, em que diz: “Se alguém notar que está adotando novos hábitos e perguntar se está de “regime”, mande um audível “não”. Muitas pessoas adoram sabotar as boas intenções alheias”.



O blog *Pro Ana Sempre* possui cerca de 28 postagens entre 2006 e 2008, encontra-se disponível no link <http://ana17mia.zip.net/>, Não foi possível identificar a idade que blogueira iniciou as postagens no blog, apenas o mês de início que é maio de 2006. Seu blog não tem o número de seguidores, mas na estrutura visual consta o número de 172.300 visitantes (Acesso em 24/01/2018). Uma frase marcante se encontra na estrutura inicial do blog, diz: “*Quero emagrecer! Estou insatisfeita, uma gorda*”.



O blog *Squized Ana* possui cerca de 110 postagens entre 2009 e 2012, está disponível em <http://nosdeixemquieta.blogspot.com.br/>. A blogueira começou postar aos 13 anos, em maio de 2009, numa data próxima de seu aniversário de 14 anos. Seu blog tem 223 seguidores, na estrutura visual consta o número de 57.000 visitantes (Acesso em 24/01/2018).

Uma frase marcante se encontra na estrutura inicial do blog, diz: *“Seja leve, e voe, como uma pena guiada pelo vento”*.

Ao aprofundar a discussão conceitual e teórica da representação social e a descrição dos blogs nesta investigação histórica, buscamos ancorar os elementos que constituem um caminho para a interpretação das motivações e das práticas anoréxicas em discursos Pró-Ana, no campo virtual. De antemão, nos vale problematizar e refletir as estruturas textuais, visuais e experienciais dos blogs Pró-anas em análise. Assim, que vozes circulam sobre o fenômeno sociocultural da Anorexia? De que modo podemos refletir sua representação social, sobretudo, nestes Blogs, seja como doença e como estilo de vida?

É importante pensar os elementos que constituem a representação social da Anorexia, considerando uma visão que vai além da perspectiva patológica e que adentra a perspectiva de quem vivencia essas práticas como um estilo de vida. Assim, retomamos os fatores etiológicos da Anorexia Nervosa descritos pelo campo científico, que de alguma forma servem de arcabouço para discutirmos a importância dos blogs como ambiente de representação do fenômeno. Os discursos de parte do campo científico, afirmam que no quadro desta psicopatologia, é comum o desinteresse por relacionamentos comuns, uma constante prática de vigilância, sentimentos de autossuficiência e a preferência por cuidar dos outros ao invés de si.

Ao refletirmos os critérios usuais definidos pela ciência, podemos associar o fato de uma parte considerável de jovens recorrer ao uso do blog como uma ferramenta de subterfúgio, onde se reafirma as experiências, os conteúdos postados e o tipo de relação estabelecida entre as blogueiras Pró-Ana. É nesse ambiente que se constituiu um sentimento de pertencimento identitário, estabelecendo uma relação não convencional das jovens com a doença como um ente personificado e das jovens entre si.

Se assimilarmos a identidade social em comparação à imagem de si, para si e também para os outros, há um elemento nessas definições que escapa ao campo do indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o outro. Segundo argumenta Pollak (1992), ninguém pode construir uma auto imagem isenta de mudança, de negociação e de transformação em função dos outros. Para o autor a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale

dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essenciais, de uma pessoa ou de um grupo.²⁰⁶

Percebemos que as práticas vivenciadas pelas anoréxicas nos blogs demonstraram a capacidade de vigilância que se estabeleceu sobre suas próprias trajetórias e sobre a das outras. As anoréxicas não só se ajudaram, elas criaram uma rede ampliada de vigilância e controle, que consistia em reproduzir, dualmente, um “apoio” emocional às pares praticantes, mas também um instrumento de controle de comportamentos pró-anorexia perante a realidade online e offline. Assim, percebemos esse controle por meio dos desafios de emagrecimento, das metas de peso a serem atingidas, dos relatos constantes sobre a insatisfação com o corpo ou ainda pela constante necessidade de ajuda e de dicas para se alcançar o ideal de perfeição e da magreza.

Nestes blogs, a perspectiva de autossuficiência tem uma relação direta com os níveis de cuidado de si, mas também dos outros. Percebemos frases de impacto em postagens, que trouxeram esse sentimento de potência, onde a busca pela magreza e pela perfeição esteve condicionada tanto às esforços individuais, quanto coletivos. A capacidade de se fazer autossuficiente é rompida pelas relações virtuais construídas, visto que muitas jovens mantêm suas práticas às escondidas, vivenciando uma realidade solitária em relação à Anorexia na vida cotidiana.

As práticas experienciadas pelas Anas na internet se apoiam fortemente na relação com seus pares e no cuidado que elas estabelecem entre si. O próprio fato de o blog ser uma ferramenta de interação reforça esse vínculo, as postagens geralmente possuem inúmeros comentários, reforçando a capacidade de interação e comunicação entre as blogueiras Pró-Ana. Desse modo, percebe-se uma rede ampla de blogs que trocam selinhos e contatos em postagens, que propõem desafios aos outros e que pulverizam uma infinidade de dietas.

O texto inicial que dá uma ideia da representação nos blogs, foi postado no blog *Dama do NF* em 31 de janeiro de 2013, sendo intitulado de “*Minha Blusa fechou!!!*”. Nesta postagem, há uma ideia comum que representa o aspecto principal do estilo de vida Pró-Anorexia, ou seja, da busca pela magreza com ideal de beleza-perfeição. Este ideal é ancorado e sustentado por uma motivação anoréxica, que evoca a experimentação de inúmeras práticas de controle, de restrição alimentar, de dietas, de emagrecimento e de relatos de si em

²⁰⁶POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Conferência transcrita e traduzida por Monique Augras. Edição de Dora Rocha. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. p. 204.

ambientes da internet. Desse modo, os blogs trazem postagens que mesclam as trajetórias de vida e o modo como algumas jovens mulheres brasileiras se relacionam com a Anorexia. Abaixo, podemos ver o quanto as *práticas anoréxicas* são marcantes na construção da representação social nos blogs.

Estou bem, relativamente bem, **com minha autoestima inflamada, aquela sensação de borboletas no estômago. Uma blusa que não fechava mais, entrou e fechou, chorei de alegria, de saber que cada esforço vale a pena**, que cada dia pode trazer uma recompensa melhor, estou aprendendo a não jogar a toalha, apreciando cada vitória, estou serena e menos preocupada com a vida, não tenho me ligado em números, acho que roupas falam mais alto, quando tua calça que não entrava, de repente entra e fica folgada, não há sentimento mais compensador, não há melhor sensação que o auto orgulho, que a vontade de mergulhar nos seus sonhos e aplaudir suas realizações.²⁰⁷

Reafirmando a importância dos discursos Pró-ana na tessitura virtual, especificamente, nos blogs, vemos que a junção de diversos elementos representacionais se apoiou na construção de identidades neste ciberespaço. Assim, é fundamental chamar a atenção que essas práticas discursivas demonstram certas ambiguidades em relação ao postulado de doença ou estilo de vida. Visto que, o discurso do movimento Pró-Ana nos blogs se baseia na constante subversão de discursos científicos sobre a doença, sendo que, para uma parte das blogueiras, seus relatos expressavam um auto reconhecimento de que elas são “pessoas com problemas de transtornos alimentares”, mas que agiam legitimando e reafirmando os ideais estéticos constituídos culturalmente. Assim, na postagem do Blog *Dra. Anna*, a autora apresentou um “aviso” que tinha a função de uma autodescrição, nela é conformada a ideia dessa auto declaração. Além disso, dois fatores são peculiares e até ambíguos, o reconhecimento de que ela possui os transtornos alimentares e a defesa desses como estilo de vida

Esse blog tem conteúdo dos meus problemas, transtornos alimentares, e vida pessoal. É um blog pró-anorexia, bulimia e T.A.s. Se isto lhe ofende, ou é contra, não me faça perder tempo com teus insultos sobre meu modo de vida. Simplesmente abandone o blog. Do contrário, seja muito bem vindo e saiba que seu comentário é muito importante.²⁰⁸ Abaixo segue a **Figura 2: Captura de tela do Blog *Dra Anna*, postagem: *e faz quase um ano...* de 13/10/2012.**

²⁰⁷Análise da fonte digital: blog *Dama do NF*, texto de 31 de janeiro de 2013, intitulado de “*Minha Blusa fechou*”, Ver em: <http://damadonf.blogspot.com.br/2013/01/minha-blusa-fechou.html>. Acesso em 30/06/2017.

²⁰⁸Figura 2: Fonte digital: Captura de tela do Blog *Dra Anna*, postagem: *e faz quase um ano...* de 13/10/2012.

13/10/2012
e faz quase um ano...

Mas eu sempre volto não é?

Tinha engordado, janeiro começo estava com 60,5 kg. Tinha tido pequenas crises, emagreci, fiquei com 52/51 e agr eu não sei exatamente mas a ultima vez, essa semana, estava com 53/54 kg, inchada por pilula do dia seguinte (que tomei domingo e segunda) e hoje menstruei.

Estava me dando coisa. Impulsividade, tristeza, claustrofobia, vontade de me cortar. Me arranhei, falei com meu namorado, me dei umas mordidas e estou melhor. Em casa o clima nunca foi tão ruim. Mas eles estão viajando. Não estou com vontade de falar nisso.

Sei apenas que preciso da Ana!!

Hoje eu comi bem, não demais, mas o bastante pra me culpar. Quero ficar de NF amanhã (domingo) e segunda. E não comer mais nada hoje também. Preciso sentir a Ana, mesmo que só um pouquinho.

Então tá aí. Nada até 23:59 de segunda. Só posso comer 00 noite de terça. Vai dar umas 60 hs de NF.

:: Postado por Drª Anna às 19h18
:: (2) Vários Comentários
:: Enviar esta mensagem

AVISO:
Esse blog tem conteúdo dos meus problemas, transtornos alimentares, e vida pessoal. É um blog pró-anorexia, bulimia e T.A.s. Se isto lhe ofende, ou é contra, não faça-me perder tempo com seus insultos sobre meu modo de vida. Simplesmente abandone o blog.
Do contrário, seja muito bem vindo e saiba que seu comentário é muito importante!

Drª. Ana
Sou a Drª. Ana e tenho 18 anos. Moro no estado de SP - Brasil, vivo nesta sociedade em que o rótulo importa muito. Sou adepta da anorexia e fui da bulimia nervosa e aqui conto minhas experiências com dietas e com minha vida pessoal

orkut - E-mail - E-mail - Fórum Ana-Debate

A luta
Início: 64,4 kg (Julho 2008 oscilando entre 60 e 64 até setembro)
Atual: 55 kg
Peso mínimo: 42,00 (23/07/2009)
Altura: 1,565 m

Em relação à descrição do perfil, percebemos que a autora do blog “Dra. Anna” relatou ter 18 anos e reafirmava ser uma “adepta” da anorexia e bulimia (como um modo de vida). Também descreveu o objetivo deste blog, “*aqui conto minhas experiências com dietas e com minha vida pessoal*”. Outrossim, um trecho intrigante que apresentou a descrição [vivo nesta sociedade em que o rótulo importa muito], percebemos que a autora fez uma clara alusão de que a sociedade representa uma “sociedade”, numa analogia a algo que é nocivo, demarcando ainda que o rótulo importa muito, ou seja, acreditamos que ela se referiu, por exemplo, ao padrão de beleza magra massificado no contexto contemporâneo.

Voltando ao blog *Dama do NF*, vemos que um discurso similar foi percebido. Na narrativa do blog, a ideia de representação das práticas anoréxicas e bulímicas se construiu por meio de argumentos diferenciados, evidenciando o auto reconhecimento do “estado patológico”. Na postagem de 01 de junho de 2011, a autora sinaliza sua condição psicológica e física, trazendo um relato intensamente realista do seu estado e as consequências de suas práticas perante o que ela chama “de seu único alicerce”, o transtorno alimentar.

É fundamental refletir os elementos presentes nesta postagem, de modo que apresentaram formas de representação comuns nos blogs. Desse modo, percebe-se em primeiro, um estado narrativo “solitário”, de “ostracismo” dessa praticante; segundo, a construção de “álibis de superação” para o autoflagelo corporal (o que implica na ideia de apologização do estilo de vida e na defesa de práticas de sofrimento corporal e psicológico para se alcançar o objetivo último, a magreza). Além disso, o relato descreveu a necessidade das autoras em manter suas práticas às escondidas e, o isolamento social como uma consequência das práticas, afinal elas não querem ser descobertas pelos familiares, amigos, médicos, entre outros.

Quando desperto me deparo com a realidade **cruel do sofrimento, mais psicológico do que fisiológico**, mutilar meu corpo, acabar com minha úvula, com meu esôfago, degradar aos poucos meu estomago, soltar sangue aos pedaços, é cruel, duro, mas é a verdade, **sentir dores abdominais intensas e sorrir, sentir-me segura em um canto escuro do quarto e por lá permanecer**, sentir vontade de ficar sentada no chão do banheiro por horas a fio tendo como único companheiro o vaso sanitário e fazê-lo. E a pior parte talvez, é viver com um spray na bolsa e um trident na boca para maquiar o mau hálito, você sabe que o estomago exala um cheiro de fossa, quando vazio, que faz parecer que você fez bochecho com a água da privada, **então pensa e acha melhor falar somente o necessário e de longe evitando qualquer aproximação, afinal ninguém precisa saber, mas a verdade é que não é sua culpa é apenas um efeito colateral, que te faz viver em um ostracismo, o medo de que alguém tente te levar ao médico, de que alguém descubra seu ponto fraco e derrube seu único alicerce... O seu TRANSTORNO ALIMENTAR! Hoje: 67,8kg rumo aos 50kg e mais a frente 40kg.**²⁰⁹

Parece fortuito refletir que os relatos citados nos blogs Pró-Ana tem uma dupla função na representação, pois as narrativas se inscrevem por argumentos em defesa do estilo de vida, fortalecendo-o pela negação de um estado patológico determinado no campo científico, mas ao mesmo passo que reafirma elementos inscritos da realidade patológica, marcando suas trajetórias da Anorexia. De fato, percebemos que a negação do corpo, da condição física e até da própria vida são elementos de centralidade na representação da Anorexia. Podemos ver numa perspectiva histórica, que as trajetórias dessas jovens foram atravessadas por elementos de construção e desconstrução de suas subjetividades, frente a complexas relações individuais e sociais.

É importante sinalizar elementos que descrevem os perfis dos blogs analisados, demonstrando que o uso dos blogs e as práticas da Ana funcionam como elemento de controle sobre si. Vale refletir essas descrições com a finalidade de direcionar a construção de categorias analíticas dos IMCs para a representação. No primeiro blog, a autora de *Squized Ana*, descreveu sua auto apresentação no campo do perfil, sinalizando um importante elemento de análise, ou seja, que reside na ideia de perfeição, a qual se busca alcançar pela manutenção de práticas anoréxicas às escondidas.

Era uma vez uma menina de apenas 17 anos, **ela achava que deveria ser perfeita**, mas isso dava muito trabalho. Passou muito tempo da sua vidinha na cela que construiu, **a cela da perfeição**. Ali, não podia fazer muitas coisas. Tinha que **fazer só as coisas certas**, e como era difícil fazer a coisa certa. Mas ela conseguia, a todo custo, e ficava orgulhosa disto! Talvez seja

²⁰⁹Análise da fonte digital: *Squized Ana*, Ver em: Ver em <http://nosdeixemquietas.blogspot.com.br/>. Acesso em 30/11/2017.

neste blog, que essa menina encontre forças para levar sua vida de Ana às escondidas.²¹⁰

No blog *Iniciando... Anna e Mia*, na primeira postagem datada de 23 de fevereiro de 2009, intitulada de *Star*, a autora busca traduzir o significado da palavra *star* para o português, sinalizando por meio desse texto, um ponto de partida na sua busca pelo corpo perfeito, iniciada aos 22 anos. Podemos ver o quanto *essa* motivação pela perfeição era um ponto comum nas práticas identitárias das Pró-ana e assim, percebemos que o ideal de perfeccionismo estabeleceu um elemento da representação. Vejamos a citação abaixo que apresenta a questão.

[... Indo mais a fundo ao estudo todas essas palavras tem por seu significado. **SER**, primeira parte de uma ação; o primeiro momento da existência; os princípios, as primeiras partes, as primeiras tentativas; Ou seja... esse é o **MEU PONTO DE PARTIDA...** É DAQUI que começo... SEM FRACASSOS, SEM MEDOS. **RUMO A UM OBJETIVO. O CORPO PERFEITO...** A partida começou...Agora é Vencer ou vencer PS: Li essa frase no blog da *anne-darkness*. Olha só... "Se você quer chegar a um lugar onde a maioria não chega, precisa fazer algo que a maioria não faz".²¹¹

Explorando um pouco mais a descrição dos perfis dos blogs Pró-Ana, analisamos a página inicial de *Iniciando...Anna e Mia*, onde a autora descreveu no perfil um breve texto de sua última auto apresentação. No espaço “*quem sou eu*”, ela relatou o nome (fictício, conforme verificado em outra postagem), idade, cidade e suas experiências com a Ana e Mia. Nesta postagem, temos um dado relevante, que sinalizou a possível permanência do quadro de Anorexia e de Bulimia na vida adulta. Neste blog, há postagens de 2009 à 2017, onde podemos verificar que o início de suas escritas se deu aos 22 anos, em fevereiro de 2009. Ou seja, o texto citado abaixo trouxe uma descrição do perfil mais atual de sua auto apresentação.

Sou uma menina sonhadora, **jah sofri muito por não ser como gostaria** tive **Anna e Mia** e entendi que elas sozinhas não iriam me ajudar, **tenho 29 anos** moro na maior capital do Brasil. Vivo uma solidão em meio ao caos e ao mar de pessoas, **você talvez possa me entender, se ao menos parar para "ler" meus sentimentos.**²¹²

No blog *Ana Mia Sempre*, a apresentação do perfil e o objetivo do blog encontrou similaridades em relação aos blogs anteriores. Ao descrever seu blog, a autora alertou para o conteúdo do mesmo, chamando a atenção de que se tratava de um: “*blog totalmente*

²¹⁰Análise da fonte digital: Blog *Squized Ana*, onde ela faz uma descrição do seu perfil, apontando alguns dados relevantes de análise. Ver em <http://nosdeixemquietas.blogspot.com.br/>. Acesso em 30/11/2017.

²¹¹ Análise da fonte digital: Blog *Iniciando...Anna e Mia*, postagem *Star*. Ver em: <http://alfa-anna-mia.blogspot.com.br/>Acesso em: 06/06/2017.

²¹² Análise da fonte digital: Blog *Iniciando...Anna e Mia*, descrição do espaço “*quem sou eu*”, Ver em: <http://alfa-anna-mia.blogspot.com.br/>Acesso em: 06/06/2017.

polêmico. *Sou Pro Ana e Mia e peço respeito. Não peço que compreenda apenas que respeite minhas decisões.*”²¹³ Ainda sobre a descrição do seu perfil na postagem “*Começando a reação (aniversário=recaída)*” de 29 de janeiro de 2012, a blogueira nos indicou não apenas sua idade, mas o tipo de relação que ela manteve com a Anorexia e com a bulimia.

Esses 18 anos **me fez pensar que faço dieta desde os 12 anos** e comecei a vomitar com 13 anos, **aos 14 anos a Ana se tornou inseparável** e ficou comigo por muito tempo, hoje a um ano aproximadamente, a Ana não está tão presente mas a mia e os reflexos da doença como a depressão, compulsão e paranoia estão cada vez pior.²¹⁴

Nesse tópico, discutimos o arcabouço teórico da representação e as primeiras postagens utilizadas como fontes, trazendo uma reflexão introdutória para as metáforas dos IMCs. A imagem abaixo foi retirada do Blog *Mileycha: de dentro pra fora*, no texto *Mente Pró-ana*, onde duas crianças com trajes de pijamas antigos, estariam supostamente preocupadas com o peso. Dessa forma, a imagem representou a síntese da preocupação, que esteve cada vez mais latente entre os jovens, sobretudo, para o controle do peso corporal. É importante retomar o argumento que reafirmou que os padrões de beleza, idealizados para a magreza e para a obsessão com o controle do peso corporal, têm suas raízes nos processos históricos das primeiras décadas do século XX, e contextualizam o enredo da fotografia abaixo:

Figura 3: Blog [*Mileycha: de dentro pra fora*]: *Mente pró-ana*, 16 de maio de 2009



A busca da magreza como sinônimo de perfeição têm sido difundida e defendida cada vez mais nas sociedades contemporâneas. As experiências narradas nos blogs Pró-Ana vem demonstrando como esse ideal está presente na realidade das jovens e adolescentes, nesse período de intensa transformação do corpo, do debate de gênero, de crenças, dos padrões

²¹³Análise da fonte digital: Blog Ana Mia Sempre, descrição do blog. Ver em: anamiasempre.blogspot.com.br. Acesso em 07 de fevereiro de 2017.

²¹⁴ Análise da fonte digital: Blog Ana Mia Sempre, postagem “*Começando a reação (aniversário=recaída)*” de 29 de janeiro de 2012. Ver em: anamiasempre.blogspot.com.br. Acesso em 07 de fevereiro de 2017.

sociais e culturais, as adolescentes vivenciam diferentes dilemas nos campos individual e social, que se desdobram na tomada de decisões, na defesa de seus ideais, na formação de opinião, em grupos ou tribos de pertencimento e, conseqüentemente na construção de suas identidades sociais.

Nesse sentido, as categorias analíticas conjunturais se apoiam em conceitos como indivíduo, identidade, corpo, beleza, saúde e doença, relacionando-os com discursos, práticas e experiências anoréxicas nos blogs, de modo que estabeleça elementos da representação social da Anorexia no movimento Pró-Ana. Portanto, as possíveis categorias desta idealização da magreza para a representação social da Anorexia nos blogs, fundamenta-se na lógica entendida como motivação (ideal) e de práticas (experiências), cuja consolidação se dá por meio de junção desses elementos, sintetizando em: representação hedonista, saudista, (psico)patológica ou ainda representação em defesa desta como estilo de vida.

3.2- “O I da questão” Imagem Corporal Perfeita, Internet e Identidade: discursos, práticas e experiências da Anorexia nos Blogs Pró-Ana

As narrativas provenientes do fenômeno Pró-anorexia nos blogs brasileiros de 2006 e 2014 nos permitiu explorar o campo simbólico das práticas, discursos e experiências do fenômeno no início do século XXI. Inicialmente, identificou-se que as postagens nos blogs seriam classificadas em três eixos centrais de análise: *campo textual, visual e experiencial*, indicando um caminho para o entendimento da representação social nos blogs.

No campo *textual*, utilizou-se relatos sobre as práticas Ana, gírias, dietas, desafios, medicamentos, códigos e truques, que visam socializar estratégias para manutenção do baixo peso e alternativas para ludibriar os familiares em relação à alimentação. Assim, algumas postagens demonstraram como se deu as experiências neste *ciberespaço* que se inserem os blogs, seja como estilo de vida ou como doença. Portanto, vale citar inicialmente, os registros textuais na narrativa que retratou o entendimento do fenômeno no blog *Iniciando...Anna e Mia*, postada em 31 de dezembro de 2011.

Anorexia: Vem do latim. Significa sem fome. É um distúrbio alimentar (do ponto de vista médico) e psicológico. Do ponto de vista anoréxico, a anorexia é um estilo de vida em que a pessoa come muito pouco, apenas o suficiente para sobreviver, passa às vezes dias sem comer e gosta de um estilo de magreza como ideal de beleza. Nós, anoréxicos (as) “apelidamos”

nossa amiga de Anna ou Ana.²¹⁵

Na postagem do blog *Squized Ana*, intitulada de “*Relendo a carta da Ana*”, de 07 de junho de 2011, percebemos uma das formas de representar e interpretar a Anorexia (Nervosa) pelas blogueiras adolescentes. Vejamos no texto citado, as diferentes relações das adolescentes com a Anorexia, na medida que se buscou uma aproximação, criou-se certa “intimidade” com a mesma, expressando na forma de simplificação da “Ana”, a personificação dela com um ente, uma amiga, a qual constituiu um pacto relacional, um “firmamento”, um “voto”.

Querida leitora, permita me apresentar. Meu nome, ou como sou chamada, pelos chamados ‘doutores’ é Anorexia. Anorexia Nervosa é meu nome completo, mas você pode me chamar de Ana. Felizmente nos podemos nos tornar grandes parceiras. No decorrer do tempo, eu vou investir muito tempo em você, eu espero o mesmo de você.²¹⁶

A apresentação de siglas das doenças e de práticas realizadas pelas blogueiras foi relatada com frequência nos blogs. No texto que trouxe a imagem de uma Barbie extremamente magra, a autora do blog *Dra. Anna*, descreveu uma espécie de guia com a nomeação de novas descrições de doenças e de práticas ligadas aos transtornos alimentares, explicitando a finalidade de esconder essas práticas. Na postagem, descrita como “*Novos nomes*” de 23 de maio de 2009, ela afirmou:

Nossas melhores amigas são Ana, Mia, Vixy e Ortícia (resolvi criar um apelido pra Vigorexia (vixy) Ortorexia (ortícia) também... Gostaram? Então comecem a usar... **Do jeito que as coisas andam, talvez a gente tenha que criar novos nomes para despistar!**) Outro nome que criei foi Amfa. É por que as meninas que se cortam, umas dizem AM de automutilação mas se confunde com Ana e mia. Outras dizem autoagressão, mas dão muita bandeira com isto... Outras dizem AF de autoflagelo... Aí juntei e fiz uma sigla: A- auto, M - mutilação/mutiladora, F flagelo/flagelista, A-agressão/agressora. Eu também já me cortei e já bati minha cabeça na parede algumas vezes então acho que também sou Amfa, mas não aconselho nem quero que vire modinha, é apenas mais um nome do mundo paralelo que vivemos.²¹⁷

As diferentes concepções sobre a Anorexia foram fundamentais para a reflexão do fenômeno na contemporaneidade. Ao trazer o debate do IMC da questão, buscamos dialogar os elementos de sua construção, para entender não apenas o papel do Índice de Massa

²¹⁵Análise da fonte digital: definição de Anorexia segundo a autora do Blog *Iniciando... Anna e Mia*, na postagem que tem o título “Dicionário Anna e Mia”, datada de 31/12/2011. Acesso em <http://alfa-anna-mia.blogspot.com.br/>.

²¹⁶Análise da fonte digital: Blog *Squized Ana*, postagem “*Relendo a carta da Ana*”, de 07 de junho de 2011. Ver em: <http://nosdeixemquietas.blogspot.com.br/>. Acesso em 30/11/2017.

²¹⁷ Análise da fonte digital: Blog *Dra. Anna*, postagem “*Novos nomes*”, de 23 de maio de 2009. Ver em: <http://dra.anna.zip.net/>. Acesso em 05 de fevereiro de 2017.

Corporal nos blogs, mas também constituir por meio de metáforas, essa representação. O *I da questão*, constitui um arcabouço analítico que inter-relaciona as fontes digitais e impressas. Constituindo uma relação entre identidade, imagem corporal perfeita e internet, por meio das práticas, discursos e experiências presentes nos blogs.

O Desse modo, as citações material das fontes digitais demonstraram que a questão construção das identidades esteve á vinculada às à construção das experiências, já a ideia de imagem corporal perfeita representou umé um elemento discursivo de busca da magreza e a internet se apresentou como uma ferramenta de para socializaçãor daas práticas vivenciadas. Além das postagens citadas dos Blogs *Iniciando...Anna e Mia* e *Squized Ana*, vemos no texto “*Anorexic Creed’s*”, de 01 de setembro de 2008 do blog *Dama do NF*, a autora descreveu elementos que reafirmaram a apropriação a Anorexia como um ente: “*Eu me dedicarei à Ana. Ela estará comigo sempre e me manterá na linha. Ninguém mais importa, ela é única que se preocupa comigo e me entende. Eu a honrarei e a farei orgulhosa.*”

No blog supracitado, ao analisar a postagem intitulada de “*Exigindo mais de mim*”, de 05 de março de 2012, percebemos um forte apelo para a questão dos exercícios físicos. Perpassando um relato que descreveu uma crise de depressão associada à condição corporal da blogueira, vemos o problema de distorção da imagem corporal presente em grande parte dos casos de Anorexia.

Entrei na academia, estou fazendo musculação e aeróbios vou seguir uma dieta de 300 a 500 cal, vou ser mais ponderada e menos ansiosa, tenho sofrido bocados por causa do meu peso, estou em plena crise de depressão, não quero mais sair de casa, exato, me sinto mal quando coloco meu jaleco ele não fica bem em mim e sei que por mais que emagreça ainda serei uma obesa mórbida, sinto- me enojada com a hipócrita dó de algumas pessoas que me dizem que estou ótima, que não estou gorda, **EU SEI QUE SOU UMA PORCA!** Sei que tudo é culpa minha, que sou eu que devo correr atrás do prejuízo e vou... Me olho no espelho e não consigo reconhecer a imagem, me sinto um lixo, me sinto a própria baleia, que inferno.²¹⁸

É comum nos registros que denunciam a indignação das blogueiras com suas imagens corporais, a afirmação de discursos hostis, tanto em relações aos seus corpos, como em apologia à lipofobia. Os exemplos de associação negativa da imagem de animais com a gordura corporal representa uma das vertentes desses discursos. Vimos que o texto acima citou essa perspectiva, a ver pela frase: “*eu sei que sou uma porca*”, e em outros relatos que

²¹⁸Análise da fonte digital: *Blog Dama do NF*, postagem “*Exigindo mais de mim*”, de 05 de março de 2012. Ver em: <http://damadonf.blogspot.com.br/>. Acesso em 30 de novembro de 2017.

legitimaram um discurso similar, como na postagem do blog *Ana Mia Sempre*, de 29 de janeiro de 2012, que descreveu: “*tudo que eu queria era comer sem me sentir uma vaca gorda, era poder me sentir uma princesa linda e magra e tudo que tenho hoje é um corpo gordo que eu odeio*”.²¹⁹

Nas narrativas textuais nos blogs ocorreram certos temas, que definiram os campos de experiências e de práticas identitárias no conjunto da representação. Dessa forma, alguns aspectos chamaram atenção para a construção e experimentação dessas “identidades culturais”. Assim, as publicações trouxeram uma série de recursos que reforçaram os ideais Pró-Ana, dentre eles, imagens de modelos, artistas e vídeos, a utilização de pulseiras de uma determinada cor para identificar as praticantes da Ana/Mia; a comunicação por meio de gírias e de mandamentos, a descrição de termos que constituíam um dicionário/vocabulário das Ana/Mias nos blogs; além da vinculação de desafios de emagrecimento e da difusão de uma “rede de selinhos”, constantemente “trocados” entre os blogs do movimento Pró-Ana e Pró-Mia.

Ao especificar os elementos de identidade entre as Pró-Anas e Pró-Mias, citamos o uso de *pulseirinhas de identificação* entre as praticantes da Ana e da Mia como um exemplo emblemático. A experimentação dessa prática visou não apenas criar uma ferramenta de aproximação e de identidade no cotidiano real, mas também de reafirmar um compromisso em defesa desta como um estilo de vida, criando uma ideia de pertencimento ao movimento e ao grupo de adolescentes que vivenciavam a Anorexia e a Bulimia. Desse modo, percebemos que essa tema era recorrente nos blogs, a ver pela estrutural visual do Blog *Iniciando...Anna e Mia*, e nas postagens intituladas de “*Pulseirinha*”, do blog *Dra. Anna* e do Blog [*Mileycha, de dentro pra fora!*]

²¹⁹Análise da fonte digital: *Blog Ana Mia Sempre*, postagem *Começando a reação (aniversário = recaída)*, de 29 de janeiro de 2012. Ver em: anamiasempre.blogspot.com. Acesso em 07 de fevereiro de 2017.

Figura 4: Blog Iniciando Anna...Mia. Figura: Blog Dra. Anna e Figura: Blog [Mileycha, de dentro pra fora!].



Outros aspectos que foram difundidos nos blogs reafirmavam a experimentação das identidades Pró-Ana e do movimento na rede. Além das pulseirinhas, as blogueiras Pró-Ana e Pró-Mia consolidaram uma rede bem articulada para promover contatos, discussões e debates. Nesse sentido, elas divulgam páginas, fóruns e comunidades na rede virtual, com a finalidade de articular diálogos sobre temas relacionados às suas práticas. No blog *Dra. Anna*, por exemplo, há inúmeros registros e links de comunidades e fóruns para esse fim. No subtópico da postagem “*Dia Médio*” de 16 de setembro de 2009, descrito como “*Ana debate*”, a autora descreveu:

Gente, o fórum cresceu demais! Estamos com **178 usuários** e quase todos os dias alguém se registra. **Muita gente tem respondido tópicos e um em especial merece atenção, é um debate sobre o documentário "Diário de uma anoréxica". Muito boas as opiniões sobre a Ana e a magreza extrema e as experiências que deram.** Quem quiser, dê uma conferida, aproveita se registra e participa também. E ficarei muito agradecida a quem linkar ou divulgar no orkut ou no blog.²²⁰

As postagens continham uma série de conteúdos como, por exemplo, a troca de selinhos²²¹ entre as blogueiras, *gifs* de imagens de inspiração da magreza, frases de motivação como a do Blog *Squized Ana* “Seja leve, e voe, como uma pena guiada pelo vento”. Abaixo, segue alguns selinhos de diferentes blogs:

²²⁰Análise da fonte digital: *Blog Dra. Anna*, postagem “*Dia Médio*” de 16 de setembro de 2009. Ver em <http://dra.anna.zip.net/>. Acesso em 05 de fevereiro de 2017.

²²¹Selinho é um selo postal eletrônico, sendo trocado entre os blogs, como a intenção de promover desafios, interações, experiências Anas e quiz de perguntas entre as blogueiras. Geralmente, a postagem de selinhos segue algumas regras, dentre elas, citamos por exemplo: dizer quem te passou e colocar o link para o blog dela, copiar as perguntinhas no blog de quem te indicou e substituir as respostas dela pelas suas, escolher 5 pessoas para passar o selinho e avisar no blog das nossas convidadas sobre o selinho.

Figura 5: Selinhos postados nos Blogs Pró-Ana



Selinho 1: Blog *Dama do NF e Dra. Anna.*/Selinho 2: Blog *Squized Ana*/Selinho 3: Blog *[Mileycha de dentro pra fora]*.



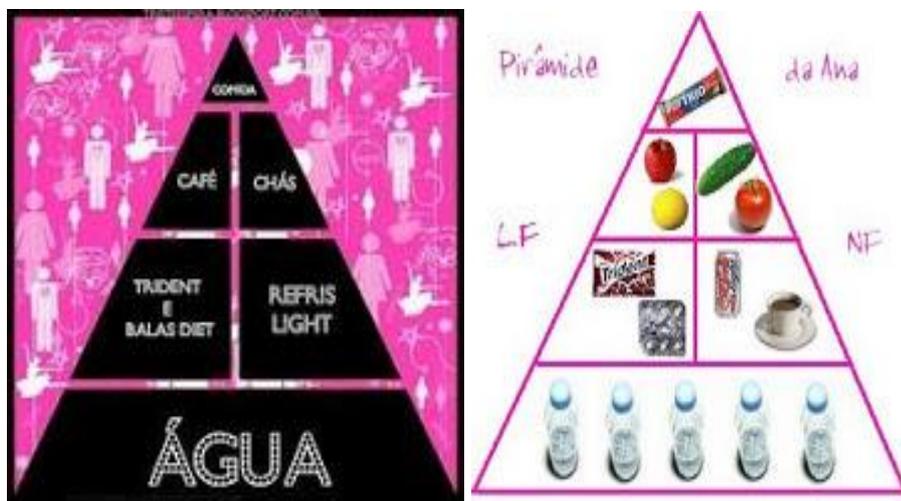
Selinhos 4 e 5: Blog *[Mileycha dentro pra fora]*, Selinho 6: Blog *Iniciando...Anna e Mia.*

Além dos elementos supracitados, houve uma extensa difusão de músicas, letras, videoclipes e bandas, que foram reapropriadas pelas Anas para reafirmarem essas ideias, mas que na maioria das vezes estavam descontextualizados da realidade explicitada por esses recursos. Elas usaram diversas referências de bandas e músicas, como o grupo Superchick (músicas *Courage* e *Stand in the rain*), o grupo Skin and Bones (música *Wide Awake*), o artista Silverchair (música *Ana's song*), o grupo K-SIS (música *Reflexões no espelho*), o artista All time Low (música *Therapy*), entre outras. É importante sinalizar que não necessariamente essas bandas reafirmavam a defesa dos transtornos, mas na maioria das vezes, reafirmavam a trajetória de superação desses.

Além dos selinhos, a construção da identidade do movimento Pró-Ana pôde ser percebida por meio da divulgação de pirâmides “alimentares” que “idealizavam” e propagavam os tipos de alimentos e bebidas para as Anas. Os relatos sobre dietas, o uso de medicamentos, a disposição de metas, as tabelas de Índice de Massa Corporal (IMC) e de peso ideal apareciam constantemente nos blogs. Abaixo, colocamos dois exemplos de pirâmides alimentares das Anoréxicas, onde podemos observar algumas semelhanças e

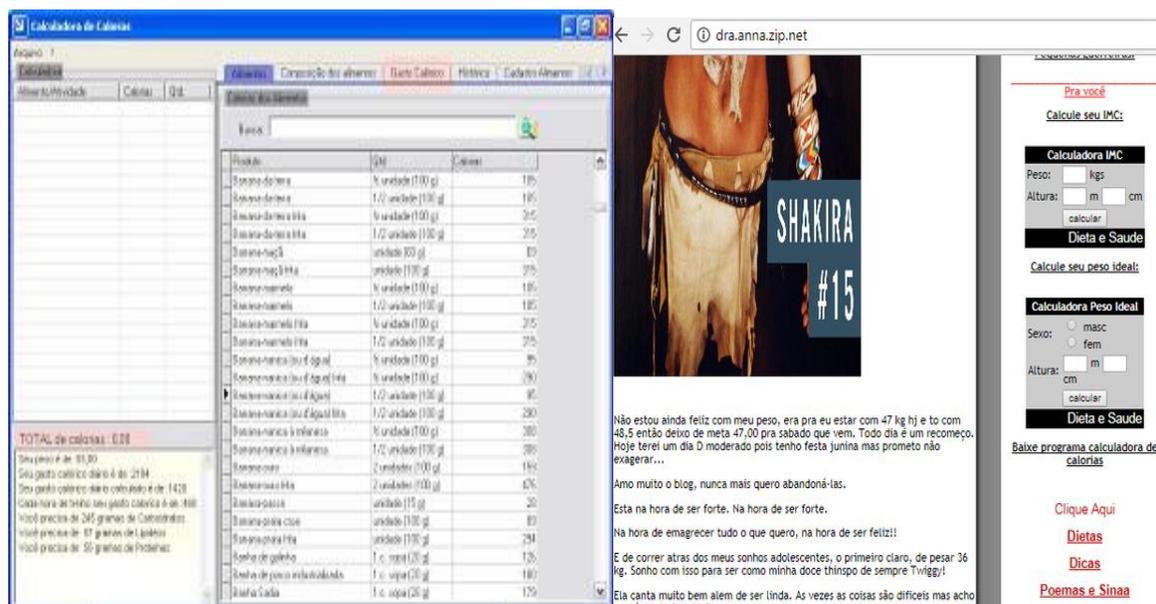
diferenças quanto aos alimentos ideais e “preconizados” por elas.²²²

Figura 6: Blog *Iniciando Anna e Mia*, Blog *Ana Mia Sempre*.



Além das pirâmides, é importante exemplificar as barras laterais de IMC, que geralmente faziam parte da estrutura dos blogs Pró-Ana. Nestas barras, era possível calcular o Índice de Massa Corporal, dando o parâmetro para quem preenchesse tais informações. Além do cálculo do IMC, podemos ver algumas dicas de programas para o controle das calorias de vários alimentos, como foi no caso da postagem de 16 de novembro de 2010, do blog *Squized Ana* e na barra lateral direita do blog Dra. Anna com a tabela do IMC.

Figura 7: Blog *Squized Ana* e Figura 8: Blog *Dra. Anna*.



²²² Figura 6: Pirâmide alimentar das Anas, análise de uma fonte: *Blog Iniciando...Anna e Mia* disponível no link <http://alfa-anna-mia.blogspot.com.br/> e do Blog Sempre magra, fonte complementar disponível no link <http://sempremagra-dissipada.blogspot.com.br/> Acesso em: 30/01/2017.

Vimos que essa tabela de controle de calorias é um programa que permitia o acompanhamento diário da alimentação, fornecendo uma série de parâmetros calóricos, além de auxiliar nas práticas de restrição alimentar, massificada nos blogs Pró-Ana. Segue a descrição da postagem, onde a autora relatava:

[Olá magrinhas da minha vida! :) Achei isso **MUITO interessante pra quem come de acordo com as calorias**. É um Programa de Controle e Tabela de Calorias que mostra as calorias de todos os alimentos, quanto de gordura, proteína, fibras eles possuem] ... [É bom demais pra você controlar e ver como está comendo **MUITO**. Sabem que **pra perder peso DE VERDADE, não dá pra passar das 250kcal por dia!** Sem falar que ele também mostra **GASTO CALÓRICO**, fala quantas kcal você perde fazendo tal exercício, dançando, cantando e etc].²²³

Um ponto importante de defesa das ideias pró-anoréxicos nos blogs estava contido em meio à postagem “*Começando um NF*”, onde a autora do blog *Dra. Anna*, utilizou uma imagem criada pelo blog (*Anna Cz*), para compartilhar a “campanha” de não discriminação das Anas e Mias. Percebemos que esse conteúdo tem um significado simbólico importante, visto que nos blogs Pró-Anas e Pró-mias, segundo elas, havia uma grande hostilização por parte da sociedade, seguida por inúmeras críticas de suas práticas. O fato de inúmeros comentários contrapondo os argumentos das blogueiras era comumente observado em postagens dos blogs, onde inúmeras pessoas, geralmente anônimas, criticavam as experiências narradas por elas, patologizando suas práticas, apregoando referências a citações religiosas, entre outras.

Figura 9: Blog *Dra. Anna*, postagem *Começando um NF*, de setembro de 2009.



²²³Análise da fonte digital: Postagem “*Controle de calorias no pc*”, de 16 de novembro de 2010, do Blog *Squized Ana*, onde a autora relata o uso do programa para controle de calorias. Ver: <http://nosdeixemquietas.blogspot.com.br/2010/11/controle-de-calorias-no-pc.html?zx=eef307d3bb33bfcf>. Acesso em 05 de fev. de 2018.

A alusão de alguns elementos que inserem a reflexão da representação da Anorexia nos blogs nos faz afirmar que as possíveis categorias interpretativas e analíticas dos discursos produzidos nos blogs Pró-ana estão intimamente ligadas ao corpo e aos seus usos no contexto histórico-social contemporâneo. Desse modo, os blogs são ambientes em que podemos observar os sujeitos modernos exercendo algum “direito de propriedade” sobre seus corpos, práticas e usos, o qual incide na criação de novas identidades que se corporificam pelo controle, e que se relacionam pela experimentação de um corpo “real” e “virtual”, desde o auto modelamento da imagem corporal à um padrão massificado de beleza magra, até o (in)sucesso na própria construção do eu.²²⁴

Corroborando com a visão do sociólogo Zygmund Bauman (2010), o que importa aos jovens na atualidade é conservar a capacidade de recriar a “identidade” e a “rede” a cada vez que isso se fizer necessário, ou que estejam prestes a sê-lo. O autor argumentou que houve uma substituição da preocupação dos nossos antepassados com a identificação para a ideia de reidentificação, ou seja, as identidades devem ser descartáveis, uma identidade insatisfatória, não satisfatória o bastante ou que revele sua idade avançada deve ser fácil de abandonar: expressando nessa biodegradabilidade o atributo mais desejado da identidade ideal.²²⁵

A capacidade interativa da Internet foi feita sob medida para essa nova necessidade. É a quantidade de conexões, mais que sua qualidade, que faz a diferença entre as possibilidades de sucesso ou fracasso. Ela permite manter-se informado sobre a “última moda”, ou seja, os sucessos mais ouvidos, camisetas da moda, os mais recentes e comentados festivais, festas e eventos com pessoas famosas, ao mesmo tempo, ela ajuda a atualizar os conteúdos, a redistribuir os traços característicos no retrato do próprio eu e a apagar rapidamente os traços do passado, os conteúdos e características já vergonhosamente ultrapassados.²²⁶

Há uma série de recursos textuais e visuais comuns nas diferentes postagens, que reforçam os ideais pró-ana. Ainda no campo *textual*, utilizou-se diferentes argumentos e relatos cotidianos sobre as práticas Ana. Observamos que a expressão de sentimentos e sensações tendia a variar conforme circunstâncias contextuais e, estavam relacionadas a um complexo campo biopsicossocial. Podemos perceber que os textos traziam discursos motivacionais, depressivos, inspiradores e eufóricos, sendo constantemente associados às

²²⁴SOUZA, Bruno Naegeli. **Estudo psicológico das narrativas de weblogs pró-anorexia (pró-ana)**. op. cit. 2014.

²²⁵BAUMAN, Zygmund. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar. 2010. p. 27.

²²⁶*Ibidem*, p. 27.

práticas de emagrecimento e de dietas, seja para atingir ou não, as metas e ideais dessas práticas. Um exemplo se deu pela poesia, na postagem citada abaixo:

Minha vida tem de ser sofrida/De nada valem os acertos/Não consigo melhorar/É como se eu não aprendesse nada/Cometo os mesmos erros/Não me canso de errar/Procuro uma trégua e não encontro/ Como se o destino fosse um porto/Acessível no além mar/Esse local existe mas não há veículo/Que este corpo físico/Consiga transportar/O único caminho é a morte/Que caso eu tenha sorte/Ira me confortar.²²⁷

Em diversos registros textuais dos blogs Pró-Ana, percebemos a ocorrência de postagens que funcionavam como um diário virtual sobre seus cotidianos e práticas. Assim, há uma variedade enorme de assuntos e conteúdos, mas é importante registrar, por exemplo, que em alguns casos, as postagens descreviam o desejo de morte como uma solução latente e última, de libertação da vida, por parte das praticantes da Anorexia. Ao analisar o blog *Ana Mia Sempre*, percebemos que a postagem “*Porque a morte seria a melhor solução*” de 11 de outubro de 2008, descreveu um discurso que reafirmava um “eu existencial” incompreendido frente à incapacidade da sociedade de entender que a experimentação anoréxica seria uma condição, não uma escolha.

Figura 10: Blog Ana Mia Sempre, texto intitulado de “Porque a morte seria a melhor solução”.



²²⁷Análise da fonte: exemplo textual que expressa o sentimento de “ser Ana” por meio da poesia, esse trecho foi postado no blog *Pro Ana sempre*. <http://ana17mia.zip.net/>, datado de 29/10/2006. Acesso em 30/05/2016.

Na postagem do Blog *Dama do NF*, de 5 de julho de 2010, intitulada de *Lamúrias*, a blogueira que tinha 19 anos à época, postou sua percepção sobre as possibilidades de “acessar” o blog como um espaço para representar sua relação com a Anorexia e o pertencimento individual/coletivo dessas experiências. A postagem expressou o estado de reafirmação em utilizar o blog no processo de representação, trazendo práticas experienciais que foram legitimadas por memórias que se inseriam no contexto da vida offline. É importante evidenciar a construção da ideia de pertencimento, de ajuda mútua entre os pares, frente à discussão do auto reconhecimento de suas práticas fora de um “padrão de normalidade”, ou seja, do que as intitula como “anomalias”, além de reafirmar a renúncia à comida e as inspirações corporais de outras anoréxicas.

[Nós somos quase que obrigados a perceber que nem tudo pode ser exatamente como gostaríamos, mas fugindo um pouco desta monotonia quero esclarecer várias coisas, um blog como esse com certeza não serviu só para lamúrias]...[Tudo que conto aqui pode ter certeza, eu vivi e vivo a cada dia, cada lágrima ou riso, cada vitória ou derrota estará aqui]...**[Tenho passado por momentos difíceis por agora e juro que não é por isso que recorro ao blog, e sim porque sei que existem milhares como eu que precisam entender que não estão sozinhas que são “normais” apesar de suas anomalias].. [Reconheço a tortura de renunciar a um prato de comida, eu passo por isso todos os dias]...[ver a barriga crescer e lutar contra isso]... [Por algumas vezes todos os amigos estarem na cantina, minha barriga roncar de fome e orgulhosamente falar não, e tantas outras falar sim eu vou comer e depois arrepende-se amargamente do que fez, olhar as fotos e não gostar do que está ali] ... [Quantas vezes olhar fotos de **thispos e invejar o corpo delas**, se odiar por não ser você].²²⁸**

O apelo imagético em prol da magreza era muito forte nos blogs Pró-Ana. O campo *visual* demonstrou o compartilhamento de imagens, fotografias e lemas, que eram utilizados nos blogs como parte importante das chamadas *thinspirations*, ou seja, as inspirações de magreza postadas na rede. Frases como “*se é saboroso, está tentando te matar*”, “*um minuto na sua boca, a vida toda no seu quadril*”, “*O que me nutre também me destrói*” e “*um corpo imperfeito reflete uma pessoa imperfeita*” demonstravam uma profunda insatisfação com o corpo que possuíam e a obsessão pelo corpo poderiam vir a se tornar, seguindo este estilo de vida.

Inúmeras frases viraram títulos de blogs, posts, comunidades e eram mescladas a fotografias de pessoas magras ou em vídeos motivacionais compartilhados na rede.²²⁹Nesse

²²⁸Análise da fonte: trecho do texto *Lamúrias*, postado no blog *Dama do NF*. Link , datado de 05/07/2010. Acesso em 30/11/2017.

²²⁹REIS, Vanessa. Ana e Mia na “nova” rede: comunidades reúnem anoréxicas e bulímicas na Web 2.0. *Op. cit.* 2008.

sentido, citamos um trecho que abordava a ideia do que seria os blogs Pró-Ana para uma das autoras: “Anas blogs: são nossos diarinhos virtuais onde postamos nosso perfil (falso é claro, já que não podemos ser identificadas) e nossa dieta, nossos sentimentos, fotos de inspirações, nossos sonhos, nossos dias, nossas dificuldades, dicas, incentivos”.²³⁰

Podemos entender que a incorporação dessas práticas “virtuais” expressavam um conjunto de ações possivelmente “realizadas” e compartilhadas pelas autoras e partidárias das ideias Pró-anorexia. Desse modo, alguns assuntos centrais eram difundidos em diferentes blogs, dentre eles: o repúdio à gordura corporal real ou imaginária, as práticas de jejuns e de restrição alimentar, as purgações, a contagem de calorias ingeridas, a utilização de fármacos para inibir o apetite e outros para causar o efeito de laxante. Além do compartilhamento de desafios, dietas, dicas e truques de como burlar a atenção de familiares, amigos e profissionais de saúde, a fim de manterem suas práticas em segredo.

No relato da primeira postagem do Blog *Mileycha: de dentro pra fora*, percebemos fatores identitários que introduziam relatos comuns entre as Pró-Ana. No texto intitulado de *Mente pró-ana*, datado de 16 de maio de 2009, a autora chamou a atenção para os elementos que a “fez” escolher pelo estilo de vida Pró-Ana.

Não gosto de pensar que sou doente. Me preocupo com meu corpo e meu peso e sei que não há mal nenhum nisso. Acho feio quem não se preocupa com o peso, ou diz não gostar de alguma comida, e a come com o maior prazer. Esse tipo de gente são pessoas sem personalidade. EU não me sinto bem quando como na frente das pessoas e não vejo mal nenhum nisso. **Quero ter um corpo magro e bonito. Me acho gorda. Pessoas me falam que estou acima do peso, que meu peito é grande demais, que preferem que eu seja magra...E acho que está na hora de mudar. Vejo minhas amigas magéérrimas caminhando com a maior alegria por ai, e quero ser feliz igual.** Tenho hoje 55kg. No início desde mês tinha 57kg, mas estou a 2 semanas de NF e LF. Iniciei meu estilo de vida pró-ana aos 17 anos, em 25 de agosto de 2007. Passei o dia de NF, e como era o Mc Dia Feliz, no fim da tarde comi um Big Mc. Foi então que conheci a Mia. A partir desse dia fiquei 2 semanas miando todo os dias toda comida que ingeria. Tinha 58kg e em 2 semanas fiquei com apenas 56kg. Sempre disfarçando e vivendo de dieta, ocilo meu peso dos 58kg aos 53kg... “/ Hoje minha meta é 47kg. **Resolvi criar esse blog para manter minha cabeça sempre focada na minha meta e jamais me desequilibrar.** Conto com a ajuda de quem puder me ajudar. Tenho consciência do que faço. Sou grandinha, já faço faculdade e sei as consequências que me esperam. E eu sei até onde eu quero ir.”²³¹

²³⁰Análise da fonte: a visão da autora do Blog *Iniciando... Anna e Mia*, na postagem com título “Dicionário Anna e Mia” de 31/12/2011, disponível no link: <http://alfa-anna-mia.blogspot.com.br/>. Acesso em 28/05/2016

²³¹Análise da fonte: descrição dos elementos de escolha para o estilo Pró-Ana, Blog *Mileycha: de dentro pra fora*, postagem “*Mente pró-ana*”, disponível em: <https://mileycha.wordpress.com/>. Acesso em 15/01/2018.

O campo *experencial* constituiu parte dos sentidos das postagens e a reafirmação dos ideias das Anas. Citamos que alguns fatores percebidos na “adesão” e “defesa” dos ideais Pró-anorexia eram expressos por símbolos de exaltação e de autoafirmação entre as partidárias e praticantes da Ana. A necessidade constante de divulgação das experiências praticadas pelas blogueiras demonstra um campo importante de análise. O exemplo das postagens que trazem as práticas anoréxicas por meio da proposição de *desafios*²³² é fundamental. Geralmente, esses desafios giravam em torno de metas de emagrecimento, dentro de uma periodicidade definida, em alguns eram oferecidos prêmios para incentivar a participação das blogueiras.

Desse modo, mostramos uma postagem emblemática, intitulada de “*Começa o desafio*”: “*Thin enough to float away*” ou “Fina o suficiente para flutuar” de 10 de julho de 2011, que consistia na proposição do ‘primeiro desafio’ do blog *Iniciando Anna e Mia*, o qual visava a realização de exercícios isométricos e uma dieta livre, por um período de um mês, compreendendo a primeira etapa. A blogueira propôs a adesão de outras participantes, solicitando que comentassem sua postagem e que incluíssem as seguintes informações às possíveis “adeptas do desafio”: nome, apelido, idade, peso, atual, altura, meta e blog ou e-mail para contato. Nesse sentido, colocamos abaixo a captura de tela do blog em tamanho reduzido, acerca da postagem supracitada.²³³

²³²Tomemos a ideia de proposição de desafios como um elo experencial de práticas virtuais e reais da Ana.

²³³Figura 11: Captura de tela da postagem “Começa o desafio”, de 10/07/2011, retirada da fonte analisada, o Blog *Iniciando...Anna e Mia*, link <http://alfa-anna-mia.blogspot.com.br/2011/07/desafio.html> . Acesso em 02/02/2017.

Figura 11: Desafio “Fina o suficiente para flutuar”



Ressaltamos que a postagem teve nove comentários no período proposto (01/08 à 31/08/2011), duas que já haviam iniciado outro desafio, o “yes we can” “Sim, nós podemos”, duas adeptas, que intencionaram fazer o desafio posterior às datas propostas, 02 comentários de incentivos motivacionais e um que repetia o conteúdo (duplicado). Segue também, a imagem do desafio, em tamanho reduzido em comparação a postagem no blog.

Figura 12: Imagem inicial do desafio expressada pelo ideal “Fina o suficiente para flutuar”.



Outro fator interessante nesta postagem se deu na alusão de que a participante vencedora do desafio ganharia três revistas femininas distintas, de diferentes edições (*Boa Forma*, *Corpo à Corpo* e *Dieta Já*). Essas abordavam temas relacionados ao desafio, demonstrando como essas jovens eram consumidores de informações veiculadas pelas mídias impressas, acerca de temas relacionados a dietas, exercícios físicos e da busca pela “boa forma”. Abaixo colocamos as revistas ampliadas para situar os conteúdos em questão.

Figura 13: Capas das revistas: *Corpo a Corpo*, *Dieta Já* e *Boa Forma* (possível prêmio do desafio postado em 10/07/2011, no Blog *Iniciando...Anna e Mia*).



A identidade Pró-Ana, também se consolidou a partir de postagens que trouxeram diversos discursos, práticas e experiências. Vários exemplos a retrataram, assim, citamos a importância dos “códigos” na incorporação e na conexão das práticas e das praticantes, como nos casos relatados por meio de siglas, que eram vistas cotidianamente nas postagens. Elas

descreviam um dos hábitos mais comuns entre as Pró-ana, a prática de controle da alimentação, em que se mensurava a quantidade de calorias e o tempo de restrição alimentar.

Assim, apresentamos as variáveis mais comuns das siglas de restrição alimentar: *Semi-NF* (dieta com poucas calorias), *No Food* (ficar sem comer), *Low Food* (comer pouco), essas “táticas” definiam diferentes “estágios” de restrição alimentar e da ingestão de calorias. Podemos exemplificar no fragmento de uma postagem, onde havia relatos sobre as práticas cotidianas de dietas e das “táticas de restrição alimentar”:

Ah novidade estou trabalhando, assim pelo menos penso menos em comida! Hoje 29-03 até q meu dia foi bom, pelas minhas contas, não comi mto só 2 coisas calóricas q não podia ter comido. Café da Manhã:1 clube social integral, Depois umas 2:00 horas da tarde comi um pouco de amendoim japonês e quando foi umas 18:00 comi um pacote de bolacha tortinha da adria. E agora são 20:54 e não vou comer mais nada. E vou fazer umas 2 horas de bicicleta hj...e abdominais... Estou com 49 kilos pra 1.60 (obesa) mais isso por pouco tempo.²³⁴

Acerca da questão dos códigos de incorporação das blogueiras, citamos a postagem do Blog *Dama do NF*, de 01 de julho de 2010, onde podemos inferir essa necessidade de controle do peso e a importância da imagem corporal para as praticantes da Anorexia. O título do texto chama a atenção, "*É preciso começar e decidi que é agora*". Neste fragmento, percebemos alguns elementos dos “códigos *NF, SF e LF*,” os relatos recorrentes de lipofobia (rejeição à gordura), além das diversas formas de motivação para o emagrecimento via *NF* (não comer), onde a apropriação da Ana (anorexia) se dá como uma prática.

Cheguei a 70 Kg, agora estou com 65 kg uma vergonha pra quem conseguiu de 82 pesar 54kg. **Preciso de alguém pra me ajudar no NF**, meu jeans 38 tá entrando de novo, mas **preciso urgente emagrecer, porque no próximo semestre usarei branco e isso é totalmente ridículo, uma gorda com roupa branca** ... [Vou fazer a tabelinha de metas ao lado. Acho que vai ajudar um pouco, minha balança está no banheiro, mas quem disse que tenho coragem de subir nela...AIHAIUAUIUAHAUA, é meio patético...Mas já que tenho que começar vai ser agora, **GO ANA GO!!!**]²³⁵

Na postagem do Blog *Dra. Anna*, podemos ver elementos interessantes de análise, a começar pelo conteúdo escrito. Trata-se de um relato que abordava o “retorno ao blog”. A reflexão importante se deu pela frase [*Sei apenas que preciso da Ana!!*], seguida do relato

²³⁴Análise da fonte: Exemplos de relatos das práticas de restrição alimentar, contagem de calorias e ingestão de alimentos compartilhados pelas “Anas” nos blogs são comuns. Esse fragmento de texto representada parte de um postagem retirada do Blog *Pro Ana Sempre* datada de 29/03/2007, acessado em dia 28/05/2016 no link <http://ana17mia.zip.net/>.

²³⁵Análise da fonte: trecho do texto "*É preciso começar e decidi que é agora*", postado no blog *Dama do NF*. Link, datado de 01/07/2010. Acesso em 30/06/2017. É importante relatar o fragmento do texto que expressa “no próximo semestre usarei branco”, expressa o ingresso da blogueira no curso de Enfermagem, confirmando em postagens posteriores no blog.

*[Hoje eu comi bem, não demais, mas o bastante para me culpar. Quero ficar de NF amanhã (domingo) e segunda] ... [Preciso sentir a Ana, mesmo que só um pouquinho].*²³⁶ Essa publicação nos mostrou alguns elementos válidos, de como as autoras constituíam a Ana (Anorexia) como uma ente personificada, ou uma espécie de “amiga/companheira”. Além disso, reforçam a ocorrência das “táticas restritivas” supracitadas, que foram expressas pelas práticas do NF (não comer).

O ápice da preocupação com a imagem corporal perfeita, representada pela magreza e atualmente, pela “boa-forma”, ocasionou uma busca incontrolável para se alcançar um “corpo perfeito”. Assim, os indivíduos buscaram a “qualquer custo”, adequar-se a um modelo ideal físico-estético, pautado no corpo magro e em hábitos *fitness*. Segundo Hay (2002), esse tipo de ideal, que atinge principalmente as mulheres, vem incidindo no desenvolvimento de quadros patológicos e em grandes prejuízos biopsicossociais, tendo como atenuante, a conjuntura de índices elevados de transtornos alimentares, sobretudo, de Anorexia e Bulimia Nervosas.

Na medida em que analisamos as inter-relações, ambiguidades e sobreposições da Anorexia frente à uma realidade biopsicossocial atravessada histórica e culturalmente. Percebemos que sua representação social perpassou os discursos, saberes e práticas acerca das noções de doença, transtorno, distúrbio, saúde e estilo de vida, sobretudo, na contemporaneidade. Sendo assim, ao refletir a representação nos blogs, observou-se que as ciências, mídias e sociedade vem constituindo discursos em que as visões de doença e de saúde se interpenetram, formulando configurações histórico-sociais complexas deste objeto.

Portanto, as Pró-anas partilharam discursos presentes nas mídias e na sociedade e que se legitimaram, em parte, pelos discursos biomédicos de “saúde”. Citamos como exemplo, o de “repúdio” à gordura e à obesidade, ao passo que a magreza e a aptidão física, tornaram-se elementos culturais e simbólicos de sucesso, poder e felicidade. Assim, as práticas “Anas” representavam, com certa “radicalidade”, os ideais culturais contemporâneos dos padrões de apresentação social de si, principalmente, de um padrão de imagem corporal perfeita. Por fim, lembramos que Suzanne Robell (1997) faz referência às ideias de Bruch, onde considerou as anoréxicas como as maiores vítimas da cultura da hostilidade para com o peso. Cultura essa

²³⁶Análise da fonte: táticas de restrição alimentar e da ideia da Ana partilhada pela autora no blog *Dra Anna*, datada de 13/10/2012 no link http://dra.anna.zip.net/arch2012-10-01_2012-10-31.html, Acesso em 07/02/2017.

que também foi criada pela medicina em nome de uma melhor saúde e, na década de 1970, em nome da redução das doenças cardíacas.²³⁷

3.3- “O M da questão” Magreza como ideal: O papel das Mídias, da Moda e da Medicina na construção dos padrões de beleza e do estilo de vida

A magreza tornou-se um ideal a ser atingido pela maioria das pessoas nas sociedades contemporâneas. Parafraseando um trecho do texto *Revolução Comportamental no século XX*, de Frederico Coelho, “o físico esculpido, magro e sem defeitos deveria ser a moldura natural de qualquer ser moderno”.²³⁸ Neste tópico, traremos pontos de discussão sobre o papel da mídia, da moda e da medicina na construção desses ideais, e de como diversos elementos reforçaram os padrões de beleza e de estilo de vida como um elemento de consumo e de desejo.

O papel dos ideais de beleza e de “saúde” tiveram um forte vínculo com os discursos produzidos não só pela medicina, mas também pela mídia e pela moda. Isso fortaleceu não apenas o controle social do corpo, mas também aguçou os desejos de satisfação plena do indivíduo e a necessidade de adquirir uma série de bens que obedeciam as regras de conduta e de controle para se atingir essa satisfação. Segundo Coelho (2004), esses ideais:

Integram o campo ligado ao sucesso e satisfação pessoal, sendo apregoados em revistas para adolescentes e congressos de medicina – principalmente através da inquestionável hegemonia estética do “Mundo da Moda” como espaço diferenciador de capital e valor social.²³⁹

Os ideias de beleza e de saúde também foram reforçados pelo arcabouço produzido pela indústria do entretenimento, principalmente, por meio do cinema e da moda. Para Coelho (2004), essa indústria vem sendo crucial na formação de novas formas de sociabilidades surgidas no século XX. Coelho (2004) afirmou que a moda e o cinema são “campos exemplares de enunciação, em que o destaque do corpo e suas representações assumem seus aspectos normativos e, ao mesmo tempo, universais.”²⁴⁰

Os estudos realizados em torno das questões de gênero demonstraram que o controle

²³⁷ROBELL, Suzanne. *A mulher escondida: a anorexia nervosa em nossa cultura*. São Paulo. Summus Editorial. 1997. p. 29.

²³⁸COELHO, Frederico Oliveira. “Revolução Comportamental no século XX”. In: *O Século Sombrio: Guerras e Revoluções no Século XX*. Francisco Carlos T. da Silva (coord.) [et al]. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 336.

²³⁹*Ibidem*, p. 326.

²⁴⁰*Ibidem*, p. 337.

sobre a mulher tem feito parte da história de produção de saberes e de práticas sobre o corpo feminino, cujas origens remontam o século XIX. O controle descrito tem uma relação direta com os domínios das ciências biológicas e da medicina da mulher.²⁴¹ Contudo, é importante sinalizar que desde os anos de 1970, observamos um olhar mais preocupado com a questão de gênero, principalmente, na busca por uma compreensão mais acurada e crítica do controle social no contexto histórico das últimas décadas.

Para além da questão da moda e da mídia, os argumentos de Martins (2004) em *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*, demonstram que a instauração de uma crise na auto representação do eu feminino, vem atingindo o corpo, que é o mote desse modelo. Para a autora, as mulheres e também os homens, estão cada vez mais presos ao domínio de seus corpos, sujeitando-se a interferências múltiplas da medicina para se adequarem a modelos e finalidades específicas impostos pela sociedade.²⁴²

Os discursos normativos, especificamente, sobre o corpo feminino tiveram um lugar prático de controle social, atingindo pelos meios de comunicação de massa segmentos da sociedade bastante diferenciados culturalmente. Assim, os novos mecanismos de controle sobre os corpos femininos exigiram um grande investimento de energia, de tempo, de dinheiro e de engajamento emocional das mulheres.²⁴³ Martins (2004), apontou que o paradoxo existente envolvia não apenas o controle sobre o feminino, mas também se relacionava com o campo que permeou o imaginário social e as concepções que o constituiu:

De um lado, a mídia divulga e apoia a chamada libertação das mulheres do domínio patriarcal; por outro, as mulheres estão mais presas do que nunca ao domínio de seus corpos, fazendo de tudo que podem para transformá-los em obras perfeitas, expressão de feminilidade, de beleza, de saúde e de controle sobre si mesmas.²⁴⁴

Segundo Samarão (2014), a representação do corpo feminino nas peças publicitárias é importante para se descobrir como a publicidade construiu a imagem do corpo da mulher ao longo dos anos, além de entender as transformações desse corpo, como essas foram disseminadas e impostas, e como seus significados foram construídas pelos meios de comunicação de massa e compartilhados na sociedade. O escopo dessas representações definiram uma dimensão simbólica essencial, de modo que as imagens e seus significados

²⁴¹MARTINS, A.P. V. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Coleção História e Saúde. 2004, 287p. p. 13.

²⁴²*Ibidem*, p. 13.

²⁴³*Ibidem*, p. 12.

²⁴⁴*Ibidem*, p. 13.

formaram relações concentradas com os atores sociais, desempenhando papel preponderante na cultura midiática.²⁴⁵

Para Pesavento (2005) *apud* Samarão (2014), o imaginário, a representação, a produção e a recepção do discurso midiático formularam a compreensão do indivíduo. Portanto, a combinação desses elementos diz respeito as mais variadas formas de percepção, identificação e significação que os indivíduos terão. Ao tratar diretamente da representação, Samarão (2014) afirmou:

A mídia tornou-se o instrumento de legitimação de práticas, ideias e estilos; suas representações legitimam e enfatizam discursos que mantem os padrões considerados “normais” e “oficiais”. Do arcabouço da representação, podemos extrair os discursos médicos, políticos, históricos, literários, entre outros.²⁴⁶

É fundamental dizer que a mídia tem representado uma ferramenta importante para a constituição e legitimação de diversos fenômenos culturais. Como afirmou Gomes (2000), “a mídia é um lugar de propagação de saberes e de influência sobre as identidades dos espectadores. Ela também é construtora e propagadora de imaginários, servindo de referencial para a produção das identidades.”²⁴⁷

A mídia detém o poder dos meios de comunicação de massa e vem exercendo forte influência no imaginário popular, sobretudo, no constructo urbano. Segundo argumenta Carvalho (2007), a mídia tem o poder de dar visibilidade a algo e atribuir significados persuasivos quando convém, lhe atribuindo um papel de formadora de opinião, e isto vale também para a questão da magreza, em especial da magreza feminina.²⁴⁸ Nesse sentido, Baudrillard (1995), afirma que muitas vezes a mídia é vista até como 'tábua de salvação' para os espectadores inseridos na sociedade de consumo.²⁴⁹

Adentrando especificamente no arcabouço do “*M da questão*”, percebemos uma relação direta acerca do papel da mídia, da moda e da medicina na promoção das ideias de

²⁴⁵SAMARÃO, Lilianny Alves. “A mulher como embalagem do sistema: o corpo publicitário.” In. SIQUEIRA, Denise da C. O. (Org). *O corpo representado: mídia, arte e produção de sentidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 74.

²⁴⁶*Ibidem*, p. 78.

²⁴⁷GOMES, Paula Basso Menna Barreto. Mídia, Imaginário de Consumo e Educação. 23^o Reunião Anual ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). Trabalhos e Pôsteres. G-16: Educação e Comunicação. Caxambu, MG. 2000. Ver em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000100011&lng=pt&nrm=iso. p. 1-15. p. 3.

²⁴⁸CARVALHO, Gina Emanuela. Blogs Pró-anorexia. In: *Blog Intermídias*, 31/03/2007. Acesso em: <http://intermidias.blogspot.com/2007/03/blogs-pr-anorexia.html>.

²⁴⁹BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

beleza e de magreza, sendo constantemente “suavizados” pelo discurso de saúde. Assim, o discurso científico sobre os transtornos alimentares, vinculados também nas mídias, foram apropriados, reapropriados e até subvertido de diferentes formas, pelas blogueiras Pró-Ana. Percebemos que os discursos em defesa das práticas anoréxicas como um estilo de vida, traziam elementos debatidos nos campos científicos, tanto no que se refere à doença, quanto à saudização.

Primeiramente, trazemos a apropriação sobre a questão das práticas de medicalização. Essa prática se tornou comum no contexto atual mais amplo na sociedade, sendo fortemente relatada por diversas vezes nos blogs Pró-Ana. O uso de medicamentos, de laxantes e de outras substâncias farmacológicas eram postados frequentemente nos blogs. Esse uso massificado, demonstrou inúmeras formas de apropriação dos discursos científicos e midiáticos. O exemplo mais comum está nas postagens que traziam relatos sobre a sigla *ECA*, como: “*Com o Eca de novo*”, “*Eca vai nos salvar*”. Nesses blogs, colocar em praticar o Eca, era fazer uso por um determinado período de tempo, de uma espécie de “coquetel” para o emagrecimento, composto por Efedrina, Cafeína e Adrenalina.

No Blog *Squized Ana*, tivemos importantes postagens que sinalizavam as práticas comuns em outros blogs Pró-Ana. Além disso, alguns elementos de análise merecem atenção, eles se expressam nos relatos do uso contínuo de medicamentos pela blogueira, além de uma certa dependência financeira da adolescente para a compra do coquetel e o “reconhecimento” de práticas conjuntas da Ana (anorexia) e Mia (bulimia), demonstrando que a coexistência de ambas era comum em outros blogs pró-ana e pró-mia. Na postagem de 18 de agosto de 2010, intitulada de “*Com a Eca de novo*”, a blogueira estava com 16 anos no período e relatava:

É, ele já ferrou meu estômago mais eu n desisto. Não que ele tire minha fome, pq não tira, mais eu fico mais elétrica, tenho maior tempo de disposição pra exercícios, a gordura é queimada mais rápido e me sinto satisfeita com um ou dois pedaço de maçã:) e é isso aí. **Pedi dinheiro dizendo que ia comprar Inflammex, mais acabei comprando Efedrina pro ECA**, e agora só tomo ECA #aspirina é praticamente inútil, sem falar que incha a barriga por sua fórmula. Por enquanto, está tudo bem, **a Ana e a Mia vivem do meu lado**, quando piso na bola, a Mia vem e me ajuda. E assim vou levando.²⁵⁰

Em outra citação do Blog *Squized Ana*, podemos perceber uma explicação mais detalhada das práticas que envolvem o ECA. Na postagem intitulada de “*O Eca vai nos*

²⁵⁰Análise da fonte: Blog *Squized Ana*, “*Com o ECA de novo*”. Ver: <http://nosdeixemquietas.blogspot.com.br/>. Acesso em 30/11/2017.

salvar”, de 08 de abril de 2010, a blogueira explicava como chegou ao método Eca, relatando sua experiência que foi partilhada no chat com outras meninas.

Uma das meninas bebe e resolve SIM. Eu comecei tomando hoje, às 6h da manhã e realmente já estou sentindo a diferença! Funciona assim, o **ECA** nada mais é que um **COQUETEL DE REMÉDIOS** - ele acelera o metabolismo e a queima de gordura com muita rapidez - **ALÉM DE TIRAR TOTALMENTE A SUA FOME** por um bom tempo! mas pqe 'ECA' (?) • E = efedrina • C = cafeína • A = aspirina] ... [ENFIM, **esse coquetel de remédios NÃO MATA se tomado da forma correta, CLARO QUE VOCE NÃO VAI BEBER ISSO MUITAS VEZES AO DIA, é só ao amanhecer que você vai tomá-lo!** Caso contrário, você pode ter uma taquicardia!²⁵¹

Vimos que a questão dos relatos de automedicação ou de medicalização das praticantes da Anorexia era temática recorrente nos blogs, principalmente, pelo uso indiscriminado de laxantes e coquetéis de ECA - Efedrina, Cafeína e Adrenalina, para auxiliar no emagrecimento. Percebemos que no texto “*Controle e Temperança*”, de 07 de outubro de 2008, no blog *Dama do NF*, temos um fragmento de análise de como a massificação da medicalização e da “*vitaminação*” em prol da saúde, foi promovida pelas mídias e pela indústria farmacêutica. O texto explicitou a frase: “**Ontem tomei Dulcolax e Sene e adivinhem hoje fez efeito \o/, estou no NF pois sei que só isso é capaz de me emagrecer, tomei um chá emagrecedor, comprei na farmácia natural é uma mixtureba que até não é tão ruim.**”

Além do coquetel de ECA, comumente utilizado pelas Pró-anas e Pró-mias, pontuamos a massificação de diferentes dietas e táticas de restrição alimentar, que demonstrava uma capacidade enorme de apropriação dos conteúdos vinculados nas mídias e nas revistas médicas ditas especializadas. Essas dietas remontam nomes dos alimentos centrais, em alguns casos das instituições ou de profissionais idealizadores. Geralmente, nos blogs havia campos específicos que relatavam as diversas dietas possíveis às praticantes deste estilo de vida.

Nos websites analisados, encontramos as seguintes configurações: nos blogs *Dama do NF* e *Dra. Anna* existiam campos de “Dietas”, no blog *Squized Ana*, havia “Dietas Anas”, no Blog *Iniciando...Anna e Mia*, descrevia “Melhores dietas”, já nos blogs *Ana Mia Sempre* e *Pro Ana Sempre*, não existiam espaços específicos, mas era comum o relato de dietas. Assim, foram divulgadas dicas de dietas, dentre as listadas nas fontes destacam-se: dieta Bundchen,

²⁵¹Análise da fonte: Blog Squized Ana, “*ECA vai nos salvar*”. Ver: <http://nosdeixemquietas.blogspot.com.br/>. Acesso em 30/11/2017.

dietas de emergência pós dia de compulsão, dieta da USP, Dieta vegan, dieta frutal, dieta da maçã, dieta da maçã + azeitona, dieta dos chás, dieta do leite, dieta japonesa, dieta vegetariana, dieta do Dr. Atkins, dieta da sopa, dieta dos sucos, dieta do Mediterrâneo, dieta *South beach* (Dr. Arthur Agatston), dieta programa *Lean Body*, dieta da pirâmide de alimentos, entre outras.

No texto “*Relendo a carta da Ana*”, postado em 07 de junho de 2011, percebemos que o discurso da blogueira de *Squized Ana*, descreveu pontos que delimitavam a importância das revistas femininas, principalmente, as de moda, na construção do ideal de beleza e de corpo perfeito na contemporaneidade. Nesta postagem, a questão da distorção da imagem corporal era trazida à tona, na medida que expressava o intenso conflito entre o corpo real e o corpo imaginado, sobretudo, nas formas como ele era projetado pelas anoréxicas.

Se você comer, todo o controle será quebrado... você quer isso? Ser de novo **aquela vaca gorda** que você era? **Eu te forço a ver uma revista de modelos.** Aquele **corpo perfeito, magro, dentes brancos, essas modelos perfeitas te encaram pela página da revista!** E eu te faço perceber que você nunca será uma delas. Você sempre será gorda, e nunca vai ser tão bonita quanto elas! Quando **você olhar no espelho, eu vou distorcer sua imagem, e te mostrar uma lutadora de sumo mas na verdade existe apenas uma criança com fome.** Mas você não pode saber da verdade, pois se você souber, você pode começar a comer de novo e nossa relação pode vir a cair, e me destruir!²⁵²

Além das táticas partilhadas para se alcançar a magreza e a perfeição, percebemos no texto descrito de “*Novo ânimo*” de 14 de outubro de 2011, do *Blog Dra. Anna*, como a idealização da magreza teve forte amparo na questão cultural mais ampla. O relato da blogueira demonstrou que apesar das práticas de restrição alimentar e do desejo pungente de ser uma “magra assustadora”, ela também reconhecia que o padrão social de beleza na mídia, valorizava a imagem de personalidades consideradas “magras saudáveis”, em oposição às magrelas anoréxicas.

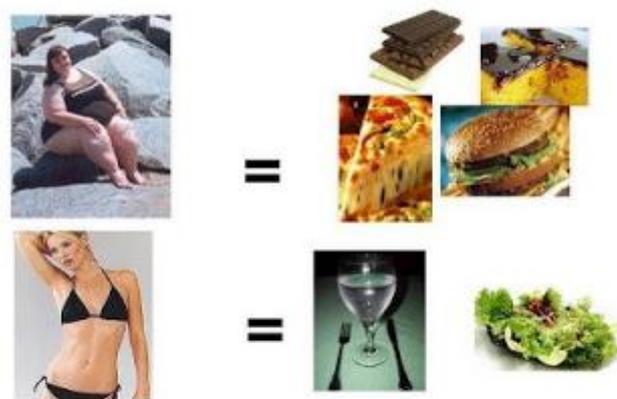
Quero passar o fim de semana de NF (No food). Eu adoraria realizar tal façanha depois de tanto tempo. Já to nesse mundinho há quase 4 anos, **sou uma veterana do caralho, gorda pra caralho mas que vai lutar decentemente de agora em diante.** Sobre as metas: Bem não estou muito certa. **Eu realmente adoraria ficar magrela e assustadora.** Sempre quis e acho lindo. Por outro lado tenho banda de rock e atualmente a imagem de menina linda e gostosinha que vende nesse ramo. Tipo a vocalista do

²⁵²Análise da fonte: Blog *Squized Ana*, *Relendo a carta da Ana*. Ver: <http://nosdeixemquietas.blogspot.com.br/>. Acesso em 30/11/2017.

Paramore, a Simone Simons, a Rihanna, entre tantas outras que são magras saudáveis e não magrelas anoréxicas.²⁵³

Enfatizando os discursos lipofóbicos presentes na sociedade e nos blogs Pró-Ana, que se reforçavam pela necessidade de “práticas saudáveis”, trazemos uma imagem postada em janeiro de 2009, do Blog *Iniciando...Anna e Mia*, intitulada “*Realize*”, onde a montagem retratava o discurso que a condição corporal estava diretamente associada aos tipos de alimentos consumidos pelas pessoas, induzindo os leitores à uma percepção que descrevia o “ideal”: “*você é, o que você come*”.

Figura 14: Blog *Iniciando...Anna e Mia*. Postagem “*Realize*” de Janeiro de 2009.



Além disso, atrelamos o papel importante de outras motivações das práticas anoréxicas, como a utilização de imagens de modelos associadas às chamadas *thinspo* (inspiração), onde destacamos diversas postagens textuais nos blogs, nelas havia a vinculação de fotos de inspiração com a finalidade de reafirmar o ideal de magreza e de perfeito. O arcabouço de imagens incluía diversas modelos famosas, cantoras e atrizes, como Gisele Bündchen, Twiggy, Shakira, Anahí, Amy Winehouse, Lindsay Lohan, Paris Hilton, Kate Moss, Nicole Ritchie, Angelina Jolie, entre outras. Além disso, as autoras apregoam valor às imagens (alteradas por programas de edição) e às fotos de “anônimas” extremamente magras.

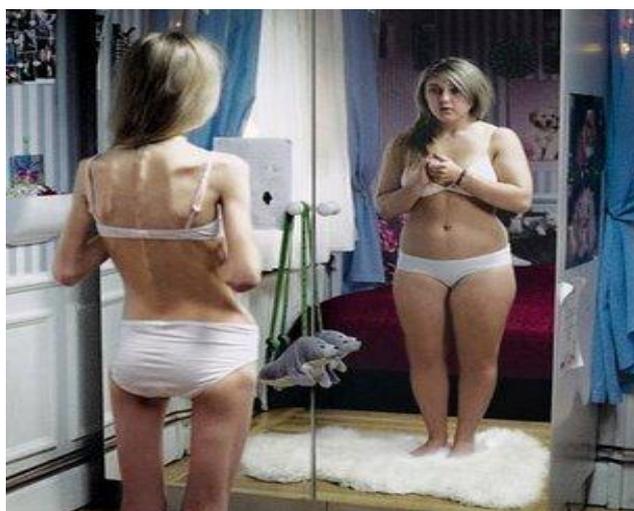
²⁵³Análise da fonte: Blog *Dra. Ana, Novo Ânimo*. Ver em: <http://dra.anna.zip.net/>. Acesso em 05/02/2017.

Figura 15 e 16: Blog *Dra. Anna*, 05/2010, que descreve “*thinspo do dia: “Minha maravilhosa Twiggy que representa a Ana para mim.”* Figura 17: Blog *Pro Ana Sempre*. Figura 18: *Dama do NF*.



Retratando a idealização da magreza, é importante trazer uma imagem bastante difundida nos blogs Pró-Ana, onde a ideia de distorção da imagem corporal era experimentada pelas anoréxicas. Na leitura realizada em diferentes blogs, incluindo os não selecionados como fontes, a imagem abaixo era uma das mais emblemáticas para circunstanciar o problema que envolvia essa distorção. Vale ressaltar, que ela foi encontrada em postagens do Blog *Dra. Anna* e no Blog *Squized Ana*.

Figura 19: Blog *Squized Ana*, postagem “*Só pra me perder o fim*” de 17/09/2011. Acesso em 30/05/2017



Na postagem do blog *Dra. Anna*, de 20 de novembro de 2011, percebemos a relação de busca da magreza com as diversas práticas de restrição e de inibição alimentar. Neste

relato, a autora afirmava suas metas de emagrecimento e de IMC, justificando o fato de não ir à escola para evitar os lanches e devido a vergonha de seu corpo. Outros fatos interessantes que aparecem no relato, trazia o registro do uso de substância farmacológica psicoativa (psicotrópicos, popularmente conhecido como “tarja-preta”), além de reafirmar as práticas do ECA e de exercícios físicos na academia.

Não garanto que vá me tornar magrela mas vou emagrecer custe o que custar 2 kg até o fim do mês (isso mesmo, casa dos 54 kg...) e vou eliminar os outros 7 kg que me estorvam no máximo até dezembro. Isso por que minha meta agora é 47 kg. **Eu terei IMC 18,9 com esse peso.** E pra mim está bom, por enquanto. Não que esteja ótimo, mas como está não dá pra ficar então bora eliminar 9 kg em dois meses! **Obs: não ando indo pra escola, dentre os motivos, evitar o lanche de lá, e também vergonha do meu corpo, cansaço e etc.** Se minha mãe descobre, tira a net então preciso mudar esta atitude rápido. Ah e **vou acabar com os restinhos de fluoxetina** que tenho em casa, quem sabe naum dou uma emagrecida? **Depois é ECA pra dar um help sem esquecer da academia.**²⁵⁴

A autora do *blog Dra. Anna* abordou nesta mesma postagem, a percepção de possíveis distorções de sua imagem corporal. No relato daquele momento, ela dizia: “*não estou bem com meu peso mas também não estou neurótica*”, seguido da dúvida sobre haver ou não uma distorção da imagem: “*a verdade é que nunca sei quando estou enxergando de verdade*”.

E por incrível que pareça, minha visão não está distorcida. Não estou bem com meu peso mas também não estou neurótica. Sim, estou gorda, e sim eu vejo isso e tal. Mas juro que as vezes eu me via igualzinha mesmo estando menor. Ou me via pior ainda. A verdade é que nunca sei quando estou me enxergando de verdade.²⁵⁵

Seguindo a análise das postagens, recorreremos ao texto de 2 de março de 2009, intitulada de “*Processo de diminuição do estômago*”, onde a autora do *blog Dama do NF* descreveu uma espécie de *guia instrucional para anoréxica* seguir a fim de diminuir seu estômago. Assim, nos vale citar a questão da apropriação do discurso médico e midiático, que trazia importantes referências para o conhecimento no senso comum. Desse modo, os argumentos que reafirmam o *M da questão* podem ser percebidos no fragmento do texto:

Quanto maior for o seu estômago, de mais comida ele vai precisar. E quanto menor ele for, menos fome você vai sentir. Por isso esse é um passo fundamental para a Ana, depois de emagrecer, você vai ter que manter, e se seu estômago estiver pequeno o suficiente vai ser mais fácil de não voltar a engordar, pois você não vai ter tanta necessidade de comer. Mas lembre-se:

²⁵⁴Análise da fonte: Blog *Dra. Anna*, postagem intitulada de “*Asfixiada na própria miséria, de volta ao quase nada*” de 20/10/2011. Ver em: <http://dra.anna.zip.net/>. Acesso em 05 de fevereiro de 2017.

²⁵⁵Análise da fonte: Blog *Dra. Anna*, postagem intitulada de “*Asfixiada na própria miséria, de volta ao quase nada*” de 20/10/2011. Ver em: <http://dra.anna.zip.net/>. Acesso em 05 de fevereiro de 2017.

Esse é um processo que levará meses de esforço, mais ou menos um semestre para o seu estômago diminuir bem. Segundo pesquisas, para dilatar o estômago bastam dois meses de farra alimentar, mas para que ele diminua você vai precisar de mais ou menos seis meses.²⁵⁶

Vimos que outras postagens seguem um caminho similar ao mostrar a influência de saberes científicos, vulgarizados constantemente pelas/nas mídias. No relato que trazia “dicas para aguentar o NF/LF”, do blog *Squized Ana*, postado em 24 de junho de 2011, intitulado de *Nada faz parar*, a blogueira à época com 16 anos, descreveu duas táticas de restrição:

Durante os dias de NF ou de LF muito baixo, **pingue entre 3 à 10 gotas de limão (com uma gota de zero cal, à gosto) em 500ml de água gelada**. Vai te refrescar além de te fazer sentir melhor e **queimar calorias! (Água gelada acelera o metabolismo)**. > Beba um gole de água entre cada garfada no LF. Isso vai te dar uma sensação de satisfação mais rápido. > Tome **efervescentes para azia** se tiver com muita fome. **Neutraliza o ácido do estômago** que te faz sentir fome.> Coma o mais devagar que puder. **O organismo leva cerca de 30 minutos a perceber que está cheio.**²⁵⁷

É fundamental salientar que o uso de medicamentos era amplamente relato nos blogs, isso incluía diferentes tipos de substâncias farmacológicas. No blog *Dama do NF*, a postagem descrita de “*Go Anna Go!*” de 05 de novembro de 2008, a autora descreveu sua trajetória de uso de medicamentos, tendo como principal finalidade, o emagrecimento. Percebemos que o uso dessas substâncias não se restringia ao coquetel de ECA, sendo consumidos outras substâncias, como drogas psicoativos. No texto a blogueira descreveu:

Minha mãe arrumou o remédio pra mim, **anfepramona 60 mg**, isso me deixou mais animada, **mesmo ela deixando bem claro que essa vai ser a primeira e última vez que faz isso**, parece que a sorte está do meu lado pois conversando com um amigo do meu namorado que trabalha em uma farmácia de manipulação, **consegui convence-lo de me trazer fluorexetine 20 mg**, tudo bem que vou ter que dar uma parte da minha mesada mas não ligo *. *, ele vai trazer hoje a noite.

Portanto, concluímos esse tópico demonstrando os elementos de representação social que ampararam a ideia da metáfora do “*M da questão*”. Na análise das postagens, percebemos que a idealização e a busca constante da magreza relatada pelas praticantes da Anorexia, se legitimou pela apropriação sociocultural do padrão de beleza hegemônico de magreza e da perfeição corporal, de modo que, os discursos circulantes entre Pró-ana se basearam, em parte, na apropriação dos discursos científicos e midiáticos. Nesse sentido, discutimos o papel da mídia, da moda e da medicina, tal como as consequências dessas

²⁵⁶ Análise da fonte: Blog Dama do NF, postagem “Processo de diminuição do estômago”. Ver: <http://damadonf.blogspot.com.br/> Acesso em 05/11/2017.

²⁵⁷ Análise da fonte: Blog *Squized Ana*, “Nada faz parar”. Ver: <http://nosdeixemquietas.blogspot.com.br/>. Acesso em 30/11/2017.

influências na consolidação dos discursos sobre a doença, o estilo de vida e a saudização.

3.4- “O C da questão” Comportamento, Corpo e Consumo: contexto histórico-político da representação do corpo anoréxico

Como discutimos no texto, diferentes estudos trouxeram elementos fundamentais para o entendimento da Anorexia numa perspectiva histórica, sobretudo, os que auxiliaram a afirmativa deste estudo, acerca da centralidade do corpo feminino no quadro da doença em tempos diferentes. Conforme observou Counihan (2012), no ensaio *Uma visão antropológica do prodigioso jejum das mulheres ocidentais*, as mulheres modernas procuram o domínio sobre seus corpos para alcançar a perfeição pela magreza, as mulheres medievais procuravam a transcendência de seus corpos para atingir a santidade pelo ascetismo e as mulheres vitorianas buscavam uma feminilidade sublime e delicada pela negação das necessidades corporais.²⁵⁸

Ao analisar o blog *Mileycha, de dentro pra fora*, vimos que a questão da ascese ultrapassou o corpo anátomo-físico, e em alguns casos, as postagens demonstram que as *práticas anoréxicas* representaram uma forma de “elevação da alma”, constituindo um elemento de permanência histórica ainda presente na contemporaneidade. Na postagem de 27 de maio de 2009, nomeada de “*Pouco, muito pouco, quase nada!*”, a autora relatou seu cotidiano, trazendo uma informação e curiosidade relevante sobre a apropriação das leituras sobre as práticas de jejum. O seu relato descreveu: “Ah! Esses dias li sobre fazer jejum na antiguidade, e muitos acreditavam que as pessoas bem nutridas conseguiam fazer jejum de 3 dias ou mais tranquilamente, e esse jejum contribuía para purificar a alma.”

No arranjo reflexivo do “*C da questão*”, é fundamental discutir a relação histórico-político contemporânea entre comportamento, corpo e consumo. Inicialmente, refletimos que o comportamento humano vem estabelecendo diversas relações com formas de representações das práticas cotidianas das pessoas. Além de ancorar os modos de vida no dia-a-dia da população, ele também se fez presente nas grandes estruturas de significação. Conforme apontou Frederico Coelho (2004), “o comportamento é um fenômeno que ocorre essencialmente no âmbito das relações sociais e da disputa pelo poder, seja entre indivíduos e

²⁵⁸COUNIHAN, Carole M. Uma visão antropológica do prodigioso jejum das mulheres ocidentais. *Cadernos pagu* (39): julho-dezembro, 2012, p. 25.

instituições.”²⁵⁹

O comportamento humano têm um papel histórico importante nas mudanças ocorridas nas sociedades, principalmente, a partir do século XX, potencializando a formação de uma sociedade mundialmente voltada ao consumo e à informação. Para Coelho (2004), “a ideia do comportamento está fortemente entrelaçada com “eventos e discursos relativos ao corpo e aos dias, ou seja, ao mundo da estética, do espírito, da saúde e ao mundo do hábito, do cotidiano e do tempo.”²⁶⁰

É importante retomar os aspectos que reafirmam o papel do comportamento neste processo histórico, demonstrando que no alvorecer do século XXI, constitui-se um arsenal de dispositivos, que são responsáveis por legitimar o controle social do corpo, além de incentivar e potencializar o consumo. Em relação à sociedade voltada ao consumo e à informação, Coelho (2004) descreveu:

Esse ponto é reforçado pelo processo de globalização, principalmente, com a transnacionalização de empresas de entretenimento – gravadoras, editoras, redes de televisão, lojas de moda, cadeias de lanchonete – e a explosão da internet dentre praticamente todas as faixas etárias e tipos sociais são movimentos que influenciaram de forma decisiva áreas que tangenciam o comportamento humano, como a religião, o esporte, o sexo e a política.²⁶¹

As mudanças históricas ocorridas sobre e pelo corpo nos tempos contemporâneos, sobretudo, a partir das décadas de 1970 e 1980, foram fundamentais para a questão da representação e do *locus* que o corpo ocupou no espaço público e privado. Para Frederico Coelho (2004), “o principal nesse tempo é ver os outros e poder ser visto pelos outros, sendo reafirmado por meio do hedonismo e do chamado culto ao corpo ou *body culture*”.²⁶² Nesse sentido, a interpretação do período perpassa pelos argumentos de Coelho (2004), onde:

Novos parâmetros estéticos foram impulsionados pela indústria da beleza (cosméticos, vestimentas, academias de ginástica), além de cirurgias plásticas, capas de revistas, vídeos, *personal trainers*, vitaminas, anabolizantes, lojas e produtos especialmente preparados para tal mercado, estimulando milhões de pessoas a ser voltarem para a boa forma e para a busca do corpo perfeito.²⁶³

Ao discutirmos brevemente o papel do comportamento, do consumo e a importância do corpo no entendimento do “*C da questão*”, entramos mais à fundo na discussão da

²⁵⁹COELHO, Frederico Oliveira. Revolução Comportamental no século XX. *Op. cit.* 2004, p. 324.

²⁶⁰*Ibidem*, p. 323.

²⁶¹*Ibidem*, p. 325.

²⁶²*Ibidem*, p. 342.

²⁶³*Ibidem*, p.336.

representação do corpo como uma dimensão relevante no processo de adoecimento e de práticas em torno de um estilo vida. O consumo de uma variedade de estilos de vida na contemporaneidade vem legitimando práticas que se estabelecem sobre o corpo, traduzindo-se numa ferramenta de constante investimento, adequação e normatização. A massificação dos ideias estético-corporais, a (re)modelação corporal apregoada pelas ações estético-científicas e os discursos da saudização legitimados à custo de hábitos *fitness*, fazem parte desse campo amplo de ações, o qual o corpo está condicionado.

Historicamente, o corpo corroborou com questões específicas para o desenvolvimento da gênese e da etiologia da Anorexia Nervosa. Dialogando com Giordani (2009), percebemos que o *corpo anoréxico*, revelou que a experiência corporal da Anorexia comunicou uma dimensão social da doença, onde a representação era construída e partilhada com pessoas do macrocosmo social do sujeito.²⁶⁴ Desse modo, tal relação precedia uma análise minuciosa de como o corpo anátomo-físico e a sua corporeidade histórico-política se operou nesta doença no decorrer da história.

É importante pensar que o corpo é atravessado historicamente e supera a visão que o limita às leis de sua fisiologia. Conforme argumenta Niemayer e Kruse (2008), ele é formado por uma série de regimes que o constrói, sendo intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais. Nesse viés, é fundamental considerar que cada sociedade tem seu regime de verdade, ou seja, os discursos que aceitam e fazem funcionar. São discursos produtores, que não só nomeiam as coisas, mas que também produzem identidade.²⁶⁵

Dessa forma, é fundamental refletirmos a relação do *corpo anoréxico* com o mundo, no qual preceitos relativos à beleza, que predominam na cultura de consumo contemporânea estão associados à preocupação excessiva com a aparência.²⁶⁶ Corroborando com os argumentos de Sibília (2007) que reafirma: “o corpo humano não parece ter se libertado das dolorosas amarras que ao longo dos tempos o confinaram, ao contrário, novas e poderosas forças socioculturais emergem dispostas a escravizá-lo.”²⁶⁷

²⁶⁴GIORDANI, Rubia Carla Formighieri. O corpo sentido e os sentidos do corpo anoréxico. *Revista Nutrição*. Campinas. 22(6):809-821. Nov./Dez. 2009. p. 821.

²⁶⁵NIEMEYER, Fernanda. KRUSE, Maria Henriqueta Luce. Constituindo sujeitos anoréxicos: discursos da Revista Capricho. *Op. cit.* 2008, p. 458.

²⁶⁶IDA, Sheila Weremchuk. SILVA, Rosane Neves da. Transtornos alimentares: uma perspectiva social. *Op. cit.* 2007, p. 418.

²⁶⁷SÍBILIA, 2007, p. 133 *apud* ARAUJO E MENESES, 2011, p.4.

Na visão do sociólogo Zygmund Bauman (2010), a bulimia e a anorexia são as reações patológicas mais comuns diante das contradições e dos desafios típicos do nosso modo de vida, em particular, dos seus aspectos egocêntricos e consumistas. As reações tendem a ser patológicas quando não há boas soluções para os dilemas e dúvidas enfrentados. Os problemas nascidos de natureza individualizante e consumista da sociedade contemporânea são quase sempre assim, ou seja, impedem que se encontre uma solução satisfatória. Obviamente, essas reações tendem também a ser irracionais. Elas falham ao não conseguir remover as raízes dos problemas, quando muito, tornam o desafio ainda mais difícil de enfrentar.

Segundo Bauman (2010), a Anorexia parece estar mais fortemente relacionada com as tendências egocêntricas da sociedade contemporânea, uma cultura que promove uma estratégia de vida concentrada na busca da sensação de prazer e na aptidão física, compreendida como a capacidade de absorver essas sensações e desfrutá-las de forma plena. Desse modo, a atenção está toda voltada para o corpo - mas o corpo tem uma grande interface com o mundo exterior e não pode viver sem metabolismo, sem a troca de substâncias com esse mundo. Tal relação pressupõe um intenso e perpétuo tráfico, um constante cruzamento da fronteira. Em razão dos perigosos sinais que chegam do mundo exterior (praticamente todas as substâncias presentes do mundo podem ser culpadas por proporcionar efeitos tóxicos e prejuízos às aptidões pessoais), nesta patologia pode haver uma tentativa de fechar as fronteiras e limitar ao mínimo a entrada de corpos estranhos, por exemplo, os alimentos.²⁶⁸

Segundo os argumentos de Sibília (2007), os sujeitos contemporâneos enfrentam a tragédia da própria “obsolescência”, desafiando as exigências da competitividade e se submetendo às tiranias (e às delícias) da flexibilidade e da reciclagem constante. Em alguma medida, os argumentos podem ser pensados para a realidade da Anorexia. Sibília (2007) toma emprestado um termo da retórica digital como exemplo, ou seja, estamos fazendo upgrade de forma incessante, tanto do seu hardware como do seu software. Assim, o indivíduo interpelado pelas novas modalidades biopolíticas de formatação subjetiva, metaboliza o imperativo da saúde que incita à obsessão pelo cuidado do corpo: ao escolher um estilo de

²⁶⁸BAUMAN, Zygmund. *Capitalismo parasitário*. *Op. cit.* 2010. p.33.

vida saudável (ou perigoso), ele deve saber que está minimizando (ou maximizando) os riscos provavelmente inscritos em sua predisposição genética.²⁶⁹

As questões ligadas ao corpo, à cultura e ao consumo precedem uma análise minuciosa no contexto dos blogs Pró-ana, estando presentes de forma massiva nas postagens e relatos experienciados pelas praticantes da Anorexia como estilo de vida. A centralidade do corpo na construção da representação social da Anorexia está vinculada às formas de visualizar o corpo no contexto político-histórico das sociedades contemporâneas. Assim, a idealização da magreza e a inesgotável busca pela imagem corporal perfeita, tornou-se aspecto central para refletir a corporeidade e as formas de representação do corpo culturalmente.

Na descrição do Blog *Squized Ana*, que faz referência a maio de 2009, fica evidente a ideia da blogueira na frase: “ser uma pró-ana atrás de um sonho, 45kg... lembre-se: dor passa, culpa não! Seja leve, e voe, como uma pena guiada pelo vento”.²⁷⁰ Percebemos o quanto essa breve descrição reforçou o papel da magreza como mote da perfeição e o quanto essa busca requer esforços por parte das praticantes. Em suma, esta alusão à leveza representou uma metáfora para a perfeição, um estado de ascese e de elevação, uma libertação condicionada ao “poder” de recusa ao alimento e da condição de magreza em mulheres desde os tempos das santas jejuadoras.

Em outra postagem dos blogs analisados, vimos no blog [*Mileycha, de dentro pra fora!*], a postagem de 17 de maio de 2009, nomeada de “*Um caminho para seguir*”, onde a autora descreveu a importância atribuída às opiniões sociais em relação ao seu corpo, de modo que o fato relatado, fez com que ela promovesse uma série de atividades físicas, dietas e práticas de restrição alimentar. O relato descreveu:

Ontem, no ônibus **uma amiga minha me falou que eu estava magra. Pegou em minha barriga, e logo veio uma crítica: “Você precisa se exercitar. Você está flácida!”**. Me importo muito com o que os outros dizem a respeito do meu corpo, e por isso, a partir de domingo, vou estar fazendo 2 séries de 50 abdominal por dia. Juntamente com os NF e os LF. Meu NF consiste em água, Coca Zero/Antártica Zero, Café preto com adoçante. Meu LF consiste em salada, muita água, iogurte 43kcal.

²⁶⁹SIBILIA, Paula. “Tiranias do “software humano”: redefinições de saúde e doença.” In: Logos: Comunicação & Universidade (ISSN 0104-9933). *Corpo, arte e comunicação*. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social. Ano 11, n. 20, 1º semestre de 2004, p. 58-59.

²⁷⁰Análise da fonte: Blog *Squized Ana*, descrição inicial do blog. Ver: <http://nosdeixemquietas.blogspot.com.br/>. Acesso em 30/11/2017

Nesta perspectiva, a difusão das experiências de adolescentes do sexo feminino nos Blogs Pró-Ana pode ser entendida como uma das dimensões sociais da Anorexia, incidindo em novas modalidades biopolíticas da doença, mesclando relatos de si, estratégias de emagrecimento e experiências patológicas, tanto numa perspectiva de defesa desta como estilo de vida “positivo”, quanto na vivência do quadro patológico de transtorno alimentar.

Um exemplo relevante da relação estabelecida a partir do corpo, do alimento e da magreza se apresentou na postagem *Merry Christmas*, do blog *Dama do NF*, datada de 25 de dezembro de 2011. Nela, a autora descreveu um elemento crucial dos problemas de reconhecimento corporal nos blogs, onde o estado da “não magreza”, gerava uma negação corporal. Nos fragmentos de texto, ela dizia: “*esse corpo não sou eu*”, “*foi eu quem me destruiu*” e “*tomar alguns anorexígenos²⁷¹ me deixou preguiçosa*”, podemos ver a relação das frases com a ideia do não reconhecimento da imagem corporal. Isso reside no fato dela se ver numa condição de estar constantemente “gorda”, em contraponto ao desejo de ser magra.

A representação social da Anorexia se fez pela negação do corpo, e neste corpo repousou à recusa ao alimento. Ou seja, era por meio de um sentimento de culpa e até de desabafo, que algumas jovens demonstravam os problemas de negação dos seus corpos, do alimento e do comer. Assim, o relato de auto medicalização apareceu como uma ferramenta que as auxiliava nesse objetivo (ora com sucesso, ora sem sucesso), de inibir o apetite. Segue abaixo o texto:

Quando penso ter me aceitado gorda, quando aceito que meu lugar é comprando roupas acima da numeração G, algo acontece e me mostra que **preciso ser eu de novo, esse corpo não sou eu, não me reconheço mais e quando isso acontece me pego com um sentimento doentio**, com vontade de gritar, de correr e me isolar em um lugar onde não haja nenhum grão de arroz, me sinto um bicho! Me pego pensando que sou anormal. **A verdade é que quero ser magra mas não tenho me empenhado o suficiente, tenho desistido várias vezes no meio do caminho e mais verdade ainda é que essa gordura está aqui e não apareceu por acaso, ela foi fruto de toda porcaria que engoli, foi eu quem me destruiu** e eu sou a chave pra que isso acabe, eu preciso de controle e não o encontro a tempos, tomar alguns anorexígenos me deixou preguiçosa e é difícil aceitar que não engordei de uma hora pra outra e portanto não irei emagrecer dessa forma, é difícil aceitar que leva tempo para perder a porra dos quilos que ganhei. Mas aqui estou, mais uma vez disposta a tentar.²⁷²

²⁷¹Anorexígenos são tipos de medicamentos que tem como finalidade induzir à anorexia. O termo designa os medicamentos inibidores de apetite e podem estar classificados em anfetaminas, metanfetaminas ou similares.

²⁷²Análise da fonte digital: Blog *Dama do NF*, postagem “*Merry Christmas*” de 25 de dezembro de 2011. Ver: <http://damadonf.blogspot.com.br/>. Acesso em 06/11/2017.

Na perspectiva de discutir o papel do corpo como parte do processo de representação nos blogs, citamos a postagem de 18 de Maio de 2009, intitulada de *Vergonha*, onde a autora do blog *Dama do NF*, explicitava o desejo em ser magra e a busca pelo corpo perfeito, demonstrando que a condição corporal era um dos principais fatores de sua *motivação anoréxica*.

Não quero ser feliz, quero mais, **quero o corpo dos meus sonhos, com saboneteiras fundas, pernas finas, rosto chupado** isso mesmo e se alguém disser que não está legal então eu direi: E daí, eu me gosto assim e me quero assim...E quando eu pensar que o mundo virou as costas para mim e que não existem mais amigos lembrarei do meu único objetivo: **Ser magra, esquelética e principalmente linda** e então concluirei, assim como já conclui, que amigos só te querem quando você está feliz, e **eu não estarei feliz enquanto não sentir os ossos da minha coluna vertebral como se não houvesse pele os recobrando.**²⁷³

Retomamos o debate dos ideais de beleza, de magreza e da busca pela perfeição corporal para demonstrar como esses elementos se conformaram em estratégias de intervenção e de representação do corpo. Na atualidade, concluímos que repousou sobre o corpo, um peso existencial, onde a leveza representada pela magreza constituiu um subterfúgio não só de adequação aos padrões sociais, mas também como uma forma de transgressão dos mesmos. Na relação histórica entre a Anorexia e o corpo, parece haver múltiplas formas de representação frente à uma realidade psicológica, biológica, social e cultural.

A conformação de aspectos fisiológicos, psicológicos, sociais e biológicos constituíram elementos multifatoriais à “*motivação, prática e experiência*” da Anorexia, carregando uma enorme complexidade analítica. Percebemos que esta doença revelou dilemas históricos importantes, que se baseiam em questões filosóficas e culturais frente à debates da condição humana acerca do individual/coletivo, interno/externo, alimento/jejum, mente/corpo, vida/morte, entre outros.

A análise dos diferentes elementos da motivação anoréxica demonstrou que no decorrer da história, ela esteve fortemente ancorada na ideia da negação, seja ela do corpo, da natureza física feminina e, em casos extremos, da própria vida. Portanto, a representação social da Anorexia na contemporaneidade é carregada de simbolismo e até de atitudes transgressoras, num contexto social amplo, visto que essas motivações e práticas se

²⁷³Análise da fonte: Blog *Dama do NF*, postagem “*Vergonha*”. Ver: <http://damadonf.blogspot.com.br/>. Acesso em 06/11/2017.

sobrepuseram e até se opuseram aos discursos defendidos pela visão hegemônica médico-científica.

A representação social da Anorexia engloba não apenas a vulgarização e subversão dos discursos científicos nos blogs, mas também traz aspectos da vida e do corpo difundidos no campo social e cultural, sobretudo, delimitando elementos socioculturais inclusos na etiologia e na patogênese dos transtornos alimentares.

Em suma, o tópico trouxe a doença como um importante objeto histórico, desvelando aspectos da representação do corpo anoréxico. Em alguma medida, isso relevou que os elementos socioculturais ultrapassaram as definições neurobiológicas e, que expressaram na cultura e nas questões simbólicas, outras formas de experiência da doença, como no caso do Blogs citados.

Desse modo, corroboramos os resultados obtidos na pesquisa de Giordani (2009), que trouxeram *esse* corpo como fundamento e condição para a participação no mundo social, servindo de alicerce para a experiência socialmente construída da Anorexia Nervosa. Assim, a representação atribuída pelos indivíduos às suas experiências se deu como resultado do cruzamento entre sua história biográfica e o conhecimento apreendido por meio dela, juntamente com o que foi experimentado pelo corpo no mundo intersubjetivo.²⁷⁴ Visto isto, a distorção da imagem corporal tornou-se uma espécie de vivido relacional para a anoréxica e as práticas corporais tornaram-se a manifestação de um desejo de transformação da sua realidade.

Refletindo sobre o *locus* que o corpo ocupou no quadro da Anorexia Nervosa, vimos que esse se constituiu como aspecto central no entendimento sociocultural da doença. Além disso, concluiu-se que a representação e as experiências sociais da doença estão associadas aos padrões sociais de beleza, que foram/são hegemonicamente defendidos e difundidos nas sociedades contemporâneas. Além disso, citamos o papel das revistas femininas, da moda, e de parte da ciência, como os demarcadores mais “reais” dos discursos da cultura estética da magreza. Não obstante, considerar as mudanças na organização social e nas relações interpessoais dos sujeitos com o corpo, tivera importância crucial para o aprofundamento das controvérsias acerca da patologia.

²⁷⁴GIORDANI, Rubia Carla Formighieri. O corpo sentido e os sentidos do corpo anoréxico. *Op. cit.* 2009, p. 820.

Em suma, vimos que o arcabouço teórico-conceitual em torno da representação social permitiu construir os argumentos de uma realidade histórica em torno das metáforas dos IMCs, onde tivemos três elementos analíticos centrais para o entendimento do “IMC da questão”; foram eles representados pelo IMC da “Imagem, Magreza e Corpo”. Além dessa conformação metafórica, usamos o instrumento científico do IMC – Índice de Massa Corporal, para reafirmar a apropriação dos discursos de intervenção das ciências presentes nos blogs, os quais visaram parametrizar e padronizar critérios de mensuração dos corpos. Não obstante, no alvorecer do século XXI, o indivíduo contemporâneo vem protagonizando inúmeras formas de controle, intervenção e normatização sobre seus corpos.

3.5- O IMC da questão: doença ou estilo de vida?

No que tange a análise do “IMC da questão: Anorexia como doença ou estilo de vida”, é importante refletir as possibilidades de representação desse fenômeno sociocultural. Ao investigar a Anorexia na virtualidade, consideramos que os campos de representação envolveram espaços simbólicos. Isso significa dizer que os discursos, experiências e práticas representaram uma perspectiva de vida à nível online e offline, que se relaciona com a esfera individual e coletiva.

É necessário voltar ao paradoxo da visibilidade e do isolamento social, que marcou a vida pública moderna, opondo a vida íntima e privada à vida pública, e que vem assumindo novos contornos na contemporaneidade. Atualmente, parece haver uma superexposição da intimidade, mas que mantém a retração da vida pública. Nesse sentido, corroboramos com as ideias de Brito (2016), onde a autora descreve que para além dessa dimensão, há que se levar em conta também as mudanças de ordem sensória e cognitiva que estão implicadas nesse processo. Assim, a interpenetração que vem ocorrendo entre o mundo da vida e as interações que se processam no mundo virtual, em parte pode ser atribuída a uma mudança perceptiva, sensória, cognitiva e significativa, trazida pelas tecnologias digitais e pelo novo ambiente por elas delineado.²⁷⁵

Os argumentos de Brito (2016) demonstram que a vida online é um lugar de pertencimento fundamental no cotidiano de jovens, onde o convite à auto exposição é permanente e interpenetra-se com a vida offline. Dessa forma, percebemos que de um lado as

²⁷⁵BRITO, Rosaly de Seixas. Narrativas Virtuais Juvenis: fronteiras fluidas. *Op. cit.* 2016, p. 19.

fronteiras entre a vida online e offline são fluídas na sua experiência cotidiana, de outro, essas duas dimensões da vida não são indiscerníveis entre si.²⁷⁶

Quanto à realidade discursiva das narrativas de si, temos a percepção que o indivíduo vem manifestando sentimentos íntimos e experiências individuais que são capazes de representar uma época ou uma sociedade. Ao pensar uma realidade que engloba o uso dos blogs Pró-ana, consideramos que o uso da internet possibilitou a sensação de liberdade e anonimato em grande parte das interações, levando a que o indivíduo expressasse sentimentos mais íntimos, confessasse perturbações e desejos, deixando transparecer, através do discurso, a forma como percebe o mundo em que vive.

A discussão feita por Rucuero (2003) demonstrou que as conversas no mundo virtual refletiam valores considerados importantes pelas pessoas. O anonimato permitiu que elas exercessem com mais totalidade sua liberdade de expressão, já que não sofreriam diretamente o julgamento alheio. A autora ainda chama atenção para a possibilidade de uma mistura entre os dois conteúdos, apresentando assim, uma agenda autobiográfica popular permeada de informações da grande mídia; para ela os blogs foram um dos exemplos dessas publicações mistas.²⁷⁷

Desse modo, destaco uma hipótese acerca do fenômeno que me parece fundamental. A tessitura dos argumentos para uma leitura histórica da Anorexia me levou a diferentes caminhos acerca dos aspectos representativos. Considerando que as análises históricas não captam a totalidade do objeto, é importante salientar que avançamos no emprego da teoria da representação social para refletir uma das perspectivas da Anorexia na sociedade brasileira.

Além de trazer outros pontos discutidos por pesquisadores das humanidades, esta investigação analisou as práticas discursivas da Anorexia como doença e como estilo de vida, demonstrando que esses discursos funcionaram como estratégias de representação. Eles foram definidos, tanto em fatores etiológicos no campo médico-científico, quanto em experiências das praticantes da Anorexia como estilo de vida. Ao analisar os blogs Pró-Ana percebemos que há uma transitoriedade da ideia de doença e de estilo de vida, não havendo uma separação condicional empregada nas postagens. Os textos demonstraram que a relação

²⁷⁶BRITO, Rosaly de Seixas. Narrativas Virtuais Juvenis: fronteiras fluidas. *Op. cit.* 2016, p.14 e p.16.

²⁷⁷RUCUERO, Raquel da C. Weblogs, webrings e comunidades virtuais. *Centro de estudos e pesquisas em cibercultura*, 3(31): 1-15, 2003. Ver: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf> Acesso 11/12/2017.

desses elementos se entrelaçaram. As blogueiras utilizaram diferentes formas de representação de suas práticas, trazendo por meio de postagens que relatavam seus cotidianos, a descrição de seus perfis e as relações específicas de busca pela magreza e perfeição corporal.

O conjunto de imagens abaixo foi retirada dos blogs Pró-ana e sintetizaram os dilemas recorrentes entre as praticantes da Anorexia. Nelas, podemos ver diferentes elementos da representação social do fenômeno. A primeira imagem do *blog Pro Ana Sempre*, de 2007, faz apologia das “*meninas perfeitas*”, demonstrando um dos dilemas centrais das praticantes da Ana: o medo de ser gorda, a necessidade de controle do peso (balança) e o exemplo de corpo idealizado com costelas à mostra. Na segunda imagem, destacamos a importância sobre o autocontrole, vemos uma garota pálida, como se estivesse à beira da morte, ela estava deitada no chão próximo de um frasco de remédios espalhados; essa imagem representa uma espécie de pedido de ajuda da blogueira, parecendo estar ligada a uma possível prática suicida, a postagem intitulada de “Help-me” ou “Ajuda-me” está presente no blog *Dama do NF*.

Na terceira imagem, temos uma garota com uma mordança de pano escrita “*control*” ou “controle”, a imagem nos remeteu a um “sequestro para a fome”, representando que a prática de restrição alimentar auto imposta pelas anoréxicas se reafirmou no ato de “negar o alimento”. A quarta imagem trouxe um desenho, em que a garota levantava a blusa e embaixo têm apenas a estrutura esquelética com borboletas saindo do estômago; essa imagem representava a idealização comum dos “ossos à mostra” e da “ascese alcançada pela magreza”, ou seja, o desejo das anoréxicas de “flutuar e voar como borboletas saindo do estômago”.

A quinta imagem demonstrou uma garota com uma tesoura, simulando um corte das “gorduras corporais” da barriga, isso nos faz pensar que o insucesso das dietas alimentares e a realidade do não emagrecimento geraram um sentimento de automutilação. Já a sexta imagem tinha um forte apelo representativo, a Barbie, um símbolo cultural disseminado entre as garotas na contemporaneidade, representou o ideal de mulher de beleza magra. Nessa imagem ela apareceu esquelética, sofrendo uma mutação para uma “Barbie anoréxica”, passando a constituir uma referência imagética entre as praticantes da Anorexia.

Figura 20: Imagens retirados dos Blogs *Dra. Anna*, *Dama do NF*, *Pro Ana Sempre*, *Squized Ana* e *Iniciando...Anna e Mia*.



Portanto, o campo visual que inscreve a representação social da Anorexia reafirmou o papel (re)produtor da cultura contemporânea no desenvolvimento da doença. Esse quadro se estabeleceu por meio da ditadura da magreza como bela e de sua necessidade para que se

obtivesse um consentimento da sociedade, sendo assim, um padrão inventado e disseminado pela mídia, moda e medicina.

Adentrando o debate acerca das categorias de representação social desta investigação, vimos que a realidade relatada apontou para diferentes formas de construção das memórias e das identidades das Pró-Anas. Os discursos que constituíram suas práticas e experiências se entrelaçaram, demonstrando uma visão histórico-social que englobaram ideais de saudismo, hedonismo, estilo de vida, doença e patologia.

Iniciamos nossa análise dos tópicos pertinentes à metáfora do IMC da questão, abordando os discursos de saudismo como uma forma de representação nos blogs. O discurso Pró-anorexia estiveram fortemente vinculado ao repúdio à gordura corporal, ou seja, nele encontramos parte da apropriação do campo científico, tanto na questão da saúde, como na defesa dos hábitos saudáveis. Nesse sentido, as ferramentas de controle da alimentação (dietas) teve forte vínculo com a motivação das Anas e as atividades físicas apareceram como mecanismo que legitimaram as *práticas anoréxicas*, principalmente, em prol de agirem para adequação ao discurso de saúde socialmente construído pelos padrões da boa forma.

A representação socialmente construída e imposta pelo prazer de tentar/ter um corpo magro, determinou a trajetória, os conteúdos e os temas relatados nos blogs, agregando a ideia de identidade e de pertencimento entre as Pró-anas. Os recursos narrativos e discursivos que auxiliam na manutenção das *práticas anoréxicas* tiveram um forte apelo para o desejo pungente, e até obsessivo, de conquistar a magreza representada na moda, mídia, medicina e sociedade contemporânea. Os relatos mesclaram diferentes expressões de sentimentos, emoções e desejos, de modo que nesses textos há uma ligação direta entre motivação e prazer. Geralmente, os discursos de “(in)sucesso” constituíram alicerces que reforçaram a necessidade de manutenção de diversas práticas, cujo objetivo principal é o emagrecimento. Algumas frases, títulos e trechos de postagens descreveram uma gama de sentimentos, que oscilavam desde a euforia experimentada pelas “conquistas” até uma tristeza profunda pelas “derrotas”. Temos como exemplos variáveis os títulos de algumas postagens analisadas, como: “sensação de borboletas no estômago”, “Minha blusa fechou”, “Eca vai nos salvar”, “Help-me”, “Vergonha”, “Lamúrias”, “Asfixiada na própria miséria, de volta ao quase nada” e “Por que a morte seria a melhor”.

A *motivação anoréxica* representada pelo desejo da magreza extrema constituiu práticas hedonistas comuns entre as Pró-ana. As múltiplas práticas de dietas e de restrição

alimentar sintetizam uma espécie de “vício em jejum” que pode evoluir para quadros patológicos, conforme descreveu Brumberg (1989). Nos inúmeros relatos dos blogs, evidenciou-se que o ato de negação do alimento e do comer gerou múltiplos sentimentos entre as adolescentes, ficando claro em vários casos, que a “dor” da fome representou uma forma de ascese, uma prática rumo à elevação, onde o altar da beleza-perfeição só poderia ser atingido pela magreza extrema.

Desse modo, trazemos uma imagem que demonstrou o aspecto relacional da Anorexia e de suas praticantes. A personificação virtualizada de uma “mulher-borboleta” representa a possibilidade de construção de uma identidade “idealizada” de magreza, e de como essa “permeia” uma libertação, um voar, ou seja, temos o traço de uma relação constituída entre o ideal e o real, entre o virtual e o real.

Figura 21: Blog Dra. Anna, postagem “Novos nomes” de 23 de maio de 2009



Percebemos que os estilos de vida podem ser vistos como formas de viver no cotidiano, de modo que os códigos e valores constituídos a partir desses estilos são compartilhados pelos indivíduos e afetam não apenas suas condutas, mas também criam diferentes culturas comportamentais. Em relação aos discursos em defesa da Anorexia como um estilo de vida positivo, temos o aparato das motivações, das práticas e das experiências como argumento para sua efetivação.

O arcabouço disseminado nas postagens em blogs Pró-anoréxico foi consolidado pelos elementos identitários desenvolvidos nesta investigação. Observamos que o principal fator do estilo de vida compartilhado se deu por meio do emagrecimento, com a finalidade específica de se alcançar o padrão de beleza magra.

Observamos que dietas alimentares, exercícios físicos e (re)modelamento corporal constituíram um ideal de corpo socialmente aceito. Além disso, vimos que a mídia promoveu o modo como cada corpo deveria ser vestir, o que faria para estar na moda e assim ter sucesso e a admiração de todos. Nessa perspectiva, os significados, valores e sentidos foram construídos, histórico e culturalmente, para que os indivíduos pudessem promover inúmeras formas de controle e intervenção sobre sua realidade corpórea. A imagem abaixo demonstrou que as práticas corporais em prol do padrão de beleza na contemporaneidade foram socialmente impostas e representou um desejo generalizado de um corpo mais magro. A imagem foi retirada do blog *Iniciando...Ana e Mia*, onde uma mulher magra e aparentemente “feliz” se alimentava de fitas métricas, refletindo uma espécie de negação do alimento e o controle sobre o peso corporal via dietas.

Figura 22: Mulher se alimentando de fitas métricas, blog *Iniciando...Ana e Mia*



Segundo argumenta Slater (2002), os estilos de vida constituíram uma forma de intermédio do pluralismo da identidade na contemporaneidade, sendo administrados pelos indivíduos e organizados (e explorados) pelo comércio. As opções da cultura do consumo costumaram obscurecer as inúmeras maneiras por meio das quais todo o aparato da cultura da mídia e do consumo capitalizava as inseguranças no período contemporâneo. Assim, a propagação de seus artefatos, mercadorias e experiências se apresentam como a panaceia para a ansiedade existencial e a crise de identidade contemporânea, ao mesmo tempo em que fomentou a incerteza, por meio do sistema da moda e da obsolescência social planejada,

do que pode ser hoje a “escolha correta”, em contraste à da semana passada ou à da próxima.²⁷⁸

Nos blogs, a visão que se tem do quadro da doença e da patologia foi constituída fundamentalmente pela apropriação midiático-científica acerca dos transtornos alimentares. É comum observarmos argumentos entre as Pró-Anas, que apresentaram discursos do auto reconhecimento de seus “estados patológicos” ou em alguns, de condenação às pessoas que as intitularam como sendo portadoras de transtornos e/ou distúrbios alimentares.

Geralmente, a afirmação de um estado patológico nos blogs decorreu das relações estabelecidas entre a blogueira e a Anorexia. O processo de saúde-doença e a inclusão do estilo de vida como um denominador de pluralismo da identidade na contemporaneidade, tem forte amparado em sentidos culturais e simbólicas. As narrativas das adolescentes e jovens mulheres oscilaram entre a defesa do estilo de vida e o atravessamento da doença, em algumas postagens essa fronteira foi tênue e se entrelaçou, variando conforme o cotidiano de experiências dessas *práticas anoréxicas*. As formas de apropriação e subversão dos discursos científicos patológicos apareceram em diferentes narrativas, como em casos de insucesso do emagrecimento, nas diversas formas de restrição alimentar (NF, SF e LF), na descrição dos perfis dos blogs, em relatos sobre o uso de medicamentos, na apologia de imagens de inspiração, cujos relatos de distorção da imagem corporal são apresentados.

Encerramos o terceiro capítulo considerando que foi importante não “patologizar” e categorizar os relatos, mas refletir sobre as experiências de representação social da Anorexia. Vimos que a legitimidade dos discursos, a favor das *práticas anoréxicas* e do culto à magreza como um estilo de vida possível, evidenciou uma linha tênue entre a experiência patológica e do estilo de vida. Desse modo, as práticas narradas, e por vezes incorporadas pelas adolescentes e jovens mulheres nestes blogs, acabaram por se tornar um estilo de vida, se considerarmos que elas tomam atitudes semelhantes, têm crenças semelhantes e praticam rituais baseados num mesmo objetivo, emagrecer, mesmo que esses sejam motivados por causas diferentes.

²⁷⁸SLATER, D. *Cultura do consumo & modernidade*. São Paulo, Nobel, 2002, 216 p., p. 88-89.

Considerações finais

Nas primeiras décadas do século XX, os estudos psicológicos descreveram critérios e normas que associaram beleza à estética física e à percepção de si. A noção de beleza física tornou-se indissociável da existência e dos temas de bem-estar e de saúde. As mudanças nas estruturas sociais transformaram as sociedades no século XX, isso fragmentou as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Assim, não foi só o quadro social que se transformou, mas também nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós mesmos como sujeitos integrados. Esse duplo movimento de deslocamentos, da perda de um sentido de si estável (descentramento do sujeito) e do seu lugar no mundo social e cultural se caracterizou como a “crise de identidade”.

Na contemporaneidade converge o sentimento de poder dominar a aparência e o poder de transformá-la em sinal marcante do si individualizado. Nisso presume um novo tipo de conflito, um obstáculo por vezes decisivo entre as duas vertentes tradicionais de beleza, o mais eminentemente individual e mais eminentemente coletivo. Desse modo, a ideia de magreza se tornou mais dinâmica, correspondendo também às expectativas sociais, principalmente, as que visavam eficácia e adaptabilidade, destinadas a dar ao corpo feminino uma nova “liberdade”. Nesse contexto, o corpo tornou-se “o mais belo objeto de consumo”, daí a generalização dessa beleza, impensável ao alcance da retórica lisa e versátil do mercado. Assim, a beleza se tornou mais livre, secretamente trabalhada pela dinâmica da igualdade.

As sociedades contemporâneas apresentam uma forte tendência em cultivar padrões de apresentação social de beleza, como por exemplo, a magreza vinculada à perfeição, integrando ao indivíduo, uma imagem de sucesso, poder e aceitação. Assim, a realidade potencializada sobre o gênero feminino, de que há necessidade de se alcançar o ideal de mulher, magra, ativa e feminina, vem incidindo no desenvolvimento de quadros patológicos e em grandes prejuízos biopsicossociais, tendo como atenuante, a conjuntura de índices elevados de transtornos alimentares, sobretudo, de Anorexia e Bulimia Nervosas.

Esse padrão de beleza vem sendo transmitido culturalmente através da moda, dos programas de televisão, de revistas e de propagandas, estabelecendo indiretamente quais as regras e normas deverão ser adotadas pela mulher moderna. Portanto, a sociedade, principalmente a mídia e a ciência, ao mesmo tempo que criticam a gordura e a obesidade, com a justificativa da ideia de saúde, associam-na com condenação da preguiça, da gula e da perda de controle.

Aprofundamos a temática da Anorexia Nervosa dialogando elementos teórico-metodológicos no campo historiográfico, tendo os aportes metodológicos e conceituais, da História das doenças, da História Cultural e da História/Historiografia Digital. A apropriação da teoria da representação social serviu como base de sustentação para refletirmos a Anorexia fora de uma visão convencionalizada pelo campo médico-científico, favorecendo discursos em torno das práticas e das motivações anoréxicas por meio de experiências de adolescentes mulheres nos blogs, sobretudo, representada como um estilo de vida.

Nesta investigação, o trato histórico da Anorexia Nervosa como um fenômeno social, suscitou um amplo debate para o entendimento de sua etiologia, causas, e tratamentos. Vimos que o arcabouço teórico da doença vem sendo desenvolvido pelo campo médico-científico de diferentes formas, se apoiando tanto nos aspectos patogênicos: biológicos, neurológicos e psicológicos, quanto nos aspectos patoplásticos: simbólicos, culturais, históricos e sociais.

A Anorexia pode ser tratada como uma doença cultural e historicamente inserida na sociedade industrial avançada, com características de distribuição social peculiares. Ela vem sendo evidenciada tanto a nível individual, quanto de membros de grupos sociais em particular, sendo que as práticas e experiências narradas em blogs Pró-Ana podem ser pensadas como elemento da representação social de saúde e doença. Assim, sua representação atual não só define, mas denuncia o papel da cultura na constituição dos transtornos alimentares.

É fundamental refletir a doença como um fenômeno que vai além do constructo biológico e, que adentra as distintas dimensões da experiência do indivíduo com o seu corpo e com sua realidade social. As experiências da Anorexia representam um dos campos em que os indivíduos criam um mundo próprio de narrativas e relatos sobre a “doença”, utilizando diferentes dispositivos, como por exemplo, comunidades de *blogs* e *sites* da internet.

O movimento pró-anorexia (pró-ana) encontrou nas próprias características dessa “nova geração” da *web*, um espaço para se reafirmar enquanto um grupo na virtualidade. Nele, a Anorexia é defendida numa visão positiva, onde a restrição alimentar é assumida em diferentes níveis, com o objetivo de alcançar um padrão corporal de magreza extrema. Nesses diários de rede, as Pró-ana utilizam as páginas pessoais como uma ampla rede de comunicação, que trazem suas narrativas e relatos da Ana como um “ente personificado”, ou seja, uma espécie de amiga, que acompanha as autoras no cotidiano virtual e real.

Os campos da representação social da Anorexia nos blogs prescrevem a análise do “IMC da questão”, que encontrou na Identidade, na Magreza e no Corpo seus elementos centrais de entendimento. O “*I da questão*” demonstrou que as narrativas Pró-Ana, ao divulgarem dicas, estratégias e lições de como sustentar comportamentos específicos relacionados às *práticas anoréxicas* nesses espaços virtuais, delimitaram elementos da cultura juvenil dessas adolescentes, possibilitando que elas expressassem suas identidades, relatassem seus modos de vida, sentimentos, desejos, ideias, vontades e que reforçassem suas atitudes enquanto indivíduos e/ou coletivos.

O “*M da questão*” trouxe a discussão do ideal de magreza já explorado nas considerações. De modo que as publicações apresentaram uma série de recursos que reforçaram a magreza-perfeição como um ideal a ser atingido. Nos blogs, diferentes elementos reforçam esse ideal, mas vale citar, as imagens de modelos, de artistas e outros vídeos e o papel de destaque da moda e da mídia, que incentivaram, cada vez mais, a exibição de corpos magros e esbeltos, ditando-os como verdadeiros padrões de beleza. Portanto, mais do que nunca, esse ideal está fortemente presente na sociedade, não apenas como um ideal estético, mas motivado por problemas em torno da alimentação, referentes, sobretudo, à lipofobia contemporânea.

O “*C da questão*” demonstrou como o corpo magro tem sido valorizado e almejado no ideário contemporâneo. No caso da Anorexia, ela parece denunciar, com certa radicalidade, a busca desse ideal, visto que representa a promessa de aceitação social e de felicidade plena. Dessa forma, a contextualização histórica de elementos que constituíram a ideia de beleza na contemporaneidade passa pela preocupação com a imagem corporal perfeita. A massificação desses ideais vem ocasionando uma busca incontrolável para se alcançar um corpo perfeito, ou seja, que se adeque à um modelo ideal físico-estético hegemonicamente representado pela magreza.

Na interpretação do fenômeno da Anorexia, principalmente, no contexto da experiência anoréxica, há de se considerar múltiplos fatores, como a expressão de anseios e desejos de mudanças sociais mais profundos do que o constructo de ideais estéticos. Acreditamos que a representação social da Anorexia nos blogs contemporâneos trazem outros questionamentos sobre os ideais socialmente valorizados, sendo colocados em questão, sobretudo, pela defesa das experiências, práticas e motivações que se guiaram pela ideia de “não lugar”, de “negação do corpo”, de “negação do comer” e de “negação do alimento”.

A representação social da Anorexia passou pela difusão das experiências de adolescentes do sexo feminino nos Blogs Pró-Ana, podendo ser entendida por diferentes dimensões sociais e individuais. Isso inclui pensar novas modalidades biopolíticas, que mesclam relatos de si, estratégias de emagrecimento e experiências da “doença”, tanto numa perspectiva de defesa desta como estilo de vida positivo, quanto na experimentação no quadro patológico, como um transtorno alimentar.

Encerramos as considerações do texto, citando que a necessidade latente de “emagrecer” na contemporaneidade tem provocado inúmeras formas de ação perante nossa corporeidade. Essa obrigação rigorosa e generalizada tem sido motivada pelo discurso de saúde. Ao refletir as práticas de emagrecimento observamos um importante traço individual e personalizado, mas ao mesmo tempo, visualizamos essas práticas como uma norma social, que reforça a legitimidade da linha estética e a maneira como se une a unidade paradoxal entre o indivíduo e seu ambiente.

Portanto, intervir, normatizar, (re)modelar e adequar esses corpos aos padrões de beleza socialmente impostos e aceitos, potencializou diferentes meios de representação das experiências corpóreas, seja como práticas de hedonismo, de saudismo, de estilo de vida e de patologia. Isso quer dizer que, na representação social da Anorexia, os relatos Pró-ana denunciaram a realidade de um problema social delimitado na conjuntura histórica contemporânea, que envolvem dilemas individuais e coletivos, interlaçados numa realidade idealizada e voltada para e pelo belo, magro, perfeito, sucesso, poder e consumo.

Em análise, o estudo da representação social da Anorexia englobou elementos sociais e culturais que delimitaram a doença como um importante objeto histórico, desvelando a representação de práticas, motivações e experiências anoréxicas nos Blogs Pró-Ana. Contudo, os desdobramentos desta investigação possibilitam uma nova incursão histórica da representação social em outros campos de saberes. Assim, podemos inferir debates sobre a gênese da doença, aprofundando os conhecimentos sócio-científicos de diferentes correntes, dentre as quais, destacam-se a representação dos “saberes Psi” (psiquiatria, psicologia e psicanálise), da medicina e da nutrição. Além disso, refletimos que a história da Anorexia Nervosa foi acompanhada por mudanças fundamentais em sua compreensão. Essas incluem não apenas a questão etiológica, os critérios diagnósticos e a gênese (psico)patológica, mas também as relações de gênero estabelecidas sobre/pelo corpo feminino no último século, sobretudo, pelas formas de intervenção da ciência no trato dessa doença.

Referências

Fontes

- 1) Blog *Pro Ana Sempre* (2006 à 2008) <http://ana17mia.zip.net/>.
- 2) Blog *Dra. Anna* (2007 à 2014) <http://dra.anna.zip.net/>.
- 3) Blog *Ana Mia Sempre* (2008 à 2012) <http://anamiasempre.blogspot.com.br/>.
- 4) Blog *Dama do NF* (2008 à 2013) <http://damadonf.blogspot.com.br/>.
- 5) Blog [*Mileycha: De dentro pra fora!*] (2009 à 2011) <https://mileycha.wordpress.com/>.
- 6) Blog *Squized ana* (2009 à 2012) <http://nosdeixemquietas.blogspot.com.br/>.
- 7) Blog *Iniciando...Anna e Mia* (2009 à 2014) <http://alfa-anna-mia.blogspot.com.br/>.

Bibliografia

ALCKMIN-CARVALHO, F., SANTOS, D. R., RAFIHI-FERREIRA, R. E., & SOARES, M. R. Z. Análise da evolução dos critérios diagnósticos da anorexia nervosa. *Avaliação Psicológica*. 2016, 15(2), pp. 265-274.

ALMEIDA, Thamires Citadini de; GUIMARÃES, Cristian Fabiano. Os blogs Pró-ana e a experiência da anorexia no sexo masculino. *Saúde Soc.* São Paulo, v.24, n.3, p.1076-1088, 2015.

ALONSO, Ana Tereza de Almeida. SANTIS, Marina Barini de. Anorexia e moda. *Revista dos Transtornos Alimentares da Ceppan*. 2010, edição n.6 p.4.

ALVARENGA, Marco Antônio Silva, MENDOZA, Carmen E. Flores, GONTIJO, Daniel Foschetti. Evolução do DSM quanto ao critério categorial de diagnóstico para o distúrbio da personalidade antissocial. *Jornal Bras. Psiquiatria*. 2009. 58(4):258-266.

ALVES, D.; PINTO M.; ALVES, S.; MOTA, A.; LEIRÓS, V.; Cultura e imagem corporal. *Motricidade*. Fundação Técnica e Científica do Desporto 2009, 5 (1), 1-20 ISSN1646 - 107X

AMARAL, Marcela. O Fenômeno do Culto ao Corpo Moderno e a Magreza como Símbolo de Beleza: estudo sobre o movimento “Pró-Ana” no Brasil. In: *VI Congresso Português de Sociologia: Mundos sociais saberes e práticas*. Faculdade Nova Lisboa. 25-28 Jun. 2008.

ARAÚJO, M., HENRIQUES, M., BRANDÃO, I. & ROMA, Torres A. Os heróis, vítimas e vilões: discursos sobre a anorexia nervosa. *Psicologia & Sociedade*. 24 (2), 472-483, 2012.

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega de. MENESES, Joedna Reis de. Histórias do corpo e do feminino no Brasil do Tempo Presente. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH*. São Paulo, julho 2011.

ARMUS, Diego. “Discursos, políticas y experiencias en la historia de las enfermedades” In BIENART, Carolina. *Historia de la salud y la enfermedad bajo la lupa de las ciencias sociales*. Buenos Aires: Biblios. 2014.

ARMUS, Diego. Memoria individual e história socio-cultural de la enfermedad? *Revista Electrónica de Psicología*. Iztacala (México), v. 16, n. 4, 2013.

ASSIS, Emanuel Cesar Pires de. Ciberespaço e Pós-modernidade em Neuromancer de William Gibson. *VI Encontro dos estudos multidisciplinares em cultura*. 25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBA – Salvador-Bahia-Brasil. 2010.

BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BARROS, José Costa D'Assunção. Jacques Le Goff – considerações sobre contribuição para a teoria da história. *Cadernos de História*. Belo Horizonte, v. 14, n. 21, 2º sem. 2013.

BAUMAN, Zygmund. *Capitalismo parasitário*. Rio de Janeiro: Zahar. 2010.

BITTENCOURT, Liliane de Jesus e ALMEIDA, Rafaela Andrade. Transtornos alimentares: patologia ou estilo de vida? *Psicologia & Sociedade*. 25(1): 220-229. 2013.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

BORDO, Susan R. “No Império das imagens”: prefácio para o décimo aniversário da edição de “este Peso insuportável”. *Labrys – Estudos Feministas*. Número, ago./dezembro de 2003.

_____. *Unbearable Weight – Feminism, Western Culture and the body*. University of California Press. Berkeley – Los Angeles – London, 1993.

BRAGA, Patrícia Déa; MOLINA, Maria del Carmen Bisi; FIGUEIREDO, Túlio Alberto Martins de. Representações do corpo: com a palavra um grupo de adolescentes de classes populares. *Ciência & Saúde Coletiva*. 15(1):87-95, 2010.

BRANCO, L.M.; HILÁRIO, M.O.E.; CINTRA, I.P. Percepção e satisfação corporal em adolescentes e a relação com seu estado nutricional. *Rev. Psiq. Clínica*. v.33, n.6, p.292-96, 2006.

BRITO, Rosaly de Seixas. Narrativas Virtuais Juvenis: Fronteiras Fluidas. *Contracampo*. Niterói, v. 35, n. 02, pp. 13-32, ago./nov., 2016.

BRUMBERG, Joan Jacobs. *Fasting Girls: the History of Anorexia Nervosa*. New York: Penguin Books.1989.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. 2 ed.

BUTLER, Judith. “Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory”. In. *Performing Feminisms: feminist critical theory and theatre*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1990.

CARVALHO, Gina Emanuela. Blogs Pró-anorexia. In: *Blog Intermédias*. 31/03/2007. Acesso em: <http://intermedias.blogspot.com/2007/03/blogs-pr-anorexia.html>.

CAVALCANTI, Márcia Teixeira. Os Websites dos centros de documentação e pesquisa histórica: uso de fontes digitais. *Revista Observatório*, Palmas, v. 3, n. 5, p. 169-190, agosto. 2017. p. 178. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p169>

CERTEAU, Michel de. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2011.

_____. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense. 2013 3 ed. 2ª reimpressão.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP. 2002. 4 ed.

_____. *Formas e sentido: Cultura escrita entre distinção e apropriação*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil. (ALB). 2003.

COELHO, Frederico Oliveira. “Revolução Comportamental no século XX.” *In: O Século Sombrio: Guerras e Revoluções no Século XX*. Francisco Carlos T. da Silva (coord.) [et al]. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

COSTA, Ana Carolina Grilo da. *O discurso de jovens autoras de blogs Pró-ana e Pró-mia sobre seus corpos*. Dissertação de Mestrado acadêmico em Psicossociologia de Comunidade Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Biblioteca Depositária: CFCH. Rio de Janeiro. 2011 120f. Área de Conhecimento: Psicologia

COSTA JÚNIOR, Ives Mauro Silva da. *Conta-me tudo: representações de doença na filmografia de Pedro Almodóvar*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006. 131 f.

CONTI, Maria Aparecida Conti; BERTOLIN, Maria Natacha Toral; PERES, Stela Verzinhasse. (2010, p. 2096 apud GOMES, 2001). A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer? *Ciência & Saúde Coletiva*. 15(4):2095-2103.

CORDÁS, Táki Athanássios e CLAUDINO, Angélica de Medeiros. Transtornos Alimentares: Fundamentos Históricos. *Rev. Bras. Psiquiatria*. 2002, vol.24, suppl.3, pp. 03-06.

COUNIHAN, Carole M. Uma visão antropológica do prodigioso jejum das mulheres ocidentais. *Cadernos pagu*. (39): julho-dezembro, 2012.

CZERESNIA, Dina. ELVIRA, Maria Godinho de Seixas Maciel. OVIEDO, Rafael Antonio Malagon. *Os sentidos da saúde e da doença*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Senac, 2000.

DOLINSKI, João Pedro. A Arqueologia foucaultiana e suas contribuições para a Historiografia. *Interseções*. Rio de Janeiro, v. 13 n. 2, p. 370-395, dez. 2011

DUARTE, Luiz Fernando Dias. “A outra saúde mental, psicossocial, físico moral?” *In ALVES, PC. MINAYO, MCS. (Orgs.) Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro:Ed.Fiocruz, 1994.

DUNKER, K. L. L. e PHILIPPI, S. T. Hábitos e comportamentos alimentares de adolescentes com sintomas de anorexia nervosa. *Revista de Nutrição*, jan./mar. 2003, vol.16, no.1, p.51-60.

ECO, Umberto (org.). *História da Beleza: um estudo entre a história e a arte*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FARAH, Marisa Helena Silva, MATE, Cecília Hanna. Uma discussão sobre as práticas de anorexia e bulimia como estéticas de existência. *Educ. Pesquisa*. 2015. Acesso em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015005021539&lang=pt

FELINTO, Erick. Os computadores também sonham? Para uma Teoria da Cibercultura como Imaginário. *Intexto*. Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 15, p. 1-15, julho/dezembro 2006.

FENELON, Déa Ribeiro. *Cultura e História Social: historiografia e pesquisa*. Proj. História, São Paulo. (10). dez. 1993.

FERREIRA, Jaqueline. “O corpo sígnico”. *In. ALVES, PC. and MINAYO, MCS., orgs.*

- Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p.
- FILHO, Naomar de Almeida. *O que é saúde?* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2013. 1ª reimpressão.
- FIGUEIREDO, Manuela. Alimentação na adolescência. *Revista de Transtornos Alimentares dos Cadernos da Ceppan*. Edição nº 3: 2008. p. 7.
- FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. RUBIN, Carolina Bithencourt & BONIFÁCIO, Ligiane. Significados representacionais, identificacionais e acionais no discurso sobre bulimia e anorexia: uma pesquisa com base na análise crítica do discurso. s/ revista.
- FISCHER-LICHTE, Erika. *The Semiotics of Theatre*, tr. Jeremy Gaines and Dores L. Jones (Bloomington: Indiana U P, 1992).
- FLECK, Ludwik. *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum Editora. 2010.
- FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1998.
- _____. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de novembro de 1970. Ed. Loyola. São Paulo, Brasil, 1996. 5 ed.
- _____. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1998. s/ed.
- _____. *Doença Mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro. 1975.
- FREIRE FILHO, João. Em cartaz, as garotas superpoderosas: a construção discursiva da adolescência feminina na revista Capricho. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*. VIII (2): 102-111, maio de 2006.
- GAMBARDELLA, A. M. D.; FRUTUOSO, M. F. P.; FRANCH, C. Prática Alimentar de Adolescentes. *Revista de Nutrição*. Campinas, v. 12 n. 1, p. 55-63, jan/abr., 1999.
- GARCIA, Tarcila Santos. *A loucura impressa: uma representação social da loucura na mídia impressa, no contexto da Crise da Dinsam (1978-1982)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015. 122 f.
- GELATTI, Juliana Reichembach. AMARAL, Márcia Franz. Estilo de vida e identidade juvenil: a revista Capricho sob uma perspectiva atual. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul* – Blumenau. 28 a 30 maio de 2009.
- GIBSON, Wiliam. *Neuromancer*. Tradução Fábio Fernandes. 5ª ed. São Paulo: Aleph. 2016. 320p.
- GIORDANI, Rubia Carla Formighieri. O corpo sentido e os sentidos do corpo anoréxico. *Revista Nutrição*. Campinas. 22(6):809-821. Nov./Dez. 2009.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. “A produção cultural do corpo.” In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) *Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, Vozes, 2003.
- GOMES, Paula Basso Menna Barreto. Mídia, Imaginário de Consumo e Educação. *Educação e Sociedade*. Campinas – São Paulo. 2001.

GONÇALVES, Elias Machado. PALÁCIOS, Marcos. *O Ensino do jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software*. Salvador: EDUFBA, 2007. 194 p.

GONZAGA, Ana Paula e WEINBERG, Cybelle. Transtornos Alimentares: uma questão cultural? *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*. 2005, VIII, 1, V-VI.

GRUSZYNSKI, Ana Claudia. CHASSOT, Sophia Seibel. O projeto gráfico de revistas: uma análise dos dez anos da revista *Capricho*. *Conexão – Comunicação e Cultura*. UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 10, jul./dez. 2006.

HAY, P.J. Epidemiologia dos transtornos alimentares: estado atual e desenvolvimentos futuros. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 24 (Supl. III), 13-17, 2002.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Apicuri. 2014.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina. 2013. 12ªed.

HERZLICH, Claudine. A Problemática da Representação Social e sua Utilidade no Campo da Doença. *Physis: Revista de Saúde coletiva*. Rio de Janeiro, 15(Suplemento): 57-70, 2005.

HERZLICH, Claudine. Saúde e doença no início do século XXI: entre a experiência privada e a esfera pública. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 2004. 14(2): 383-394.

HERNANDEZ, Ana María Fernández. Historia de la anorexia nerviosa. (*Moleqlla*) *Revista de Ciências da Univ. Pablo de Olavide*. v. 20, 2015

HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (orgs.). *Cuidar, controlar, curar - ensaios históricos sobre a saúde e doença na América Latina e Caribe*. Coleção História e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, p. 11-28.

IDA, Sheila Weremchuk. SILVA, Rosane Neves da. Transtornos alimentares: uma perspectiva social. *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza. Vol. 2 – n.2 – p. 417-432, set/2007.

IGGERS, Georg. Desafios do século XXI à Historiografia. *História da Historiografia*. Ouro Preto. n.4. Março 2010, p.105-124.

JASMIN, Marcelo Gantus. História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares. *RBCS*. Vol. 20 no. 57, fevereiro/2005.

JODELET, Denise. “Place de l’expérience vécue dans le processus de formation des représentations sociales.” In HASS, Valérie. *Les savoirs du quotidien. Transmissions, Appropriations, Représentations*. pp. 235-255. Rennes: Les Presses universitaires de Rennes, 2006, 274 pp. Collection: Didact - Psychologie social.

_____. Imaginares erótiques de l’hygiène féminine intime. Approche anthropologique. *Connexions*. 2007/1, n° 87, pp. 105-127.

JÚNIOR ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. A história em jogo: a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia. *Rev. Anos 90*. Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p.79-100, jan./dez. 2004.

LAURELL, Asa Cristina. A saúde-doença como processo social. *Revista Latinoamericana de Salud*. México, 2, 1982, pp. 7-25. Trad. E. D. Nunes.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp. 1990.

LE GOFF, Jacques. PIERRE, Nora (orgs.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1974. 4 ed.

LÈVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

LIRA, Luciana Campelo. *Narrativas de Ana: Corpo, self e consumo entre um grupo pró-anorexia na Internet*. Dissertação (mestrado) apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia – PPGA-UFPE da Universidade Federal de Pernambuco. Recife.2006. 151f

LUCCHESI, Anita. *Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011)*. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Programa de Pós-graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. 188f.

_____. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. *Boletim Historiar*, n. 02, mar. /abr. 2014, p. 45-57. Acesso em <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>

MÂNICA, Giselle. *Quando se perfaz um dispositivo confessional, a palavra escrita se desvela e o corpo revela-se: análise de discursos sobre a corporeidade de anoréxicas que fundam weblogs vinculados ao movimento Pró-anorexia (Pró-Ana)*. Dissertação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2007. 181f.

MARINI, Marisol. *Diário de peso - Saberes e Experiências sobre os Transtornos Alimentares*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP Dep. de Antropologia. São Paulo, 2013. 255f. Área de Conhecimento: Antropologia.

MARTINS, Mayara Magalhães; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. Anorexia, uma velha doença? Por uma história social da “anorexia sagrada” e “anorexia nervosa”. *XV Congresso Brasileiro de Sociologia*. 26 a 29 de julho de 2011, Curitiba (PR) GT 20 - Saúde e Sociedade.

MARTINS, A.P. V. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Coleção História e Saúde. 2004, 287p.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. MOLLO, Helena. (Orgs). *Desafios e caminhos da teoria e da história da historiografia: 2012*. Mariana: SBTHH, 2015. 202 p.

McNEILL, W. H. *Plagues and Peoples*. Nova York: Doubleday, 1976.

MEDEIROS, Andrea dos Santos Silva. *Criminosas loucas e perigosas: um estudo de representações sociais sobre as internas nos Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2006.

MIRAPALHETA, Francine Oliveira. Um breve estudo sobre as gírias das anas e das mias como demarcadores de identidade. *Anais do V Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte*. UIVALI – Itajaí– SC 23 a 25 de setembro de 2010. 2010.

MORANDE, G. *Un Peligro llamado Anorexia: la tentacion de adelgazar*. Madrid: Temas de Hoy.1995.

MOREIRA, A. S. Cultura midiática e educação infantil. *Educ. Soc.* 2003; 24(85):1203-1235.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. (Trad. Pedro. A. Guareschi). Petrópolis: Vozes. 2003. 2 ed.

- _____. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro. Zahar. 1978.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. *As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. 196p.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; PORTO, Ângela de Araújo. Tuberculosis en Rio de Janeiro: límites de la acción del estado y protagonismo de la liga brasileña contra la tuberculosis. *ESTUDIOS - N° ESPECIAL -ISSN 0328-185X* (Mayo 2012), p. 69-83.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; GOUVÊA, George. O signo da culpa na história das doenças. Paper *XII Encontro Regional de história - ANPUH-RJ*. Rio de Janeiro. 2006.
- _____. A representação social das doenças como peste. *Boletim Eletrônico da Sociedade Brasileira de História da Ciência*. Boletim 2, n.2. Março de 2014.
- _____. A doença como objeto da história. *Arrabalde*, Niterói, v. 4, n.4, 1996.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo; FRANCO, S. P.; SILVEIRA, A. J. T (Orgs). *Uma história brasileira das doenças*. Vol. 5 1. ed. Belo Horizonte: Fino Trato, 2015. 356p
- NASCIMENTO, D. R. (Org.) FRANCO, S. P. (Org.); MACIEL, E. L. N. (Org.). *Uma história brasileira das doenças*. Vol.4. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. 256p.
- NASIO, JD. *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Transmissão da Psicanálise – 41*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1995.
- NIEMEYER, Fernanda. KRUSE, Maria Henriqueta Luce. Constituindo sujeitos anoréxicos: discursos da Revista *Capricho*. *Texto, Contexto de Enferm.* Florianópolis, 2008 jul-set. 17(3): 457-65.
- OLIVEIRA, Márcia Ramos de. MUCELIN, Patrícia Carla. “Os blogs sob olhar do historiador.” In. RODRIGUES, Rogério Rosa (Org). *Possibilidades de pesquisa em história*. São Paulo: contexto. 2017.
- PAIS, José Machado. Jovens e Cidadania. *Sociologia, Problemas e práticas*. Lisboa. n.º 49, 2005, pp. 53-70.
- PEREZ, Camilla Denedo. Adolescência, imagem corporal e sociedade. *Revista de Transtornos Alimentares da Ceppan*. 2015. <http://www.redeceppan.com.br/index.php/adolescencia-imagem-corporal-e-sociedade/>
- PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. *Rev. Estudos Feministas*. Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Conferência traduzida por Monique Augras. Edição de Dora Rocha. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- REIS, Vanessa A. Ana e Mía na “nova” rede: comunidades reúnem anoréxicas e bulímicas na Web 2.0. *Rumores: Revista Online de Comunicação, Linguagens e Mídias*. v.1, n. 2. 2008.
- REVEL, Jacques & PETER, Jean-Pierre. “O corpo: o homem doente e sua história”. In. LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. (orgs.) *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- RIBEIRO, P.R.L.; TAVARES, M.C.F. As contribuições de Seymour Fisher para os estudos em imagem corporal. *Motricidade*. 2011, vol. 7, n. 4, pp. 83-95.

ROBELL, Suzanne. *A mulher escondida: a anorexia nervosa em nossa cultura*. São Paulo. Summus Editorial. 1997.

ROSENBERG, Charles. The tyranny of diagnosis: specific entities and individual experience. *The Milbank Quarterly*, Massachusetts.v.80, n.2. 2002. p.237-260.

ROSENBERG, Charles E. e GOLDEN, Janet (ed). *Framing disease. Studies in cultural history*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1977.

RUCUERO, Raquel da C. Weblogs, webrings e comunidades virtuais. *Centro de estudos e pesquisas em cibercultura*, 3(31): 1-15, 2003. Ver: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf> Acesso 11/12/2017.

SAIKALI, Carolina Jabur. SOUBHIA, Camila Saliba. SCALFARO, Bianca Messina. CORDÁS, Táki Athanássios. Imagem corporal nos transtornos alimentares. *Rev. Psiq. Clin.* 31 (4); 164-166, 2004. p. 165.

SAMARÃO, Lilianny Alves. “A mulher como embalagem do sistema: o corpo publicitário.” In. SIQUEIRA, Denise da C. O. (Org). *O corpo representado: mídia, arte e produção de sentidos*. Rio de Janeiro: EdUERj, 2014

SANTAELLA, Lucia. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. *Physis: Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro,17(1):29-41, 2007.

SIBÍLIA, Paula. “O show da vida íntima na internet: blogs, fotologs, videologs, orkut e webcams.” In. CAIAFA, Janice; ELHAJJI, Mohammed (Org.). *Comunicação e sociabilidade: cenários contemporâneos*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 181-199.

_____. “Tirania do “software humano”: redefinições de saúde e doença.” In: Logos: Comunicação & Universidade (ISSN 0104-9933). *Corpo, arte e comunicação*. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social. Ano 11, n. 20, 1º semestre de 2004.

SLATER, D. *Cultura do consumo & modernidade*. São Paulo, Nobel, 2002, 216 p.

SIMONOVIC, Von Vasilija, GROSS, Dominik and ERNST, Jean-Philippe. The Historical Discourse on the Etiology of Anorexia Nervosa Results of a Literature. *Sudhoffs Archiv*. Bd. 99, H. 1. 2015. pp. 31-43.

SILVA, Carla Regina. LOPES, Roseli Esquerdo. Adolescência e Juventude: entre conceitos e políticas públicas. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*. São Carlos, Jul-Dez 2009, v.17, n.2, p. 87-106.

SILVA, Brianna Costa de Macedo. OLIVEIRA, Russel Petresson Bezerra. A influência da Revista Capricho na construção de um senso estético entre as jovens. *Anais da IX Semana de Educação Física*. Universidade Federal do Sergipe. 10 a 13 de abril de 2012.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres da, NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. “A doença revelando a história. Uma historiografia das doenças.” In. NASCIMENTO, D. R., CARVALHO, Diana Maul. *Uma história brasileira das doenças*. (1ª edição), 2014.

SOUSA, Bruno Naegeli. *Estudo psicológico das narrativas de weblogs pró-anorexia (pró-ana)*. Dissertação (mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em

Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Seropédica. 2014 126f.

SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Tradução de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. (Coleção Tendências; v. n. 6).

VAZQUEZ, Ernesto Andrés Anzalone. *Um dos novos rostos da Histeria: os sintomas anoréxicos como resposta ao discurso do Capitalismo*. Mestrado acadêmico em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Biblioteca FAFICH. Belo Horizonte. 2011. 121f.

VIANNA, Eliza da Silva. “*Alguma coisa aconteceu comigo*”: a experiência soropositiva nas obras de Caio Fernando Abreu e Hervé Guibert (1988 – 1996). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014. 114 f.

VICENTE, Marcos Felipe. História e Antropologia: possíveis diálogos. *Aedos*. vol. 2, n.5, Julho-Dezembro 2009. - ISSN 1984- 5634. <http://www.seer.ufrgs/aedos>

VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro. 2006.

VILLAÇA, Nizia. “O corpo dançado - Billy Eliot.” In. *Logos: Comunicação & Universidade* (ISSN 0104-9933). *Corpo, arte e comunicação*. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social. Ano 11, n. 20, 1º semestre de 2004.

WEINBERG, Cybelle; CORDÁS, Táki Athanássios. *Do altar às passarelas: da anorexia santa à anorexia*. São Paulo: Annablume. 2006.

ZILLI, Bruno Dalla Cort. Sexuality, Culture and Politics - A South American Reader. *CLAM*. 2013. pp. 685-705. ISBN 978-85-89737-82-1